

31

março 2013
EDICIÓN ESPECIAL "LAVALLA"

fms

Cadernos **MARISTAS**



Instituto
dos
Irmãos
Maristas



ÍNDICE **DE MATÉRIAS**

■ **EDITORIAL**

André Lanfrey, fms..... 3

■ **ESTUDOS**

**I. A região de Saint-Chamond
no fim do antigo regime e sob a revolução**
André Lanfrey, fms 5

II. A vida material dos Irmãos em Lavalla
André Lanfrey, fms..... 55

**III. De Lavalla a L'Hermitage:
crise inicial e lenta mudança material**
André Lanfrey, fms..... 109

**IV. La Valla e os Irmãos Maristas
de 1825 aos nossos dias**
Louis Vibert, fms..... 135

■ **COMPLEMENTO**

dos Cadernos Maristas n° 29

**O retrato de Champagnat,
de Ravery, em N. Sra. de l'Hermitage**
Jean Roche, fms..... 169



FMS CADERNOS MARISTAS

Nº 31 ANO XXIII 2013

Responsável pela redação:

Comissão do Patrimônio

Diretor técnico:

Alberto I. Ricca S., fms

Colaboradores

neste número:

André Lanfrey, fms

Louis Vibert, fms

Jean Roche, fms

Tradutores:

Moisés Puente, fms

Tony Aragón, fms

Gabriela Scanavino

Edward Clisby, fms

Mario Colussi, fms

Ralph Arnell, fms

Charles Filiatrault, fms

Afonso Levis, fms

Salvador Durante, fms

Miro Reckziegel, fms

Aloisio Kuhn, fms



André Lanfrey
fms

EDITORIAL

A comissão do patrimônio, encarregada de redigir os Cadernos Maristas, chegou ao término de seu mandato, e a equipe nomeada ainda não iniciou suas atividades; por isso, pareceu-nos útil organizar um Caderno Marista, diríamos de transição, para não interromper a publicação bastante regular de um número por ano.

Os leitores constatarão que este caderno é essencialmente consagrado a Lavalla. Trata-se de tema um tanto temeroso porque todo Marista, durante sua formação, aprendeu muita coisa sobre o berço do Instituto; numerosos escritos foram publicados sobre a temática, e mesmo numerosos Irmãos e leigos maristas visitaram o lugar.

Para evitar a repetição de coisas já conhecidas, dois caminhos parecem possíveis: fazer um balanço dos trabalhos publicados ou tentar uma abordagem diferente. Escolhemos a

segunda opção, trabalhando, eventualmente, sobre a periferia da história marista. Evocaremos, pois, La Valla e sua região, antes da chegada de Champagnat; depois, a vida da comunidade em seus aspectos mais materiais; finalmente, a problemática transferência de La Valla a L'Hermitage. O Ir. Louis Vibert, da comunidade atual de Lavalla, traçará as ligações entre essas origens e a atualidade.

Nos diversos artigos, vamos explorar, de modo bastante sistemático, os documentos financeiros e os vários registros de vestições e profissões, deixados pelo Padre Champagnat, e tornados bem acessíveis pela publicação, em 2011, de "*Origine des Frères Maristes*" pelo Ir. Paul Sester.

Um artigo do Ir. Jean Roche, sobre as imagens ou quadros do Padre Champagnat, vai situar-nos na continuidade dos *Cadernos Maristas* n° 29.



I. AS DESORDENS DA REVOLUÇÃO E DO IMPÉRIO



André Lanfrey
fms

1. A REGIÃO DE SAINT-CHAMOND NO FIM DO ANTIGO REGIME E SOB A REVOLUÇÃO

Ordenado sacerdote em fins de julho de 1816, Marcelino Champagnat foi nomeado para a vila de Lavalla, nas encostas do maciço do Pilat, dominando o vale do Gier e a cidade de Saint-Chamond, próxima de St. Etienne. Chegado em agosto, ele entra na história de um território que experimentou grandes transtornos: aqueles da Revolução (1789-1799) já são relativamente antigos, mas sua marca foi profunda. A invasão estrangeira de 1814 e 1815 deixou traços mais recentes e de outra natureza.

1.1. St. Chamond e seu território¹

De 1768 à Revolução, Jean-Jacques Gallet de Montdragon é o senhor do marquesado de Saint Cha-

mond (a cidade + Izieux, St Julien, St Martin) e do senhorio do Thoil-Lavalla que sobe até o Bessat, assim como de Doizieu, outro vale sobre a encosta dos Montes do Pilat. Embora a Revolução tenha suprimido essas antigas divisões feudais, as pessoas de Saint Chamond consideram as comunas de Lavalla e de Doizieu como seu domínio, no qual têm o direito de extrair sua subsistência. Em suma, o povo, novo soberano, se considerava herdeiro das antigas prerrogativas senhoriais.

1.2. Muita indústria, uma agricultura bastante pobre

No início da Revolução, o aglomerado de St. Chamond compreende 9.125 habitantes, Doizieu 1.625 e Lavalla 1.675. Suas atividades econômicas são numerosas: primeiramente a fabricação de pregos, sendo que os irmãos Neyrand, futuros

¹ A fonte essencial é a obra de Lucien Parizot, *La Révolution à l'œil nu. L'exemple du Lyonnais vécu à Saint Chamond et en Jarez*, Editions Val Jaris, Saint Chamond, 1987. Embora trazendo às vezes julgamentos rápidos, a obra apresenta uma descrição pormenorizada dessa pequena região.

benfeitores de Champagnat, são os principais produtores. O carvão aflorando em vários lugares, sua exploração, ainda que anárquica, fornece vários milhares de toneladas por ano. O comércio de fitas é muito difundido na cidade e na zona rural. Enfim, uma dezena de fábricas trabalham o fio de seda.

A economia rural é menos favorecida: o solo é ingrato, sujeito a secas. Os terrenos de Lavalla e Doizieu são muito íngremes. Colhe-se pouco trigo, mas bastante centeio para o abastecimento da população e para a venda. A forragem é abundante na bacia superior do Gier, e grandes florestas de coníferas são uma riqueza potencial, especialmente em Lavalla onde a floresta é da municipalidade. Mas, sistematicamente saqueada, em última análise, pouco rende. A fabricação de pregos, os tecidos, os artigos de madeira, constituem um complemento para os camponeses de Lavalla e de Doizieu.

1.3. Cenário religioso

Às vésperas da Revolução, St. Chamond é uma pequena metrópole religiosa, provida de três paróquias:

- St Ennemond, onde Julien Derieux, futuro benfeitor de Champagnat, é vigário.
- Notre Dame, governada pelo pároco Antoine Flachat (1725-1803),

3 vigários e uma sociedade de 4 padres habituais.²

- Saint Pierre, com o pároco Antoine Chaland (1732-1804), três vigários e uma sociedade de 7 padres habituais.

Quanto aos religiosos e religiosas:

- Capuchinhos: 6 religiosos e 9 freis.
- Ursulinas: 34 religiosas.
- Mínimos: 4 religiosos e a colegiada Saint Jean-Baptiste.

A Santa Casa de Misericórdia, gerenciada por um conselho de 10 membros, tem seu serviço garantido por 8 a 10 “irmãs de São José³”. A Caridade, fundada em 1764 pelo pároco Flachat, recolhe pobres, idosos e crianças de 8 a 15 anos. As meninas aí desenrolam a seda, e os meninos fazem pregos, sob a direção de uma dezena de «irmãs de São José».

“Pequenas escolas para pobres” parecem vegetar, mas as Ursulinas, os Padres habituais das paróquias e as “Irmãs de São José” formam um quadro educativo e caritativo importante, num tempo em que o catecismo, e, portanto, a leitura, estão por toda a parte, mas de maneira difusa ou em estruturas que não têm o nome de escolas.

Enfim, existem as confrarias. A dos fabricantes de fitas e passamaneiros e a dos galões; a dos moleiros é con-

² Os padres habituais são originários da paróquia. Nela desempenham tarefas cultuais, caritativas ou docentes, sob a autoridade do pároco.

³ Elas não são membros de uma congregação, mas pertencem ao hospital. São mulheres piedosas.

fraria de profissões de bem pouca exigência religiosa. Por outro lado, os penitentes do gonfalon da paróquia Saint Pierre e os penitentes do Santíssimo Sacramento de Notre Dame são confrarias de devoções mais exigentes. Ambas têm uma capela particular, que servirá para as assembleias e clubes sob a Revolução.

Todo esse cenário, ao mesmo tempo religioso, social e cultural, será fortemente abalado pela Revolução, mas seu renascimento parece ter sido rápido.

1.4. Panorama socioeconômico

Nos planos econômico e social, o pagamento do imposto direto, a taxa, é um bom indicador. Antes da Revolução, em Saint Chamond, sobre os 1.251 lares que comporta a comuna, 43 são privilegiados e, portanto, não pagam o imposto direto; 531 lares estão sujeitos aos impostos, e 627, muito pobres, estão isentos de imposto. Em Doizieu, comuna limítrofe de Lavalla,⁴ em 1772, 5% dos lares eram considerados ricos, 20% eram remediados e 50% tidos como muito pobres, isentos de imposto. A proporção deve ser bastante parecida em Lavalla.

A Revolução pouco mudará essa estratificação social revelada pela

fiscalização. É claro que em Saint Chamond há uma classe média alta e uma média, e um proletariado urbano massivo no qual a Revolução extrairá seus extremistas. No campo, a vida parece menos precária para os pobres, e os ricos são raros. Esse será um elemento importante da guerra cidade-campo sob a Revolução: Saint Chamond será dominada pelo Jacobinismo, e o campo ao redor, sobretudo Lavalla, será resistente.

1.5. Uma cronologia local da revolução

É inútil preocupar-se com uma cronologia completa da Revolução, porque se suas repercussões foram profundas em quase toda a França, apenas alguns acontecimentos tiveram importância.

A partir de 1788, são preparados os Estados Gerais e redigidos os cadernos de queixas⁵ em vista da reforma do reino. O ano de 1789 foi particularmente rico em acontecimentos: revolução política em Versalhes em junho, os Estados Gerais se transformam em Assembleia Nacional Constituinte, e a tomada da Bastilha em Paris, em 14 de julho.

Esse último acontecimento suscita na maior parte da França um “Grande Medo”: bandidos viriam para

⁴ Parizot Lucien, *La Révolution à l'œil nu. L'exemple du Lyonnais vécu à Saint Chamond et en Jarez*, Val Jarez, St Chamond, 1987, p. 22.

⁵ Clero, nobreza e terceiro-estado alistam, separadamente, as reformas que desejam.

massacrar as populações. Os sinos tocam, voluntários se reúnem para se defender, muitos se escondem... Finalmente se dão conta que isso era apenas um rumor. Em 8 de julho, St. Chamond é um dos epicentros desse Grande Medo, e Lavalla não se escapa disso. A partir desse momento, instala-se uma semianarquia que as autoridades novas não conseguirão reprimir, a despeito da constituição em cada comuna de uma milícia popular: a Guarda Nacional. No Pilat, a floresta comunal de Lavalla e as florestas dos Chartreux, que eram bens nacionais, são sistematicamente saqueadas.

Tendo sido muito deficitária a colheita de 1789, na primavera de 1790 falta pão em St. Chamond, e a escassez se instala até 1791. A fome ou o medo de ter que suportá-la serão elementos fundamentais e permanentes da revolução, as camadas populares estando prontas para se levantar em favor de quem promete pão ou aponta os responsáveis pela penúria.

A Constituição Civil do Clero, estabelecida em 12 de julho de 1790, cria inquietação, pois foi feita sem o acordo com Roma. A maioria dos padres de Saint Chamond aceita o juramento constitucional com ou sem restrições. Mas quando o papa condena a Constituição Civil em 10 de março de 1791, muitos deles se retratam. Clero e população se dividem: uns pela Igreja constitucional, outros pela Igreja refratária.

A guerra declarada em abril de 1792 impôs recrutamento de soldados, mas ninguém quer partir. O problema dos conscritos refratários ao serviço militar começa a surgir em 1793. Só cessará com o Império em 1814. Lavalla se distingue particularmente pela recusa dessa obrigação e se torna um refúgio de desertores. As grandes florestas, o relevo acidentado e a cumplicidade dos habitantes impedem toda repressão eficaz.

O rei Luís XVI é guilhotinado em 21 de janeiro de 1793, mas foi a partir de maio/junho de 1793 que a Revolução vira em tragédia. Em Paris, os extremistas jacobinos conseguem, em 2 de junho, aniquilar o partido moderado: os Girondinos ou federalistas. Mas em Lião, desde 29 de maio, os Jacobinos de Chalier são vencidos pelos moderados e, aos poucos, Lião desliza para a revolta aberta contra Paris. Querendo assegurar o apoio da área circundante e adquirir armas no arsenal especializado de Saint Etienne, os Lioneses enviam tropas que tomam Saint Chamond e instalam uma municipalidade de seu partido, enquanto os Jacobinos, que até então ocupavam a cidade, se retiram nas florestas do Pilat.

Mas os Lioneses não podem se manter, e os exércitos revolucionários se concentram sobre Lião. A Constituinte enviou ao Loire, como representante em missão exercendo poderes ditatoriais, um celerado de nome Javogues que aterroriza o de-

partamento e impõe uma mobilização de homens de 18 a 35 anos para irem ao cerco de Lião. Os guardas nacionais de Saint Chamond e das comunas ao redor se estabelecerão em Saint Genis-Laval, bastante satisfeitos, ao que parece, com a esperança de saquear Lião, que se rende no começo de outubro. Imediatamente, começam fuzilamentos e massacres. Haverá 1.684 execuções entre 27 de novembro de 1793 e 3 de maio de 1794.

Em Saint Chamond, os extremistas retomaram o poder, e o clube dos jacobinos foi reconstituído. A justiça revolucionária do Loire instalou seu tribunal e a guilhotina em Montbrison, capital administrativa do departamento. Mas essa política sanguinária e as requisições lhe alienam as populações. Por outro lado, a lei do máximo, que define os preços e vai de setembro de 93 a dezembro de 94, não incentiva o comércio, visto que os agricultores são pagos em apólices, papel-moeda muito depreciado. Eles, então, se abstêm de vender ou se dedicam ao mercado negro.

À repressão se juntam a descris-tianização, lançada por Fouché e Collot de Herbois, os carrascos de Lião, a partir de novembro de 1793. Os padres, mesmo os constitucionais, são intimados a entregar seus documentos de sacerdócio, as igrejas são despojadas de seus ornamentos e de seus sinos, os padres refratários, até então bastante tranquilos, devem se esconder e celebrar

o culto em diversos lugares. Para as autoridades de Saint Chamond, é em Lavalla que a descris-tianização enfrenta a maior oposição. A animosidade contra Saint Chamond está no máximo, mas a população vive sempre temendo as expedições dos fanáticos da cidade.

A queda e a execução de Robespierre, em julho de 1794 (9 Termidor), não põem fim ao terror: o cura de Lavalla, Jean Gaumont, é preso em agosto no Pilat. É condenado à morte em 2 de setembro de 1794 e executado.

Contudo, a queda de Robespierre quebrou o nervo da Revolução. Agora os revolucionários somente pensam em manter o poder com a ajuda de um exército que lhes forneça recursos saqueando a Europa. Dentro da França, reina a anarquia com golpes de Estado, seja contra os Jacobinos, seja contra os monarquistas que levantam a cabeça. Em 1795-96 grassa mesmo, especialmente em Lião e em St. Etienne, um terror branco que massacra antigos jacobinos, incluindo Ducros, primo de João Batista Champagnat, pai de Marcelino. O golpe de Estado de Frutidor, em setembro de 1797, restabelece o terror contra o clero e os monarquistas, mas sem resultados no setor de Saint Chamond. Na verdade, uma grande parte do território francês escapa da autoridade de um poder completamente desacreditado. O golpe de Estado de 18 Brumário de Bonaparte (final de 1799) intervém

numa França cansada de tantas desordens.

O Consulado (1800-1804), depois o Império (1804-1814), devolvem a segurança e a autoridade do Estado, mas o recrutamento para o serviço militar e o despotismo parecem sempre mais insuportáveis. As invasões de 1814 e 1815 ocasionam novamente toda a sorte de requisições e distúrbios e uma longa ocupação da França.

2. LAVALLA SOB A REVOLUÇÃO E O IMPÉRIO As Memórias de Jean-Louis Barge

Jean-Galley, historiador da região de St. Stéphane no final do século XIX, copiou, em março de 1897, dois cadernos de memórias de Jean-Louis Barge, conforme informou o sobrinho do antigo escrivão de Lavalla, Sr. Thibaud⁶, que nos dão um resumo ao mesmo tempo pitoresco e pormenorizado da história da aldeia de Lavalla.

2.1. Um autor pouco banal

Nascido em 24 de agosto de 1762 em Lavalla, J. L. Barge é filho de Pierre Barge, alfaiate, e de Antoinette Champalier, de uma família de tecelões de Lavalla⁷. Por ocasião do seu

casamento, em 4 de junho de 1787, ele mesmo é tecelão. Desposa Anne Préher, filha do falecido escrivão de Lavalla. As quatro testemunhas do casamento são alfaiates, passamaneiros ou tecelões. Apenas um não sabe assinar. Jean-Claude Barge não é, pois, um camponês, mas alguém ligado ao mundo do artesanato e do comércio têxtil, residente na vila de Lavalla. Seu casamento com a filha de um notário mostra que goza de certa instrução e de uma situação honrosa. Quando morre aos 90 anos, em 8 de janeiro de 1853, é, entretanto, declarado agricultor, e já não mora na vila, mas no lugarejo da Surchette (hoje Serchette), onde possui algum bem. Seu atestado de óbito nos esclarece a respeito da maneira como o manuscrito pôde chegar até nós, porque um dos declarantes é Louis Thibaud, notário de Lavalla, então com 53 anos de idade, que conservou o manuscrito que será revelado mais tarde por seu sobrinho. Dividido em 57 capítulos, cobre os anos de 1789-1815, revelando-nos uma grande quantidade de acontecimentos locais sobre essa época conturbada.

Barge, aliás, tem consciência de ter atravessado um período excepcional porque intitula sua memória: «Notas dos principais acontecimentos ocorridos em Lavalla após 1789 até este dia 1º de janeiro de 1819⁸». Em 1816, Barge, que tem 54 anos,

⁶ A cópia se conserva na biblioteca de St. Etienne. O original parece que desapareceu.

⁷ O recenseamento de 1815 assinala quatro Champalier tecelões, certamente da mesma família.

⁸ Talvez seja a data do fim da redação do manuscrito. Visto que o relato não vai além do ano de 1814, é de se perguntar se uma parte não foi perdida.

deve abandonar todo cargo oficial e se dedica a preparar uma relação de fatos que viveu, sem deixar de mostrar, um pouco ingenuamente, que ele é o herói principal. Seu relato tem, portanto, o inconveniente de apenas apresentar assuntos em que ele esteve envolvido e deter-se, mais ou menos, na época em que Marcelino Champagnat, de quem Barge nunca fala, chega a Lavalla. Por outro lado, esse relato nos mostra, sob uma luz crua, a realidade religiosa, social, econômica e política do território em que o jovem Champagnat vai exercer seu apostolado. Podemos ter a certeza de que Barge e Champagnat se conheceram, mas é pouco provável que se tenham relacionado seguidamente.

Sabemos, pelo próprio Barge, que antes da Revolução ele foi soldado. Como salienta Galley, possui certa instrução, pois sabe escrever, cita La Fontaine e compara Robespierre a Cromwell e Maomé. Ele narra, aliás, com clareza. Sem dúvida se beneficiou das lições de um pequeno colégio ou de uma escola presbiteral que preparava jovens para o sacerdócio. Sua passagem pelo exército, provavelmente lá por 1780, possibilitou-lhe encontrar ideias novas. Além disso, muito consciente de sua superioridade intelectual, não se priva, ao longo de seu relato, de se mostrar importante, destacando sua habilidade para livrar a comuna de situações difíceis e sublinhar a estupidez, a covardia, a hipocrisia daqueles que o cercam.

Sua situação econômica, entretanto, permanece modesta. O re-

censeamento de 1815 indica que é agricultor, morando na vila, casado, sem filho. Algumas reflexões de suas memórias, porém, deixam entrever que não se relaciona bem com sua mulher. Não é um notável e nunca será prefeito. O município utiliza suas habilidades de leitura-escrita, especialmente como secretário-tabelião, emprego que lhe dá certamente alguns recursos adicionais, mas mantendo-se em papéis secundários.

Em suma, Barge é um desclassificado: superior à maioria dos outros habitantes por seu conhecimento, não goza da situação material correspondente às suas capacidades. Para ele, a Revolução, à qual aderiu com entusiasmo no começo, é ocasião de fazer valer seus talentos. Mas o desenvolvimento dos acontecimentos o fará voltar rapidamente para uma atitude mais moderada. Um paralelo entre ele e João Batista, pai de Marcelino Champagnat, também pode ser sugerido. Ambos estão na categoria de semicultos, acolhendo favoravelmente a Revolução e achando-se decepcionados por ela depois de tê-la servido. Seu engajamento na política também pôde contribuir para seu fracasso no plano econômico.

2.2. A revolução no povoado

A vida em Lavalla de 1789 a 1800 será ritmada pelos grandes acontecimentos políticos, mas Barge só evoca a história geral na medida em que ela incide sobre Lavalla.

Ele não diz quase nada dos Estados Gerais e da tomada da Bastilha (maio – 14 de julho de 1789). Por outro lado, ele relata o Grande Medo que atingiu Lavalla na tarde de 28 de julho: os sinos dão o sinal de alarme; os mais corajosos se organizam em tropa armada, outros se escondem ou ocultam seus bens; as mulheres se reúnem em grupo para orar. O caso termina em tragicomédia: a tropa armada desce a Saint Chamond onde é aclamada e tranquilizada. Bebe-se e discute-se (cap. 1). Mas agora “cada cidade e povoado se protegem montando guarda alternadamente e fazendo patrulha” (cap. I).

A Revolução instaura intensa vida política no povoado: o primeiro administrador do município que Barge leia, os numerosos decretos da Assembleia Nacional, no final da missa dominical. Em 28 de fevereiro de 1790 realizam-se na igreja as primeiras eleições municipais: isso ocasiona um tumulto, pois os habitantes da parte baixa do município, voltados para Saint Chamond, têm seu candidato, e aqueles da parte alta, cujo centro é Saint Etienne, têm o seu. Finalmente a parte alta do município ganha: o prefeito Pierre Tardy é do Bessat. Com ele são eleitos cinco conselheiros municipais. Barge é nomeado secretário.

O colapso da velha ordem libera poderosas tendências anárquicas: como já dissemos, a esplêndida flo-

resta de Lavalla é devastada por exploradores sem direitos, que não hesitam em cometer atos violentos, quando se quer reprimi-los. Quantos aos bens de valor e os bens eclesiásticos, são vendidos. Mas em Lavalla são preservados os prados da paróquia e da fábrica, talvez por respeito para com a Igreja, mas especialmente porque são considerados como bens municipais.

2.2. A divisão religiosa

Barge dedica uma grande parte à Constituição Civil do Clero. O pároco Gaumont e o vigário Robin se recusam a prestar o juramento e a reconhecer a legitimidade do arcebispo constitucional de Lião, Lamourette. É a ocasião de uma violenta discussão entre o pároco e Barge que, do partido da Revolução, parece bastante isolado (cap. VII). Em agosto de 1791, Jean-Marie Berne, seminarista, parte para ser ordenado no exterior pelo arcebispo de Lião, exilado, Dom de Marbeuf. Em 2 de outubro de 1791 celebra publicamente a missa em Lavalla, o que é tido como provocação e inquieta a municipalidade. Mas a autoridade do pároco parece sempre preponderante, e Barge o acusa de querer demiti-lo de seu posto.

2.4. Barge decepcionado pela revolução

Em abril de 1792, começa a guerra entre a Europa e a França revolucionária e surge o problema dos

⁹ J. B. Galley, *Saint Etienne pendant la Révolution*, t. 2, St Etienne, 1906, p. 690. Sobre uma lista de 28 padres refratários: “Berne, dito Balaire, de la Valla, vigário de Graix”.

contingentes de soldados a fornecer (cap. XIII). As derrotas radicalizam a Revolução, o rei é preso. A Assembleia Legislativa redige uma segunda Constituição à qual Barge deve prestar juramento em 11 de outubro de 1792 (cap. XV).

Todos esses fatos e especialmente o juramento o deixaram doente: “De grande torcedor que era da primeira Constituição, tornei-me, de repente, o inimigo secreto da segunda. Essa Igualdade me lançou em labirintos inextricáveis”. Muitos Franceses sentiram então a mesma desafeição para com um regime que só trouxe, em nome da Liberdade e da Igualdade, distúrbios internos e a guerra externa.

Em dezembro de 1792, uma nova municipalidade é eleita, e Jean Rivat, filho, é encarregado do estado civil. De fato, ele deixa que o pároco Gaumont continue a registrar batismos, casamentos e enterros. Já preparado para a clandestinidade ou disposto a não se submeter à autoridade civil, mesmo quanto à forma, este não registra as atas nos registros do Estado Civil, mas em folhas separadas.

Em todo o caso, o pároco Gaumont que, segundo Barge, “acreditava sempre na volta do antigo regime”, exerce abertamente as funções eclesiásticas, com o consentimento da

municipalidade e da grande maioria dos habitantes, quando na diocese o clero constitucional ocupa a maior parte dos curatos. Barge no-lo descreveu como “orgulhoso e demasiadamente habituado às bajulações e adulações da gente de Lavalla (cap. XVII)”. Na verdade, Barge nada compreende das razões profundas da oposição de Gaumont à Revolução e nele se percebe uma ponta de inveja para com um homem influente.

Mas quem é esse Jean Rivat, filho, encarregado do Estado Civil? Provavelmente Jean-Baptiste Rivat, lavrador de Maisonnettes, o pai de Gabriel Rivat, futuro Irmão Francisco, primeiro sucessor de Champagnat¹⁰.

2.5. Barge reconciliado com Gaumont

Barge nos descreve a maneira como o pároco e ele, inimigos desde 1789, se reconciliam, porque “a onda revolucionária aumentava dia a dia” e que “nenhum outro de Lavalla poderia servi-lo”. Barge talvez se vanglorie, mas depois de 1789, ele passa por fervoroso partidário da Revolução e, por ocasião do Terror, foi sem dúvida nomeado agente nacional do município, encarregado de denunciar os suspeitos¹¹.

A reconciliação é secreta: “Nós publicamente fingimos ser como no

¹⁰ É certo que há muitos Rivat na paróquia, mas nenhum parece mais qualificado que ele e, portanto, digno de figurar no conselho municipal.

¹¹ Ver, no capítulo XVIII, onde está dito que havia uma ordem do representante Javogues para prender o pároco.

passado; de tal modo se acreditava nisso, que se dirigiam a mim quando se tratava de pesquisas contra ele”. Ao mesmo tempo, Barge levanta uma ponta do véu sobre a rede que sustém o pároco e negocia a reconciliação: o “Padre Gaspard (Gonin)”, vigário de Gaumond, as senhoras Paras, de St. Etienne, que parecem ter uma casa em Lavalla, J - M Tissot, amigo do pároco¹².

Essa reconciliação chega a tempo: provavelmente na primavera de 1793, no início do Terror. Certo padre Guérin, acusado de ser um açambarcador de grãos, foi massacrado pela população em Saint Chamond. “Os quentes” (Jacobinos) da cidade querem subir a Lavalla para se apoderar do pároco e do vigário, acusados do mesmo crime de açambarcamento e “fazer alvoroço entre os assim chamados fanáticos e aristocratas”.

2.6. Saint Chamond contra Lavalla

A população de St. Chamond acredita numa conspiração dos lavradores para fazê-la passar fome, sob a responsabilidade dos padres refratários. O frenesi chega ao auge na primavera, momento em que as provi-

sões do inverno foram consumidas, e as novas culturas ainda não amadureceram.

No início de setembro de 1793 (cap. XVIII), uma mulher de Lavalla, tendo dito inocentemente que o pároco e o seu vigário moravam sempre na sede paroquial, doze homens imediatamente montam a cavalo, às 4 horas da tarde. Prevenidos, *in extremis*, por uma senhora, os dois sacerdotes conseguem salvar-se. Os revolucionários se contentam em saquear o feno e as aves domésticas da residência paroquial. Poucos dias depois, durante a noite, sobe um bando, mas sem sucesso.

Parece que, a partir desse momento, o pároco Gaumond tenha levado uma vida clandestina até a sua captura, mas inicialmente sem se afastar demais¹³. Depois não se fala mais dele. Parece que o sacerdote refratário Bertholon¹⁴ garante o culto clandestino (cap. XIX), ao passo que o cura constitucional de Izieux, Jamet, encontra dificuldade para abrir a igreja. No dizer de Barge, “os assuntos públicos vão de mal a pior”. A prefeitura deve fornecer vinte homens para o exército¹⁵, mas ninguém quer partir. Claramente, Lavalla é re-

¹² O censo de 1815 indica no povoado de Lavalla um Claude Louis Tissot, tecelão. É provavelmente o mesmo, tanto mais que não há outro Tissot na paróquia, e que Barge afirma que ele enterra seus bens mais preciosos, sinal de que ele pertence realmente a Lavalla. Barge aproveita dessas negociações para se queixar de ter sido, em 1789, despojado de um banco que possuía na igreja. É possível que essa supressão tenha sido a consequência do engajamento de Barge na Revolução: represálias, enfim.

¹³ Ver capítulo XX: ele vem de noite mudar de roupa na casa de sua antiga empregada.

¹⁴ Ele é pároco de Longes, no momento em que Barge escreve.

¹⁵ É a retirada de 300.000 homens, ordenada em março de 1793, ou a retirada em massa um pouco mais tarde.

fratária ao serviço militar e à Igreja constitucional.

2.7. Uma tentativa monarquista

A contrarrevolução monarquista não é inativa em Lavalla (cap. XXIV). Barge narra que pouco antes do cerco de Lião, portanto no verão de 1793, “um fidalgo¹⁶” vai à casa de Tissot, onde reside frequentemente o Pe. Charvet “ex-mínimo de Annonay”, certamente padre refratário que também garantia o culto clandestino. Ele tem o projeto de sublevar todo o Sul da França e acaba por persuadir Charvet, o “padre Gaspard”, vigário de Lavalla, Tissot, e até o próprio Barge, de se unirem ao projeto de sublevação.

Uma tropa, dirigida por dois dos filhos de Tissot, é constituída. Com a ajuda de uma coluna vinda de Chevrières¹⁷ e de outras do Sul, ela deve tomar Saint Chamond. Foi um fiasco total. Não houve nenhum reforço, e todo o mundo foi para casa. Felizmente, a tropa, durante sua andança noturna, não foi percebida pelas patrulhas adversárias. Mas rumores transpiram¹⁸.

2.8. O cerco de Lião

De maio a outubro de 1789, Lavalla sofre as consequências da revolta de Lião contra a Convenção montanhesa. O município deve fornecer aveia para o exército do cerco. Mas também “fizeram marchar em massa a gente do campo e das cidades sob o incentivo da pilhagem”. “Lavalla foi do número¹⁹”. Há divisão na tropa²⁰. Como diz Barge: “Era o espírito do tempo. Tudo estava pervertido” (cap. XXIII). Na verdade, parece que muitos camponeses de Lavalla ansiavam por se enriquecer à custa dos Lionneses, a pretexto de uma causa patriótica. A guerra cidade-campo se desenrola em grande escala dessa vez. Assiste-se também a um acerto de contas entre duas famílias, entre vila e aldeia e talvez também entre a parte superior e inferior do município.

A volta do cerco mostra realmente que muitos aldeões que dele participaram estão transtornados. O festim dado à custa do município descambou em bebedeira, insultos e brigas. E até mesmo “de manhã eles diziam que queriam destruir os aristocratas e os fanáticos (Tardy, do

¹⁶ É um agente do contrarrevolucionário monarquista bem conhecido: Bésignan. (cap. XXIV).

¹⁷ Município dos Montes do Lyonnais, abertamente monarquistas e praticando a resistência armada.

¹⁸ Pode ser que Barge se tenha enganado de ano: um grande projeto de levantamento monarquista na região se desenvolve em 1795. Ver Louis Trénard, *La Révolution française' dans la région Rhône-Alpes*, Perrin, 1992, p. 587...

¹⁹ É a mobilização das Guardas Nacionais estabelecidas em cada município depois de 1789.

²⁰ J. M. Tissot, o amigo do pároco Gaumond, primeiramente comandante do destacamento do município, teve de fugir, e Jean-Baptiste Galley toma seu lugar. Acusado de roubar o cavalo de Tissot, foi detido. A família Galley se mobilizou então para que fosse solto, exercendo pressão sobre a esposa Tissot, que deverá anular essa detenção, permitindo a liberação do acusado e, provavelmente, do culpado.

Coing e de Soulages; os Rivat, de Luzernod, do Pinay e de Maisonnettes; Tissot, etc. eram os primeiros na lista dos proscritos – cap. XXII) e saquear suas casas.” Não só a guerra social entre cidades e campanhas se mostra na aldeia, mas também toma uma feição política. Em todo o caso, Barge nos dá os nomes dos principais notáveis do partido da resistência à Revolução, incluindo os Rivat.

Ele nota que esse momento de exaltação se acalmará depressa²¹, mas acrescenta logo: “Depois do cerco, o terrorismo estava no seu auge. Só se viam detenções, tiroteios, e a guilhotina funcionava permanentemente, tanto em Lião quanto em Feurs²²”.

2.9. A descristianização

A descristianização atinge Lavalla em 18 de dezembro de 1793. O revolucionário Monatte sobe de Saint Chamond para se apoderar dos ornamentos da Igreja. Os Jacobinos apenas encontram alguns, a maioria foi escondida. Destroem as estátuas de santos a golpes de espada, rasgam os livros, espalham as hóstias do tabernáculo “na presença de um grande número de pessoas todas indignadas, mas que não ousavam dizer uma palavra, tamanho era o ter-

ror” (cap. XXVII). Barge nos dá o inventário dos objetos litúrgicos escondidos, especificando que apenas sabem deles o prefeito (Jean Matricon), Jean Rivat, Jean Thibaud, deputados municipais, e os dois filhos Tissot que parecem contrarrevolucionários decididos. O fato de que uma minoria do conselho municipal somente seja favorável mostra que daqui em diante, em Lavalla, uma parte dos notáveis não está segura.

Ele cita também o nome das famílias que recolhem esses objetos. Assim, Jean Rivat e seu vizinho Bise levam consigo estátuas de santos do altar. Ele esclarece que “os confrades do rosário desguarneceram sua capela e a grade de ferro” que dava acesso a ela. Foi, sem dúvida, nesse momento que o quadro da confraria do rosário – doado mais tarde a Champagnat pela senhora Rivat, e atualmente na casa dos Irmãos da comunidade de Lavalla – foi transportado para a casa dos Rivat em Maisonnettes.

Enquanto em Saint Chamond se vê Lavalla como um bloco contrarrevolucionário inabalável, Barge nos mostra que, pelo contrário, os resistentes decididos são apenas uma pequena minoria. Por um tempo, a Igreja só será aberta em todas as

²¹ Não haverá mais clube nem sociedade popular revolucionária em Lavalla.

²² De fato, em Montbrison, um jovem natural de Châlons-sur-Saône, tendo se escondido, depois do cerco, na casa da senhorita Ferréol, foi denunciado por um habitante de Lavalla. Preso, foi fuzilado em Lião. Sua hospedeira foi presa; parte de sua mobília foi saqueada e o restante posto em liquidação judicial. A família Tissot, comprometida no caso da tentativa monarquista, teve a casa embargada, e o pai Tissot teve de se esconder.

décadas, de acordo com o novo calendário revolucionário, para servir como templo da razão (cap. XXXI) onde oficiam desajeitadamente enviados do clube de St. Chamond. Para alimentar o rito com assistentes, os membros do Comité de fiscalização de St. Chamond percorrem os campos para autuar quem trabalha nos dias da década e impedir o culto católico no domingo (cap. XXX). Na verdade, esse se realiza na capela de Etrat, um pouco fora da aldeia. Barge nunca menciona missas clandestinas em lugares privados.

2.10. Salvar os sinos

Resta o assunto dos sinos que devem ser entregues à república para a fundição de canhões. Barge sublinha a dificuldade de salvá-los, porque “havia entre nós falsos irmãos, e o terror era tão grande que cada um temia por sua cabeça”. Quando ele propõe de pô-los em segurança, seus dois interlocutores lhe respondem: “você só arrisca sua cabeça, e nós nossos bens com nossas cabeças”²³.

O município, portanto, não dá ouvidos às injunções das autoridades de Armeville (St Etienne). Por fim, provavelmente na primavera de 1794, chegam três homens de Izieux para derrubar os sinos. Copiosamente embriagados e alegres pelas danças e a música, aceitam de se

retirar diante da promessa da gente de Lavalla de ela mesma baixar os sinos. Efetivamente ela os baixou, mas não serão transportados para St. Etienne.

2.11. A guerra das subsistências

Barge menciona longamente a mais grave acusação contra Lavalla, formulada pelos clubes de Saint Chamond: “nós escondemos nossos gêneros em vez de abastecer o mercado de Saint Chamond”.

Em seu XXX capítulo, ele nos descreve o que se passa no último domingo de dezembro de 1793, quando o clube dos Jacobinos da cidade esfomeada reuniu tropas para subir a Lavalla e assaltar os habitantes. Vindo a Saint Chamond para prevenir essa ameaça, ele salienta que sua prefeitura não é a única a ter que reabastecer a cidade e que, pormenor importante: “a parte superior da comuna de Lavalla sempre levou seus alimentos à Comuna de Armas” (St. Etienne). Promete, portanto, aos chefes Jacobinos de abastecê-los e avisar o conselho municipal: o prefeito Matricon traz muita manteiga, Rivat e Galley têm queijo muito bom... Os três notáveis descem com ele para reabastecer os chefes republicanos, que, diante da promessa de serem providos quinzenalmente, intervêm no clube para que seja retirada a pressão

²³ Essa reflexão nos mostra ademais que Barge, ao contrário de seus interlocutores, não é rico.

contra Lavalla. A cidade de Saint-Chamond parece não ter sido melhor abastecida.

2.12. Uma segunda conversão de Barge

Nesse mesmo domingo, 28 de dezembro de 1793, acontece algo de grave em Lavalla: cinco gendarmes de Rive de Gier surpreendem os fiéis reunidos para as vésperas na capela de Etrat, um pouco fora do povoado (cap. XXXI)²⁴ «como se o exercício do culto fosse livre». Invadem o local a cavalo e aterrorizam os assistentes, depois continuam seu caminho. Barge, que volta de Saint Chamond, encontra uma população desesperada, que diz: «Está feito: adeus à nossa religião».

Esse acontecimento causa nele certo retorno à religião:

“A aparente indiferença que eu tinha mostrado por ela era o efeito dos abusos da religião e não a própria religião. Finalmente, eu tinha uma secreta esperança de retornar a ela e eu animava a todos quantos apoiavam meus propósitos”.

É realmente a época em que a Revolução acaba de perder, aos olhos da massa dos Franceses, a legitimidade que teve nos seus primeiros anos. E era a Igreja refratária que parecia ser o dique de resistência ao fanatismo revolucionário.

2.13. A Execução do pároco de Lavalla

Em agosto de 1794, o pároco Gaumond é aprisionado na região de Saint Genest Malifaux. Será executado em 2 de setembro. Barge parece se justificar de não o ter socorrido:

“Foi preso por dois enraivecidos republicanos que o conduziram a Saint Genest-Malifaux. Teria sido muito fácil livrá-lo, pondo-nos no caminho, no dia seguinte, em número suficiente e um pouco disfarçados, favorecidos pelos bosques. Mas éramos muito monitorados, principalmente pelo mesmo B...,²⁵ que lhe devia cinquenta escudos pelo fornecimento de trigo, etc., o qual estava bem satisfeito que percesse para ficar quite”.

O projeto de uma libertação pela força é bem plausível: muitas vezes, padres escoltados para a prisão foram libertados por bandos de aldeões. No entanto, esta é a única vez que Barge parece mostrar, com franqueza, uma possível resistência armada encarada pelo povo de Lavalla. Além disso, ele nos revela uma das fontes da influência de Gaumond sobre a comuna, ao mesmo tempo que põe em plena luz a causa, por vezes ignóbil, das detenções de padres refratários: o dinheiro.

2.14. Os refratários ao recrutamento

Barge resume toda essa época em termos lacônicos:

²⁴ É para essa capela que, mais tarde, Champagnat irá, muitas vezes, em peregrinação com seus Irmãos.

²⁵ Passagem pouco clara. Parece que o termo “B...” seja uma abreviatura de “bougre” (sujeito, cara), qualificativo injurioso. Talvez Barge queira dizer que um dos dois republicanos seja de Lavalla.

“Era uma confusão tirânica. A gente do campo só sabia adivinhar e estava continuamente alarmada, tanto do lado do Comitê (fiscalização) e seus capangas, como do lado das tropas que vinham muitas vezes para forçar os requisitados a partir para as fronteiras”.

Sobre esse último ponto, ele cita a data de 20 de janeiro de 1795, quando a cavalaria e a infantaria da Guarda Nacional assaltam a comuna, maltratando o povo e roubando, sem achar nem padre nem conscrito refratário. Esse gênero de operação se repetia de tempos em tempos em 1796-97.

No fim de 1798, o método muda: soldados da cavalaria moram, de novembro a 9 de dezembro, na casa de oito habitantes que certamente têm um filho rebelde ao serviço militar. Como a operação não teve resultado, quinze dias depois há nova ocupação com roubo e extorsão de fundos. Temendo uma revolta popular, as tropas se retiram depois de seis dias.

No fim de outubro de 1799, isto é, poucos dias depois do golpe de Estado de Bonaparte, a 18 de Brumário, militares, gendarmes e guardas nacionais, ao todo 150 homens, se alojam na casa dos pais dos requisitados ou dos que são suspeitos de ocultá-los. Barge constata: “As pessoas se denunciavam umas às outras e prolongavam a guarnição”, mas parece que no conjunto a solidariedade aldeã se manteve.

Em 4 de maio de 1800 (14 Floral ano VIII), o dia da “voga” (festa pa-

tronal), às seis horas da tarde, gendarmes e voluntários de Saint Chamond tentam surpreender a juventude que dança. Dessa vez matam um homem, e os insubmissos perseguidos se defendem a pedradas. Temendo uma revolta, a tropa recua rapidamente para St. Chamond. Segue-se depois um longo e custoso processo entre a gendarmaria, que não quer reconhecer sua perversidade, e a comuna.

A 30 de julho de 1800, treze gendarmes sobem ainda a Lavalla para obrigar os alistados retardatários a partir. São alojados na casa dos pais dos insubmissos. O drama vivido pouco antes e os efeitos da mudança do regime político parecem se fazer sentir: a tropa, menos numerosa e melhor controlada, não parece muito inclinada à pilhagem. Esses vexames repetidos têm uma causa que Barge sublinha (cap. XLI):

“Lavalla era difamada pela camarilha de Saint Chamond por causa de suas opiniões religiosas e da resistência da juventude que só partia forçada pela violência e desertava em seguida, o que fez com que o general Rey e o departamento tomassem a resolução de deixar nossa pobre comuna à disposição, sobrecarregando-a de tropas”.

Assim, à guerra tradicional entre Saint Chamond e Lavalla se sobrepõe o problema militar. O exército emprega o velho método usado sob Louis XIV contra os Protestantes: impor à população a ocupação militar até que ela se submeta.

2.15. Paz religiosa e paz civil

A concordata de 1801, que restabelece o culto católico em toda a França, teve por efeito a reabertura da igreja, em 15 de novembro de 1801 (cap. XLI). O padre Berne, certamente o Jean-Claude Berne de Lavalla (cap. VII) que se fez ordenar no estrangeiro em 1791, foi recebido na paróquia²⁶.

Após a longa época de anarquia terrorista, inaugurada pela revolta e o cerco de Lião em 1793 e concluída pela reabertura da Igreja, Lavalla pode respirar. Menos violento, o poder é também mais eficaz: os saqueadores de florestas são presos (cap. XLVI e XLVII) e, em abril de 1803, numerosos conscritos refratários são recolhidos no final de uma missa de enterro.

A comuna parece aceitar sem muitas dificuldades o pulso firme do Imperador, e a resistência ao alistamento se enfraquece.

As disputas da vida política da aldeia tomam conta. Barge denuncia as intrigas contra ele do padre Rivory que quer excluí-lo do conselho municipal (cap. XLIX). Mas dedica poucos capítulos à vida de Lavalla, entre 1803 e 1814, certamente porque o

regime napoleônico lhe convém. Ex-soldado, teve que apreciar a glória militar do regime; espírito forte, ele vê que o reinado do clero não retornou totalmente. É a época em que foi vice-prefeito. Mas o fim do Império vai causar muitos problemas.

2.16. A invasão de 1814 e a volta da realeza

A primeira coluna aliada passa em St. Chamond, em 24 de março de 1814 e, nos diz Barge: “Nessa época as requisições de todas as espécies de alimentos e de forragens eram permanentes” (cap. LIII). Em 29 de março, cento e quatro dragões austríacos passam em Lavalla. Alguns moradores, retomando um velho reflexo, ocultam seus bens, outros oferecem bebida para a tropa.

Nessa época, Barge é severo com o clero e particularmente com Rebos²⁷, que será, de 1816 a 1824, o pároco de Marcelino Champagnat. Ele o considera familiar demais com os oficiais austríacos de passagem, acrescentando: “É naturalmente frívolo e vaidoso. Aliás, ele estava convencido de que o clero aumentaria sua autoridade pela entrada desses soberanos legítimos²⁸”... Um pouco mais além (cap. LIV), acrescenta: “Sendo ávido de bens e honras, não

²⁶ É curioso que se instala como cura de fato, quando Barge não fala dele entre 1791 e 1801. Pode-se supor que houve uma ação clandestina na região próxima.

²⁷ Seu nome é ortografado de diversas maneiras: Rebaud, Rebot.

²⁸ Os Burbões.

lhe faltava ocasião de obtê-los”. Mais além ainda (cap. LVI), denuncia as manobras de Rebos que, “se prevalecendo continuamente de sua autoridade”, quer controlar as funções do acólito (sacristão) e dos sineiros, quando a municipalidade acha que essas funções cabem a ela. Barge o censura ainda por querer impedir que as pessoas dancem (cap. LVI).

Embora bem arrependido de suas simpatias revolucionárias, Barge guarda para com o clero sua velha desconfiança do tempo do pároco Gaumont. É um cristão anticlerical que não aceita que o clero se meta em política. Essa sensibilidade será massiva numa grande parte da opinião ao longo da Restauração. Estamos aqui perante uma das principais mudanças da Revolução: o laicato cristão não quer se deixar levar como antes.

Dois dias após a primeira passagem das tropas, as coisas pioram: sete fuzileiros austríacos enviados de Tarentaise vêm exigir alimentos. Apenas falando o alemão, se fazem compreender violentamente: até o pároco Rebos, seu vigário, as irmãs, são maltratados. Barge deve acompanhar carretas de suprimentos a Tarentaise, além do Bessat, sobre o planalto do Pilat, onde, alimentado pelo Padre Montchovet, que aloja o capitão austríaco, ele se queixa dos maus-tratos infligidos pelas tropas.

Mas o oficial, que fala um francês perfeito, lhe responde que tendo sido ele próprio soldado, certamente cometeu algumas travessuras, que Barge não nega. Acima de tudo, o oficial acrescenta: “Jamais nossas tropas farão para vocês o que as suas nos fizeram”. Em 7 de abril, cinco hussardos austríacos vêm a Lavalla requisitar feno.

Essa primeira ocupação termina, em resumo, com afrontas moderadas. Barge evoca apenas o retorno de Napoleão em 1815, que dessa vez ocasionará uma longa ocupação da França e provavelmente novas requisições. Mas a narrativa é interrompida bruscamente²⁹, porque Barge deixa de exercer funções públicas. A atitude do pároco não parece estranha para essa retirada, mas Barge é sobretudo vítima da atmosfera de vingança monarquista, indo, às vezes, até o terror branco que domina depois da segunda queda de Napoleão. Presumivelmente, foi pouco depois que começou a escrever suas memórias.

2.17. Um documento precioso

Em resumo, as memórias de Barge constituem um bom documento sobre a vida local sob a Revolução. Se este tende a se atribuir muitas vezes o papel importante, parece ser um homem inteligente, capaz de ultrapassar as perspecti-

²⁹ É possível que uma parte dessas memórias se tenha perdido.

vas locais para formular juízos de ordem geral claros e profundos. Em definitivo, ele nos lembra que as populações rurais são bem menos ignorantes do que os notáveis urbanos pensam.

A qualidade maior de sua narrativa é o realismo. Por meio dele percebemos uma sociedade complexa em que os interesses, as lutas de clãs, os problemas de poder, são constantes. Por ele aprendemos que a comuna está socialmente, economicamente, e talvez politicamente, dividida em duas partes, a alta voltada para Saint Etienne, e a baixa para St. Chamond.

Por outra parte, se Lavalla é religiosamente fiel, esse apego à religião deve ter nuances e combinar com outros fatores, especialmente a recusa do alistamento militar, a luta contra o poder urbano e a centralização administrativa. Vimos também que os problemas de abastecimento desempenham um papel essencial na guerra entre St. Chamond e Lavalla.

Uma multidão de outros dados mereceria ser levada em conta. Para os que se interessam pelas origens dos Irmãos Maristas, o nome do clã Chirat aparece frequentemente entre os defensores da religião. A nomeação de Marcellin Champagnat para tal paróquia também tem significado: para dominar um território tão acidentado e vasto e governar uma população severamente provada, é preciso um vigário vigoroso

e bem conhecedor do mundo rural das montanhas do Pilat. Em certa medida, é um posto de confiança.

Enfim, com seu relato detalhado, Barge nos dá um apanhado do que pode ter sido a vida rural em muitas campanhas e particularmente em Marlhes sob a Revolução. Durante sua infância, Marcellin Champagnat teve de sentir fortemente os perigos que seu pai enfrentou e os problemas de um partidário da Revolução que se vê obrigado a gerir, dia por dia, uma situação anárquica que lhe trará muitos desgostos e nenhum benefício.

No fundo, quatro períodos podem ser discernidos na história de Lavalla:

- 1789-1793: Momento em que se estabelece a revolução, e Lavalla escolhe seu campo sob a influência do pároco Gaumond, sendo Barge, ardente partidário da Revolução, uma figura de extremista pouco apreciado.
- 1793: num tempo de hesitação, o cerco de Lião parece arrastar um número de habitantes no campo revolucionário, enquanto outros aderem a uma resistência político-religiosa mais profunda. A entrada do pároco Gaumond na clandestinidade parece ter constrangido as autoridades municipais a tomar iniciativas. Finalmente a comuna mantém uma resistência surda. A contrarrevolu-

- ção monarquista parecia não ter ali encontrado base sólida.
- De 1794 a 1800, a paróquia teve de manter uma verdadeira guerra contra St. Chamond e o governo terrorista. Barge nos informa muito mal sobre o culto católico dessa época, provavelmente porque, suspeito de complacência para com a Revolução, apenas marginalmente participa da organização do culto clandestino. Além disso, a questão religiosa pouco a pouco se desvanece, enquanto o problema dos conscritos refratários e do abastecimento continua a ser crucial. Em todo o caso é a época em que as autoridades municipais fazem sua política de aprendizagem e aparecem sempre mais como os guardiões da religião, como seus servidores.
 - De 1801 a 1815, o período é calmo, fora a breve invasão de 1814. Pode-se, contudo, supor que no fim do Império os conscritos desertores ou insubmissos foram numerosos nas florestas de Lavalla. O silêncio de Barge a esse respeito levanta uma questão. Da mesma forma, ignoramos tudo das requisições da segunda invasão de 1815 e da longa ocupação do território pelos aliados. Em todo o caso, Barge denuncia claramente um clero local que quer fechar o parêntese revolucionário, tentando restabelecer um poder político-religioso.

3. A Igreja refratária e o restabelecimento do culto em St Chamond e Lavalla (1789-1812)

Graças às memórias de J. L. Barge e a diversas fontes anexas, pudemos seguir, a grandes traços, a história religiosa de Lavalla de 1789 a 1794. Mas ele diz poucas coisas depois da época crucial, 1794-1801, tempo de perseguição e de vida clandestina, e não é mais fluente na restauração do culto em 1801-1816.

A certidão de batismo de J. L. Barge nos dá o nome do vigário de Lavalla: Proton. A certidão de casamento em 1787 é assinada pelo vigário Chapuis. Por suas memórias, sabemos: que o cura Gaumont e seu vigário Robin recusaram, na hora, o juramento de aliança à Igreja constitucional; que Jean-Marie Berne, seminarista de Lavalla, parte para se fazer ordenar no exterior por Dom de Marbeuf, arcebispo legítimo, em 1791. Aparentemente nenhum padre constitucional pôde se instalar na paróquia e, até setembro de 1793, o cura e seu vigário “o padre Gaspard” moram na paróquia e exercem publicamente o culto, ao passo que Charvet, “ex-mínimo d’Annonay”, frequenta a paróquia. Barge vai ainda citar o padre Rivory e o cura Rebod. São, portanto, sete padres que são evocados entre 1789 e 1815. Mas Barge parece não ter nenhuma ideia do funcionamento global da Igreja refratária durante esse período. Para saber mais sobre isso é preciso apelar para outra fonte.

3.1. As missões de Linsolas

A diocese de Lião, sob a direção do vigário-geral Linsolas,³⁰ inventou um funcionamento eclesiástico muito original e muito eficaz no qual, sem dúvida nenhuma, Lavalla participou³¹.

Linsolas nos deixou memórias que relatam a história da resistência católica na diocese de Lião³². Até 1792, o problema maior é o cisma constitucional: no fim desse ano, apenas cerca de trinta paróquias (uma das quais Lavalla), sobre as 850 da diocese, escapam, quase inteiramente, do cisma, o que significa que alhures, privados de seus pastores tradicionais, os católicos fiéis são coagidos a uma vida religiosa mais ou menos clandestina. As perseguições do ano de 1793 agravam a situação religiosa, mas a tornam também mais clara: é preciso, resolutamente, entrar em resistência organizada.

Na primavera de 1794, o sistema paroquial é abandonado, e a diocese é dividida em missões, isto é, no início, em territórios de 40 a 60 paróquias dirigidas por um padre chefe de missão, ajudado por um adjunto e dirigindo um número de 6

a 8 missionários, cada um encarregado de 6 a 8 paróquias.

São ajudados por leigos: os catequistas precursores precedem o missionário nas paróquias ainda não abordadas para sondar o espírito, depois encontrar lugares de asilo que possibilitem visitas regulares e a nomeação de uma estrutura eclesial permanente. Cada paróquia tem um “chefe leigo” que preside a assembleia dos fiéis, na ausência de padres, lhe comunica as instruções da diocese³³ e se corresponde diretamente com o missionário. Ele é secundado por um “catequista estável” que visita os doentes e os pobres, encoraja os cristãos perseguidos, cuida para que as crianças sejam catequizadas, informa os fiéis da passagem do missionário, esclarece o “chefe leigo” a respeito do estado da paróquia. Os catequistas ambulantes acompanham o missionário nas paróquias vizinhas para garantir-lhe a segurança.

No começo de 1795, há somente 12 missões. Lá por 1800, são em número de 25, porque muitos padres constitucionais se retrataram e muitos exilados reentraram e podem ser empregados como missionários. Por volta de 1800, as missões de Linsolas agrupam 677 padres, dos quais

³⁰ Relacionado, por correspondência secreta, com Dom de Marbeuf, refugiado na Alemanha.

³¹ A obra-chave sobre a questão é: Charles Ledré, *Le culte caché sous la Révolution. Les missions de l'abbé Linsolas*, Bonne Presse, Paris, 1947, 430 p.

³² *L'Eglise clandestine de Lyon pendant la Révolution*, t. 1 (1789-1794), t. 2 (1794-1799), Editions lyonnaises d'art et d'histoire, coleção do bicentenário da Revolução francesa em Lião, Lyon, 1987.

³³ Linsolas, t. 2 p. 21-28

186 atendem a Lião e seus arredores. Em Loire, haverá nove missões, dentre as quais as de St. Etienne (31 missionários), de St. Chamond (14), e Rive-de-Gier (16)³⁴.

3.2. A missão de Saint Chamond

Temos poucas informações sobre a missão de Saint Chamond³⁵. Seu chefe, M. Gabriel, é assim descrito em 1802, no momento em que o sistema das missões está em via de abandono:

“O ex-pároco de St. Symphorien d’Ozon, atendendo a St. Chamond, com cerca de 60 anos de idade, chefe da missão de Saint Chamond, trabalhou muito durante a revolução; talentos, zelo e piedade”³⁶.

Certo Josserand, de 55 anos de idade, de sensibilidade jansenista, atende a St. Chamond, assim como Michel Novet, de 36 anos de idade, que M. Courbon acha medíocre.

Em 1804,³⁷ a diocese lança uma sondagem para os vigários que devem declinar seu *curriculum vitae*. O cartão (arciprestado) de St. Chamond é assim constituído:

Lugar	Vigário	Data de nomeação	Curriculum antes da RF	Durante a RF
St. Chamond, paróquia St. Pierre	Dervieux Julien, nascido em 29/1/1754. Nenhuma pensão do Estado	Em 20/2/1803. Ocupa a função em 28/9/1803	Cura de St. Ennemond (St. Chamond) desde 1781	Exilado; missionário em Lião, depois St. Chamond
St. Chamond, paróquia Notre Dame	Gabriel Marie-Gabriel, nascido em 7/11/1735. Nenhuma pensão do Estado	Em 20/2/1803. Ocupa a função no domingo seguinte	Durante 25 anos, cura de St. Symphorien d’Ozon	Chefe dos missionários em St. Chamond
St. Julien, bairro de St. Chamond	Brun Blaise, nascido em 14 ou 15/11/1756.	Em 20/2/1803. Ocupa a função no domingo seguinte	Cura de Pusignan	Missionário em St. Chamond durante 7 anos.

³⁴ C. Ledré, op. cit. p. 96.

³⁵ Arquivos do arcebispado de Lião, cartão 1 II 9.

³⁶ Ibid. Quadro geral dos padres da diocese de Lião de 1º vindimário 1802, redigido pelo vigário-geral Courbon.

³⁷ Arcebispado de Lião, cartão 2 II 92.

Farnay (St. Euchèr)	Nolhac Jean, nascido em 1/12/1741. Tem uma pensão do Estado	Em 20/2/1803. Instalado em 14 de março.	Em N.D. do Puy	6 anos em St. Julien- en-Jarez.
Izieux (St. André)	Farge Pierre- François, nascido em 26/6/1763. Nenhuma pensão do Estado	Em 20/2/1803. Instalado no domingo seguinte		Missionário em Pouilly-les- Feurs
Lavalla (St. Andéol)	Abrial Pierre, nascido em 25/6/1750. Nenhuma pensão do Estado	Em 8/2/1803. Instalado no domingo seguinte	Vigário em Tarentaise.	Missionário em Lavalla durante um ano.
Saint Just em Doizieux	Limosin Jean, nascido em 8/12/1763 Em 20/2/1803.	Instalado em 11 de março		
Missionário em Jonzieu	St. Martin à Coalieu	Granjon Marcellin, nascido em 25/7/1745. Pensão de 133 F. por semestre	Em 5/9/1803. Instalado em seguida	Cura de Périgneux

Este quadro nos informa que o culto é regularmente restabelecido em fevereiro de 1803 e, portanto, que o sistema missionário acaba, mesmo se a pensão prevista pela concordata de 1801 ainda não foi depositada para a maioria dos vigários, que vivem então de esmolas e de

seus próprios recursos. Contudo, a continuidade com a Revolução é evidente, pois quase todos os vigários são nomeados no lugar de sua atividade missionária ou na proximidade. Em compensação, a ruptura com o antigo regime está consumada: a maioria dos padres que exerceram

antes da Revolução não reencontra sua antiga paróquia. Todos os nascidos entre 1735 e 1763 sua idade se reparte entre 69 e 41 anos. Sua média de idade sendo de 53 anos, é um clero idoso, sobretudo para a época. É por isso que as autoridades diocesanas estão muito preocupadas em constituir um novo corpo sacerdotal, do qual Champagnat, recrutado nesse mesmo ano de 1804, vai fazer parte.

Sobre a qualidade desse pessoal, o Quadro do clero de 1802³⁸ dá detalhes interessantes: O Sr. Julien Dervieu, futuro adversário depois amigo do P. Champagnat, é considerado como um “bom sujeito sob todos os pontos, de saúde fraca influenciando seu caráter³⁹ político”. Pierre Farge é “muito bom sujeito sob todos os aspectos, boa saúde”. Em compensação sobre o Sr. M. Nolhac, vigário de Farnay: “intruso⁴⁰ em St. Julien de Jarret [...] perseguidor arrebatado, frequenta os botequins”. Marcelin Granjon é também “jurador cismático”. Quanto a Jean Limosin, ele é simplesmente indicado como “da diocese de Puy”.

3.3. O restabelecimento do culto em Lavalla

Quanto à assistência clandestina de Lavalla a partir de 1793, podemos

pensar que Gaumont continuou a assegurá-la até sua detenção em 1794, e que Abrial, antigo vigário de Tarentaise, paróquia vizinha de Lavalla, sucedeu a ele. Aliás, Barge evoca (cap. XLVIII), a presença de Abrial, infelizmente sem data precisa, mas antes de 1800, recordando um assunto aldeão: tendo morrido o prefeito Tissot, Jean Joseph Tardy⁴¹ aceita o posto depois de algumas hesitações sob a influência do vigário Rivory “que havia abdicado do sacerdócio no tempo do terrorismo, e reavido pela influência do Sr. Abrial, então vigário da paróquia de Lavalla, junto ao Sr. Courbon, grande vigário da catedral de Lião. Ele (Rivory) testemunhou tanto reconhecimento por esse benefício, tanto adulou seu protetor, que ele (Abrial) lhe pediu que fosse seu vigário”.

Entretanto, Barge nos diz (cap. XLV) que a igreja de Lavalla foi reaberta a 15 de novembro de 1801 por ocasião da paz. Não assinala a presença de Abrial como celebrante, mas a do padre Berne, que “foi hospedado na paróquia”. O fato é confirmado pelo Quadro geral dos padres de Lião⁴² que descreve assim Berne: “Natural de Lavalla, ordenado no começo da revolução, com cerca de 37 anos de idade, vigário de Lavalla, suficientes talentos, zelo e piedade”. No ambiente pós-revolucionário, e antes

³⁸ Arcebispado de Lião, registro 2 II 83*.

³⁹ O Pe. Champagnat fará duramente a experiência disso.

⁴⁰ Padre constitucional.

⁴¹ Uma das obrigações do prefeito é fazer os jovens partirem para o serviço militar, o que não é fácil!

⁴² Arcebispado de Lião, caixa de papelão 2 II 83.

que as autoridades eclesiásticas tenham restabelecido a ordem, será que o filho da região, por um tempo, foi mais patriota que missionário? Em todo o caso, o mesmo Quadro geral de 1802 é bastante elogioso para com Abrial e o reconhece também como vigário de Lavalla:

“Ex-vigário de Tarentaise, de uns 45 anos de idade, com talentos suficientes, bastante zelo e piedade, vigário de Lavalla, trabalhando durante toda a revolução”.

Para compreender essa aparente anomalia, é preciso sem dúvida considerar que Berne e Abrial partilharam a paróquia, talvez desde 1794, tendo este último se encarregado da parte alta (Le Bessat, les Palais...), voltada para Tarentaise, e Berne assegurando a pastoral da parte baixa, voltada para St. Chamond. Naturalmente, as autoridades eclesiásticas dificilmente podem deixar Berne na sua paróquia de origem, e Abrial, também significativamente mais velho, recebe o posto de vigário que sua ação lhe mereceu. Respondendo a um inquérito diocesano de 1º de agosto de 1804⁴³, Jean-Marie Berne, nascido em 5 de novembro de 1758, declara ter sido nomeado para a sucursal de Planfoy, no cantão de St. Genest Malifaux em 7 de fevereiro de 1803 (18 pluvioso ano 11) e precisa: “Eu atendia à paróquia de Lavalla cantão de Saint Chamond”.

Sobre Rivory, de quem Barge fala muito mal, o Quadro geral dos padres confirma parcialmente suas afirmações: “Natural de St. Martin de Coailleux, com 50 anos de idade, ex-vigário de Doizieu, reintegrado, talentos comuns, bastante bom juízo, boa conduta”. O termo “reintegrado” significa, portanto, que Rivory prestou o juramento constitucional e fez uma retratação, seguida de um tempo de provação antes de 1802. Como Courbon não assinala que ele é abdicador, Rivory certamente não renunciou em tempo nenhum ao sacerdócio, como afirma Barge. Ele provavelmente foi vigário da igreja constitucional em Doizieu, paróquia bem próxima, antes de regularizar sua situação e de trabalhar como auxiliar de Abrial. Em todo o caso, em 1802 Courbon não lhe atribui ainda nenhum posto oficial. Deve ter sido nomeado vigário de Abrial no ano de 1803.

Barge acrescenta que logo instalado, o vigário procura suplantar seu cura e apoia o prefeito Tardy que “não amava o Sr. Abrial por razão longa demais para expor”. Por suas manobras, Rivory teria obtido o secretariado da prefeitura e o afastamento de Barge.

Em 29 de março de 1806, o Pe. Pierre Abrial, que ainda não recebeu nenhum pagamento do governo, é

⁴³ Arcebispado de Lião, caixa de papelão 2 II 92

nomeado para La Chapelle, nos Monts do Pilat, cantão de Pélussin, paróquia onde o governo paga o vigário. No mesmo dia, o Pe. Benoît Rivory, seu vigário, nascido em 19 de janeiro de 1747, que recebe do governo uma pensão de 266 F., é nomeado para a paróquia de Rochetaillée, no cantão de St. Etienne⁴⁴.

Em 17 de abril de 1806, o Pe. Bussot (Joseph-Marie) até então vigário de St. Etienne, nascido em 3 de julho de 1764, que recebe do governo a pensão de 266 F., sucede a Abrial na paróquia de Lavalla, posto sempre “não pago pelo governo”⁴⁵. Ele tem certamente um vigário do qual não conhecemos o nome, mas trata-se provavelmente do Pe. Rebod⁴⁶. Barge nada diz sobre ele, mas em 1802 o Quadro do clero de Courbon traça este retrato: “Bussot⁴⁷, ex-lazarista, de uns 38 anos de idade, jurador, cismático, intruso, retratado em 97, reconciliado em 1801, vigário em Sury, se comportando bem, temendo o santo ministério”. É, portanto, um velho religioso, que foi padre constitucional, vigário em Sury, tendo retratado seu juramento em 1797, mas parecendo hesitar por muito tempo em reconhecer sua culpabilidade, como exige Linsolas⁴⁸. Enfim absolvido, realizou um

tempo de provação como vigário de St. Etienne, provavelmente a partir de 1803, antes de ser nomeado para Lavalla, em 1806. A situação não lhe deve ter sido fácil numa paróquia constantemente hostil à Igreja constitucional e ao território pouco adaptado para alguém que “teme o ministério”. Como ninguém fala dele, parece ter sido um personagem apagado. Quando renunciou em 31 de janeiro de 1812, está com apenas 48 anos, e o Pe. Rebod, de 34 anos, torna-se vigário em 5 de fevereiro de 1812⁴⁹.

CONCLUSÃO

Este estudo rápido sugere que nos anos de 1798-99 o culto clandestino funciona quase por toda a parte no cantão de St. Chamond, mas de maneira bastante informal, apesar dos esforços de Linsolas para coordenar a ação. A grande restauração da ordem se desenvolve em 1803, o Pe. Courbon, vigário-geral, muitas vezes ratificando as situações anteriores. A partida de Abrial e de Rivory em 1806 marca para Lavalla o fim da época das missões.

Evidentemente, muitas questões continuam na incerteza. Assim, vimos

⁴⁴ Arcebispado de Lião, registro das nomeações I 19.

⁴⁵ Ibidem.

⁴⁶ Os registros não mencionam os nomes dos vigários. Sobre o vicariato eventual do Pe. Rebod, ver o artigo seguinte.

⁴⁷ Nenhum prenome assinalado.

⁴⁸ Contrariamente a muitos, Linsolas é muito intransigente para com os antigos padres constitucionais que devem fazer um ato explícito de arrependimento.

⁴⁹ Arcebispado de Lião, registro I 19.

que o sistema das missões repousava largamente sobre os leigos. Mas quem foi o “chefe leigo” de Lavalla? E o catequista estável? Parece que é necessário olhar do lado dos notáveis da paróquia, particularmente ativos na oposição ao jacobinismo, como os Tardy das aldeias do Coing e de Soulages, os Rivat de Luzernod, de Pinay e de Maisonnottes, os Tissot... considerados, após o cerco de Lião, como aristocratas.

Em todo o caso, de 1794 a 1803 aproximadamente, funcionou na diocese de Lião uma Igreja revolucionária à sua maneira, não repousando sobre paróquias governadas por curas, mas sobre a colaboração de um clero missionário itinerante e de leigos militantes garantindo a administração local do culto. A Igreja hierárquica em nada é questionada no plano teórico, mas torna-se praticamente difícil um simples retorno à velha ordem de coisas, porque os leigos, que fizeram viver a Igreja em tempos de perseguição, só conhecem bem o funcionamento que ela tinha antes da Revolução que, ademais, os obrigou a fazer sua educação política. Mais claramente que antes, eles distinguirão as competências religiosas e profa-

nas, e o pároco Gaumont, que parece ter sido o homem influente da paróquia até 1793, pode ser considerado o último pároco do Antigo Regime.

Considerando a possibilidade de Irmãos catequistas em Lavalla, Champagnat encontra-se na continuidade do que foi vivido na diocese sob a Revolução. Parece que ele mesmo se pensou como o missionário de um território que não pode e nem deve evangelizar sem o apoio ativo de leigos militantes. A questão de uma filiação entre a pastoral de Linsolas e a de Champagnat merece ser levantada, tanto mais que, durante sua infância, frequentou certamente missionários itinerantes e viu leigos garantindo o funcionamento local da Igreja.

4. O PADRE REBOD, PÁROCO DE LAVALLA (1812-1825)

Jean-Baptiste Rebod (ou Rebot, Rebau...) ⁵⁰ é nomeado vigário de Lavalla em 5 de fevereiro de 1812. Os arquivos diocesanos ⁵¹ o declaram nascido em St. Just-Malmont, no Haute-Loire em 10 de dezembro de 1778 ⁵².

⁵⁰ Os arquivos do arcebispado o denominam «Rebod». A *Vida* parece não dar seu nome. O Ir. Avit o nomeia “Rebot”.

⁵¹ Registro I 19. Informações tomadas em OM4, p. 428

⁵² Um dos descendentes da família Rebod o situa como filho de Jean Rebod, nascido em 1746, habitante de Marlihes, e de Marie Louison, tecelã, natural de S. Just-Malmont. Ele seria o segundo de seus oito filhos, nascido em Marlihes em 5 de fevereiro de 1776. Quando de seu recenseamento na comuna de Marlihes em 1790, o cura Alliot encontra essa família Rebaud na vila de Joubert. O pai é classificado entre os proprietários, o que sugere certa ascensão social, pois quando de seu casamento em 1774 é declarado jornalista. Mas Jean-Baptiste, que teria 14 anos, não mora com a família e poderia ser colocado como empregado. Essa hipótese nos parece insuficientemente embasada e esse J.B. Rebeau seria um homônimo de nosso pároco.

Rebod é, portanto, natural da mesma região que Champagnat, sendo que as aldeias de Marlhès e St. Just estão a alguns km uma da outra, e ambas da diocese do Puy, antes da Revolução. Mas a criação dos departamentos para a Revolução estabeleceu St. Just-Malmont em Haute-Loire e Marlhès em Loire. Na concordata de 1801, Marlhès é reatada à diocese de Lião, ao passo que St. Just Malmont faz parte da diocese de St. Flour-Le Puy⁵³.

Rebod não fez seus estudos eclesiásticos na diocese de Lião e não pôde ser ordenado antes de 25 anos de idade, porque durante a Revolução os seminários são interrompidos e só recomeçam a funcionar lá por 1800⁵⁴. Será preciso, portanto, situar a data de sua ordenação sacerdotal por volta de 1803-1806. Teria então entre 25 e 28 anos, idade bastante comum nos seminaristas depois da Revolução. Não consta nos registros do arcebispado de Lião antes de 1812. Portanto, terá sido formado e depois ordenado na diocese de St. Flour-Le Puy, depois incardinado na diocese de Lião⁵⁵.

Uma passagem do relatório Bourdin parece dar um esclarecimento importante sobre o início da sua presença em Lavalla porque, em 1817, quando da sua rixa com Champagnat para a compra de uma casa, o documento relata: «ele não quer (comprar a casa) com medo de não ficar 10 anos como cura». De fato, faz apenas cinco anos que Rebod é pároco e seria mal compreendido se recusasse essa compra, alegando uma saída eventual cinco anos depois. É preciso, sem dúvida, interpretar essa palavra como afirmando a sua presença na paróquia durante uma década, primeiro como vigário, depois como pároco, o que nos remeteria aos anos de 1806-1807⁵⁶.

O fato de aceder, aos 34 anos, a uma paróquia bastante importante mostra que é considerado como homem de certo valor e que não é malvisto pela população. O Quadro da população da comuna de Lavalla⁵⁷ mostra que em 1815 ele mora na aldeia com sua mãe, sua irmã e um criado. Seu vigário chama-se Artaud.

⁵² A diocese do Puy só será restabelecida em 1823.

⁵³ Cursos regulares de Teologia recomeçam em Lião na festa de Todos os Santos de 1801, e o seminário maior em janeiro de 1803 já conta com 60 a 80 teólogos num seminário provisório (Vie de M. Duplay, t. 1 p. 170) e em 1805, o antigo seminário Santo Irineu reabre suas portas.

⁵⁴ Essa transferência daria certa credibilidade à tese de um Rebod natural de Marlhès e reclamado pela diocese de Lião, como aconteceu em seguida a Courveille.

⁵⁵ OM2, doc. 754, § 2.

⁵⁶ Só conhecemos uma fotocópia, proveniente, sem dúvida, dos arquivos da comuna de Lavalla.

⁵⁷ Mas a genealogia feita por um descendente indica que ela morreu em 1812. É um argumento muito forte contra a hipótese de um Rebod nascido em Marlhès, em 1776.

4.1. Barge severo para com Rebod

Já indicamos que Barge, nas suas memórias, acha que o cura é vaidoso, autoritário, “ávido de bens e de honras”. No cap. LVI de suas memórias, deplora que “se prevalecendo sem cessar de sua autoridade”, queira controlar as funções do clérigo (sacristão) e dos que tocam o sino. Barge o censura ainda por querer impedir as pessoas de dançar (cap. LVI).

O que é que se deve guardar de tal julgamento que pode aparecer como muito partidário e, em resumo, banal numa época em que o clero quer reconstituir o quadro paroquial e retomar o controle da fábrica (administração dos bens), que era mais ou menos confundida com o conselho municipal?

4.2. De Barge ao Ir. Jean-Baptiste

Nos capítulos 4 e 5 da Vida de Champagnat, o Ir. Jean-Baptiste Furet nos apresenta em 1856 uma situação bastante convencional da paróquia de Lavalla no momento em que Champagnat aí chega em 1816. Assim (p. 34): “O povo de Lavalla era bom e gente de fé; porém muito sim-

ples e sem instrução”. Muitas pessoas não se confessam havia muito tempo. Outras se contentavam com a confissão pascal (cap. 5, p. 44). Os principais vícios e abusos da comuna, contra os quais Champagnat vai lutar, são: a embriaguez, as danças, as reuniões noturnas⁵⁹, os juramentos⁶⁰, a blasfêmia e a leitura dos maus livros.

É um julgamento que se poderia estender a quase todas as paróquias de França e até da Europa. A gente se pergunta, aliás, como os maus livros podem ser um flagelo numa população declarada, um pouco antes, de ignorante⁶¹. Mas é verdade que os vendedores ambulantes vão de granja em granja para vender fio, agulhas, pequenos objetos de pequeno custo e também livros julgados a priori perigosos porque não controlados pelas autoridades eclesásticas⁶². Na realidade, Lavalla é uma boa paróquia onde o culto católico nunca foi interrompido. São as pessoas ignorantes? São, sem dúvida, pouco alfabetizadas, mas nem mais nem menos que alhures e certamente não incultas. A Revolução as habituou a se ajeitarem por si mesmas, inclusive em matéria religiosa. Como, após a morte do pároco Gaudmont em 1794, viram desfilar muitos

⁵⁹ Os serões durante o inverno, que permitem especialmente os contatos entre os jovens e as moças e frequentemente oportunam danças.

⁶⁰ O termo «jurement/juramento» é tomado aqui no sentido de palavrão.

⁶¹ De fato, vendedores ambulantes vendem livros de todas as proveniências numa população que domina a leitura mais do que as elites acreditam.

⁶² Ver *Vida do P. Champagnat*, cap. 5, p. 50, que relata sua luta contra os maus livros e a criação, por ele, de uma biblioteca de bons livros.

párocos e vigários, sua atitude para com o clero evoluiu.

Sobre Rebod, o Ir. Jean-Baptiste junta-se parcialmente a Barge: o pároco “ainda que bom padre [...] não era amado” devido a um defeito de língua, que tornava seus sermões penosos⁶³. A razão dada parece muito superficial⁶⁴. A gente pode se perguntar sobre a natureza desse defeito, que poderia ser menos uma pronúncia difícil do que uma tendência a dizer em público coisas desagradáveis ou humilhantes. Aliás, o capítulo 11 da *Vida*, p. 111, relata dois traços visando a Champagnat e apoiando essa hipótese:

“Num domingo, enquanto o Padre Champagnat, depois das completas, fazia uma pequena exortação aos fiéis, o pároco entra de supetão na igreja pela porta principal e daí entoia o hino O Crux, ave... com o qual se costumava encerrar este exercício. Surpresos e escandalizados, os fiéis se voltam, acompanham-no com o olhar, ouvem-lhe o canto com indignação, numa demonstração inequívoca de sua desaprovação. O Pe. Champagnat, sem deixar transparecer nenhuma emoção ou contrariedade, aguardou que o pároco terminasse o canto e prosseguiu a instrução”.

“De outra feita, durante uma catequese preparatória à confirmação, no momento em que dizia ser o bispo o ministro deste sacramento, o pároco entra na igreja e, voltando-se para os fiéis, grita: ‘Os sacerdotes também,

meus irmãos, podem administrar a crisma, com a devida autorização’. Com muita frequência, o Pe. Rebod tomava tais atitudes, e o Pe. Champagnat sempre respondia por uma paciência inalterável”.

Ele menciona outro defeito do pároco que Barge não assinala: sua inclinação para a bebida que teria sido uma causa de escândalo para a paróquia. O Pe. Etienne Bedoin, pároco de Lavalla de 1824 a 1864, protestou contra essa passagem, mas sem a desmentir: “Valia bem a pena divulgar um fato cujo conhecimento não se estendia além do pequeno círculo de Lavalla”. A reputação infeliz do pároco sobre esse ponto pode vir-lhe, aliás, do apoio que ele deu ao professor bêbado.

Mas deve-se dar tanta importância a um defeito que a população, levada também ela à bebida, ao menos em dias de festa, olha com certa indulgência? Pode ser também que a saída do professor em 1819 e a sobriedade de Champagnat tenham impedido ao pároco de ir longe demais. Além disso, em 1825, o Pe. Rebod se tornou capelão das Ursulinas de St. Chamond: uma posição que supõe um homem de bons costumes e também capaz de pregar. Na verdade, o cerne do problema é o seguinte: O Pe. Rebod é um pároco zeloso de sua autoridade e quer governar sua paróquia como nos ve-

⁶³ Cap. 4, p. 34.

⁶⁴ Na sua crítica da *Vida de Champagnat*, o pároco Bedoin, sucessor de Rebod, criticará esse julgamento. Ver «Documentos Maristas», n. 1, Roma, 1982, que dá uma cópia dessas críticas...

Ihos tempos. É disso, aliás, que Barge o acusa.

4.3. As rixas de Rebod com Champagnat

Com seu vigário, ele tem a mesma atitude autoritária, mas o ponto capital de sua divergência é, sem dúvida, mais fundamental. Rebod encara sua paróquia como um território a administrar, ao passo que Champagnat concebe a tarefa dos padres como missionária: mais respeitosa das autoridades civis; levada a procurar a adesão dos corações e a participação dos leigos. Aliás, é para isso que ele funda Irmãos.

Todas essas causas, portanto, provocam um conflito de ricochete do qual o capítulo 11 da *Vida* (p.111 e 112) dá uma visão de conjunto.

“O pároco de Lavalla, um dos primeiros a criticar o bom Padre e a desaprovar-lhe a obra, mantendo o Pe. Bochard a par de tudo o que se fazia entre os Irmãos, redobrou as invectivas contra ele [...]. O pároco desacreditava o Pe. Champagnat até junto aos Irmãos. Mais ainda, procurava desligá-los da congregação; a um dos melhores dispôs-se a receber como seu empregado; a outros, propôs boas colocações no mundo ou a admissão em outras comunidades. Por ocasião da transferência do Ir. Luís para Bourg-Argental, em 1823, fez de tudo para retê-lo e impediu-o de obedecer: “Sou eu o pároco, você é natural de minha paróquia, não quero que vá embora. Deixe o Pe. Champagnat falar. Ele não sabe o que faz””.

O relatório Bourdin⁶⁵, escrito lá por 1830 e fundamentado largamente sobre o testemunho de Champagnat, dá em estilo muito telegráfico o detalhe das peripécias da luta entre cura e vigário do qual podemos reconstruir as etapas. Desde 1817, Champagnat tenta persuadir o pároco de comprar a casa Bonner para torná-la escola e fundamento de sua obra. Como o pároco recusa, Champagnat a compra, mas o cura suscita uma discórdia entre o pai e o filho Bonner e obriga Champagnat a passar um novo contrato mais oneroso em 1818. Finalmente, o cura dá dinheiro para essa aquisição.

Os Irmãos, tendo começado a receber meninos com a autorização do pároco, a obra faz concorrência ao ébrio mestre da escola, que o cura sustenta, mas que deverá partir em 1819. Provavelmente no fim de 1818, um partido, sem dúvida sustentado pelo pároco, acusa Champagnat ao vigário-geral Bochard de fazer reuniões ilícitas de jovens (trata-se, sem dúvida, de Irmãos) e de ter desviado uma coleta. Mas Champagnat parece justificar-se com bastante facilidade e morando com os Irmãos no final de 1819, ele afirma sua autonomia e aquela de sua obra para com o pároco, certamente com a aprovação tácita de Bochard. Para atenuar o efeito do caso e poupar o amor-próprio de Rebod, mudou-se durante a noite. Uma pequena guerra entre o cura e

⁶⁵ OM2, doc. 754.

seu vigário, começada em 1817, termina, portanto, no final de 1819 com a derrota do pároco. Pode-se perguntar se, na paróquia, a autoridade moral não passou, desde essa época, do cura para o vigário.

Não terá Rebod desempenhado um papel no novo ataque bem mais grave, provavelmente em 1820, da parte do diretor do colégio de St. Chamond e do Pe. Dervieux, pároco de St. Pierre de St. Chamond e presidente do comitê cantonal da Instrução Pública? Pode-se supor que sua reserva e seu mau humor permaneceram vivos, mas daqui em diante o problema se situa num nível superior.

4.4. Certa convivência entre os dois homens

Entretanto, essa guerrilha não está isenta de armistícios. Aliás, Rebod parece um caráter bastante fraco, pronto a se opor violentamente às iniciativas de seu vigário, mas disposto a deixar fazer por pouco que estas se mostrem judiciosas. E, em resumo, de 1816 a 1824, cura e vigário, a despeito de conflitos agudos, viveram em relativo bom entendimento. O Ir. Jean-

Baptiste⁶⁶ atribui todo o mérito ao P. Champagnat, mas é preciso convir que um vigário cheio de iniciativas e cuja obra atraía a atenção não era um auxiliar garantido. Parece, entretanto, que o cura nunca pediu a substituição de seu vigário. Aliás, será que todos os paroquianos estavam satisfeitos com um vigário pronto a reprimir a bebedeira e ir de noite impedir os bailes nas vilas, como nos relembra longamente o Ir. Jean-Baptiste⁶⁷? É bem possível que Rebod tenha sido forçado a arbitrar entre paroquianos e vigário.

Sobre as relações entre os dois homens, dispomos de um documento de primeira importância com o relatório do inspetor Guillard, que ao visitar Lavalla em 20 de abril de 1822, depois de descobrir, ao passar em Bourg Argental e St. Sauveur,⁶⁸ que os professores são “os supostos Irmãos [...] formados pelo vigário de Lavalla, que eles chamam de superior-geral”⁶⁹. Quando chega a Lavalla, ele constata:

“O Sr. pároco (mau poeta⁷⁰) está muito descontente com seu vigário que não tem, para dizer a verdade, latinistas⁷¹, mas uns 12 a 15 jovens camponeses que ele forma no método dos Irmãos para distribuí-los nas paróquias”.

⁶⁶ *Vida*, cap. 4, p. 36-37.

⁶⁷ *Vida*, cap. 5, p. 48-51.

⁶⁸ 23-24 de abril.

⁶⁹ OM1, doc. 75

⁷⁰ Um homem que se pretende poeta (fazendo rimas), mas sem talento.

⁷¹ Portanto, não tem colégio como o acusa o diretor de St. Chamond.

Rebod, portanto, não sustenta a acusação feita em Saint Chamond contra Champagnat. Mas o inspetor, tendo visto os Irmãos de St. Sauveur e Bourg Argental, não se deixa convencer, e o pároco deve reconhecer que seu vigário “leva seu zelo longe demais, querendo estabelecer-se superior de uma congregação não autorizada legalmente, e ao se fazer dar a legítima⁷² desses jovens que poderiam ser vítimas, se a congregação não se sustentasse”. Ele ainda tem o cuidado de antes esclarecer “que está de acordo com seu vigário sob todas as relações”, menos a da congregação. Champagnat, interrogado, só pode reconhecer que projeta uma congregação. Guillard visita depois “o local da congregação” que acha pobre e sujo, mas não vê nenhum Irmão. Curiosamente, não se trata da escola comunal.

A visita parece que se desenrolou conforme este cenário: de Bourg Argental ou de St. Sauveur, avisou-se Lavalla da inspeção e foram afastados os jovens Irmãos e os jovens em formação. Por isso, contrariamente às duas paróquias precedentes, Guillard não viu nenhum Irmão⁷³, e o cura não confessa na hora que seu vigário constitui uma congrega-

ção, mas uma espécie de escola normal de professores rurais. Como essa mentira piedosa não pode resistir por muito tempo, Champagnat deve também admitir seu projeto. Guillard compreendeu: inútil continuar e procurar os Irmãos que ele sabe que estão presentes na comuna.

Nesse caso, portanto, Pe. Rebod tentou preservar a obra de Champagnat e sem a prévia visita de Guillard a Bourg Argental e St. Sauveur, talvez teria conseguido. Quanto ao seu ponto de vista sobre a congregação em formação, ele é, em resumo, moderado e não desprovido de pertinência. Ele também resume a opinião de um grande número de eclesiásticos da região. Finalmente, Rebod não censura Champagnat de agir sem a permissão das autoridades diocesanas.

Outros fatos relatados apresentam um Rebod muito tratável. O relatório Bourdin observou que, no caso da compra da casa Bonner em 1817-18, o pároco acabou por pagar alguma coisa⁷⁴. É possível que na morte do cantor em 1816, tenha contratado J. M. Granjon para sucedê-lo⁷⁵. A *Vida* (cap. IX, p. 341) cita um caso interessante:

⁷² A herança da qual o herdeiro não pode ser privado.

⁷³ Os oito postulantes de Haute-Loire chegaram no fim de março.

⁷⁴ OM2, doc. 754 § 3: «Em seguida, ele ajudou, deu dinheiro».

⁷⁵ Relatório Bourdin: « [8] (Parágrafo à parte) Cantor morre jovem... Preciso de um homem como você me descreveu». Pode-se supor tal conversa no final de 1816. O cargo de cantor teria permitido certa renda a J.M. Granjon que Champagnat persuade então a se estabelecer na aldeia.

“Um dia, o pároco de Lavalla, passando pelo refeitório durante o jantar, não viu senão um prato de salada, cuja quantidade estava longe de corresponder ao número de oito pessoas em cada mesa : ‘Pobres rapazes’, exclamou levantando os ombros, ‘eu poderia levar seu jantar todinho na minha mão!’⁷⁷.”

Além de o texto indicar que o número de convivas é pelo menos de dezesseis, ele apresenta uma cura bastante familiar com os Irmãos e não desprovido de compaixão. O processo diocesano de beatificação⁷⁸ dá o testemunho de Joseph Violet que, pensionista, narra um fato que ocorreu em 1822, durante o aumento da casa de Lavalla: “Um dia, ele (Champagnat) foi provocado por seu pároco a levantar uma grossa pedra com o pedreiro que ele (sic) ajudava e conseguiu pô-la no lugar”. Enfim, o relatório Bourdin evoca o embaraço de Rebeau que recebeu uma carta de Bochard reagindo a acusações contra Champagnat, das quais talvez seja o inspirador e que não sabe como lhe remeter: “Nessa época, a

carta do Sr. Bochard dirigida ao Pe. Reboast que não ousava manifestá-la, consultava como fazê-lo”⁷⁹. Ao todo, Rebaud nos aparece como um homem corajoso, inteligente, mas um pouco instável de caráter, que não soube ganhar a aceitação de sua paróquia e se acha um pouco ultrapassado por um vigário empreendedor.

4.5. O mais grave: a desunião Seyve-Champagnat (1824)

No momento em que se prepara a construção de l’Hermitage, na primavera de 1824 (*Vida*, p. 114), o Pe. Seyve vai ter indiretamente um papel importante nas origens maristas, porque circula na paróquia uma petição solicitando a sua substituição. A *Vida* afirma que um clérigo a encabeça, e o Pe. Bedoin, nomeado pároco de Lavalla, depois desse caso, em 24 de maio de 1824⁸⁰, criticará essa interpretação⁸¹. Vale a pena colocar em paralelo o texto da *Vida* com o de sua refutação.

Vida, p. 114	Pe. Bedoin
«De volta a Lavalla, o Pe. Champagnat encontrou a paróquia em polvorosa. Um Padre, que o vigário enfermo chamara para ajudá-lo na prepa-	«Foi o Pe. Champagnat em seu próprio nome, e não o Senhor pároco, que, tendo ido pessoalmente ao lugar e à residência desse clérigo, lhe su-

⁷⁶ Mesa.

⁷⁷ Há, portanto, certa familiaridade entre a comunidade e o cura. Sua compaixão pode ser interpretada como uma crítica do superior.

⁷⁸ Transcrito pelo Ir. Carazo, Roma 1991 p. 85.

⁷⁹ OM1, doc. 104.

⁸⁰ OM1, doc. 104.

⁸¹ Série «Documentos Maristas» n. 1, Roma, 1982, p. 16.

ração da Páscoa, aproveitara-se da ausência do pastor para indispor os paroquianos contra ele. Por sua instigação, circulara um abaixo-assinado pedindo a mudança do pároco e sua substituição pelo referido padre. Embora tivesse mil razões de queixar-se do pároco, o Pe. Champagnat não hesitou em tomar-lhe a defesa e apoiá-lo. Condenou clara e abertamente o que se passara. Chamou os líderes da paróquia que haviam subscrito a petição, expressou-lhes seu descontentamento e convidou-os a desistir de tal propósito. Repreendeu também o padre, centro de todas as intrigas, e declarou-lhe não querer nenhuma relação com ele, o que muito o irritou.

plicou com insistência de vir a Laval-la para a Páscoa, o que de fato obteve, mas com muita dificuldade. É completamente falso que, por instigação desse Senhor, uma petição tenha sido dirigida pelos paroquianos para obter a mudança do Sr. pároco. O próprio Pe. Champagnat não era estranho a essa comoção de paróquia e tinha intenções muito acentuadas sobre esse eclesiástico, que partilhava então sua maneira de ver. Esse padre, cuja cabeça encanecida pelos anos é cercada de respeito e de veneração, pode dar provas da última evidência de uma tão injusta calúnia⁸²».

O eclesiástico em questão é o padre Jean-Baptiste Seyve (1789-1866), aspirante marista. Pároco de Arthun em 1821, retira-se em 20 de outubro de 1823 “e foi então, sem dúvida, que veio a Lavalla para ajudar o Pe. Champagnat”⁸³. Aliás, o relatório Bourdin também o menciona: “O Pe. Sève assiste a obra”⁸⁴. A tentativa de desestabilização do pároco e a intervenção de Champagnat se deram na primavera, portanto, antes da construção de l’Hermitage, já que o Pe. Seyve foi nomeado pároco de

Burdigne, em 5 de maio de 1824⁸⁵. Champagnat, que contou com o Pe. Seyve para substituí-lo nas funções vicariais para preparar e realizar a construção de l’Hermitage, perde seu substituto e pede ao arcebispo que nomeie em seu lugar do Pe. Courveille⁸⁶. O Conselho de Dom de Pins, em 12 de maio de 1824, autoriza este a vir ajudá-lo “em sua instituição dos Irmãos das Escolas”⁸⁷. Portanto, não é vigário substituto, mas auxiliar da obra de Champagnat, que, sem dúvida, confiava as mes-

⁸² A edição de 1989 da *Vida* não indica em nota essa interpretação do Pe. Bédoin, todavia muito importante.

⁸³ OM4 p. 354. É o sinal de que, mesmo antes da vinda de Dom de Pins, a diocese ampara a obra de Champagnat, que começa, desde 1823, a procurar um lugar para estabelecer sua obra.

⁸⁴ OM2, doc. 754 § 29.

⁸⁵ OM1, doc. 98.

⁸⁶ Cartas de Champagnat, n° 30, §, agosto-setembro de 1833.

⁸⁷ OM1, doc. 101.

mas atribuições para o Pe. Seyve. Courveille se retira de Epercieux em 30 de junho de 1824 (OM1, doc. 111), no momento em que começa a construção de l'Hermitage.

A retirada do Pe. Seyve e a intervenção de Champagnat não foram suficientes para acalmar a campanha contra Rebod. Em 24 de maio de 1824, o registro das deliberações do Arcebispo (OM1 doc. 103) observa: «As queixas contra o Pe. Rebod, pároco de Lavalla, se renovam constantemente». Então ele decide: “1º O Pe. Bedoin, vigário de St. Marie de St. Etienne, é nomeado pároco de Lavalla; 2º O Pe. Rebod será notificado dessa medida nos termos mais obsequiosos, será até avisado de que poderá sem dificuldade prolongar sua estada em Lavalla”.

O arcebispo cede, portanto, a uma campanha de difamação; mas ao incentivar o Pe. Rebod a ficar na paróquia, ele procura dar a impressão de que sua substituição tem outra causa. Finalmente, a instalação do Pe. Rebod, como capelão das Ursulinas de Saint Chamond, aparece como uma solução honrosa e contradiz a interpretação da *Vida de Champagnat*, que pretende que “a conduta do Sr. pároco de Lavalla lhe havia atraído críticas”. Na verdade, a petição atinge um homem já doente que morre em 27 de janeiro de 1825, com 46 anos.

Cumpra ter em grande consideração a versão do Pe. Bedoin, mais confiável que a *Vida* e que conheceu de perto a situação. Ela tem o mérito

de mostrar que o projeto de construção de l'Hermitage e as numerosas diligências que afastam Champagnat desestabilizam a paróquia, como se a autoridade do vigário fosse fiadora daquela do pároco. O Pe. Seyve encontra-se, portanto, numa situação inextricável entre um pároco na defensiva, um vigário titular ocupado alhures e um partido de oposição comprometido que talvez atribua ao Pe. Rebod o afastamento de Champagnat.

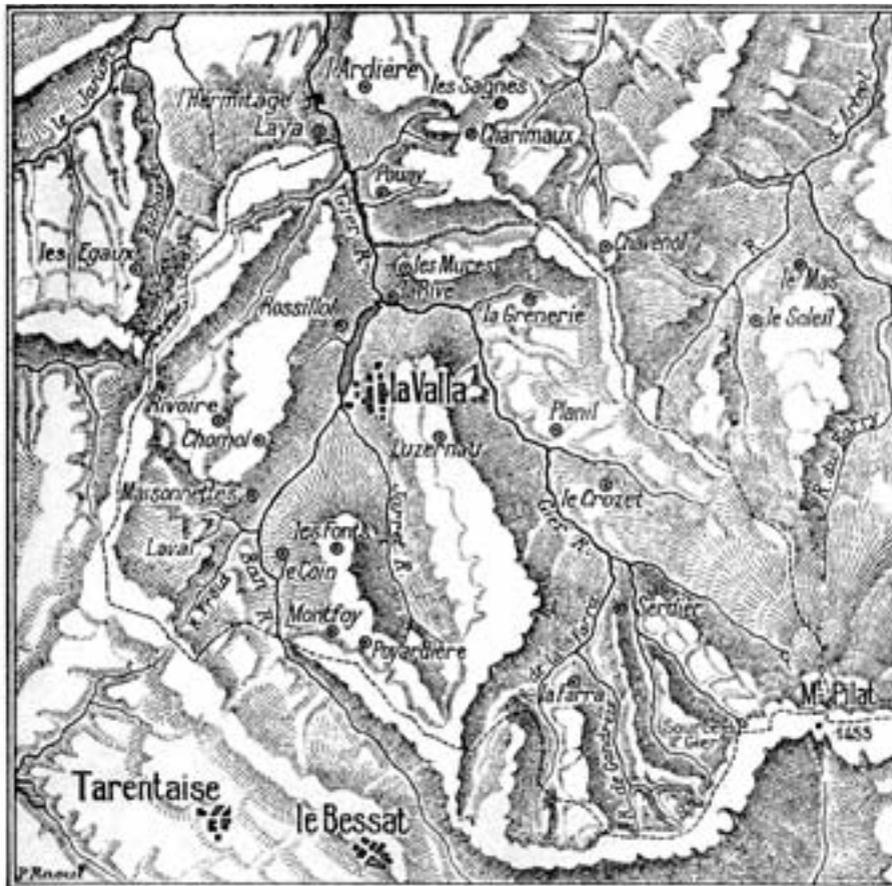
De qualquer maneira, esse assunto tem consequências importantes para a nascente Sociedade de Maria: O Pe. Seyve é excluído do projeto e indisposto com Champagnat. Na emergência, este deve instalar ali, ele mesmo, o homem que irá comprometer sua obra. Mas não é inútil observar que Courveille, apesar de sua pretensão de ser o homem eleito para dirigir a sociedade, é uma segunda escolha e, portanto, Champagnat nutriu bastante cedo algumas reservas a respeito dele.

CONCLUSÃO

No final deste estudo, o Pe. Rebod nos aparece um pouco diferente do que informa a tradição marista. Seus defeitos maiores parecem ter sido: um gênio um pouco temperamental, pronto a palavras ofensivas; e um autoritarismo que denota falta de segurança. Suas disputas com Champagnat parecem mais irritantes que realmente sérias e bastante características das relações entre párocos

e vigários. Aliás, certamente não era fácil governar Champagnat. O verdadeiro problema de Rebod é que não conseguiu se fazer estimar por sua paróquia e que, finalmente, essa

carência teve implicações importantes sobre a mutação da obra de Champagnat, provocando, indiretamente, a substituição do Pe. Seyve pelo Pe. Courville.



Topographie de la commune de La Valla.

Bulletin de l'institut (1913)

5. PANORAMA SOCIOECONÔMICO DE LAVALLA, POR VOLTA DE 1815

Podemos conhecer de maneira muito precisa a demografia, a vida social e econômica de Lavalla quando nela chegou Champagnat, graças a um “Quadro da população da comuna de Lavalla em 1815”. 11 páginas de formato 24 x 36 abrangem sete colunas mostrando, da esquerda para a direita, para cada casa: nome do vilarejo, sobrenomes e nomes dos indivíduos, profissão, número de filhos e número de filhas, número de funcionários e, finalmente, o total de pessoas em cada casa. Assim, sabemos que, no vilarejo de Maisonnets, Jean-Baptiste Rivat é lavrador, tem 4 meninos e 3 meninas; o que perfaz uma família de nove pessoas com sua esposa. Infelizmente, o documento não é bastante completo, e o povoado de Palais, localizado no extremo sul da comuna, onde, em 1816, Champagnat encontrou o jovem Montagne, ficou esquecido.

5.1. O peso das requisições de 1814-1815

Esta tabela foi utilizada, além disso, para estabelecer a quantidade de requisições exercidas sobre os habitantes pelos exércitos estrangeiros. Jean-Louis Barge nos dá também um apanhado no capítulo LIII de suas memórias: “Nessa época as requisições de todas as espécies de alimentos e forragens eram perma-

nentes”. Como o governo prevê indenizações, “o prefeito, diz Barge, mandou fazer uma relação das despesas que fez para as tropas citadas». O retorno de Napoleão impôs a renovação das autoridades municipais, e Barge torna-se assistente do novo prefeito Tissot que...

“andava de povoado em povoado para recolher os recibos do coletor relativos à quota-parte a ser paga a cada habitante... Fui encarregado de fazer um levantamento em ordem alfabética e por coluna em forma de catálogos para apresentar ao Sr. Prefeito, com uma petição assinada por quase todos os habitantes que sabiam escrever.

Mas as requisições de 1814 são poucas, porque os aliados se retiraram rapidamente. Em compensação, depois de Waterloo, a França será ocupada por tropas estrangeiras que viverão no país até o fim de 1818. Vale a pena recordar, que, quando Champagnat chega a Lavalla, a França ainda sofre uma ocupação militar e, portanto, requisições.

O documento mencionado aqui parece, portanto, corresponder a duas datas: um quadro da população estabelecida em 1815 e, sobreposto ao primeiro, um quadro de requisições feitas nos anos de 1815-1818 para os seguintes produtos: feno, centeio, cevada, aveia, trufas (batatas). Praticamente, é preciso considerar que o mesmo agregado familiar é visto por dois ângulos diferentes. É por isso que, no exemplo abaixo, nós representamos cada habitante por duas linhas.

Lugar	Nome	Profissão	Filhos	Filhas	Empregados	Total
Sede	J.L. Basson e sua esposa	Burguês	0	0	2	3
Feno: 12 Centeio: 40	J.L. Basson e sua esposa	Burguês	Cevada: 2	Aveia: 15	Trufas: 30	
Sede	J.L. Barge	Agricultor	0	0	0	2
Feno: 1 Centeio: 3	J.L. Barge	Agricultor	Cevada: 0	Aveia: 1	Trufas: 5	
Maisonnettes	J.B. Rivat e esposa	Agricultor	4 filhos	3 filhas		9
Feno: 3 Centeio: 18	J.B. Rivat e esposa	Agricultor	Cevada: 1	Aveia: 5	Trufas: 18	

Nós temos, com isso, uma ideia do peso das requisições de acordo com a riqueza: O Sr. Basson, único burguês de Lavalla, paga o máximo; Jean-Baptiste Rivat, pai de Gabriel, futuro Irmão Francisco, é um camponês remediado, e Barge, um camponês de nível medíocre. As unidades que acompanham a quantia desses produtos requisitados não são exatas, mas é quase certo que, para cereais e batatas, trata-se de 27,30 litros. Para o feno, pode ser que se trate de carroças de volume indefinido. Assim, o Sr. Basson teria forne-

cido 1.100 litros de centeio; Barge, 82 litros; e J. B. Rivat quase 500. Além disso, esses produtos requisitados nos dão uma boa ideia das produções agrícolas de Lavalla: muito feno, centeio e batatas, bem pouca cevada e um pouco mais de aveia.

5.2. Pagamento das requisições e riqueza

Cumpra constatar que muitas casas não pagam os cinco produtos requeridos, mas apenas alguns. As ra-

zões dessas desigualdades podem ser devidas ao lugar mais ou menos favorável para tal ou qual cultura, mas também à riqueza dos habitantes, sendo que os lavradores em geral pagavam

4 ou 5 dos produtos requeridos, e os diaristas de 3 a 1. Sistematizando os dados do documento, podemos então ter uma visão aproximada das desigualdades da riqueza das aldeias.

Lugares citados	5 e 4/5	3/5	2 e 1/5	0/5	Número de lares
A vila	25 %	6,8 %	50 %	17,2 %	58
La Loge, Surdel, Le Coing, Lolagnier	66	33	0	0	9
Laval	50	16	32	0	12
Le Mont	33	50	16	0	6
Maisonnettes	54	36	9	0	11
Chomiol	60	0	40	0	5
Le Bessat	0	88	11	0	27
Chabourelon, Le Toil, Les Gallots	0	100	0	0	7
Le Bréat, L'Ollagnery, La Fourchina	0	90	10	0	10
Larmusière, La Moneteyre, Chez Colomb	33	50	16	0	6
Les Chazaud, Les Pervenches, Le Rossin, Le Citré, Vasseras	61	30	7	0	13
Luzernaud	52	29	17	0	17
Le Sardier	37	66	0	0	3
Le Bos	0	61	38	0	13
Les Roberts	0	50	50	0	6
La Cognelière, Bourchanin, La Comba	0	57	42	0	7
La Fara	0	39	60	0	28
La Rive	50	0	50	0	6
Les Mures	85	0	14	0	7
Saleyre	75	12	12	0	8
Revicola, La Grenary, La Logne, Lacours	44	22	33	0	9
Sezinieu, Le Planil, La Fojasse	70	30	0	0	10
Le Crozet	33	44	16	5	18
Bertois, les Saignes	43	36	20	0	30
Pioré	42	14	28	14	7
Gurney, Le Ney, Chomienne, La Most	0	100	0	0	8
Ceres?	16	25	25	33	12
Les Cotes, Le Pinay, La Combe	75	25	0	0	12
Les Surchettes, La Cote	60	40	0	0	10
Le Fleurieu	0	100	0	0	7
Fonfoi	70	11	11	5	17
Pont Ch., Rossillol, Soulages	76	15	7	0	13
La Chirat, Pialussin	90	9	0	0	11
Média	39.3 %	39.2 %	18.8 %	2.2 %	100 %

É normal que a vila não forneça grande variedade de produtos, pois uma parte da população se dedica às atividades artesanais e dispõe de poucos recursos. No entanto, isso parece ser um lugar de gritante contraste entre ricos e pobres. Aliás, a primeira ação dos Irmãos consistirá em acolher e alimentar as crianças pobres do povoado. Pelas aldeias, constatamos que os que entregam maciçamente 4 ou 5 itens dos produtos requeridos estão na parte inferior da comuna, onde as condições climáticas permitem culturas diversificadas e mais remuneradoras. Parece ser o caso de Pialussin. Pelo contrário, La Fara, no vale superior do Gier, parece o lugar típico de uma agricultura pobre compensada pela exploração da floresta.

5.3. HIERARQUIA SOCIAL

Em geral, a hierarquia social é claramente indicada nas primeiras linhas do documento que começa pelos notáveis: o pároco Rebod, morando com ele sua mãe, sua irmã e um empregado; seu vigário, o padre Artaud; o senhor Jean-Louis Basson; o senhor Lagnet, ex-notário e o prefeito Jean-Claude Ronchard. Afora esses notáveis que parecem ter direito ao título de «senhor», o resto da população se divide em camponeses e artesãos.

Para os camponeses, o documento distingue “lavradores”, “diaristas”, “agricultores” e “granjeiros”. O primeiro e o segundo termos são clássicos, como em toda a França o

agricultor é aquele que tem pelo menos um pedaço de terra para lavar. Em princípio, é um camponês remediado. O diarista, pelo contrário, é aquele que ganha seu pão dia a dia: é um camponês pobre. Os estatutos de «agricultor» e de «granjeiro», mais suaves, podem ser considerados como intermediários entre o lavrador e o diarista. Em qualquer caso, a hierarquia dos camponeses, quantitativamente, parece estabelecer-se assim:

Agricultores: 176 aproximadamente

- Granjeiros: 40
- Cultivadores: 11
- Diaristas: 148

Quanto aos artesãos, estão presentes, sobretudo na vila e no vilarejo de La Fara. Sua condição econômica parece muito diversa. Além disso, a maioria deve dispor do ordenado de algumas terras.

- Pedreiros: 3
- Sapateiros: 3
- Tecelões: 6
- Carroceiros: 2
- Guarda-florestal: 1
- Serradores: 2
- Ferreiros: 2
- Marceneiros: 2
- Passamaneiros (As 10 irmãs da congregação)
- Tecelões: 2
- Alfaiate: 1
- Moleiro ou moleira : 3
- Mde (?) : 1

A essas categorias convém acrescentar 134 empregados, 16 lares cujo chefe é uma viúva mais ou menos

afortunada, e 6 casas que parecem particularmente pobres, pois não fornecem nenhuma requisição, nem mesmo em batatas.

Tal parece ser o povoado de Lavalla:

- 5 notáveis
- 176 camponeses, relativamente remediados
- Um grupo mais ou menos equivalente de camponeses medíocres ou pobres
- Uma pequena quarentena de artesãos

- Uma plebe de 134 empregados
- Uma trintena de pobres e de viúvas.

Todos repartidos em 434 “lares”, 66 aldeolas e localidades, nas encostas do Pilat entre 460 e 1.160m de altitude.

5.4. Demografia de Lavalla

As aldeias, muito numerosas, são de inegável importância. O quadro seguinte dá uma ideia bastante precisa das principais aldeias e da sede:

Aldeia	População	Nº de «lares»	Nº habit. por lar
La Valla (vila)	228	60	3.8
Laval	85	12	7
Maisonnettes	55	11	5
Le Bessat	127	27	4.7
Luzernod	88	17	5.1
Le Bos	63	13	4.8
La Fara	134	28	4.7
Saleyre	48	8	6
Le Crozet	76	18	4.8
Les Saignes	119	30	3.9
Cérès (?)	47	12	3.9
Fonfoi	80 ?	17	4,3 ?
Total	1100	253	4,3

Assim, cerca da metade da população reside em unidades demográficas compreendendo pelo menos 8 casas e cerca de 50 pessoas. A população da vila parece ultrapassar ligeiramente 10% da

população comunal. O aspecto mais difícil da pastoral de Champagnat não será, portanto, de atuar na vila e nas aldeias importantes, mas de alcançar os vilarejos mais afastados.

5.5. As «irmãs da congregação»

Já vimos que o cura Rebod não habita sozinho, mas que seu presbitério está ocupado por cinco pessoas: ele próprio, sua mãe, sua irmã, um empregado e um vigário. Isso poderia ajudar a explicar por que Marcelino Champagnat, logo que chegou, se empenha em comprar uma casa que lhe permita certa independência apostólica.

Soubemos também que na vila há 10 “irmãs da congregação” exercendo a tarefa de passamaneiras. Aparentemente pobres, pagam apenas uma requisição muito modesta em batatas. J. B. Galley⁸⁸ informa que em 1806 elas figuram, já em número de 10, num quadro departamental das “Irmãs dedicadas à visita dos pobres em domicílio e... à instrução da juventude”. Galley as classifica entre 244 “irmãs de São José” do departamento, este título não significando pertença a uma congregação, mas equivalendo, mais ou menos, a “beatas”.

Em outra obra⁸⁹, Galley cita um documento de 12 junho de 1795 que descreve muito bem seu estatuto que remonta ao Antigo Regime:

“As moças, geralmente pouco ricas, eram costureiras, fiteiras, varejistas, etc.;

elas instruíam em toda a parte as meninas, sendo pagas conforme combina com seus pais; elas não faziam nenhum voto público que as privasse dos direitos civis; eram associadas, na entrada, por uma escritura passada perante o notário que constatava o dote que traziam... “.

São, portanto, associações de direito privado, que foram muito ativas na resistência à revolução e, por isso, muitas vezes denunciadas pelas autoridades revolucionárias, que tendem a exagerar sua influência. Galley, que não gosta muito delas, também destacou seu papel, ao lado das mulheres, dizendo:

“Vemos essas irmãs das campanhas tecendo fita sobre um pequeno tear, como as pessoas pobres; procurando ensinar (às meninas e crianças pequenas) a ler as orações da diocese e as primeiras páginas do catecismo».

Após a Revolução, várias dessas comunidades, por vezes parcialmente constituídas de Freiras idosas, se filiam às congregações renascentes. Esse parece ser o caso das irmãs de Lavalla, porque o Irmão analista informa que essa comunidade, fundada em 1533, se juntou à Congregação das Irmãs de São José de Lião em 1803. Mas elas continuam a tomar o hábito e a fazer profissão em Lavalla. “O Padre Champagnat, sendo Vigário, presidiu muitas dessas cerimônias: via-se aí a sua assinatura”⁹⁰.

⁸⁸ *A eleição de Saint Etienne no final do Antigo Regime*, St Etienne, 1903, p. 567.

⁸⁹ *Saint Etienne et son district pendant la Révolution*, St Etienne, 1907, t. 3 p. 85.

⁹⁰ *Annales de Lavalla-en-Gier*, fascículo transcrito pelo Ir. Louis Vibert, Lavalla, 2009, p. 38.

Ao fundar um grupo de Irmãos ao mesmo tempo trabalhadores manuais e educadores, Champagnat cria uma obra semelhante para homens e meninos.

5.6. Les Palais, Champagnat e o jovem Montagne

Foi nos Palais, aldeia situada no extremo-sul de Lavalla, na fronteira com a paróquia de Tarentaise, que Marcelino Champagnat foi chamado para atender o jovem Montagne⁹¹. Infelizmente, a quarta página do censo de 1815, depois de anotar os habitantes do Bessat, indica “Le Palais”, mas não dá nenhum nome, deixando um espaço em branco de dois centímetros necessários para des-

crever quatro lares dentre os quais, certamente, o de Montagne. Compreende-se que o recenseador não tenha achado útil fazer um desvio para uma população tão reduzida e cuja fortuna julga provavelmente à alma dos habitantes do Bessat.

Palais seriam, pois, um desses típicos lugares-fronteiras que dependem de duas autoridades distintas e, portanto, bastante abandonados, porque sem estatuto muito claro e distante demais do seu centro espiritual oficial. Em suma, a ignorância religiosa do jovem Montagne, que talvez não se deva exagerar⁹², seria a consequência dessa situação marginal. A certidão de óbito do município dá alguns detalhes sobre o jovem e seu ambiente.

“No ano de 1816 e em 29 de outubro, às 6h da manhã, na presença de Jean-Baptiste Berne, prefeito e oficial de estado civil do município de Lavalla, cantão de Saint Chamond, departamento do Loire, compareceram François Montagne, carpinteiro de Palais, município de Lavalla, de cinquenta e sete e Jean-Baptiste Montagne, diarista do dito lugar, de cinquenta e dois anos de idade, que nos declararam que Jean-Baptiste Montagne, filho de François Montagne e de Clémence Porta faleceu [ontem às 7h da tarde⁹³], em seu domicílio, em Palais, aos 17 anos de idade. De acordo com esta declaração e a apresentação do cadáver, redigimos o presente atestado cujos declarantes não puderam (sic) assinar por não saber fazê-lo, como se requeria.

*Berne, prefeito”.*⁹⁴

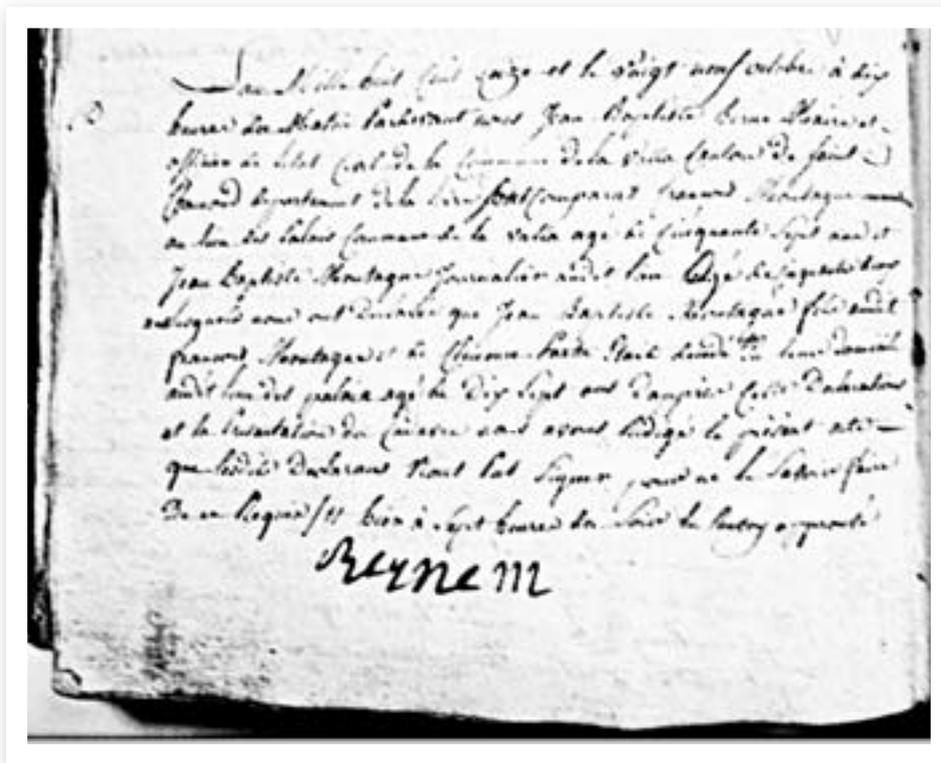
⁹¹ O relatório Bourdin fala de um menino ao pé do Pilat. Não é exatamente o caso do jovem Montagne, que habitava no planalto.

⁹² É um agonizante que realmente não gozava mais da plenitude de suas faculdades.

⁹³ A parte entre colchetes, tendo sido esquecida, foi acrescentada no fim com a menção: “a nota aprovada”.

⁹⁴ Arquivos comunais de Lavalla.

O Pai e o tio paterno do jovem Montagne aparecem, portanto, como sem instrução e de condição econômica muito medíocre.



Atestado de óbito do jovem Montagne

5.7. Os falecimentos dos jovens na mesma época

O jovem Montagne não foi, certamente, o único jovem assistido, em seus últimos momentos, por Cham-

pagnat: o registro do estado civil, com efeito, dá estes óbitos durante seu primeiro ano em Lavalla.

Data	Nome	Idade	Lugar
16 setembro 1816	J.B. Frécon	24	Les Fleurieux
29 outubro 1816	J.B. Montagne	17	Les Palais
17 janeiro 1817	J.C. Tardy	11	Les Palais
24 maio 1817	G. Farat	20	La Petite Gerbe
31 maio 1817	F. Matricon	7	Laval
7 julho 1817	F. Verney	24	Le Bessat
26 setembro 1817	J.J. Chavanne	17	Les Mures

5.8. O Bessat pobre, mas homogêneo

Mesmo se o encontro com J. B. Montagne teve um papel decisivo, é claro que Champagnat se achou bem depressa diante de casos semelhantes que só puderam confortá-lo na sua decisão. É por isso que, justificando junto ao Pe. Bourdin sua pressa em fundar os Irmãos, dirá simplesmente: “menino doente ao pé do Pilat”⁹⁵, pensando em Montagne, mas realmente em muitos outros meninos e jovens assistidos por seus cuidados. Eis por que na *Vida* o Ir. Jean-Baptiste fala ainda de um menino de doze anos, sem precisar o lugar⁹⁶.

O Bessat, próximo de Palais, parece pobre, à primeira vista: ninguém ali paga a retribuição em feno ou cevada. Por outro lado, quase todo o mundo é capaz de atender às outras requisições, inclusive as viúvas. É, portanto, um povoado de condição econômica pobre, mas homogêneo, onde predominam os diaristas. Colocado acima de 1.000 m de altitude, também vive em condições muito mais duras que o resto da paróquia e sua produção agrícola é afetada. Quatro ou cinco trabalhadores saem do lote, e dois pobres, incluindo uma viúva, só podem pagar um pouco.

O BESSAT	Estatuto	Feno	Centeio	Cevada	Aveia	Trufas
Cl. Matrat + femme.	guarda-florestal		7		4	8
Jn. Tamet + f.	Diarista		4		4	8
Viúva Merlioux	?		3		2	6
Maurice Vernay + f. (+ mãe)	j.		6		4	6

⁹⁵ OM2, doc. 754, § 6. Os Palais não estão ao pé do Pilat, mas no planalto.

⁹⁴ *Vida*, cap. 6 p. 56.

Jn. Pichon + f.	j.		4		4	6
Math. Bertail + f.	j.		6		6	8
Jn. Bongrand + f.	j.		4		4	6
Ant. Gourdon + f.	Lavrador		12		10	15
Et. Furet + f.	Lavrador		12		10	15
J.B. Mathoulin + f.	j.		2		2	6
J.B. Drevet + m.	j.		2		2	6
Viúva. Colla	?		2		2	6
J.B. Morel + f.	j.		2		2	6
Jn. Beraud	j.		2		2	6
J.B. Beraud + f.	j.		2		2	6
P. Dufour + f.	j.					6
Ant. Varnay + f.	j.		4		4	5
Ant. Sud + f.	j.		2		2	6
J.B. Macabeaud + f.	j.		2		2	6
Jn. Varnay + f.	j.		3		2	9
Viúva Tardy, dita Pentouery	?					9
C. Pichon + f.	Granjeiro		25			9
Cl. Tardy dito Pentouery + f.	? (lavr?)		10		10	20
Joseph Degraix	? (lavr?)		25		10	20
Viúva Bredoux	?		4		4	8
Viúva Casson, dito Lange	?		4		4	8
Joseph Noir	? (j.?)		8		6	8

Sabemos que lá por 1819, o Ir. Lourenço (Jean-Claude Audras) começa a exercer sua função de catequista-professor nesse vilarejo e que depois (1820-22) ele substitui seu mano (Ir. Louis) em Marlhès, para voltar em 1822-23 a Tarentaise, perto do Bessat,

na escola latina do pároco Préher⁹⁷, de onde vai, aos domingos, catequizar a gente do Bessat⁹⁸.

Essa atividade do Ir. Lourenço nesses três lugares nos lembra que a sociedade do Bessat está menos

⁹⁷ Cartas de M. J. B. Champagnat, t. 2 repertórios, Roma 1987, p. 516.

⁹⁸ *Vida*, edição do bicentenário, p.76.

voltada para La Valla e Saint Chamond do que para a meseta onde estão Tarentaise, Bourg-Argental e Marlihes, como também para a cidade de Saint Etienne à qual se chega por Tarentaise e Rochetaillée.

Como o Bessat está sobre a via oeste-leste de St. Etienne no vale do Ródano, não é um lugar marginal – evidenciado pela população – mas um lugar de passagem para a economia, semelhante à de Marlihes: desativada pela altitude, mas não apresentando, como La Valla, íngremes encostas nem exposição pouco favorável ao sol. J. B. Galley indica que aí acontecem duas feiras por ano. A especificidade do Bessat é tal que o povoado será constituído em comuna separada de La Valla, a lógica administrativa unindo a lógica geográfica. A ligação com La Valla permanece, no entanto, com a encruzilhada da Croix de Chaubouret que conecta a parte superior de Lavalla com a autoestrada Saint Etienne-vale do Ródano.

Para os Irmãos Maristas, esse cruzamento não é sem importância, uma vez que, rapidamente, as escolas maristas vão se espalhar primeiro no Sul de Lavalla, o Bessat constituindo uma espécie de balcão pelo qual a congregação chega a um meio que seu fundador conhece bem

e onde ele sabe que as necessidades são grandes. Para os Irmãos, e particularmente para o Ir. Lourenço, esse território representa um país de missão: embora corredor econômico relativamente importante, está religiosamente à margem da paróquia⁹⁹. Finalmente, não se deve esquecer que foi perto do Bessat que o Pe. Champagnat e o Ir. Stanislas, perdidos na neve, são acolhidos pela família Donnet.

5.9. Os primeiros irmãos e o recenseamento

Já falamos da família de Jean-Baptiste Rivat do lugarejo Maisonnettes. Em Pioré¹⁰⁰, encontramos a família de Jean-Marie Odrac (Audras), diarista, composta de 8 pessoas, que deu ao Instituto dois de seus primeiros Irmãos: Luis e Lourenço.¹⁰¹ Se ela não paga feno, ela oferece 12 unidades de centeio, uma de cevada, 3 de aveia e quinze de batatas. Embora o nível econômico da família seja medíocre, a instrução não é negligenciada, já que o futuro Ir. Luis lê o *Pensez-y bien*¹⁰², manual de devoção popular, que o incita a entrar nos FEC (Irmãos das Escolas Cristãs).

A família de Antoine Couturier, filho de Damien Couturier e Marguerite Bois, entrada na comunidade em

⁹⁹ J. L. Barge assinala um caso de infanticídio no Bessat.

¹⁰⁰ Ortografia variável: Péorey hoje?

¹⁰¹ O enumerador não menciona um menino e uma menina, mas termina com o pai ea mãe para 8 pessoas.

¹⁰² *Biographies de quelques frères*, 1868, p. 1.

1º de janeiro de 1818, reside na aldeia de Coingt, perto Maisonnettes, a oeste da comuna. O pai é o agricultor. A família tem três filhos e uma filha. É tributada em 12 unidades de centeio, uma unidade de cevada, 5 de aveia e 15 de batatas, como a família Audras.

Barthélemy Badard, filho de Jean-Marie Badard e Jeanne Marie Teillard (Cartas t. 2 p. 71) nasceu na aldeia de La Fara, no vale superior do Gier. Seu pai é diarista. A família tem 5 meninos. Ela paga para toda a requisição 7 unidades de batatas. É uma família pobre em terras, que, sem dúvida, exerce atividades complementares de artesanato.

O Irmão Jean-Marie Granjon, primeiro discípulo de Champagnat, sabemos que conheceu Champagnat em outubro de 1816, quando o procurou para atender um doente de La Rive, povoado situado bem na parte inferior da comuna, na borda do Gier, como seu nome sugere. O censo indica aí seis famílias. A viúva de Pitiot, que paga apenas 10 unidades de batatas, explora ali um moitinho com a ajuda de um empregado. Ela tem um menino e uma menina. Jean-Marie Galley e sua esposa também são moleiros. Eles têm um filho, 4 meninas e um empregado. Foi provavelmente numa dessas duas casas que Jean-Marie Granjon trabalhou.

O recenseamento ajuda, portanto, a perceber que os primeiros discípulos de Champagnat representam bastante bem, do filho do lavrador ao empregado, a hierarquia social de Lavalla.

5.10. O senhor Basson, Burguês e amigo de Champagnat

Vimos que, sendo o único burguês de Lavalla, o Sr. Basson é o mais tributado pelas requisições. Viúvo ou solteiro e, em qualquer caso, sem filhos, é um dos poucos habitantes da comuna a ter dois empregados a seu serviço. O relatório Bourdin, escrito por volta de 1829 (OM275§ 13), afirma: “O Sr. Basson, homem excelente, aconselhava e ajudava o Padre Champagnat”. Na Vida do Fundador¹⁰³, o Ir. João Batista relata que, em maio de 1824, o Pe. Cholleton, vindo a l’Hermitage para lançar a primeira pedra, foi almoçar na casa do senhor Basson, “que era um homem rico e grande amigo dos Irmãos”.

Essa amizade de um notável foi, portanto, preciosa para Champagnat. No entanto, como os livros de conta não indicam nenhuma transação financeira entre os dois homens, pode-se supor que Champagnat recebeu dele dons ou empréstimos que não julgou útil lançar nos registros, sem contar que ele pôde ter sido be-

¹⁰³ Ed. do bicentenário, cap. 12, p. 120.

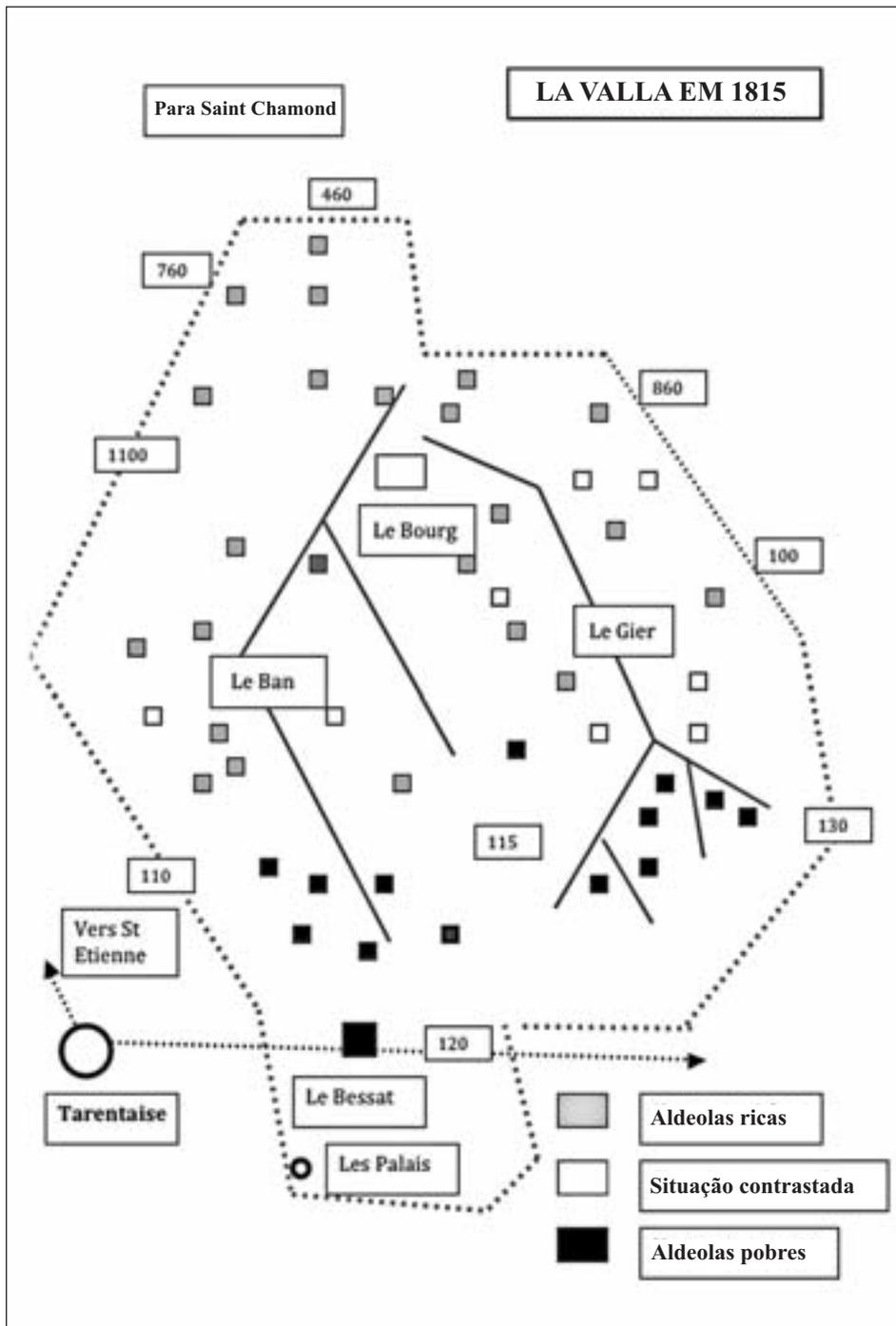
neficiado por sua influência em La-
valla e talvez nas suas relações com a
burguesia de Saint Chamond.

CONCLUSÃO

La Valla é, portanto, é uma co-
muna dividida socialmente, econo-
micamente e talvez culturalmente
em quatro conjuntos, corresponden-
do, mais ou menos, a quatro andares
do seu habitat: a vila, a população di-
vidida entre ricos e pobres, sem
classe intermediária consistente; as
aldeias da parte inferior da comuna e
do oeste voltadas para Saint Cha-
mond, bastante abastadas; a parte
superior da comuna, na orla da flo-

resta, muito mais pobre; finalmente,
a borda do planalto, de riqueza me-
diocre, mas bastante homogênea e
em relação com St. Etienne, o vale do
Ródano ou o planalto.

O Instituto nascente dos Irmãos
Maristas colonizará prioritariamente
esse espaço de montanha antes de
atravessar o vale do Gier para se ins-
talar, em 1823, em Saint Symphorien
le Château, sobre esse outro planal-
to que são os Monts do Lyonnais. Fi-
nalmente, a instalação em l'Hermita-
ge significará a vontade de se abrir
aos espaços de planícies e vales
para as populações mais numerosas
e de acesso mais fácil, sem para tan-
to renegar a fase precedente.



II. A VIDA MATERIAL DOS IRMÃOS EM LAVALLA



André Lanfrey
fms

1. O TEMPO DE LAVALLA (1816-25)

A *Vida* do Pe. Champagnat, segundo o Ir. João Batista, continua sendo um documento insubstituível

para o conhecimento dos primeiros anos do Instituto, porque vem fundamentada sobre os testemunhos dos atores e testemunhas dessa história. Infelizmente, sua cronologia é apenas aproximativa.



Vue panoramique du village de La Vallée en 1816.

Ensaio de cronologia

Sobretudo, a *Vida* reflete largamente a tradição oral dos Irmãos Maristas e oferece interpretações muitas vezes parciais, ou com parcialidade, sobre as pessoas e os acontecimentos. Por exemplo, ela deprecia o personagem Bochard que parece ter mais protegido do que combatido Champagnat e se mostra um pouco demais elogiosa para com Mons. De Pins. De quando em quando, ela coleciona os testemunhos relatando o mesmo fato e dando a impressão de que se trata de acontecimentos sucessivos. Outras vezes, ela embaralha dois acontecimentos distintos. É o caso dos ataques contra a obra de Champagnat: um proveniente da paróquia de Lavalla, muito provavelmente em 1819, do qual Champagnat parece ter triunfado facilmente; o outro, vindo de Saint Chamond, muito mais sério.

Além disso, a *Vida* projeta sobre os anos da fundação a organização que o Instituto vai conhecer depois de 1840, sabendo-se que, durante os anos de Lavalla, os Irmãos de Maria ainda não são uma Congregação, mas uma associação de leigos sem estatuto definido. Nessa época, as palavras «irmão» e «noviciado» ainda não têm o sentido preciso que vão ter um pouco mais tarde, e ainda não há votos. Aliás, numerosos párocos, como o Pe. Alliot, pároco de Marthes, consideram Lavalla como uma escola normal de professores, e os irmãos de suas paróquias como professores de escola, sob sua exclusiva autoridade. E há alguns irmãos que pensam, mais ou menos, como eles.

Será necessária toda a convicção de Champagnat e de seus irmãos mais fiéis, bem como o apoio das autoridades eclesiais diocesanas, para fazer entender que sua obra é mais ambiciosa do que uma simples escola de formação à pedagogia dos Irmãos das Escolas Cristãs.

O fundamento que permite superar rudes provocações à obra dos Irmãos de Maria é, evidentemente, o Formulário marista de 1816 do qual a *Vida* de Champagnat fala muito pouco, porque, na tradição dos Irmãos, o fato fundador é 2 de janeiro de 1817. E, além disso, é lentamente, durante os anos de Lavalla, que Champagnat adquire, à luz dos acontecimentos, a certeza de que sua obra é querida por Deus. A fidelidade dos irmãos em 1820, o apoio de Bochard, por ambíguo que seja, e a chegada dos postulantes de Haute-Loire, em 1822, são etapas importantes na aquisição dessa convicção.

A cronologia que segue, baseada numa leitura crítica da *Vida* do Padre Champagnat e iluminada pelos documentos históricos das “*Origines Maristes*” e de outras fontes como os *Anais do Instituto do Irmão Avit*, não pretende evidentemente conseguir uma exatidão absoluta, mas deseja dar uma visão de conjunto daquilo que ainda não é uma congregação, mas uma associação de leigos apostólicos, partilhando os planos de um sacerdote inspirado. Pareceu-nos sensato propor três eixos principais para esse período.

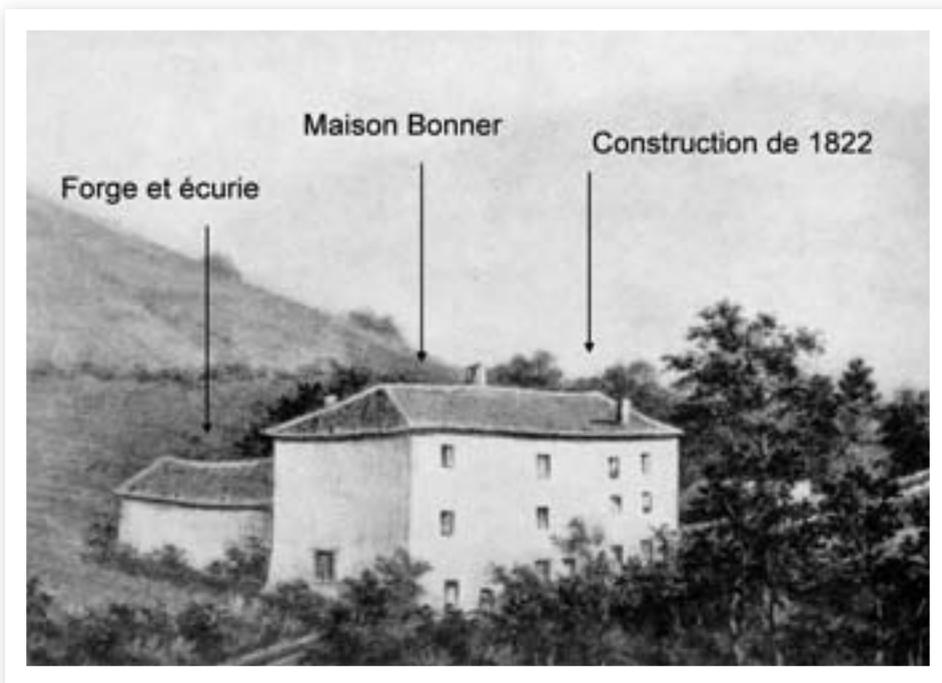
Champagnat: o sacerdote, o Fundador	Champagnat, os irmãos e a Sociedade de Maria	Catecismo e escola
1. O PROJETO (1816)		
	1816: Redação do Formulário. Champagnat deseja um ramo de Irmãos na Sociedade de Maria.	
22 de julho de 1816: Padre Champagnat é ordenado padre	23 de julho: Consagração dos primeiros Maristas, em Fourvière.	
12 de agosto: Champagnat é nomeado para Lavalla. Assume suas funções alguns dias mais tarde.		
2. OS ENCONTROS DE FUNDAÇÃO (outubro-novembro de 1816)		
28 de outubro: Champagnat assiste o jovem Montagne.	26 de outubro de 1816: 1º encontro com J. M. Granjon 2 de novembro: encontro com J. B. Audras - Champagnat	
3. UMA OBRA PAROQUIAL CATEQUÉTICA E CARITATIVA (1816-1818)		
Fim de 1816: Aluguel de uma casa do Sr. Bonner	2 janeiro-fim de março 1817: noviciado dos dois primeiros discípulos termina com a tomada de hábito.	É um grupo fervoroso com objetivo catequético, no espírito da Sociedade de Maria.
Champagnat e Courveille compram a casa Bonner, em 1º de outubro 1817. O pároco vai empenhar-se em anular esse ato.	Dezembro 1817- janeiro 1818: J. C. Audras e A. Couturier entram em Lavalla.	Provavelmente, depois da festa de Todos os Santos 1817, os irmãos começam a dar catequese nos bairros, aos domingos, e o Ir. Jean-Marie reúne crianças pobres para alimentá-las e educá-las.
Abril de 1818: A casa é definitivamente comprada.	Maio de 1818: B. Badard e G. Rivat entram em Lavalla. 15 de agosto de 1818: Tomada de hábito de J. C. Audras e A. Couturier.	
4. OPÇÃO PELA ESCOLA E A MODERNIDADE PEDAGÓGICA (1818-1819)		
		Em torno à Festa de Todos os Santos, 1818, Champagnat instala no povoado de Sardier um jovem professor, Maisonneuve, que aplica o método simultâneo. Na mesma ocasião, fundação da escola de Marlies.

1818-1819. Polêmica entre Champagnat e o pároco que mantém seu professor. Pe. Champagnat ensina latim a alguns pensionistas.		Durante o ano escolar 1818-1819, na vila, a obra dos irmãos faz concorrência à escola pública do professor Montmartin.
	No dia 8 de setembro, vestição de Barthélemy Badard e de Gabriel Rivat (5° e 6° irmão respectivamente)	Verão de 1819: O professor da vila, Montmartin se retira. Maisonneuve o substitui, a partir da festa de Todos os Santos. O ensino do catecismo, nos povoados, continua.
5. CHAMPAGNAT SUPERIOR DE UMA COMUNIDADE (1819)		
1819: Ataque local contra Champagnat: reunião ilícita de jovens e desvio de esmolas. (OM2, doc. 754) Champagnat se justifica ao Padre Bochard que mantém oficialmente sua obra.	No fim de 1819, o Pe. Champagnat vem morar com os seis irmãos que formam comunidade dirigida por J. M. Granjon. Tomada de hábito de Etienne Rouméty (Ir. Jean-François) em data indeterminada.	Todos os Santos, 1819? O Ir. Lourenço, no Bessat. Todos os Santos 1819? Irmãos vão ensinar, diariamente, durante o inverno, nos povoados de Luzernaud e Chomiol (<i>Vida</i>).
6. O APOIO DAS AUTORIDADES DIOCESANAS E DOS IRMÃOS FACE AOS ATAQUES (1820)		
1820: o Diretor do colégio de St. Chamond e o Pe. Dervieux acusam Champagnat de manter um colégio clandestino. Ameaça de dissolução da obra e transferência de Champagnat.		
Os Vigários Gerais Bochard e Courbon não seguem a opinião do Padre Dervieux. Champagnat para de ensinar latim.	O apoio dos irmãos e das autoridades eclesásticas ajuda a persuadir o Pe. Champagnat de que sua obra é da vontade de Deus. (<i>Mémoire Bourdin</i>)	
		Todos os Santos 1820: Fundação da escola de St. Sauveur. A crise parece superada.
7. UMA CRISE DE CRESCIMENTO (1820-21)		
1821-22: o Vigário Geral Bochard deseja integrar os Irmãos de Maria na obra diocesana dos Irmãos da Cruz de Jesus.	O recrutamento em Lavalla parece esgotado e as vocações originárias de outros lugares são muito raras: Antoine Gratallon (Ir. Bernard) entra no Noviciado, em 30 de novembro 1821 ¹ e Claude Fayol, em 12 de fevereiro de 1822.	A escola de Bourg-Argental abre em janeiro de 1822. J. M. Granjon é afastado de Lavalla.

¹ A cronologia indica novembro de 1820, mas o registro dos votos temporários indica 30 de novembro de 1821 (OFM/ 3 p. 172).

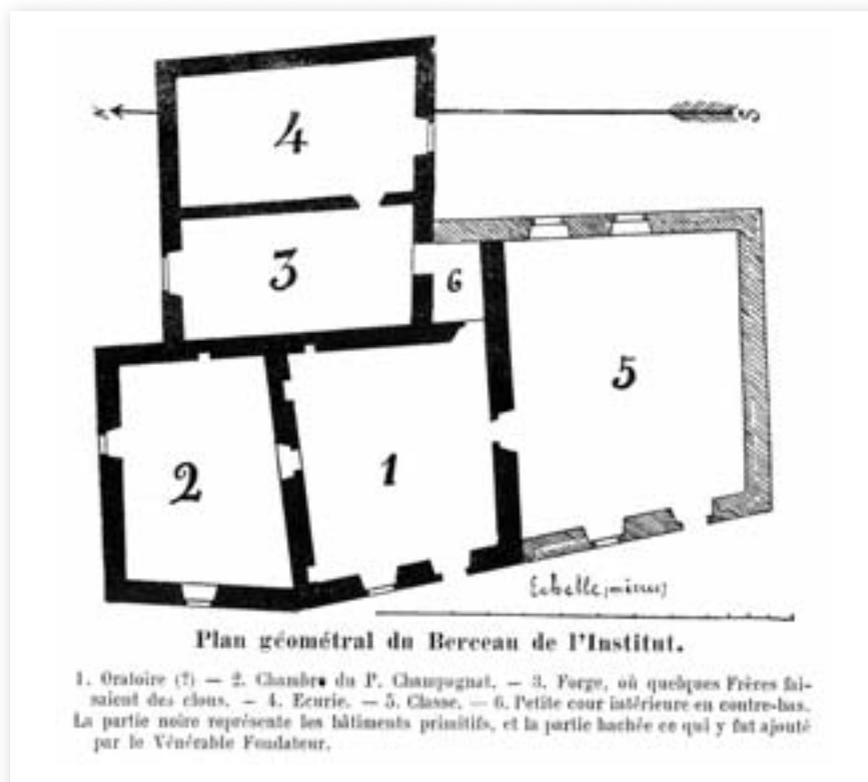
8. RUMO A UMA CONGREGAÇÃO ENSinANTE DIOCESANA (1822-1823)		
	28 de março 1822: Um ex-irmão das Escolas Cristãs traz oito jovens. Depois de reunião com os irmãos, Champagnat decide recebê-los.	
O inspetor Guillard visita a casa em abril de 1822 e constata que Champagnat instrui uma quinzena de jovens camponeses. O pároco recrimina Champagnat por constituir uma congregação.	Maio de 1822: Fracasso de uma tentativa de fusão entre os irmãos do Pe. Rouchon, estabelecidos em Valbenoite.	Primavera de 1822: O Ir. J. M. Granjon passa um período na trapa d'Aiguebelle.
	Verão de 1822: Aumento da casa de Lavalla.	Verão de 1822: Fechamento da escola de Marlies.
A obra de Champagnat está sujeita a Bochart. Mas os opositores aos Vigários gerais manobram pela eleição de um substituto para o cardeal Fesch.	Com dois irmãos, o Pe. Champagnat percorre os arredores de Lavalla para encontrar um novo local para a obra (Vida). Fim de 1823 - início de 1824: Pe. Seyve, aspirante marista, vem ajudar o Pe. Champagnat.	1823: Fundação das escolas de Vanosc, Saint Symphorien-le-Château e Boulieu. Fechamento de Tarentaise, onde trabalhava do Ir. Lourenço.
9. AFIRMAÇÃO DE UMA VOCAÇÃO DIOCESANA (1824-25)		
22 de dezembro de 1823: Mons. de Pins é anunciado como administrador apostólico de Lyon. Em 18 de fevereiro 1824, toma posse da diocese de Lyon. Protesto e exílio do Pe. Bochart.		
3 de março de 1824 - Dom de Pins recebe o Pe. Champagnat	A obra dos Irmãos de Maria livre da influência de Bochart.	
	Maio de 1824, Pe. Seyve, que teria feito oposição ao pároco de Lavalla, se dispõe com o Pe. Champagnat que pede ao arcebispo para nomear o Pe. Courveille como padre auxiliar.	
13 de abril: o arcebispo autoriza Champagnat a comprar propriedades no lugar chamado Les Gaux.	13 de maio: o Pe. Champagnat e Courveille compram as propriedades de Les Gaux. Junho de 1824: Courveille se instala em Lavalla.	19 de julho: Publicação do prospecto da congregação dos Pequenos Irmãos de Maria.

Os Pequenos Irmãos de Maria são considerados pelo arcebispo como a congregação diocesana de Irmãos.	Maio-outubro: Construção da casa de l'Hermitage com a ajuda dos irmãos. Outubro: O Pe. Champagnat dá aos irmãos um « Pequeno Escrito » sobre o espírito do Instituto (<i>Vida</i>).	Todos os Santos 1824: as fundações de Chavanay e Charlieu ²
Novembro: Champagnat entrega sua função de coadjutor na paróquia.		
	Inverno de 1824-25: Arranjo e acomodação da casa de l'Hermitage.	
	Maio de 1825: A comunidade de Lavalla se instala em l'Hermitage: 20 Irmãos e 10 postulantes. 22 Irmãos nas escolas.	Lavalla continua apenas como escola onde dois irmãos ensinam durante o inverno.



O berço do Instituto depois de 1822. Quadro

² Esta, sob ordem da diocese, é para fazer frente à influência de Bochart.



Bulletin de l'institut (1913)

2. IRMÃOS E PENSIONISTAS EM LAVALLA E EM L'HERMITAGE (1817-1827)

As *Cartas* de Champagnat e as *Origens Maristas* constituem para nós uma base de documentação fundamental. '*Origine des Frères Maristes*', conjunto de todos os documentos concernentes ao Pe. Champagnat e às primeiras décadas do Instituto, publicado em 2011, completa esse importante 'corpus', tornando acessíveis os numerosos re-

gistros e livros de contas, já conhecidos, mas ainda pouco explorados. Este artigo será, pois, em boa parte, baseado nesses documentos que mereceriam um estudo sistemático.

2.1. Vista de conjunto sobre os registros

1. Primeiro registro de matrícula dos postulantes (OFM/1, doc. 105, p. 297-310)

Começou em 28 de março de 1822, com a chegada dos postulantes de Haute-Loire, termina em 26 de novembro de 1824. Ele traz, pois,

os nomes dos postulantes, a data de chegada, os valores que eles depositam, eventualmente suas saídas e os livros, papéis e canetas que solicitam ao encarregado da casa, em vista de seus estudos. É, pois, de certo modo, uma crônica de Lavalla por quase três anos.

2. Registro das inscrições (OFM/2, doc. 142-153, p. 3-247) (1822-1848)

Este segundo Registro reescreve parcialmente o primeiro e, sobretudo, o prolonga, anotando as entradas e somas depositadas pelos noviços e os pensionistas. Mantido até 1838 pelo Pe. Champagnat, o Registro indica, na maioria das vezes, o nome do postulante, sua paróquia de origem, sua idade, o nome de seus pais e mães, suas intenções (noviço ou pensionista), as quantias que deposita para sua formação. Encontramos aí o funcionamento complexo que acreditávamos perceber antes de 1822: noviçado, pensionato, orfanato, escola. Contentar-nos-emos em estudar, aqui, os anos de 1822-1827.

3. Registro das vestições (OFM/3, doc. 497-568 p. 4) (1824-1858)

Começado de fato em 1822, não assinala as vestições daqueles que tinham saído antes dessa data. É, assim, relativamente pouco útil para um estudo dos anos de 1822 a 27.

4. Registro dos votos temporários (OFM/3, doc. 569-574, p. 171-242) (1826-1841).

É muito útil para um estudo dos anos anteriores a 1826, porque os novos professos indicam em sua declaração as datas de entrada na casa e as de sua vestição.

5. Registro dos votos perpétuos (OFM/3, doc. 575-598, p. 244-300) (1826-1858)

Como o Registro precedente, permite de retornar, parcialmente, às origens do Instituto.

6. Registro mortuário (OFM/3, doc. 599-603, p. 301-361) (1825-1875)

É um complemento dos outros registros porque assinala a morte dos irmãos, a partir de 1825.

2.2. De 1817 a 1822: dez irmãos?

O Instituto conservou a lembrança de dez irmãos que entraram na obra, durante os cinco primeiros anos de sua existência. Os seis primeiros (1817-1818) nasceram em Lavalla, onde moram. Os últimos (1818-1822), vindos de outros lugares e, às vezes, de bastante longe, mostram que a obra, de início apenas paroquial, começa a estender-se modestamente.

Nome	Nascimento	Lugar	Noviciado	Hábito
J.M. Granjon (Ir. João Maria)	1794	Doizieu	2/1/1817	Fim de março 1817
J.B. Audras (Ir. Louis)	1802	Lavalla	2/1/1817	Fim de março 1817
J.C. Audras (Ir. Lourenço)	1793	Lavalla	24/12/1817	15/8/1819?
Antoine Couturier (Ir. Antônio)	1800	Lavalla	1/1/1818	15/8/1818
B. Badard (Ir. Bartolomeu)	1804	Lavalla	2/5/1818	8/9/1819
Gabriel Rivat (Ir. Francisco)	1808	Lavalla	6/5/1818	8/9/1819
Etienne Roumésy (Ir. João Francisco)	?	?	1819	1820
Antoine Gratallon (Ir. Bernardo)	?	Izieux	1820	11/11/1822
Claude Fayolle (Ir. Estanislaú) ³ .	1800	Saint Médard- en-Forez	2/2/1822	25/10/1822
J.P. Martinol (Ir. João Pedro) ⁴	1798	Burdigne	1821	1823

2.3. Tomada de hábito e promessa

Segundo o Ir. João Batista, desde as origens, os irmãos fazem uma promessa de se consagrar, por cinco anos, à educação das crianças.⁵ Mas essa não coincide, necessariamente, com a tomada de hábito. Assim, a *Vida* relata (p. 158) que o Ir. Luís, que recebeu o hábito

em março de 1817, assustado com as obrigações dessa promessa, recusa a assiná-la em 1818, enquanto o Ir. João Maria dá o passo e se inquieta por essa reticência.

Nos primeiros anos de Lavalla, a adesão à obra dos Irmãos de Maria podia, pois, comportar duas etapas distintas. Isso é muito verossímil porque a narrativa da *Vida* sugere que os

³ Ele foi orientado a ir a Lavalla por seu pároco.

⁴ *Biographies de quelques frères*, Lyon, 1868, p. 41-49. Recrutado pelos Irmãos de Saint Sauveur en Rue, morre em 1825.

⁵ Ver os textos da promessa na *Vida*, cap. 15, p. 157 e em *OMI*, doc. 168.

irmãos do início eram relativamente numerosos,⁶ considerando-se que a tomada de hábito dava direito ao título de “irmão” sem que, para isso, aquele que o revestia se comprometesse por um ato formal. Esse poderia ser o caso do professor Claude Maisonneuve, vivendo com os irmãos, provavelmente em 1819-1820, e que Champagnat afasta devido à “sua conduta irregular e demasiado mundana” (*Vida*, cap. 7, p. 75). Teria ele revestido o hábito da sociedade sem ter feito promessa, e outros teriam feito o mesmo? A história do Instituto teria então, no período anterior a 1822, conservado apenas o nome dos irmãos que, além de receberem o hábito religioso, também se comprometeram formalmente com a sociedade e nela perseveraram por um período significativo.

2.4. Entrada na casa e entrada no noviciado

A entrada na casa dos irmãos não significa, necessariamente, entrada no noviciado. Esse parece ser o

caso de Gabriel Rivat (Ir. Francisco) que faz sua primeira comunhão aos dez anos, no dia 19 de abril de 1818, e entra na casa em 6 de maio de 1818. Entretanto, como a *Vida* (p. 68) precisa que Champagnat começa a dar-lhe lições de latim, o que não o prepara a ser irmão, G. Rivat deve ter sido, durante algum tempo, um simples pensionista. Aliás, ele não recebe o hábito a não ser no dia 8 de setembro de 1819, ou seja, dezesseis meses mais tarde.

Terá ele feito uma promessa, nesse momento? Essa pergunta cabe porque tal ato é dirigido, em princípio, a pessoas com mais autoridade. Ainda que de direito privado, a promessa tem consequências práticas como a colocação em comum dos bens e a ausência de remuneração pelo trabalho feito. Esse problema concerne, aliás, à metade dos primeiros irmãos que são menores, no momento da vestição. Se esta não é acompanhada por uma promessa, é preciso supor um acordo com os pais e mesmo um acerto financeiro com eles.

Nome	Ano de nascimento	Tomada de hábito	Idade no momento da tomada de hábito
J.M. Granjon (Ir. João Maria)	1794	Fim de março 1817	23
J.B. Audras (Ir. Luis)	1802	Fim de março 1817	15
J.C. Audras (Ir. Lourenço)	1793	15/8/1819	24

⁶ Ele os envia dois a dois para os povoados (*Vida*, cap. 7, p. 82): “Um irmão formado e um noviço” (*Vida*, p.109). Trata-se de um jovem irmão de 13 ou 14 anos do qual a tradição não conservou o nome.

Nome	Ano de nascimento	Tomada de hábito	Idade no momento da tomada de hábito
Antoine Couturier (lr. Antônio)	1800	15/8/1818	18
B. Badard (lr. Bartolemeu)	1804	8/9/1819	15
Gabriel Rivat (lr. Francisco)	1808	8/9/1819	11
Etienne Roumésy (lr. João Francisco)	?	1820	Provavelmente maior
Antoine Gratallon (lr. Bernard)	1803	11/11/1822	19
Claude Fayolle (lr. Estanislau) ⁷	1800	25/10/1822	22
J.P. Martinol (lr. João Pedro) ⁸	1798	1823	25

2.5. A questão da «herança»

A natureza desses acordos e acertos é sugerida pelo Padre Rebod que, em 1822, recrimina a Champagnat o fato de constituir uma congregação, requerendo a herança dos irmãos; e no prospeto de 1824 está previsto ainda que o noviço traga consigo a herança, a ser devolvida se ele deixar a sociedade, descontadas as despesas que tiver ocasionado. Parece, pois, que ao menos alguns dos dez primeiros irmãos tenham feito esse tipo de contrato, comprometendo-se a partilhar seu patrimônio com os coirmãos, caso dele já dispusessem ou mesmo se ainda esperassem recebê-lo.

2.6. Três estatutos na comunidade

A comunidade de Lavalla funcionaria, pois, segundo três estatutos: ao entrar na casa, o jovem veste o hábito civil e paga uma pensão, em vista da instrução: é um postulante. Se estiver contente em sua condição e der sinais de vocação, a tomada de hábito fará dele um irmão, facilmente reconhecível, mas, a menos que tenha feito sua promessa por ocasião da vestição, ele será apenas um noviço e deve ainda pagar por sua formação. Jean-Claude Audras (lr. Lourenço) está talvez nessa situação: ele declara ter entrado no noviciado em 24 de dezembro de 1817, mas ter recebido o hábito so-

⁷ Ibid, p. 58-73. Ele foi enviado a Lavalla por seu pároco.

⁸ *Biographies de quelques frères*, Lyon, 1868, p. 41-49. Recrutado pelos Irmãos de Saint Sauveur en Rue; morreu em 1825.

mente no dia 15 de agosto de 1819, ou seja, dezoito meses mais tarde, o que é um tempo de prova bastante longo. Como é maior de idade e vai, em seguida, evangelizar sozinho no Bessat, pode-se pensar que sua tomada de hábito tenha sido acompanhada de uma promessa.

O caso de Jean-Pierre Martinol (Ir. João Pedro), natural de Burdigne, perto de Saint Sauveur-en-Rue, é ainda específico. O Ir. Avit (Anais das Casas §17) diz que entrou em 1818, ao passo que sua biografia⁹ demonstra que não pôde vir a Lavalla, antes de 1821. No entanto, essa mesma biografia explica a divergência, precisando que Martinol começa a viver na comunidade de St. Sauveur antes de ser enviado ao noviciado. Teria então entrado com os irmãos em 1818, e no noviciado em 1821. Nomeado diretor da escola de Boulieu, no dia de Todos os Santos de 1823, tomou o hábito em 1822 ou 1823. Como é diretor, terá certamente feito a promessa antes de assumir a função.

2.7. Hábito azul ou hábito preto

Em 1822, o inspetor Guillard descreveu assim o hábito dos irmãos em Bourg-Argental: “O traje deles consiste numa sobrecasaca preta com um grande manto» (OMI, doc. 75 § 3). Passando por St. Sauveur, onde atuam «dois irmãos de Lavalla”, ele vê o “sr. Badard” sem mencionar seu

hábito, o que significa que também era preto. Quando chega a Lavalla, não encontra ali nenhum irmão. Em Feurs, onde há dois irmãos de Courveille, ele constata: “Eles usam uma vestimenta semelhante, quanto à forma, àqueles de St. Sauveur e de Bourg-Argental; mas a sobrecasaca, aqui, é azul celeste, abotoada como uma batina, com uma gola (rabat) preta bem grande”. Dessa observação deduziu-se que teria sido Courveille a impor o hábito azul em l’Hermitage. Pode-se, em todo caso, afirmar que a sobrecasaca dos irmãos de Champagnat é abotoada normalmente e não se assemelha, como a de Courveille, a uma batina: trata-se de um hábito civil (leigo).

Então, hábito preto ou hábito azul, em Lavalla, no ano de 1822? Seja como for, o Ir. Avit escreve (1822 § 35) que 7 irmãos «tomaram o traje azul, em 1823» e quatro outros (§ 76, p. 81), em 1824-26. Para ele, é apenas em 1827 que dez irmãos revestiram “o hábito religioso”» (§ 70, p. 74).

Mais adiante, ele traz um testemunho afirmando que foi depois da visita do Bispo de Pins (primavera de 1824) que Champagnat teria mudado a forma e o hábito dos irmãos «para torná-lo mais religioso»¹⁰. Mas nessa época, Champagnat tem outros motivos de preocupação e é também a chegada do Pe. Courveille, considerado como o portador do hábito azul. A data de 1827, como passagem do

⁹ *Biographie de quelques frères*, 1868, p. 41).

¹⁰ *Annales de l’Institut*, 1828 § 74.

azul para o preto, é mais verossímil. E foi sem dúvida nesse ano que: “O azul foi substituído pelo preto, a calça por calções ou bermudas, a sobrecasaca pela batina que ia até o tornozelo e era abotoada até embaixo.”¹¹

A batina costurada parece surgir em 1829 sem suscitar muita controvérsia, contrariamente às meias de pano e ao método de leitura. Ainda durante bom tempo, os noviços não recebem o *rabat* a não ser no fim do noviciado. O cordão se recebe na emissão dos votos temporários (1826) e a cruz no dia da profissão (1828 § 74). O hábito azul desaparece lentamente porque o Ir. João José (Jean-Baptiste Chillet) que iniciara o noviciado em 4 de julho de 1826, e recebera o hábito azul em 11 de outubro do mesmo ano e fizera seus votos perpétuos em 2 de fevereiro de 1830¹², deixa o “hábito azul de Lavalla” por último, em 1838. Mas o Ir. Avit menciona esse fato para sublinhar o devotamento desse Irmão encarregado da rouparia e que veste todo o mundo antes dele mesmo.

2.8. Uma hipótese sobre o hábito

Existe, pois, uma contradição aparente entre o testemunho irrefutável do inspetor Guillard que fala de hábito preto, em Bourg-Argental e Saint Sauveur, e de hábito azul, em

Feurs, enquanto a tradição dos irmãos, registrada pela *Vida*,¹³ e o Ir. Avit evocam o hábito azul, antes da chegada de Courveille a Lavalla.

Pode-se supor que os irmãos tenham usado, por algum tempo, os dois hábitos, sendo o azul aquele dos noviços e o preto distinguindo os irmãos que tinham feito sua promessa ou (e) estando ocupados nas escolas. Esse traje azul, parecido com o uniforme dos colegiais, poderia ter feito acreditar que Champagnat constituía, em Lavalla, um colégio concorrente àquele de Saint Chamond. E a denominação “irmãos azuis” surgiria do fato de a população ver muito mais irmãos em azul do que em preto. Além disso, o azul se distingue mais do traje leigo, geralmente escuro ou preto.

Ainda, quando o Pe. Champagnat dá aos irmãos, em 1827, uma batina preta abotoada, aproximando-se do hábito eclesiástico, ninguém pensa em revoltar-se como se essa cor não constituísse problema. Escolhendo um hábito preto para todos, Champagnat vai generalizando progressivamente uma cor de hábito, até então reservada a certa elite. Ao mesmo tempo, a introdução dos votos, a partir de 1826, relativiza, progressivamente, a importância da promessa, enquanto o cordão para os professos temporários e a cruz para os

¹¹ Ibid.

¹² OFM/3, p. 257.

¹³ *Vida*, cap. 6, p. 70. Ver a nota que sintetiza o artigo de Pierre Zind no «Bulletin de l'Institut», t. XXI, p. 536.

professos perpétuos criam novas distinções visíveis.

2.9. O Ir. Silvestre e o hábito

O caso do Ir. Silvestre, no entanto, nos leva a ir mais longe nessa questão. Nos *Anais* do Instituto, o Ir. Avit registra que, entrado em l'Hermitage, em março de 1831, esse Irmão recebeu a batina em 15 de agosto de 1831, na idade de 12 anos e meio. E ele acrescenta: "Uma criança, mano do Ir. Gregório, fez sua primeira comunhão e recebeu o hábito no mesmo dia,¹⁴ na idade de 9 anos, no mesmo ano recebera o nome de Ir. Basile". Como, contrariamente ao Ir. Silvestre, esse Ir. Basile não consta no registro das vestições e é verdadeiramente demasiado jovem, o hábito que ele recebeu não é, provavelmente, a batina, mas o hábito azul. Impressiona, além disso, que esse menino tenha já o nome de irmão, como se revestir um uniforme significasse a primeira providência de entrada na Congregação. O Ir. Silvestre, tudo indica, vestiu um hábito semelhante, durante os poucos meses de seu noviciado.

Tendo recebido a batina, o travesso Ir. Silvestre, convocado para cortar os cabelos de seu companheiro, lhe faz uma tonsura e, a falta tendo sido descoberta no exercício da culpa, um irmão mais antigo preconiza que seja

privado, por certo tempo, de sua batina, o que veio a ser a ordem do Padre Champagnat.¹⁵ O Ir. Avit não precisa que tipo de hábito o Ir. Silvestre então usava, mas poderia ser o hábito azul. A lição é clara: aquele que se comporta como criança retoma o hábito das crianças. E é por isso que "o Ir. Silvestre não estava orgulhoso".

Mas a história não termina ali: o Ir. Silvestre conta como ele conseguiu recuperar sua batina¹⁶. O Padre Cattet, Vigário geral, visitando l'Hermitage e "vendo que havia, na sala, vários jovens irmãos, começou a interrogá-los sobre o catecismo". O Pe. Champagnat sugere então ao Ir. Silvestre de declarar a ele sua culpa, diante de todo o mundo, e Cattet o autoriza a retomar o hábito religioso. Mas o essencial não está ali: Pe. Cattet reconheceu facilmente os jovens irmãos reunidos, certamente por causa de seu porte, de sua aparência, mas também por seu hábito. Somos tentados a dizer que se tratava do hábito azul, visto que o Pe. Champagnat aproveitou a ocasião para obrigar o Ir. Silvestre a um ato que provasse que ele era digno de usar novamente o hábito religioso.

Este testemunho do Ir. Silvestre é, pois, de interpretação delicada porque faz entender que o uso de um hábito especial para os noviços, que poderia ser o hábito azul, se perpetua há bastante tempo. Assim, em torno de 1832,

¹⁴ Aquele de sua primeira comunhão.

¹⁵ Em *Frère Sylvestre raconte Marcellin Champagnat*, p. 239, o autor precisa que o Pe. Champagnat o considera um pouco jovem. Ele mesmo conta esse episódio (p. 246).

¹⁶ *Frère Sylvestre raconte...* p. 246

quando o Ir. Silvestre deve tirar sua batina, não encontra, certamente, suas vestes laicais porque ele não foi mandado para casa, mas apenas rebaixado para noviço. Esse uso de um hábito específico, eventualmente azul, a meio caminho entre a veste laical e a batina, explicaria também que “durante bastante tempo ainda os noviços não usavam o *rabat*, antes da saída do noviciado”.¹⁷ O uso da vestimenta azul e a necessidade de uniformização, no entanto, devem ter conduzido à generalização da batina preta que parece estar concluída em 1838. Entretanto, o caso do Ir. Silvestre não é único; e, segundo parece, uma vez generalizada a batina, “o *rabat* não era permitido aos noviços a não ser quando soubessem bem suas orações. Ele lhes era tirado frequentemente, como punição, bem como a batina”.¹⁸

2.10. OS PENSIONISTAS DE 1819 a 1822

Esta questão do hábito nos levou um pouco longe e é conveniente retornar ao tempo de Lavalla quando, além dos postulantes, dos noviços e dos Irmãos comprometidos por uma promessa, há a categoria dos pensionistas, evocados num documento tardio, mas precioso: a carta de Joseph Violet, habitante de Doizieu, em 19 de novembro de 1888, contido no processo diocesano de beatificação.¹⁹ Nascido em 24 de abril de 1807, ele afirma ter entrado em Lavalla, no fim de 1819, provavelmente na Festa de Todos os Santos, e ter permanecido por dois anos; sua estada, no entanto, parece ter durado um ano a mais, porque afirma ter sido testemunha da ampliação de Lavalla, o que aconteceu no verão de 1822.

“... Eu nasci em Malval. Minha mãe, já viúva, colocou-me como pensionista, em Lavalla, em fins de 1819. Ali fiquei por dois anos inteiros, sob a direção dos Irmãos Etienne (Roumesy) e Francisco (Gabriel Rivat); o primeiro era diretor e o segundo era meu professor, porque eu estava muito atrasado. Éramos, nessa época, dois internos e dormíamos com os Irmãos. Meu companheiro de pensão tinha o sobrenome de Tissot, de Plagny²⁰, e estudava latim sob a direção do Pe. Champagnat. Este último o dirigia com energia, por causa da grande negligência que tinha em seus deveres.

Vi uma grande parte dos aumentos de Lavalla. O Pe. Champagnat atuava em todos os trabalhos de construção, alvenaria, madeiramento, etc. e saía-se muito bem. Um dia, foi desafiado por seu pároco a levantar uma grande pedra com o pedreiro que o ajudava e conseguiu colocá-la no devido lugar.

Enquanto eu estava na casa, chegou um grupo de 10 jovens. Por causa do regime escasso que tínhamos, eles desapareceram no dia seguinte; permaneceram dois, dos quais um era manco.

Nosso regime alimentar constava de uma sopa, bastante abundante, e uma pequena porção de guisado

¹⁷ Annales, 1828, § 74.

¹⁸ Annales de l'Institut, 1840, § 704.

¹⁹ *Enquête diocésaine. Témoignages sur Marcellin Champagnat*, apresentado pelo Ir. A.C. Carazo, Roma, 1991, 17ª sessão, p. 85.

²⁰ Arredores de Lavalla.

com pão mal cozido; como bebida, tínhamos água. Às 4h da manhã, o Padre Champagnat gritava de seu quarto: "Benedicamus Domino" e respondíamos: "Deo gratias". Em seguida, nos dirigíamos o mais rapidamente possível para a oração. Entre 6 e 7 horas, participávamos da missa que ele celebrava com grande devoção. [...]

Ele era muito querido em Lavalla e, todos os domingos, víamos pessoas que vinham para trazer frutas e outras mercadorias. Todos os dias ele visitava a escola e observava nosso trabalho. Dava-nos o catecismo e colocava grande emulação, dando com frequência recompensas àqueles que se distinguem".²¹

A riqueza desse documento é considerável porque oferece detalhes sobre a vida da comunidade que, dificilmente, se encontram em outro lugar. Assim, o gênero de vida dos pensionistas não parece muito diferente daquele dos Irmãos e a gente pode se perguntar, com algumas ressalvas, se eles não eram confundidos com os noviços, dado que os Irmãos Roumésy e Francisco assumiam a tarefa de instruir uns e outros. Entretanto, J. Violet parece seguir também a escola da cidade. Seu relatório dá a impressão de um estatuto misto: vida com os Irmãos à mesa e no dormitório; estudos de base com os meninos da cidade, mas aulas com o Pe. Champagnat e os dois Irmãos já citados²² que parecem capazes de dar-lhes um estudo mais avançado.

2.11. Os pensionistas de 1823 a 1827

O segundo registro das inscrições²³ (OFM/2, p. 5) dá uma visão in-

teressante dos pensionistas acolhidos em Lavalla e depois em l'Hermitage, sem que, nem sempre, se possa bem distingui-los dos noviços. Aliás, a palavra "pensão" é utilizada indiferentemente para designar o montante a pagar por uns ou por outros. Mas, a partir de abril 1825, o registro distingue se o candidato que chega é noviço ou pensionista, sinal de que os dois estatutos começam a diferenciar-se. É, aliás, o momento em que a comunidade se instala em l'Hermitage.

Assim, em 30 de maio de 1923, chega o sobrinho do Ir. Estanislau, cujo sobrenome não é citado, mas que se denomina, talvez, Fayol. Ele depositou 100 Fr., em duas prestações. Não sabemos se o faz como pensionista ou como noviço. No dia 25 de novembro de 1826, chega Joseph Hyacinthe, de Saint Paul. Seu pai promete 500 fr. No dia 8 de fevereiro de 1828, ele completa um depósito de 404 fr. Como este jovem não se torna irmão, ele provavelmente veio como um pensionista.

²¹Nota final do pároco: Certifico a perfeita honradez do pai Violet, meu paroquiano, e um bom paroquiano digno de fé e de bom espírito. Doizieu, 3 de dezembro de 1888. / LACHAL, Cura.

²² Mas este parte em Todos os Santos 1820, para St. Sauveur-en-Rue.

²³ OFM/2, p. 5

Os casos mais evidentes são numerosos: vamos reparti-los por ano.

- Em 17 de novembro de 1823, Benoît Claude Roche entrou na casa na qualidade de pensionista e, no dia 8 de agosto de 1825, foram depositados 260 fr. para sua pensão, ou seja, 130 fr. por ano, isto é, um pouco mais do que 10 fr. por mês.
- Em 10 de janeiro de 1824, o Pe. Champagnat anota: “Jean-Jacques Couturier acolhido na casa para aprender o ofício de carpinteiro ou de fabricante de panos. Ele deve pagar-me, durante seis meses, a alimentação no valor de 12 fr. por mês”. Todavia, há o cuidado por sua instrução, pois Couturier compra uma Bíblia (de Royaumont), livro de leitura escolar. Em 7 de fevereiro, Jean-Baptiste Brunon, de 15 anos de idade, paga 12 fr. por mês. Em 20 de maio de 1827, seu pai paga 27 fr. e deve ainda 113 francos. André Despinace, que entrou no dia 21 de abril de 1824, certamente já era conhecido de Champagnat que acerta com seu pai uma pensão de 10 fr. por mês.
- Em 1º de março de 1825, Antoine Nolin é acolhido «provisoriamente» como pensionista. Nascido em Lyon, tem perto de 12 anos, parece ser um órfão pelo qual pagam as senhoras Contes, de Lyon, “incluindo lavanderia, consertos, livro, papel”. A pensão

anual se eleva a 240 fr. (OM/1, p. 306). No dia 10 de março de 1826, as senhoras *Contes* ainda pagam a pensão dele, bem como a do “pequeno Ayoux”, outro pensionista.

- Em 1º de agosto de 1826, Ausier (ou Osier), de St. Jean Bonnefons, entra como pensionista e paga 24 fr. por mês. Entre outubro e junho de 1827, l’Hermitage receberá ainda 143 fr., talvez pagamento parcial do ano escolar de 1826-27. Em outubro de 1827 e janeiro de 1828, o pai Osier paga ainda 96,30 francos. Em 2 de novembro de 1826, Jean Antoine Vère, natural de Rochetaillée, entra como pensionista: ele dá 15 fr. como primeiro pagamento, sem dúvida, para um mês. Em 26 de fevereiro de 1826, André Chalayer, de St. Etienne, com 11 anos, entra como pensionista. Seu tio deposita vários valores. Em 3 de agosto de 1829, a pensão de Chalayer terá custado 1078 francos.
- Em 23 de setembro de 1827, Bonjour, de St. Chamond, é recebido como pensionista: ele paga 25 fr. por mês.

Acontece que jovens recebidos como pensionistas, optam, finalmente, pelo noviciado. No dia 20 de fevereiro de 1824, Jean Fara, com 12 anos de idade, pensionista, deve pagar 12 fr. por mês, e sua mãe deposita uma soma de 100 fr. Ele dá a impressão de querer formar-se para

o ensino, pois, adquiriu o livro “Conduite des frères”.²⁴

Em 20 de agosto de 1825, com 13 anos, ele é recebido na casa como noviço: “ele paga 10 fr. por mês”, mas “faz 14 meses que ele está na casa”. Por essa estada ele pagou 100 fr. e deve ainda 44. Sua pensão se eleva, pois, a pouco mais de 10 fr. por mês. No dia 16 de janeiro de 1825, o pai de Jacques Poinard, 13 anos de idade, dá 200 fr. por ano para sua pensão. Mas o registro menciona que no dia 18 de novembro de 1826, ele entra na qualidade de noviço. Seu pai contribui com 177 francos.

Uma vez ao menos, o contrato prevê o caso em que alguém entra como noviço e não persevera. É o caso de Christophe Courbon, da vila de Chirat, perto de Lavalla: em março de 1825, o Pe. Champagnat anota que o pai deu 72 F. “pela pensão total do ano de 1825” e deve dar mais 200 fr. dentro de um ano, enquanto sua tia, residindo em Sardière, promete fornecer, cada ano, um par de meias e uma camisa. O pai se compromete a pagar 15 fr. por mês, como pensão para seu filho “se ele quiser se retirar da casa ou se, por razões muito graves, seja obrigado a voltar à sua família”. Courbon entrou como noviço, mas não tomará o hábito e sua permanência será de fato a de um pensionista.

No dia 17 de setembro de 1825, a pensão de Jean Chalagner foi paga:

350 fr. e Marianne Chalagner, sua mãe ou sua tia, acrescenta 100 fr. pela batina. Quanto ao enxoval, foi-lhe fornecido totalmente e ‘até algo mais’. Tornar-se-á o Ir. José. Nas atas de sua vestição, ele declara ter entrado em 25 de abril de 1825, e a vestição ocorreu no dia 25 de outubro de 1825.

O registro dá, pois, a impressão de que, até a instalação em l’Hermitage, não há fronteira clara entre noviço e pensionista, sem dúvida porque a distinção entre escola normal de professores leigos e comunidade de Irmãos é mesmo pouco determinada. Vários testemunhos e, especialmente o de Joseph Violet, deram a mesma impressão para os anos anteriores a 1823. Depois de 1827, não se recebem mais pensionistas em l’Hermitage e uma carta do Padre Champagnat a Dom Devie²⁵ explica essa decisão:

“Nós tínhamos decidido, no início, de receber em l’Hermitage alguns rapazes externos e alguns pensionistas. Mas, vimo-nos forçados a renunciar a isso, porque eles causavam a perda de um bom número de noviços e ocasionavam a todos um prejuízo evidente.”

Tal decisão não faz senão confirmar a nova lógica da obra dos Irmãos de Maria, abandonando uma forma associativa leiga muito maleável, para entrar num funcionamento conventual mais definido e mais rígido. A adoção dos votos temporários (1826), dos votos perpétuos (1828), da batina

²⁴ O manual que contém o método simultâneo, denominado ‘*La Conduite des écoles chrétiennes*’. (Nota do Tr. - Editado pela primeira vez em 1720, pode ser entendido como “*Metodologia das escolas cristãs*”).

²⁵ Cartas, n° 305 p. 550, no dia 3 de dezembro de 1839.

preta (1827) são outras tantas manifestações dessa mesma evolução. Enquanto esperava, durante quase dez anos, em Lavalla e depois em l'Hermitage, a comunidade recebeu número considerável de pensionistas, pagando entre 10 e 25 fr. de pensão mensal.

2.12. OS ESCOLARES DE L'HERMITAGE

As contas que registram as receitas, iniciadas pelo Pe. Courveille, em 1826,²⁶ dão uma ideia do funcionamento do externato ao qual o Padre Champagnat aludiu acima:

Data	Receita	Soma
17/1/26	Recebido para o pequeno Coquet	25 fr.
17/1/26	Recebido do pai Crapanne um mês para seu pequeno	4 fr.
20/1/26	Recebido dos dois pequenos Gallay para sua escola, um mês	3 fr.
27/1/26	Recebido de Chomiennes para sua escola, dois meses	1.20 fr.
1/2/26	Recebido do pequeno Gerin para um mês de escola	2 fr.
1/2/26	Recebido do pequeno Tribly para um mês de sua escola	1 fr.
4/2/26	Recebido do pequeno Frécon du Creux para um mês de escola	1 fr.
20/2/26	Recebido do pequeno Crapanne para um mês de sua escola	4 fr.
23/2/26	Recebido do pequeno Tardie para dois meses de escola	3 fr.
24/2/26	Recebido do pequeno Pervanchon para dois (meses) de escola	2 fr.

Há, em seguida, algumas menções de receitas escolares, mas sem exatidão de nomes. A partir de agosto de 1826, essa receita não aparece mais, pelas razões lembradas por Champagnat. Isso nos faz saber, em todo caso, que a retribuição escolar mensal era de 4 francos.

2.12. Os “desocupados” antes de 1822

Joseph Violet põe em evidência outra função da casa: a acolhida de andarilhos que procuravam hospita-

lidade e mesmo uma sorte para se fixarem em algum lugar onde pudessem ganhar a vida e a mesa sem muitas dificuldades. Ele nos mostra, pois, que a pobreza das refeições e, sem dúvida, o trabalho exigido afasta os desocupados. Quanto aos dois que permanecem, por qual motivo ficam? Certamente, não como pensionistas. Como postulantes? Provavelmente, também não, ao menos, num primeiro momento. Haveria então uma categoria, certamente muito instável, de meninos e jovens que eram acolhidos por caridade e que

²⁶ OFM/2 p. 332...

não viviam com os Irmãos, nem eram misturados com as crianças da escola, mas trabalhavam e recebiam os rudimentos da instrução religiosa. A obra de Lavalla, aliás, parece ter começado assim.²⁷

Alguns desses meninos são, depois, aceitos no noviciado, como Jean-Baptiste Berne, o qual, nos recorda a *Vida*²⁸, foi acolhido em dezembro de 1820, e se revela rebelde e foge várias vezes, antes de criar juízo. Tendo pedido para entrar no noviciado, recebe o hábito em 18 de outubro de 1825 e emite votos temporários no dia 24 de setembro de 1829. Ele morre em 2 de outubro de 1830.²⁹ Por se tratar de um caso excepcional, ele foi mantido, segundo o Ir. João Batista: a maioria desses meninos e jovens tiveram que sair ou eram devolvidos, após um breve período de residência.

A esses jovens andarilhos é preciso acrescentar, sem dúvida, os adolescentes enviados por benfeitores. Em 4 de janeiro de 1823, trata-se de Jean Praire para o qual uma certa senhora Colomb paga 45 fr. por três meses. No dia 9 de novembro de 1823, a mesma senhora paga 70 fr. por seis meses de pensão. Devia ser um menino sem instrução porque ele

compra três cartilhas de alfabetização. Essa senhora Colomb parece ocupar-se também do pequeno Jean-Louis Rivat, de Saint Pal, de 18 anos, para o qual ela paga 20 fr. de pensão, em 27 de dezembro de 1824.³⁰

Em 8 de abril de 1825, o Registro³¹ anuncia a entrada de Augustin Barrey, natural de Lons-le Saulnier, cidade de Jura, com 15 anos de idade e órfão, por orientação do pároco de Tartaras. Nenhum valor pecuniário é assinalado.

No dia 5 de setembro de 1824, entrou Augustin Bellin (ou Balant) com 13 anos de idade: “É preciso mantê-lo”, diz o Registro.³² O 1º registro de inscrição³³ especifica que tomou vários livros pelo valor de 4.50 fr.: uma Instrução, uma gramática, um livro de ofício, um manual de civilidade, um exercício de piedade, um ‘Hora de Lyon’ e um catecismo. Os livros que ele recebe indicam, claramente, que ele participa plenamente da vida do noviciado.

Em 28 de 1826, Jean Cholleton, natural de Clermont, com 14 anos de idade, abandonado por seus pais, mas protegido por seu tio, Vigário geral, entra na casa. Ele se tornará o Ir. Jean e o Pe. Bourdin escreverá sua vida.

²⁷ *Vida*, cap. XXI, p. 522-525.

²⁸ Cap. XXI, p. 523-525.

²⁹ OFM/3, p.180: Registro dos votos temporários e Registro mortuário, p. 305.

³⁰ OFM/1, p. 307

³¹ OFM/2, p. 7

³² OFM/2, p. 8

³³ OFM/1, p. 303

Em 23 de novembro de 1825, entrou Batardier de Lyon, «alimentado à nossa mesa»; «ele pagou cem francos por suas pequenas despesas».

Assim, a passagem de um ex-Irmão das Escolas Cristãs, que solicita entrada, em fevereiro de 1822, não é fato excepcional. Quanto à narrativa de Violet, sobre a chegada de dez jovens que apenas passam, ela é estranhamente similar à chegada dos postulantes de Haute-Loire, em 28 de março de 1822. Talvez Violet traga esse fato, confundindo-o parcialmente com o de outros grupos de passagem, ou narra um fato semelhante. Em todo caso, põe em evidência uma atividade caritativa importante da comunidade de Lavalla que parece, ao mesmo tempo, um meio de recrutamento muito pouco eficaz, mas revelador de um espírito muito utópico: propor aos mais pobres uma vida nova estável, útil e cristã. Ou seja, passar de uma situação desorganizada, quase selvagem, à civilização.

2.13. Um modelo complexo

Se nós juntamos as informações recolhidas em torno de Lavalla, antes de 1822, é preciso, sem dúvida, superar uma imagem construída tardiamente pelo Ir. João Batista, na qual exagera uma grande continuidade com as origens. É preciso, ao contrário, sublinhar que a entrada na casa e a entrada no noviciado são coisas diferentes, pois, já existe o estatuto do postulante, do noviço, do pensionista,

ou do menor pobre e acolhido por caridade. A casa abriga, pois, jovens em trajes civis (postulantes, andarilhos, pensionistas), noviços em hábito azul e, talvez, outros que, tendo feito a promessa, usariam o hábito preto.

No fim de contas, quantas pessoas tomaram o hábito azul, em Lavalla, antes de 1822? Sem dúvida, mais do que a dezena de Irmãos considerados pela tradição. Pode-se, talvez, arriscar o número de uma trintena.

Essas diferenças de estatuto são bem atenuadas em favor da fraternidade, do zelo apostólico e do espírito de sacrifício um tanto exaltados³⁴, mas essas virtudes eminentes não excluem a hierarquia de direitos e deveres ligados aos diversos graus de compromisso. Até 1822, a obra de Champagnat está, pois, numa fase dominada pela mística e a utopia, mesmo assim seu grau de institucionalização já não é negligenciável. Não dispondo mais de numerosos noviços, Champagnat constata, em torno de 1821, que seu recrutamento não pode basear-se sobre os jovens de Lavalla, nem sobre a passagem de meninos ou de jovens pobres que ele espera poder fixar em sua casa. Ele precisa fundamentar melhor sua obra.

2.14. A mutação de 1822: recrutamento massivo e registros

Ele receberá então a chegada inesperada de 8 jovens de Haute-Loire

³⁴ Ver *Vida*, cap. X, p. 110, o testemunho de um Irmão sobre o ambiente comunitário dessa época.

como sinal do céu, mas também como ocasião para colocar ordem em sua obra. Abrindo, então, um registro das inscrições, passa da gestão mais ou menos familiar para a administração um pouco mais rigorosa, que irá melhorando sem cessar e que, como dissemos na introdução, nos deixa fontes ainda pouco exploradas, mas para as quais a publicação de “*Origine des Frères Maristes*” facilita muito a consulta.

2.15. As entradas de 1822 a 1827

A grande novidade do ano de 1822 é o início de um recrutamento maciço

e, combinando o conjunto dos registros, podemos conhecer com bastante precisão o número de pessoas que viveram em Lavalla, a partir de 1822 e durante os primeiros anos de l’Hermitage.

Em menos de 6 anos (março de 1822 – dezembro de 1827), o Instituto teria recebido 102 noviços, ou seja, uma média de 17 por ano. Desse total, 61 teriam chegado à vestição. Mas é provável que um número de Irmãos bem menor tenha chegado a pronunciar a promessa. Quanto ao número de pensionistas, ele está longe de ser desprezível.

Ano	Entradas no noviciado	Pensionistas	Total	Alcançaram a vestição
1822	23	0	23	12
1823	3	4	7	2
1824	16	7	23	10
1825	16	3	19	8
1826	21	4	25	14
1827	23	4	27	15
Total	102	22	124	61

Evidentemente, muitos noviços ou postulantes abandonam rapidamente. Por exemplo, dentre os oito postulantes de Haute-Loire que entraram em 22 de março de 1822, Pierre Aubert sai em junho, Antoine Vassal e Barthélemy Vérot, ambos de Sainte Sigolène, que entraram em 1º de maio de 1822, partem juntos

em 8 de junho do mesmo ano. Por isso, o efetivo permanente do noviciado não deve ultrapassar muito uma dezena de pessoas.³⁵ No total, o número dos ocupantes da casa, fundador e incluídos os Irmãos, deve aproximar-se de vinte, o que já é muito, e requer ampliação no verão de 1822.

³⁵ É, aliás, o que constata o inspetor Guillard, em 26 de abril de 1822, quando da visita a Lavalla, cujo pároco tem “12 a 15 jovens camponeses que ele forma segundo o método dos irmãos para distribuí-los nas paróquias” (OM1, doc. 75, § 9).

O recrutamento do ano de 1823 marca uma transição; Champagnat dá a impressão de ser prejudicado pela falta de espaço, e por isso o pequeno número de noviços acolhidos. A necessidade de encontrar recursos favorece a aceitação de quatro pensionistas que, em princípio, pagam cada um 240 fr. por ano. Entretanto, numa carta de 1º de dezembro de 1823, ao Ir. João Maria Granjon, Champagnat especifica: “Apresentam-se muitos noviços, mas quase todos pobres e muito jovens” e até três homens que já passaram de trinta anos. Por isso, Champagnat percorre os arredores de Lavalla com dois Irmãos para encontrar um lugar novo, a fim de alojar os numerosos candidatos que se apresentam e que ele não pode receber, mesmo depois das ampliações.

O ano 1824 é o da construção de l’Hermitage. Dos 14 noviços recebidos nesse ano, 6 entraram entre janeiro e maio. Os outros 8 entrarão entre setembro e dezembro. Pode-se supor, com razão, que os Irmãos das escolas (uma quinzena disponíveis?), aqueles de Lavalla e seus noviços constituíram um grupo em torno de 25 a 30 pessoas. Pela primeira vez, o Ir. Avit, utilizando certamente o Registo das tomadas de hábito, assinala (§ 76) que nesse ano revestem o hábito azul Jacques Furet (Ir. Cyprien), Civier (Ir. Régis), Fara (Ir. Placide) e Peronnet (Ir. Bernardin).

Na primavera de 1825, a comunidade de Lavalla se instala na casa de l’Hermitage. Segundo o Ir. Avit (Avit § 3, p. 54), ela compreende então 20 Irmãos e 10 postulantes. Os pensionistas não são mencionados (3 entraram entre janeiro e abril), mas eles certamente não ficaram em Lavalla; e é preciso, sem dúvida, avaliar o número de habitantes permanentes da casa em torno de quarenta pessoas, sacerdotes incluídos. Nas escolas há, então, vinte e dois Irmãos. Em 1827, uma carta de Champagnat fala de mais de 80 pessoas durante as férias.³⁶

2.16. Ritmo mensal de entradas

Poder-se-ia pensar, a priori, que o ritmo das entradas obedece àquele do ano escolar de então, isto é, um contingente bem elevado de entradas em outubro-novembro. Entretanto, o quadro abaixo não bate senão parcialmente com essa hipótese, e é estranho constatar que os meses da primavera são outro período favorável à entrada no noviciado, porque eles marcam, com a aproximação da Páscoa, o fim do ano escolar nas zonas rurais e a partida dos meninos e jovens para o pastoreio dos animais, seja nas próprias casas, seja como pessoal contratado. Além disso, a chegada da primavera favorece as migrações – e às vezes a vadiagem – dos jovens.

³⁶ OM1, doc. 173 - carta a um vigário geral, em maio 1827, § 10.

Não é, pois, fortuito que os postulantes de Haute-Loire apareçam em Lavalla, em fins de março, e que Champagnat proponha a alguns deles, para prová-los, de contratá-los como

pastores.³⁷ Em suma, o recrutamento em Lavalla parece acompanhar os ritmos agrários que regulam, ao mesmo tempo, a escolaridade popular.

	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
1822			8	1	2			3	2		4	1
1823	1				1				4		2	
1824	3	3	2	1				2	3	4	1	3
1825	3		1	4	4	1		2	1	4	1	
1826		1	3			1	1	1	6	2	3	1
1827	1	3		6	2			2	3	4	3	1
Total	8	7	14	12	9	2	1	10	19	14	14	6

CONCLUSÃO

Entre 1817 e 1822, a casa de Lavalla se torna um pequeno centro de difusão da instrução, dotado de um núcleo permanente de uma dezena de membros e de uma periferia variável, mas referente a um grupo bastante grande de pessoas. É uma instituição polivalente que proporciona não apenas o ensino elementar (escola), mas um ensino primário superior para futuros professores e mesmo uma iniciação ao latim para alguns. Em torno de 1820, é uma

obra que falar por si, no seu entorno, e nos anos 1822-1827 ela se impõe como centro de formação, cuja influência se estende pelos departamentos de Haute-Loire, Ardèche e Loire. Em 1824, reconhecida pela diocese de Lyon como congregação diocesana³⁸, ela já é obra supradiocesana. Transferida para Hermitage, a obra se transforma pouco a pouco, renunciando a uma complexidade de funcionamento que devia ser difícil de administrar, mas permitindo-lhe viver em simbiose com o ambiente.

³⁷ *Vida*, cap. IX, p. 102.

³⁸ A palavra "congregação" ainda não tem sentido canônico preciso. Significa ainda "associação religiosa". Aliás, os membros da congregação não fazem votos.

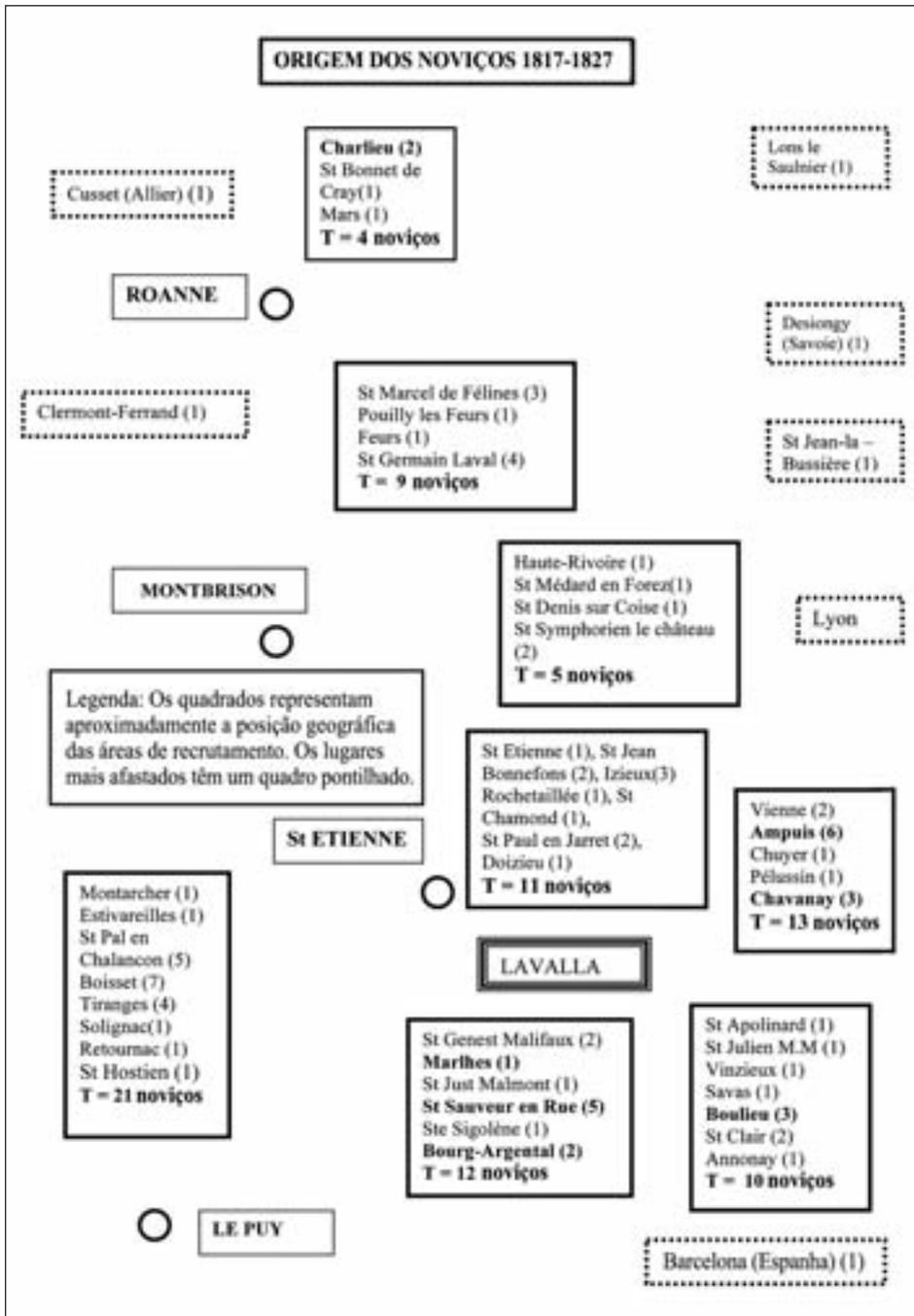
ANEXO**Geografia
do recrutamento**

Um esquema traçado a partir da origem dos noviços, em 1817 a 1827, permite definir certo número de grandes características: é concernente à zona central que compreende Lavalla e as aglomerações ao redor que, sozinhas, dão 21 noviços. Essa região se estende naturalmente para o Sul até Annonay, e para o Leste até o Ródano. Trata-se da área natural do recrutamento, facilitado pelas trocas culturais e comerciais. Quarenta e seis noviços provêm dessa região.

Sabemos que a zona Oeste, situada no Haute-Loire origina vocações apenas a partir de 1822 sem que nenhuma escola tenha sido ins-

talada ali. O número é absolutamente notável: 21. Mas é preciso sublinhar que corresponde a menos da metade das vocações da região descrita precedentemente.

Enfim, ao Norte de Lavalla e St. Etienne aparecem zonas mais modestas: os montes do Lyonnais; a planície de Feurs e a orla do Forez, a região de Charlieu. A relação entre essas regiões e a fundação das escolas manifesta-se em dois casos sobre três. Entretanto, não é indiferente observar que o Haute-Loire e a região de Feurs, que fornecem um número significativo de vocações, são lugares onde viveu o Pe. Courveille. Enfim, algumas vocações têm origens mais longínquas: trata-se, muitas vezes, de jovens migrantes ou desocupados.



3. APANHADO DA VIDA ECONÔMICA EM LAVALLA E EM L'HERMITAGE

Nos «Annales de l'Institut»³⁹, o Ir. Avit se interessou pelas condições materiais em que o Instituto nasceu e cresceu. Ele mesmo consultou os arquivos existentes sobre essa questão. Ele lembra que em 1817, o Pe. Champagnat só contava com seu pagamento de coadjutor, não tinha seguro de vida pelo governo, mas apenas pelo município, cujo montante exato não se conhece. Também não se sabe qual era o aluguel da casa Bonner, onde instalou seus dois discípulos em dois de janeiro de 1817. Como mobília havia alguns móveis doados e duas camas feitas com tábuas por Champagnat. A roupa de cama e os utensílios de cozinha são raros ou ausentes.

3.1. Poucas fontes nos anos de 1817 a 1822

Sabemos que em 1º de outubro de 1817, Courveille e Champagnat compram a casa mediante 1.000 fr. Mas, em 26 de abril de 1818, pagam nova prestação de 1600 fr. Para viver, os primeiros Irmãos fabricam pregos e plantam a terra. Sabemos pelo '*memorial Bourdin*' que, quando começam a ocupar-se com crianças, eles solicitam doações '*in natura*' e que o Pe. Rebod parece ter contribuído no

pagamento da casa. O Ir. Avit assinala⁴⁰ que uma viúva, chamada Oriol, oferece 200 fr. a Champagnat. Além disso, certo número de meninos da escola paga uma retribuição e a casa abriga alguns pensionistas. O serviço religioso (missas, enterros, batismos...) deve fornecer ao Padre Champagnat um complemento não desprezível.

Quanto ao hábito, dado a partir de 1817 e certamente pago por quem o veste, o Ir. Avit afirma (1826 §52) que, até em 1826, ele é confeccionado por alfaiates e sapateiros de Lavalla.

Outras questões podem ser levantadas. Assim, por exemplo, quando o professor Maisonneuve vem dar aula aos Irmãos e viver em comunidade com eles, provavelmente em 1819, que retribuição pagava a comuna, e essa soma ia, inteira ou em parte, para a caixa dos Irmãos? Como a *Vida* assinala que Maisonneuve foi dispensado por causa de "sua conduta irregular e demasiado mundana,"⁴¹ pode-se pensar que uma das causas de seu desligamento tenha sido de ordem financeira. Por outra, vemos os Irmãos exercerem funções de auxiliar paroquial como cantor, e poderia ser que os administradores lhes dessem compensações.

Em todo caso, a comunidade das origens é realmente pobre e, ainda em 1822, o inspetor Guillard cons-

³⁹ Ano 1817, § 13-16.

⁴⁰ *Annales des maisons* - Lavalla

⁴¹ *Vida*, cap. 7, p. 75.

tata essa pobreza.⁴² Entretanto, quando por volta de Todos os Santos, em 1819, o Padre Champagnat vem morar com os Irmãos, essa pobreza é compatível com a dignidade sacerdotal.

De fato, trata-se de uma existência de dia após dia, com receitas pecuniárias aleatórias e com provisões que dependem bastante das terras cultivadas pelos Irmãos. É a época do provisório e, em certa medida, da sobrevivência, esperando que a Providência e a experiência indicassem o caminho a seguir. No entanto, os registros mantidos a partir de 1822 permitem-nos acompanhar mais de perto a vida econômica, e mesmo nos fazem adivinhar a situação anterior. A mudança para L'Hermitage vai permitir o aperfeiçoamento dessa organização econômica.

3.2. A fabricação de pregos

A fabricação de pregos foi a primeira fonte de recursos dos Irmãos em Lavalla, porque a fundação feita não permitia o trabalho nos campos, durante o inverno, e essa era um pouco, em todas as granjas, uma atividade hibernar. Mesmo assim, os registros contábeis não trazem sinal disso, senão tardiamente. A primeira menção é feita em 24 de janeiro de 1826: “recebido pelo fabrico de pregos: 30 fr.” e no dia 6/2/1826, o

mesmo registro informa: “Dado ao Ir. Jean-Pierre para o ferro comprado do Sr. Neyrand, em St. Chamond: 140 fr.”⁴³ Como Neyrand é comerciante de pregos, pode-se supor que ao menos uma parte da soma é relativa às famosas hastes de ferro chamadas de “varas” e que eram cortadas e marteladas para obter as cabeças e as pontas dos pregos. É sem dúvida a atividade do Ir. João Maria Granjon que, segundo o “*memorial Bourdin*”,⁴⁴ se retirara em 1826 para uma cabana acima de l'Hermitage, onde ele forjava. Outra menção das contas não deixa nenhuma dúvida: em 25/12/1828 – “Dado ao Sr. Estienne, em pagamento do ferro para o fabrico de pregos: 10,50fr.” (OFM/1, p. 423).

Duas coisas estão, pois, claras: até 1826, os Irmãos Maristas fabricam pregos e estes são comercializados. Depois, o mesmo trabalho continua, mas não temos certeza quanto à sua comercialização: pode ser que a fabricação de pregos se destine apenas às necessidades da casa. Aliás, a compra de 1828, pouco elevada, sugere essa hipótese. Além disso, o registro das despesas não menciona compra de pregos antes de 1835. Neste ano, em abril e julho, o registro acusa duas compras junto ao Sr. Brosse, comerciante de pregos em St. Julien, por uma soma, aliás, pouco importante: 18,6 francos. (OFM/1, p. 456).

⁴² OM1, doc. 75.

⁴³ Registro das despesas, OFM/1, p. 333 e 409.

⁴⁴ OM2/ doc. 754

A partir de 1837, as compras de pregos se multiplicam: no dia 10 de janeiro de 1837, compra da viúva Rossilliot: 10.000 pregos e 3.000 pontas por 70 francos. No dia 29 de setembro de 1837: “Dado à Fara, de Lavalla, fabricante de pregos: 46”. Em dezembro, nova compra no mesmo fornecedor por 42 francos.

Essas despesas estão, em grande parte, ligadas à sapataria de l’Hermitage da qual o Ir. Avit evoca o funcionamento:

“Desde 1817, o Pe. Champagnat tinha-se servido dos sapateiros de Lavalla para os calçados dos Irmãos.⁴⁵ Desde há alguns anos⁴⁶ (ele evoca o ano de 1833), os citados Diosson e Roux desempenhavam essa função na casa.

Este recebeu o hábito em 1834 com o nome de Ir. Pacômio; o bom Padre nomeou-o chefe da sapataria. Ele não era hábil, e os calçados dos Irmãos não eram bonitos. Usava-se, às vezes, um couro mal curtido no qual se podia contar todos os pelos”.

A hipótese de um abandono da fabricação de pregos, em torno de 1835, parece, pois, bastante pertinente, ainda mais que os Irmãos Maristas começam a experimentar certa folga financeira.

3.3. A indústria têxtil em Lavalla e depois em l’Hermitage

Claude Fayol, futuro Ir. Estanislau, entrou no noviciado no dia 12 de fevereiro de 1822, com 22 anos. Como era tecelão, “instalou-se um tear na cozinha com a qual ele fabricou tecido durante algum tempo, para ganhar uns trocados”.⁴⁷ Parece que o Ir. Estanislau não continuou, pessoalmente, essa atividade em l’Hermitage. Entretanto, a casa se tornou um centro de produção têxtil respeitável que fornecerá o tecido necessário para uma alfaiataria instalada desde 1826, que o Ir. Hipólito - “que sabia coser um pouco” - dirigiu durante 43 anos (Avit, 1826 § 52).

Desde 1827, foi montada uma oficina de fitas onde trabalham os Irmãos e os postulantes cansados ou não capazes de outro trabalho. Numa carta de 1829, o Padre Champagnat precisa que a oficina é dirigida pelo Sr. Séon.⁴⁸ No mesmo ano de 1827, o Pe. Champagnat, o Ir. Pierre e alguns outros fecham o pátio que dá para o sul e elevam uma construção que compreende padaria, “vacaria” (estábulo) e vários depósitos. Pouco depois, organiza-se ali uma oficina

⁴⁵ Nas Atas do processo diocesano de beatificação, a senhorita Françoise Baché, de La Valla, declarou em 1886: «Meus pais faziam seus calçados e aqueles dos primeiros Irmãos»; informação fornecida pelo Ir. Henri Réocreux.

⁴⁶ Em torno de 1830; ver Avit, 1833, § 112.

⁴⁷ *Annales de l’Institut*, 1822, § 34.

⁴⁸ OM1, doc. 185. O término da fabricação de fitas aconteceu antes de 1838.

para cardar ou escovar a lã (Avit, 1827 § 60), à qual será acrescentada uma tecedeira de panos dirigida pelo Ir. Jean-Joseph (Chillet Jean-Baptiste)⁴⁹. O Ir. Avit reconhece que esse Irmão não tinha aptidão para o ensino, “mas era hábil em tecer panos e tecidos”. Aliás, o livro das despesas contém numerosas compras de lã e o Registro das receitas anota numerosas vendas de tecido pelo Ir. Jean-Joseph. O Ir. Avit (1840 § 703) diz que “o tecido destinado às batinas, aos mantos e meias, sendo fabricado em l’Hermitage, era bastante grosseiro, mas durava muito tempo”. A opção pelas meias de pano para os Irmãos, em 1828-29, seria pois motivada essencialmente por motivos econômicos, uma vez que a casa era capaz, desde então, de confeccionar ela mesma as meias para os Irmãos.

Enfim, em 1827, “uma senhora solteira, chamada Gabrielle, veio morar ao lado da casa para cuidar da roupa”. As contas trazem algum traço de algumas de suas despesas e mencionam também, com frequência, as jornadas das lavadeiras, certamente senhoras que habitavam nas proximidades e eram pagas com 1,30 fr. por dia, o que era um pagamento bastante bom, pois um trabalhador de então não recebia mais do que 1 franco. O registro das despesas traz pela primeira vez, em 27 de fevereiro de 1827: “Dado

para lavar a roupa ou para cinzas⁵⁰ : 12 (fr) . É preciso esperar 8 de fevereiro de 1832 para encontrar: “Dado às mulheres que lavaram a roupa: 7,80 fr” e no dia 10: “Dado para a lixívia: 28,50 (fr.)”. A menção à lixívia retorna em abril, junho, setembro, outubro e novembro do mesmo ano. Tem-se a impressão de que, até 1832, não se ape-la a lavadeiras senão de quando em vez; mas em seguida, a casa tendo ficado mais povoada e menos pobre, a lavação é confiada a mulheres.

3.4. Livraria de Lavalla e L’Hermitage

O registro das inscrições menciona não apenas o preço da pensão paga pelos noviços ou pelos pensionistas, mas também o material escolar que eles compram na casa, o que faz de Lavalla um pequeno centro de difusão do livro e do material escolar, com certeza muito antes de 1822. Frequentemente, ao mesmo livro são atribuídos preços diferentes, provavelmente segundo o uso que o livro revelava. Pode-se observar que a tinta não é comprada e isso, provavelmente, porque é fabricada em casa, a partir da noz de uma parasita do carvalho (*gale*)⁵¹. A casa não vende ardósias, acessório que o ensino mútuo, no entanto, difunde generosamente, mas maços⁵² de papel. Enfim, não se encontram livro de iniciação ao latim,

⁴⁹ Nascido em St Denis sur Coise, entrou em 4 de julho de 1826, tomou o hábito em 10 de novembro do mesmo ano e fez a profissão perpétua em 8 de setembro de 1828.

⁵⁰ Utiliza-se pouco sabão, mas ferve-se a roupa com cinza.

⁵¹ *Gale* (fr.): Planta parasita do carvalho, tendo forma de bola de bilhar. Esmagada, ela produz tinta de cor marrom.

⁵² Fascículo de 25 folhas de papel.

nem manuais de história ou de geografia, normais no ensino de um colégio. O programa dos estudos de Lavalla está, pois, reduzido às matérias fundamentais.

As cartilhas para a alfabetização são bastante raras, sem dúvida, porque a maioria dos que vêm (noviços e pensionistas) devem já conhecer as letras. O livro de leitura elementar é o “*principe*”, (princípio, iniciação à leitura). Depois, os leitores se habituariam à leitura continuada na “Bíblia de Royaumont”: uma história sagrada. Poderíamos, então, distinguir três níveis de leitura para os noviços e pensionistas: um pequeno grupo que tem necessidade de alfabetização; a maioria deve ser iniciada à leitura corrente, depois à gramática e à escrita, daí o porquê da compra de penas de escrever e de maços de papel. Quanto à aritmética, ela se reduz à aprendizagem das quatro operações. As regras de civildade são aprendidas no livro de J. B. de la Salle: “*As regras da conveniência e da civildade cristã*”. Assim como a “Bíblia

de Royaumont”, ela serve para aperfeiçoar a leitura.⁵³

O último elemento fundamental do ensino é o catecismo. Mas, o livro da diocese não é o mais comum: os noviços parecem dispor de uma obra mais desenvolvida, cujo autor não é mencionado. Tal escolha não seria de estranhar porque a vocação catequética dos Irmãos é muito sublinhada. O catecismo de Calot, caro, parece ser uma exceção.

Lavalla é, pois, uma escola primária que oferece um nível de formação bastante desenvolvido. E, sobretudo, a presença da “*Conduite des frères*” (Regra, metodologia dos Irmãos) das escolas cristãs, entre os livros importantes, evidencia que ela forma futuros professores no método simultâneo. É o que se vai chamar de escola normal. Os numerosos livros de piedade lembram que se trata de um noviciado, mas é bem verdade que, naquela época, a literatura piedosa é um componente normal da aprendizagem dos professores.

Livros	Sous ⁵⁴	Francos e centavos
Cartilha		0.25
Aritmética	5.	0.25
Bíblia (de Royaumont)		1, 25
Bíblia (de Royaumont)	27	1,35c
Bíblia (de Royaumont)		1,25c
Bíblia (de Royaumont)		1,40c
Bíblia (de Royaumont) in 12	28	1,40

⁵³ Ela é impressa com caracteres de civildade, parecidos com a escrita gótica, de manuscrito.

⁵⁴ Tostões. Ainda se contabilizava em «sous» tostões e francos. Um franco valia 20 sous.

Cântico	9	0.45
Catecismo		0.40
Catecismo	11	0.55
Catecismo	11	0.55
Catecismo de Calot in 12		2.65
Catecismo da diocese	5	0.25
Catecismo		0.25
Via sacra	18	0.90
Cronologia (bíblica?)	17	0.85
Civilidade		0.25
Civilidade		0.20
Civilidade	4	0.20
<i>Conduite des frères</i> - Metodologia dos Irmãos	32	1.60
Exercício de piedade	5	0.25
Gramática		0.50
Gramática francesa	16	0.80
Gramática in 12	16	0.80
Horas de Lyon	27	1.35
<i>Heures de Lyon avec Chemin de croix</i> in 18	36	1.80
Horas de Lyon		1,50
Instrução (dos jovens?)		1,50
<i>Instruction des jeunes gens</i> ⁵⁵	17	0.85
<i>Livre d'office] (de la Sainte vierge?)</i>		0.50
Livro de Ofício		0.50
Ofício da SS. Virgem in 24	13	0.65
Livro de ouro (ou <i>L'humilité en pratique</i> por Dom Sans de Ste Catherine)	14	0.70
Maço de papel	8	0.40
Plumes (Penas): pacote de vinte e quatro	8	0.40
<i>Principe (de lecture)</i> - Iniciação à...	5	0.25

(Nota do tr. - Um livro in 4, in 8, in 12, dá ideia do tamanho, derivando da folha grande dobrada 4, 8 ou 12 vezes).

Para conseguir essas obras, Lavalla mantém relação com o livreiro-editor Guyot, de Lyon, que, certamente, concede descontos. Os

Irmãos das escolas, aliás, se servem de livros e de material escolar, em Lavalla, para vender com pequena renda: em 1824, o Ir. J. M. Granjon,

⁵⁵*Instructions chrétiennes pour les jeunes gens*; publicação devocional. Tenho uma edição impressa em Lyon, pela Lambert-Gentot, em 1826.

diretor de Bourg-Argental, lança 133 fr. como “dinheiro de livros”.⁵⁶ Evidentemente, essa livraria continuará em l’Hermitage. Em 1829, o Pe. Champagnat declara que é o Pe. Bourdin quem está encarregado dessa livraria.⁵⁷ Em 1838, será o Ir. Luís (Avit, 1838, § 387).

3.5. Os pensionistas e os noviços

Não voltaremos muito sobre a receita proveniente das pensões que correspondem mais ou menos a duzentos francos por ano, como a dos noviços. Mas, cada entrada parece corresponder a um contrato particular que o estatuto dos pensionistas revela bastante bem: alguns pagam 10 fr.; outros, 15, 20 ou mesmo 25 francos por mês, mas com serviços diferentes, às vezes bem explicitados. É preciso sublinhar, em todo caso, que se trata de somas muito importantes: um operário qualificado ganha então 2 fr. por dia de trabalho, ou seja, mais ou menos 600 fr. por ano. Nessas condições, não é de estranhar que as pensões ou o preço do noviciado sejam pagos, pouco a pouco, ou aceitem arranjos.

De fato, l’Hermitage é rico de créditos, mas o dinheiro entra muito devagar e os problemas de tesouraria são quase permanentes.

3.6. Impressionantes atrasos nos pagamentos

Alguns documentos referentes ao pagamento das despesas de noviciado parecem merecedores de atenção especial devido às pessoas implicadas e devido à importância das somas em jogo. O registro de inscrições num “Demonstrativo aproximativo daquilo que nos é devido” (OFM/1, doc. 109, p. 328), datado em 6 de novembro de 1825, revela que alguns Irmãos, que entraram há muito tempo, figuram entre os devedores, em particular Gabriel Rivat. Outra surpresa: o documento menciona “os dois Chomat”, isto é, os dois professores de Sorbiers, Louis Chomat e Arsène Fayol que serão os Irs. Cassiano e Arsênio, e que parecem estar já associados, secretamente, à obra de Champagnat. Aliás, a biografia⁵⁸ deles traz, aqui abaixo, certo esclarecimento.

⁵⁶ OFM/1, doc. 105, p. 303.

⁵⁷ Ibid.

⁵⁸ *Biographie de quelques frères*, edição de 1868, p.195-198, indica contatos entre eles e Champagnat, em torno dessa época. Eles, aliás, não farão o noviciado, mas entrados em 19 de setembro de 1832, revestem o hábito religioso no dia 7 de outubro e retornam à sua escola. Parece que os habitantes de Sorbiers consideraram essa afiliação como uma traição e o Pe. Champagnat deverá fechar a escola. Estamos um pouco depois da Revolução de 1830, num ambiente anticlerical, mas pode ser que Louis Chomat, até então praticante do método mútuo, tenha adotado o método simultâneo, o que - num ambiente de nova guerra escolar - podia parecer provocação.

	Estado civil (acrescentado por nós)	Soma devida
« Poinard	Claude Poinard - Ir. Etienne. Entrou em 11/11/23 ⁵⁹	60
Mano do Ir. Jean-Pierre	Ir. Benoît (Deville). Entrada e vestição em 1828 ⁶⁰	400
Furet de St Pal	Ir. Cyprien. Entrou em 3/9/22	400
Ir. Pierre	Souchon Jean. Entrou em 20/10/24	400
Ir. Hilarion	Girard. Entrou em 28/3/22	180
Ir. Marie-Lin	?	50
Ir. Ambroise	Pinsonnel Jean. Entrou em 7/9/24	300
Ir. Dominique	Exquis Benoît. Entrou em 14/10/24	200
Ir. Joseph Bret	Entrado em 5/8/1825	400
Jean-Claude Jalon	Ir. Clément. Entrou em 27/6/25	400
Ir. Louis et Laurent	Os dois Irmãos Audras entraram em 1817	1000
Os dois Chomat	Trata-se dos Irs. Cassiano e Arsênio (Louis Chomat e Césaire Fayol) que entrarão em 19 de setembro de 1832.	2000
Auguste Ayou	Pensionista	220
Nolin	Pensionista	220
Jean Fara	Pensionista, depois Irmão	120
Gabriel Rivat	Ir. François. Entrou em 6 de maio 1818.	400
F. Jean-Pierre »	Jean Deville. Entrou em 14/5/25	200

Não compreendemos bem que os Irmãos Louis, Laurent e François ainda devam, em 1825, somas importantes, como se ainda não tivessem pago seu noviciado.

No doc. 140 (OFM/1, p. 557), figura outro inventário intitulado,

desta vez: «Irmãos que não terminaram o pagamento de seu noviciado». Não vem datado, parece organizado em torno de 1830. Uma primeira lista de 13 nomes concerne ainda a dois Irmãos que entraram antes de 1822, entre os quais o Ir. Francisco.⁶¹

	Soma recebida	Entrada em	Nome civil
«1º Ir. François	Recebido 100	6/5/1818	Gabriel Rivat
2º Ir. Barthélemy	100	1/5/1819	Barthélemy Badard
3º Ir. Joseph		28/3/1822	Georges Poncet
4º Ir. Jean-Bap(tiste).		28/3/1822	J. B. Furet

⁵⁹ Esta coluna foi acrescentada por nós para permitir situar a pessoa.

⁶⁰ Como «os 2 Chomat», Benoît Deville parece ligado à obra sem ainda ser Irmão.

⁶¹ Mas a menção da soma parece significar o fim do pagamento. Isso poderia valer também para Barthélemy Badard que não está, aliás, assinalado como devedor na lista de 1825.

5° Ir. Théodoret		20/1/27	Thomas Fayasson
6° Ir. Hilarion		28/3/1822	Joseph Girard
7° Ir. Jean-Marie		2/12/1826	Claude Bonnet
8° Ir. Abel		25/9/1825	Jean Etienne Dumas
9° Ir. Damien		31/10/1824	J. M. Mercier
10° Ir. Xavier		11/4/1825	Gabriel Prat
11° Ir. Hyppolite		20/9/1826	Jean Remillieu
12° Ir. Enselme		5/2/1827	Etienne Poujard
13° Ir. Mathieu		19/11/1827	Philibert Derisson
14° Régis (sic)		28/3/22	François Civier
15° J. Chrysostome		25/2/1829	Doche Louis
16° Ir. Benoît»		19/5/1828	Jean Deville

É preciso, pois, considerar que o pagamento do noviciado se estende sobre um período bem longo, e que também certo número de pessoas são agregadas à obra sem serem, oficialmente, Irmãos, seja porque se formaram em Lavalla, seja porque estão officiosamente ligadas à obra de Champagnat. Essas contas parecem, pois, bem estranhas. Talvez algumas dessas somas estejam ligadas à herança dos Irmãos que dela devem uma parte à casa. Em todo caso, se o pagamento dos custos do noviciado é efetuado, com frequência, ao longo de um considerável período, ninguém parece dele dispensado.

Conclusão

A economia da obra dos Irmãos em Lavalla repousa, pois, nos primeiros anos sobre um tripé: de uma parte, a exploração dos recursos agrícolas da propriedade; de outra

parte, atividades artesanais destinadas, no início, a conseguir recursos financeiros e, em seguida, a reduzir as despesas; enfim, a função de noviciado–pensionato–escola normal que asseguram lentamente receitas pecuniárias. A complementaridade entre esses recursos é manifesta: a produção agrícola garante mais ou menos a vida cotidiana; as rendas artesanais permitem alimentar uma tesouraria mínima; as quantias fornecidas pela formação garantem recursos mais importantes, mas a longo prazo.

Por outra, o exame dos recursos financeiros dá uma imagem mais complexa da obra de Lavalla do que o relato clássico das origens: a fraternidade não impede que cada um pague o que deve e ela parece ter, durante a época de Lavalla, fronteiras mais imprecisas e mais amplas do que o grupo restrito do qual nos chegaram informações pela tradição.

4.A GESTÃO DAS ESCOLAS DE 1818 A 1827

4.1. Da escola paroquial à escola comunal

Entre o estabelecimento da escola de Marlhés em 1818 e o prospecto de 1824, que propõe ao público os serviços dos Pequenos Irmãos de Maria, passam-se seis anos que permitiram ao Pe. Champagnat acertar as condições finan-

ceiras e materiais para a fundação e o funcionamento das escolas.

4.2. O Prospecto de 1824

Os Pequenos Irmãos de Maria publicam então, sob a autoridade da diocese, em julho de 1824, um prospecto possivelmente redigido por Pe. Cholleton, Vigário geral, que se inspira num projeto certamente mais próximo do pensamento de Champagnat⁶². Constatam-se sempre que as diferenças entre eles aparecem flagrantes.

Projeto (junho 1824?)	Prospecto (julho 1824)
Pagamento: 400 fr. por dois Irmãos; 600 fr. por 3 Irmãos.	Pagamento: 800 fr. por dois Irmãos; 1200 fr. por três Irmãos.
Um pequeno mobiliário no valor de 1.500 fr. para três Irmãos; 1000 fr. para dois; 800 fr. quando os Irmãos permanecem apenas no inverno.	Uma casa conveniente provida do mobiliário necessário.
400 fr. para alojamento e mobiliário conveniente para dois Irmãos, atuando apenas no inverno.	
Uma construção adaptada ao ensino.	As comunas podem receber dos pais com boa situação financeira uma retribuição escolar.
	Um jardim
	Um lugar de recreação para as crianças.
	Convite à oração e à liberalidade dos paroquianos e à bondade dos párocos.

⁶² Ir. Pedro Herreros, *La regla del Fundador, sus Fuentes y evolución*, Roma, 1984, p. 20-24.

Parece que o projeto, fiel ao desejo de responder às necessidades das pequenas comunas (municípios), reduz tanto quanto possível as exigências financeiras e imobiliárias. Além disso, confirma a tradição da escola durante o inverno: de Todos os Santos até a Páscoa. Com o prospecto, opta-se por uma obra bastante diferente que não pode interessar senão aos municípios mais importantes, mas, por muitos aspectos, parece ser mais realista. Em particular, o prospecto prevê uma retribuição escolar, recolhida pela comuna e não pelos Irmãos, o que lhes evita bastante incômodo.

Como o projeto não fala das retribuições escolares, entretanto já praticadas em várias escolas, é preciso considerar que, dirigido aos conselhos municipais, ele estabelece a soma a ser depositada pela comuna e desconsidera o dinheiro recebido diretamente pelos Irmãos por meio das retribuições escolares. O projeto supõe também as contribuições financeiras de alguns notáveis, seja como salário, seja diretamente como subvenção anual. É, aliás, o cenário das fundações de Bourg-Argental, St. Sauveur e St. Symphorien-le-Château. O prospecto, sim, faz um apelo discreto à liberalidade dos habitantes (artigo 12).

Em síntese, o projeto somente prevê o dinheiro público gasto para o estabelecimento das escolas, ao passo que o prospecto é mais global.

4.3. As hesitações dos anos 1817-1822

Este texto normativo é, em todo caso, fruto da experiência adquirida entre 1818 e 1824, à custa de muitos dissabores. Temos um bom exemplo desse tempo, observando a situação financeira das escolas fundadas antes de 1824.

O estatuto da escola de Lavalla nem parece ter sido aprovado. Depois da transferência para l'Hermitage, a escola se torna um anexo da Casa-mãe, com dois Irmãos dando aula apenas durante o inverno e descedo, nas quintas-feiras, para as provisões como fazia o Ir. Lourenço, em 1819 no Bessat.⁶³ Em Tarentaise, o Ir. Lourenço, em 1822, está numa situação ainda mais precária: "Ele mesmo preparava sua insignificante alimentação, dormia no dormitório dos latinistas (da escola presbiteral do Pe. Préher) e dava aula num celeiro".

Marlhes, fundada em 1818, não parece estar em situação financeira melhor. A escola é considerada como um anexo da casa paroquial e recebendo recursos desta. Por isso, as condições materiais são inadequadas. Era preciso receber os pensionistas em local insuficiente: "ganhava-se espaço fazendo dormir juntos 2 ou mesmo 3 meninos, em camas um pouco mais largas" como era ainda costume em muitas famílias e "os irmãos tinham apenas um pequeno espaço para si."⁶⁴

⁶³ Ir. Avit, *Annales des maisons*, Província de l'Hermitage, Lavalla

⁶⁴ Ibid. Marlhes.

Diante da má vontade do pároco em remediar tal situação, o Pe. Champagnat retira os Irmãos em 1822. Vanosc, fundada neste mesmo ano de 1822, não está melhor instalada: muito mal alojados, os Irmãos foram retirados nas férias de 1826 ou na Páscoa de 1827.

St. Sauveur, fundada em 1820, é consequência de um fato diferente, porque fundada pelo Sr. Colomb de Gaste, prefeito. Ele teria dado 400 fr. de gratificação pela instalação e mobília no mesmo valor. Como salário para os dois Irmãos, a comuna teria oferecido 350 fr. e o Sr. Colomb, 200. Uma renda de 100 fr., fruto da locação de um prado, outra renda de 50 fr. provenientes de M. de St. Trivier, bem como as retribuições escolares dos alunos 'escritores' (os mais adiantados que aprendem a escrever): 100 francos. O total daria teoricamente 800 francos. Entretanto, as retribuições entram mal, a população sendo reticente em pagar para se instruir e o número dos alunos 'escritores' era pequeno.

Em Bourg-Argental, temos um quadro semelhante: Sr. De Pléné, prefeito, e o visconde de St. Trivier garantem a fundação. Fornecem a mobília e parece que a gratificação pela fundação tenha sido obtida por uma subscrição de benfeitores. Quanto ao salário dos três Irmãos, ele consta de duas partes: 600 fr. de receita garantida, não se sabe por quem, e os 600 outros obtidos pelas retribuições escolares. No dia 7 de fevereiro de 1824, o Registro das inscrições (OFM/1, doc. 105, p. 303) indica que o Ir. João Maria Gran-

jon pagou 600 fr. pelo ano de 1822 e, para o ano de 1823, 300 fr. como salário dos Irmãos. Há também 133 fr. de dinheiro dos livros, provavelmente o resultado proveniente do material escolar dos alunos, mas apenas 59 fr. de retribuição escolar. Enfim, o Ir. João Maria reembolsa 60 fr. emprestados da Casa-mãe. Como as retribuições não garantem dinheiro antecipado, em 1824, o Sr. de Pléné se comprometerá a fornecer 1000 francos. Quanto a M. de Saint Trivier, ele concede um capital de 10.000 fr. que garante uma renda anual de 500 francos. Mas o Ir. Avit anota que, até 1832, o pagamento dos 3 Irmãos é apenas de 980 fr. em vez dos 1.200 prometidos.

Boulieu foi fundada em 1823 pelo Pe. Dumas, o prefeito Mignot e a família de Vogüe. O Ir. Avit pensa que o mobiliário tenha sido "fornecido in natura", isto é, constituído de móveis oferecidos e duvida que a gratificação de instalação tenha sido depositada. Quanto ao pagamento dos dois Irmãos, era de 800 fr., sendo a metade fornecida pela comuna e o resto pela família Vogüe. As crianças não pagavam retribuição escolar.

Em St. Symphorien-sur-Coise (St. Symphorien-le-Château), é o prefeito, Sr. Clérimbert, que toma a iniciativa de escrever a Champagnat, no dia 15 de setembro de 1823, anunciando que a comuna está pronta a dar 400 fr., alojamento e a mobília para dois Irmãos, o restante sendo completado pelas retribuições escolares. O senhor cura, M. Roch, escreve também. Essa fundação parece ter sido bastante apres-

sada, talvez por concorrer com uma escola mútua. Aberta em Todos os Santos de 1823, ela recebe três Irmãos a partir de 1825. A retribuição deve ter sido demasiado modesta, pois o marquês de Nobletz, em 1828, dá à escola uma renda de 650 francos.

A fundação de Chavanay, em Todos os Santos de 1824, depois das providências do Padre Gauché, não corresponde ainda à aplicação do prospecto, mas está bem próxima do projeto. O Ir. Avit menciona, para essa escola de dois Irmãos, um 'prêmio' de instalação de 400 fr.; o mobiliário valendo 500 fr. e um salário de 400 fr. por Irmão. O local está em péssimo estado.⁶⁵

4.4. Três modelos de fundação

Lavalla, Marthes, Tarentaise e Vanoosc são paroquiais e dependem, pois, unicamente do pároco que trata os Irmãos como subclérigos. Aparentemente, não parece haver nenhum compromisso financeiro e essas casas são pobres, de modo que Champagnat as fecha rapidamente, salvo Lavalla que vai viver pobremente, depois de 1825. Uma escola que depende exclusivamente da paróquia não é, pois, viável para os Irmãos de Maria.

Bourg-Argental e St. Sauveur são escolas comunais, devido à iniciativa das autoridades civis e dos notáveis. Foram estabelecidos compromissos

financeiros bastante precisos, aparentemente sem intervenção dos párocos. O sistema funciona de alguma maneira.

Boulieu e St. Symphorien-le-Château são modelos intermediários que vão tornar-se os mais frequentes. Baseiam-se no acordo dos párocos, das autoridades comunais e dos notáveis. Como no modelo precedente, as condições financeiras são fixadas. E com Chavanay, ainda que o fundador seja o pároco, tem-se a impressão de chegar perto das condições do projeto do prospecto.

4.5. Resumo de uma mudança importante

Estes fatos ilustram o começo da laicização da escola porque as autoridades civis - mesmo que, e sobretudo, bons católicos - consideram que a instrução é da competência deles. Em suma, St. Sauveur é a primeira escola marista de tipo moderno: modernidade que torna os Irmãos menos dependentes da paróquia, oferece-lhes condições materiais decentes e retribui-os com bastante acerto.

Resta o problema da retribuição escolar porque os pais, apegados à velha tradição da Igreja, que considera a educação como uma obra de misericórdia e não um mercenarismo, não se conformam com a contribuição. O pagamento desta é, pois, difícil; e o Ir. Avit observa que o Ir. Luís, sucessor do

⁶⁵ As informações sobre as escolas acima vêm dos '*Annales des maisons*'.

Ir. João Maria, em Bourg-Argental, tendo-se mostrado mais severo na cobrança das retribuições, viu “vários alunos deixarem a escola”.

Durante esses anos de 1818-1823, o Pe. Champagnat pôde, então, experimentar diferentes situações e fazer-se uma ideia das condições necessárias para a existência de uma escola de dois ou três Irmãos. Ele pôde constatar o fracasso das fundações exclusivamente paroquiais e avaliar de maneira mais precisa o mínimo exigível. Por isso, conforme o prospecto de 1824, as condições para fundar decorrem desses anos de hesitações marcadas por fracassos ou de fundações mal feitas.

4.6. As dificuldades das escolas

Por isso, mesmo quando há acordos financeiros, o dinheiro custa a entrar. No Registro de inscrições, um levantamento aproximado do que é devido, organizado em 6 de novembro de 1825 (OFM doc. 109, p. 328), dá uma ideia dos pagamentos atrasados para o ano de 1824:

Boulieu:	500
Bourg-Argental:	1700
Saint Sauveur:	400
Vanosc:	300
Chavanay:	500
Ampuis:	800
Saint Symphorien:	700
Charlieu:	800

Observa-se que Bourg-Argental parece ter um atraso de pelo menos dois anos. São, pois, 5.700 fr. dos quais Champagnat não pode dispor, justamente antes de Courveille e ele fazerem um empréstimo de 12.000 fr. em dezembro de 1825.

O caso de Charlieu: um prospecto pouco aplicado

Este estabelecimento não foi desejado por Champagnat, mas imposto pela diocese, querendo eliminar a influência de Grizard, discípulo do Vigário geral Bochart, contrário à vinda de Dom de Pins. Além disso, é uma cidade na qual há um colégio em que trabalham professores do método mútuo. Pe. Courveille, enviado para negociar com a municipalidade, tenta instalar ali um noviciado de Irmãos e mesmo uma casa missionária.⁶⁶ Ele procura, entretanto, basear a negociação sobre o prospecto do Instituto, recentemente impresso; pede à municipalidade 600 fr. de remuneração anual – o resto, sem dúvida, devendo ser fornecido pelas retribuições escolares – bem como 1.000 fr. para a compra da mobília e as despesas da instalação. No fim, a comuna aceita suas condições.

O Ir. Avit⁶⁷, que certamente não conheceu a carta do prefeito de Charlieu, dando os detalhes da negociação, apresenta informações um pouco diferentes: uma gratificação de 400 fr.; um salário de 425 fr.

⁶⁶ Ver OM1/doc. 120, p. 343.

⁶⁷ *Annales des maisons* - Charlieu.

por Irmão, ou seja, 1275 fr. anuais e mobília de 1500 francos. A cidade não teria assegurado mais do que 500 fr. de salário anual, sendo o resto fornecido pelas retribuições dos alunos.

“Mas, era preciso consegui-los na ponta da espada”. Podemos, a partir dessas diversas fontes, organizar um quadro interessante, indo da teoria à prática:

	Projeto de prospecto (3 Irmãos)	Prospecto (3 Irmãos)	Condições de Pe. Courveille (OM1/120)	Avit (<i>Annales des maisons</i>)
Pagamento teórico	600 fr.	1200 fr.	1200 fr. (3 Irmãos)	1275 fr.
Pagamento da comuna	Não explicitado	Não explicitado	600 fr.	500 fr.
Retribuições	Não explicitados	Recebidos pela comuna	Teoricamente 600 fr.	Percepção difícil para os Irmãos
Mobília e despesas de instalação	1500 fr.	Não explicitados	1000 fr.	1500 fr.

Essa fundação, mesmo executada segundo o prospecto de julho de 1824, está então bem longe de aplicá-lo. De fato, com ou sem prospecto, o problema de fundo permanece a recusa das municipalidades de aplicar somas importantes no ensino popular e a reticência das famílias em gastar um valor, mesmo modesto, pela educação de seus filhos. Estamos ainda num antigo regime educativo ao qual Champagnat e os Irmãos precisam se acomodar. Será preciso esperar a lei Guizot (1833), para que um pagamento mínimo de 200 fr. seja imposto pelo Estado às comunas. Quanto ao Padre Champagnat, ele vai procurar sistematicamente as escolas gratuitas

ou aquelas em que as retribuições escolares são cobradas pela comuna. Mas em 1824, ainda não estamos nessa situação. O prospecto antecipa, pois, o futuro.

4.8. Os depósitos das escolas na caixa comum (1825-1832)

O livro de contas⁶⁸ nos permite acompanhar, ano após ano, a vida financeira das escolas, mesmo se as indicações fornecidas são, frequentemente, de difícil interpretação. Conhecer o salário é particularmente delicado porque os pagamentos são

⁶⁸ OFM/1, p. 544.

muito irregulares e mais frequentemente atrasados. O meio menos faticioso para conhecer a renda dos Irmãos é somar as despesas e as

contribuições à caixa comum. A amostra das 10 escolas mais antigas apresenta os seguintes resultados:

Escola	Ano	Despesa dos Irmãos	Contribuições anuais para a caixa comum
Chavanay	1825-31	305-511 fr./ano	90 - 141
Bourg-Argental	1825-32	364-665	450-937
St Sauveur	1825-32	300-561	48-100
Boulieu	1825-31	306-330	73-153
St Symphorien	1825-32	342-389	34-250
Charlieu	1825-32	350-666	107-766
Ampuis	1826-32	514-700	30-141
Mornant	1826-32	400-455	300-654
St Paul-en-Jarez	1827-32	457-747	132-221
Neuville	1826-32	420-700	100-317
Média		375-572	136-368

As médias permitem sugerir que, em ano fraco, a renda média de uma escola é de 375+136 ou 511 fr.; num ano positivo: 572+368 ou 940 francos. Considerando rendimentos anexos (venda de livros⁶⁹), os itens de renda e o dinheiro conservado em caixa, pode-se avaliar a receita média entre 600 e 1000 fr. por ano. Como as comunas e os benfeitores parecem pagar quando querem, quando podem ou depois de insistentes pedidos, é impossível estabelecer um orçamento provisório, e certa desordem das contas de Champagnat se explica parcialmente por uma economia muito submetida à negligência dos devedores em pa-

gar o que devem, e dentro de prazos razoáveis. O nível de vida muito modesto dos Irmãos provém menos da debilidade de seus rendimentos do que da obrigação de viver sem dinheiro, quando os devedores não pagam.

Por último, é preciso levar em conta momentos de perturbação política que podem gerar crises financeiras. Assim o Pe. Champagnat faz o levantamento das dívidas nos anos 1830-31, em 7 comunas. O total se eleva a 1611 fr., e (as dívidas) vão de 450 fr. (Bourg-Argental) a 61 fr. (Feurs)⁷⁰. Tal endividamento decorre muito provavelmente da revolução de 1830.

⁶⁹ Em 1826, 40 Fr. em Charlieu e 79 em Ampuis. (OFM/1, p. 548-549)

⁷⁰ OFM/1, doc. 138, p. 554.

4.9. A mobília dos Irmãos nas escolas... e em Lavalla

A *Vida* do Pe. Champagnat nos oferece alguns detalhes da vida material de algumas escolas, quando trata da pobreza.⁷¹ Sabemos a partir daí que os Irmãos, mesmo doentes, dormem sobre enxergas de palha e não sobre colchões, usando lençóis de pano grosseiro, não tomam vinho, comem pão de centeio, re-

mendam suas próprias roupas... O projeto do prospecto, menos detalhado do que o prospecto mesmo, sobre vários pontos, apresenta, entretanto, uma lista do mobiliário. Como as escolas são cópias parecidas da comunidade de Lavalla, elas dão boa ideia do mobiliário dos Irmãos em 1824 e, certamente, bem antes. Cremos que não é inútil reproduzir aqui essa lista que parece prevista para uma comunidade de dois Irmãos:

« A mobília exigida para os Irmãos:

- 1/ Um crucifixo, uma pia de água benta em chumbo, uma imagem da SS. Virgem, de S. José e do Anjo da guarda;
- 2/ Dois genuflexórios;
- 3/ Três camas⁷² assim compostas: 1º três armações de cama; 2º três colchões ou enxergas, guarnecidos com palha de milho, cada um com 80 libras⁷³; 3º três travesseiros com o mesmo material; 4º seis cobertores de lã;
- 5/ Uma dúzia de lençóis em tecido comum;
- 6/ Duas dúzias de toalhas boas e comuns;
- 7/ Uma dúzia de toalhas de mesa;
- 8/ Uma dúzia de esfregões;
- 9/ Uma dúzia de aventais de cozinha de pano azul;
- 10/ Um relógio despertador;
- 11/ Dois armários; um com duas portas;
- 12/ Duas pequenas mesas com gaveta, uma para a cozinha e outra para comer;
- 13/ Quatro pratos fundos; quatro bacias para a porção; outras duas, um pouco maiores, para servir o guisado, uma sopeira; tudo em estanho;
- 14/ Meia dúzia de garfos, igual número de colheres e facas de mesa; uma cesta para conter seis copos; uma bacia para salada;
- 15/ Um bufete ou mesa para a cozinha;
- 16/ Cofre ou recipiente para conter farinha;

⁷¹ *Vida*, cap. IX, p. 370-384.

⁷² Uma cama é prevista, sem dúvida, para a visita do superior ou de algum hóspede.

⁷³ A libra pesa 0, 422 kg. Então, o peso de cada enxerga seria de 34 kg mais ou menos.

- 17/ *Dois regadores, duas galhetas, duas azeiteiras; tudo em ferro branco;*
 18/ *Uma dúzia de cadeiras;*
 19/ *Uma lanterna;*
 20/ *Uma frigideira para fritar;*
 21/ *Um conjunto de cozinha que nos é impossível detalhar.»*

Essa lista é mais indicativa do que efetiva; mas dá uma boa ideia do gênero de vida dos Irmãos, dispondo de um oratório com pia de água benta, imagens e genuflexório, e mesas para estudar, certamente no mesmo lugar. Para a iluminação está prevista uma só lanterna ou lampião, mas os Irmãos dispõem certamente de candeeiros individuais. O relógio lhes permite de se levantarem na hora e de seguirem o regulamento. A ausência de forno e de fogão significa que a comida é preparada numa panela suspensa na chaminé da cozinha, aliás, única fonte de calor na casa. A primeira menção à compra de um fogão aparece nas contas de Lavalla, em março de 1824, por 60 Fr.⁷⁴

Em matéria de cama e seus acessórios, os Irmãos não têm colchão, mas simples enxergas. A roupa branca é abundante porque a lavagem é feita mais raramente. A baixela - copos colocados à parte - não é nem de terracota, muito frágil, nem de barro esmaltado, um tanto luxuoso, mas de estanho. O recipiente para a farinha significa que o

pão de centeio é uma base da alimentação e que os próprios Irmãos, aparentemente, o amassam e cozem. A presença de uma frigideira sugere o consumo de batata inglesa frita e os pratos indicam a consumação habitual de sopa e de guisado (*"fricot"*), prato que pode comportar diversos ingredientes, legumes, certamente batatas e, ao menos de tempo em tempo, toucinho. Não é necessário um porão para conservar as batatas, tina de madeira para carnes salgadas e tonel de vinho, mas apenas um guarda-louças na cozinha. O conjunto de cozinha, apenas evocado, deve comportar ao menos uma panela para preparar o guisado e a sopa, algumas caçarolas e uma variedade de conchas e escumadeiras... A presença de baldes lembra a necessidade de buscar água na fonte da vila ou em alguma nascente. Os regadores servem para lavar o chão e podem indicar que os Irmãos mantêm jardim, embora a presença de ferramentas não esteja prevista. A presença de uma dúzia de cadeiras parece um pouco elevada, mesmo que sejam necessárias duas

⁷⁴ OFM/1, doc. 106, p. 318. (Nota do Tradutor: O fogão de ferro fundido começa a surgir, na França, no início do séc. XIX e era caro. As casas eram aquecidas por lareira, ligada a uma chaminé. Na lareira se suspendia uma panela mediante um tripé de ferro ou então numa abertura da própria chaminé, como na churrasqueira de hoje).

ou três na cozinha, ao menos duas junto às mesas de trabalho e, sem dúvida, duas junto às camas. Tem-se a impressão de que os Irmãos devem receber a visita de diversas pessoas: prefeito, pároco... e organizar pequenas reuniões.

No total, essa lista de 1824 mostra que o gênero de vida dos Irmãos está muito próximo daquele dos agricultores de condição média, atividade intelectual colocada à parte. A dignidade da vocação deles lhes proíbe, aliás, um gênero de vida muito baixo. Em 1838⁷⁵, o Instituto dará nova lista de utensílios para uma escola de três Irmãos, bem mais detalhada: para a cozinha e a baixela, ela prevê 42 itens; 15 para o laboratório dos Irmãos e a jardinagem e 17 para a roupa de cama, mesa e banho. É quase quatro vezes mais do que em 1824. A comparação dessas duas listas, melhor que muitos documentos, mostra o caminho percorrido em 14 anos, mas este é outro assunto.

CONCLUSÃO

Em pouco mais de dez anos, a obra de Champagnat conheceu, pois, diversos tipos de contratos com as autoridades locais fundadoras de escolas, o prospecto de 1824 constituindo uma norma interpretada

em cada situação mais do que realmente aplicada. Para Champagnat, a melhor fórmula parece ser a escola que surge da colaboração entre notáveis capazes de fornecer uma renda regular, autoridades comunais dispostas a pagar uma soma significativa e a fornecer um local decente, e pároco que assume a responsabilidade moral da fundação. O ideal é, pois, a escola gratuita porque as retribuições escolares rendem pouco e, quando são recebidas pelos Irmãos, tornam-se motivo de conflitos. Como tal modelo não é viável em pequenas paróquias, Champagnat orienta sua obra para comunas de média importância ou para vilas. Por isso, a escola de dois Irmãos, funcionando apenas durante o inverno, pretendida em 1824, não vai durar muito.

Quanto à vida material dos Irmãos, ela é, teoricamente, parecida àquela dos camponeses de condição média; mas as condições materiais são bastante diferentes de uma escola para outra e a lentidão ou os pagamentos atrasados, tanto quanto o espírito de mortificação, convidam-nos a viver parcamente. É, pois, a preço de muitos sacrifícios que Champagnat impõe às comunas um sistema educativo moderno, do qual todos querem se beneficiar, mas cujo preço bem poucos aceitam pagar.

⁷⁵ Circulares, t. 1, p. 242

5. OS POSTULANTES DO HAUTE-LOIRE

5.1. Desocupados e recrutamento

A respeito dos postulantes do Haute-Loire que chegaram em março de 1822, o Irmão Gabriel Michel escreveu um artigo muito importante, no Boletim do Instituto (T. XVIII, 1969). Se retomamos esse assunto, é sob outro ângulo um pouco diferente, focado sobre dois aspectos: as condições materiais e financeiras do evento, e a pesquisa sobre o famoso ex-Irmão das Escolas Cristãs que trouxe esse grupo com ele.

Devido à falta de documentação até 1822, não sabemos exatamente quais eram as condições financeiras na entrada dos noviços. Aliás, durante os primeiros anos, os Irmãos constituem uma comunidade autônoma, vivendo do próprio trabalho, dos rendimentos de Champagnat, de doações e também de aposentadorias. Entretanto, a tomada de hábito deixa supor que certa quantia de dinheiro era depositada nessa circunstância, porque ela marcava a entrada numa comunidade, e o preço da batina não era desprezível. Por outra, o prospecto de 1824 é muito claro sobre o custo do noviciado: 400 fr. para os dois anos de noviciado, e o enxoval incluindo a batina de entrada na congregação, uma dúzia de camisas, seis toalhas, quatro pares de meias, uma dúzia de lenços, dois pares de sapatos. Nem é preciso dizer que essas exigências são bastante teóricas e expressam mais um ideal do que uma realidade. Entretanto, os anos de 1822

a 1824 serviram, de certa maneira, como tempo de experiência durante o qual Pe. Champagnat pôde estabelecer um parâmetro que permitisse a comunidade viver.

5.2. Um provável roteiro

Na *Vida* (cap. IX), o relato da chegada dos oito postulantes com seu guia, no dia 28 de março de 1822, está repleto de ensinamentos, mas também de contradições sobre o modo como o recrutador improvisado procedeu. Munido com uma carta de apresentação do Pe. Champagnat, ele parece não se servir dela, mas de embasar sua tentativa sobre dois argumentos: sua qualidade de FSC e o status de sua família. Nem todos os oito postulantes pretendem entrar nos FSC, como o autor da *Vida* o reconhece: “*vários já estavam decididos a entrar na vida religiosa*”. Até mesmo acordos por escrito são repassados “para determinar a pensão e as épocas de pagamento”. Porém, o número de verdadeiros candidatos ao noviciado de Lyon não deve passar de dois ou três jovens, e o recrutador prometeu uma meia-dúzia de sujeitos ao Pe. Champagnat. Ele reforça o grupo com outros jovens que procuram colocar-se como pastores ou pequenos serventes, durante a primavera e o verão, ou atraídos pelo gosto de ver lugares novos, de descobrir a cidade grande. É bem provável que com as famílias desses jovens não tenha havido acordo algum.

A surpresa de Champagnat, na chegada deles, não é de ver um grupo de jovens pedir hospitalidade, mas

de ouvi-los pedir para entrar no noviciado. E questionando-os, logo se deu conta da superficialidade do intento. Percebeu também que “a maioria desses jovens pouco traziam para a própria pensão”. Então, ele se recusa a recebê-los como noviços, mas não pode deixar de lhes conceder acolhida até o dia seguinte. Como outros grupos que os antecederam, eles passaram a noite no celeiro.

Na manhã seguinte, Champagnat autoriza-os a ficar durante alguns dias se eles o desejassem, a fim de comprovar suas motivações, e consultar os Irmãos e amigos. Ele lhes entrega um terço, exorta-os à devoção a Maria e os ocupa durante certo tempo a lidar com a terra. Entretanto, é pouco provável que ele lhes tenha imposto o “capítulo das culpas” ou penitências públicas como é dito na *Vida* que parece misturar várias épocas. Em compensação, a *Vida* cita o depoimento merecedor de credibilidade de um deles: eles deitam sobre palha, comem pão preto “que se esfarelava todo”, legumes e bebem água. Devido à retomada dos trabalhos agrícolas na primavera, eles são submetidos a um trabalho penoso “cujo único salário eram algumas reapreensões ou alguns castigos”.

Quanto tempo terá durado essa provação? Certamente algumas semanas. O recrutador teria sido mandado embora após uns 15 dias, ou seja, por volta de meados de abril “por atentado contra os bons costumes”, diz o Irmão João Batista, que talvez carregue as tintas sobre um personagem pouco inclinado a seguir tal regime e que, le-

vando em conta sua iniciação à profissão de professor, pode encontrar facilmente um lugar. O fato é que sua saída não acarreta a de seus companheiros, e, portanto, ele não tem muita influência sobre eles.

Por outro lado, a *Vida* recorda que “desde que ficou decidido que os postulantes seriam admitidos, Pe. Champagnat mandou um dos principais Irmãos visitar suas famílias para colher informações sobre as respectivas posses e cobrar a pensão de noviciado”... e também para recrutar “quatro novos sujeitos”. Uma operação desse tipo só pode ter acontecido depois da Páscoa (dia 7 de abril).

Champagnat tem em vista empregar os mais jovens, e talvez aqueles que não pagaram pensão, como pastores, até a festa de Todos os Santos. Esta solução teria permitido evitar bocas para alimentar, resolvido os problemas de alojamento enquanto se esperava o aumento da casa, possibilitado aos jovens o ganho de algum dinheiro para pagar a pensão, e de melhor conhecer suas intenções. Finalmente, sendo a festa de Todos os Santos o começo do ano letivo, o tempo de noviciado poderia ter coincido com o começo das aulas. Champagnat não adota essa solução por questões práticas e, sobretudo, espirituais: ele empregará a força de trabalho desses jovens para aumentar a casa, começando com isso a formação deles e, sobretudo, é Nossa Senhora do Puy quem enviou esses jovens. Em 1835, numa carta a Dom de Pins, ele retomará essa ideia que talvez tenha brotado naquele momento:

“Não ousou recusar aqueles que se apresentam, considero-os mandados por Maria em pessoa”.⁷⁶

No caderno de admissões em 1822, Champagnat manifesta simbolicamente que sua obra toma uma nova dimensão. É preciso, portanto, estabelecer mais claramente as condições de ingresso e determinar uma pensão que, por ser mais teórica do que real, sirva de base de negociação. Mas a decisão levanta uma questão: Champagnat, aceitando os postulantes que vêm de longe e que ele não conhece, não estaria abandonando a primeira forma de sua obra para dar-lhe uma organização mista: ao mesmo tempo noviciado e curso normal? Aliás, é a impressão que tem o inspetor Guillard quando constata que o vigário de Lavalla, em abril de 1822, não instrui seminaristas “mas sim 12 a 15 jovens camponeses que ele forma, pelo método dos Irmãos, para distribuí-los pelas paróquias”.⁷⁷

5.3. Cursos normais e escolas normais dos FSC

A história dos FSC de Rigault⁷⁸ recorda que o decreto de 1816 previa que algumas escolas importantes ofereceriam lições aos mais dotados e aos alunos candidatos à arte de ensinar, e que seria concedido um diploma (*brevet*) de 2º grau aos professores que utilizassem o método simultâneo. Rigault acrescenta que “as experiências se limitaram

a insuficientes tentativas”, mas pode-se perguntar se esse tipo de curso normal não teve mais importância do que ele afirma, mesmo se a prática tenha permanecido muito informal.

Disso, temos um indício interessante por meio do inspetor Guillard que visita Bourg-Argental em 23 de abril de 1822. Ele encontra ali o Sr. Brole-Labeaume, mestre⁷⁹ superado pelos Irmãos de Champagnat. Para reintegrá-lo, o inspetor decide que ele irá: “aprender o método dos Irmãos em Condrieux ou em Annonay, enviará o certificado constando que ele o aprendeu bem, e o praticará com os livros que ele adquirirá do Sr. Rusand”⁸⁰.

Regault ainda menciona que o administrador de Rhône, Lezay-Marnésia, numa carta do dia 14 de novembro de 1821, convida o Irmão Gerbaud, superior geral, a abrir as aulas do noviciado de Lyon a alunos-mestres destinados a lecionar em áreas rurais. E, em 1º de dezembro, o Irmão Gerbaud dá seu consentimento ao pedido. Ao mesmo tempo, combina com o inspetor da academia, e dezesseis candidatos são designados e seguem os cursos durante o segundo trimestre de 1822. Satisfeitas do resultado, as autoridades revalidam a autorização para 1823.

Esses fatos nos convidam, pois, a situar os postulantes e Champagnat

⁷⁶ Cartas, n° 56, p. 134.

⁷⁷ *Origines Maristes*, t. 1, doc. 75, § 9.

⁷⁸ T. IV, p. 468-469.

⁷⁹ Ele tem já certa idade, visto que ele foi professor em Condrieux, antes da chegada dos FSC.

⁸⁰ *Origines Maristes*, t. 1, doc. 75, § 2.

num ambiente um pouco diferente daquele que evocávamos mais atrás: os centros de formação para professores multiplicaram-se sob a orientação dos FSC, cujo método é secundado pela universidade. A obra de Champagnat pode figurar-se como um desses centros dos Irmãos da Doutrina Cristã, termo genérico abrangendo diversos institutos em formação. Bem conscientes dessa situação, o ex-Irmão das Escolas Cristãs e Champagnat aproveitam, portanto, do prestígio dos FSC: um, para proporcionar-se uma posição; o outro, para recrutar irmãos. Os jovens recrutados podem constatar que, mesmo não se tratando do noviciado de Lyon, eles recebem bem a formação que almejavam, tendo em vista ou não de se tornarem Irmãos. Aceitando essa situação, Champagnat resolve seu problema de recrutamento, bem consciente de que os jovens recrutados têm motivações menos esclarecidas que seus primeiros discípulos.

5.4. Entre curso normal e noviciado: finanças e perseverança

O primeiro registro de inscrições (OFM/1 doc. 105, p. 237) nos dá uma ideia do processo de entrada. Não se consegue a admissão antes que se efetue o repasse de contratos financeiros às famílias dos postulantes. É a tarefa do Irmão enviado a Haute-Loire. Mas os resultados de suas diligências parecem particularmente desiguais: as exigências de Champagnat, talvez um pouco imprecisas, descobrindo as possibilidades limitadas das famílias.

Assim, Claude Aubert, de Saint Pal, é mencionado, em 28 de março de 1822, com a dívida de 100 fr. e tendo pago 40. Em 27 de outubro, ele deposita mais 60 francos. Certamente, ele concluiu seu noviciado, pois recebeu o nome de Irmão André, mas sua tomada de hábito se dá somente em 18 de outubro de 1827.

Pierre Aubert, de Boisset, chegou em 28 de março de 1822 e é mencionado no Registro apenas em abril. Ele deve 300 fr., mas nada pagou. Ele saiu em junho de 1822.

Civier François, de Boisset, é inscrito no dia 28 de março de 22. Ele deve 400 fr. e nesse mesmo dia paga apenas 12 francos. Entre os dias 28 de março e 10 de maio, ele pegou um par de tamancos, um fascículo de papel e duas penas, no valor de 0,80 fr. É a comprovação de que ele já está um pouco alfabetizado, visto que se propõe a exercitar-se na escrita, que por sua vez é aprendida depois da leitura. No dia 10 de maio, o Pe. Champagnat anota que ele lhe entregou 10 fr., enviados por seu pai, mas que, nesse mesmo dia, ele saiu. Entretanto sua saída é temporária, e sua ausência parece ser exatamente devida a uma viagem à família para resolver essa questão financeira. De tal modo que, está registrado, em 28 de junho, um pagamento de 180 francos. E no registro das tomadas de hábito, redigido em 1829, François Civier assinala que ele chegou à casa de Lavalla, no dia 27 de março de 1822, e que tomou a batina em 25 de março de 1824, com o nome de Irmão Régis. Ele tinha, então,

23 anos. Posteriormente, ele sai do Instituto em data desconhecida. Terá ele pago o restante da pensão?

Mathieu Cossange, originário de Bas-en-Basset, entrou também no dia 28 de março de 1822. Em 6 de agosto de 1823, seu irmão deposita 104,8 fr. e, em 25 de abril de 1824, está anotado como devendo 200 fr, mesmo tendo depositado 50 fr. provavelmente naquele dia. Com o nome de Irmão Augustin, ele deve ter tomado o hábito em 1823, e o depósito de seu irmão deve ter acontecido nessa época. Em 1829, ele é um dos dois revoltados que, na questão das meias de pano, recusa a submeter-se.

Jean-Baptiste Furet, o futuro Irmão João Batista, nos é bem conhecido. O registro assinala, em 28 de março de 1822, que ele deve 100 fr. e paga 30 francos.

Está anotado que, Girard Joseph, de Solinhac, em 28 de abril de 1822, deve 200 fr. e nada aporta. Em data indeterminada, o registro aponta que ele deve 150 fr. – o que supõe um primeiro depósito de 50 fr. – e que ele depositou 100 francos. No registro dos votos perpétuos, está indicado que ele ingressou na casa, no dia 28 de abril de 1822, ou seja, um mês depois dos outros, e que ele tomou o hábito religioso com o nome de Irmão Hilarion em 25 de outubro de 1822, e emite seus votos perpétuos em outubro de 1828. A questão da data de sua entrada em Lavalla é interessante, pois parece que ele chegou no dia 28 de março, porém o Registro das profissões, bem

como o das inscrições, assentam a data de entrada no noviciado um mês mais tarde. Parece, então, que o ingresso na casa e a admissão no noviciado são duas coisas diferentes, e que sua admissão foi efetivada depois de acertos com a família.

Ponset Georges, de Tiranges, está registrado em 28 de março de 1822, como devendo 120 fr. e nada depositado. Um primeiro depósito de 72 fr. acontece em 30 de outubro de 1823, e um segundo de 100 fr., em 13 de outubro de 1834. Desse modo, a quantia depositada supera o total inicial prefixado. O registro dos votos perpétuos relata que ele entrou no dia 27 de março de 1822, e somente em 25 de outubro de 1825 tomou o hábito com o nome de Irmão Joseph, mas emite os votos perpétuos em 8 de outubro de 1826. Um tempo tão longo de residência na casa (3 anos e meio) sem que o postulante tome o hábito levanta a questão do significado que a palavra “irmão” tinha então. Já vimos o mesmo caso com Claude Aubert. Com efeito, ambos dão a impressão de que, depois de sua formação, eles tenham podido exercer a função de professores sem serem oficialmente “irmãos”.

Vertore (Vertoie, Vertove, segundo os registros) Jean-Pierre, de Tirange, relata-se como devedor de 100 fr., no dia 28 de março. Tendo saído do noviciado em primeiro de junho, parece que nada depositou.

Jean Dantogne, de Boisset, está indicado, em 28 de março de 1822, como devendo 100 francos. Como

nada mais consta sobre ele, sua estada deve ter sido muito curta.

Jean Fleury, de Tiranges, deve 50 fr. em 28 de março, mas nada paga. Como o anterior, ele veio e se foi.

Jean Antoine Monnier, de Boisset, está relatado no dia 23 de abril de 1822 devendo 200 fr., sem indicar depósito. Mas em 4 de maio de 1823, André Monnier (provavelmente seu pai) consta como devendo 96 fr. e deposita 60. Não parece ser do primeiro grupo de postulantes, mas de um segundo que chegou com o Irmão enviado por Champagnat para acertar a admissão dos primeiros. Mesmo tendo ficado mais de um ano na casa, não chega a tomar a batina, e é possível que o depósito do dia 4 de maio seja um acerto das contas por ocasião de sua saída.

Da mesma forma, há um tal Michel Marconnet, de Boisset, registrado em 23 de abril com o número “12 p.m.”, de difícil interpretação (12 fr. para lembrete?) que, em 30 de setembro, entrega 30 francos. No dia 2 de julho de 1823, certo André Marconnet (seu pai ou um parente) deposita 50 fr. “para legítimo direito”, isto é, provavelmente para os gastos de estada na casa, o que significa que nessa data ele provavelmente já se havia retirado.

Há também um Jean Aubert, anotado no dia 15 de setembro de 1822, oriundo de Saint Pal en Chalancon, que se tornará o Irmão Jean-Louis, que traz 24 fr., mas, a seguir, deposita com bastante regularidade quantidade de dinheiro, até a data de 8 de outubro de

1824. Tornou-se o Irmão Jean-Louis, e é um dos dois revoltados na questão das meias de pano, em 1829. No total ele deposita 304 francos.

O caso de Jacques Furet, irmão de João Batista, se parece ao de Jean Aubert. Vindo do mesmo lugar e entrando no mesmo dia, provavelmente ele seguiu o caminho com o outro. Ele paga 30 fr. sem que um total devido seja anotado. Certamente desejoso de se instruir, ele compra na casa uma “*Conduite des frères*” – Metodologia dos Irmãos – (32 *sous* = 1,6 F) e um fascículo de papel (40 cêntimos). No registro dos votos perpétuos que ele emite em 20 de outubro de 1826, ele declara ter entrado no noviciado em 23 de setembro de 1823, e de ter tomado o hábito com o nome de Irmão Cyprien, no dia 22 de outubro de 1824. O Irmão Avit o declara saído, em seguida.

Finalmente, o registro se refere a um Bonnefoix Jean-Claude, de St. Genest Malifaux, sem data nem total devido ou depositado, e que parece se tornou o Régis. Seu caso parece estranho.

Globalmente, a chegada dos postulantes da Haute-Loire se nos apresenta um pouco mais complexa do que no-la relata o Irmão João Batista na *Vida*. Parece que, para a maioria desses 8 jovens, a perspectiva de entrar no noviciado dos FSC era bastante vaga. Entre eles, os três em condições de fornecer uma quantia significativa, desde o dia 28 de março: Claude Aubert (40), François Civier (12), J. B. Furet (30) são talvez aqueles que tinham

a intenção de entrar com os FSC. No que concerne às questões econômicas da entrada deles, elas passam por diversas tratativas e por pagamentos parcelados, registrados em apanhado bastante confuso.

5.5. A questão do nome do recrutador

O Irmão Gabriel Michel, em tempos passados, emitiu a teoria de que o famoso recrutador dos jovens postulantes era Benoît Grizard que, efetivamente, entrou duas vezes com o FSC e com eles permaneceu por 6 anos no total. Mas, oriundo de Belleroche, ao norte do departamento da Loire, parece não ser correto. Por outra, há três Aubert entre os jovens provindos de Haute-Loire em 1822, dois de St. Pal-en-Chalancon e um (Pierre Aubert) de Boisset que sai em junho de 1822. Os dois vilarejos estando próximos, podemos nos perguntar se o recrutador não é, ele próprio, um Aubert que teria recrutado irmãos, primos ou sobrinhos. No registro de entrada dos FSC de Caluire consta, aliás, sob o número de matrícula 445,

um tal Paul Aubert, natural de Boisset, que entrou no dia 27 de janeiro de 1820, com a idade de 19 anos.

Outras hipóteses são possíveis a partir da lista de entradas desde 1805 a 1830, no próprio Instituto que os Irmãos das Escolas Cristãs estabeleceram.⁸¹ Nela constatamos que o número de noviços provindo de Haute-Loire é bem pouco representativo. O resultado é o seguinte: de St. Pal-en-Chalancon, um noviço em 1809; de Boisset, um noviço em 1816, e um em 1820. Por fim, de Tirange, um noviço em 1819. Somente o povoado de Bas-en-Basset é fecundo para eles; e no momento em que os postulantes de Haute-Loire chegam a l'Hermitage, sai um noviço em 1811; dois em 1820; quatro em 1821, e dez em 1822. O ex-Irmão das Escolas Cristãs parece, portanto, ter caçado em terras ainda pouco desbravadas.

O confronto da lista dos FSC com aquela dos postulantes de Haute-Loire fornece convergências de nomes de família que não deixam de ter interesse, mesmo se não nos dão certezas:

Postulantes da H.L. em 1822	Origem	FSC	Origem e data de tomada de hábito
Aubert Claude (Ir. André) Aubert Pierre	St Pal-en-Chalancon Boisset	Aubert Paul (Ir. Abel, 19 anos)	Boisset (1820)
Aubert Jean (Ir. Jean-Louis)	St Pal-en-Ch.		
Civier François (Ir. Régis)	Bas-en Basset	Civier Pierre (Ir. Natal, 16 anos)	Bas-en Basset (1821)
Poncet Georges	Tirange	Poncet Louis (Ir. Pérégrin, 21 anos)	Tirange (1819)

⁸¹ Arquivo dos lassalistas, Lyon.

Supondo que o ex-FSC tenha escolhido aspirantes em sua própria família, teríamos três candidatos possíveis para a função de recrutador. Por outra, Louis Ponce, que leva entre os FSC o título de Ir. Périgrin, chama a nossa atenção, pois o Irmão Avit, que nos fornece a lista das tomadas de hábito em outubro de 1823⁸², menciona entre eles um Irmão Périgrin que não está citado em nenhuma outra parte.

Outro personagem surge para desaparecer logo em seguida: um tal Bonnefoix Jean-Claude, de St. Genest-Malifaux⁸³ cuja entrada se situa depois de 28 de março de 1822, mas sem qualquer precisão. Ora, as listas dos FSC mencionam um certo Jean-Paul Bonnefoy, originário de Apinac, onde, Pe. Beynieu, tio de Pe. Courveille, é pároco, no Loire, mas bem perto de Saint Pal, Tiranges e Bosset, o qual entrou no noviciado em 1816, aos 18 anos. Pode-se bem supor que esses dois Bonnefoy sejam o mesmo sujeito⁸⁴, visto que sua permanência com os FSC teria durado seis anos como a *Vida* o atesta⁸⁵.

Em resumo, o problema da identidade do recrutador dos postulantes

da Haute-Loire permanece, mesmo que as hipóteses acima possam aportar alguns elementos com vistas a alguma futura pesquisa.

5.6. O padre Courveille e o recrutador dos postulantes

É surpreendente constatar que os vilarejos onde atua o ex-FSC estão próximos de Usson-en-Forez, lugar de nascimento do padre Courveille, e de Apinac, onde este fez uma parte de seus estudos eclesiásticos junto de seu tio sacerdote. Por outra, em 1822, Courveille fundou irmãos em Feurs⁸⁶ e se encontra exercendo o ministério em Epercieux. Pode-se supor que o ex-Irmão, buscando um lugar e conhecendo o Pe. Courveille, tenha podido ser enviado por este, ou se tenha autorizado, por causa dessa relação, o que explicaria porque o Pe. Champagnat o escuta e até mesmo lhe concede uma carta de apresentação. Esse forte elo com Apinac está ainda ilustrado pela proposição de um morador dessa localidade, em 1824, de dar três propriedades aos Irmãos de Maria: uma no valor de 800 fr., e duas outras de 8.000 fr. cada uma⁸⁷.

⁸² Anais do Instituto, 1822, § 35.

⁸³ OFM 1 doc. 105/2.

⁸⁴ Seu nome constava no registro apenas para memória; dali a imprecisão concernente a seus nomes e origem, na espera de um regulamento para sua estada.

⁸⁵ Cap.6, p. 98.

⁸⁶ OM1, doc. 75.

⁸⁷ OM1, doc. 110. O arcebispado é do parecer de aceitar e transmite a proposta ao Pe. Champagnat. Porém, nada se concretiza.

5.7. A ampliação de Lavalla em 1822

Sabemos que, durante o verão de 1822, Champagnat e os Irmãos ampliaram a casa de Lavalla, e o Registro de inscrições⁸⁸ nos dá um eco das despesas feitas então. Em 22 de outubro de 1823, Champagnat pagou 12 fr. pelas pedras de cantaria, e no dia 1º de dezembro, ele entrega 45 fr. a Poson “pelas carroçadas de telhas e outros”. Em 5 de dezembro, ele deposita 100 fr. para Matricon, prefeito e marceneiro. No dia 10 de dezembro, ele paga em duas vezes 52 fr.; por «guarnições de ferro»⁸⁹ e em 27 de dezembro, ele entrega ainda 138 fr. a um marceneiro que é, sem dúvida, o sr. Matricon. Em 8 de janeiro de 1824, ele deposita 65 fr. por «telhas».

Sem dúvida alguma, esses pagamentos no final de 1823 nos dão uma ideia dos prazos habitualmente praticados entre compra e pagamento: mais ou menos 18 meses. É certo que nem todas as despesas estão incluídas nessas contas, seja por esquecimento, seja por imprecisões nos itens. Por exemplo, a *Vida* diz que as pedras não eram assentadas com cal, mas com terra gordurosa. Mas em junho de 1822, o registro das entradas se refere acidentalmente a “cal” (*chaut*), sem mais detalhes⁹⁰. Por outra, seria surpreendente que a casa tenha sido construída sem esse produto. De qualquer forma, como Champagnat

não menciona nenhum pagamento a pedreiros, pode-se acreditar na *Vida* que afirma que a construção foi realizada por Champagnat e os Irmãos. Em contrapartida, o marceneiro Matricon interveio bastante na realização do madeiramento da casa.

O conjunto das despesas reunidas alcança certamente a soma de 412 francos. Se pensamos que nada está indicado quanto à compra da madeira de vigamento e de soalho, e poucas coisas para as telhas, é preciso, sem dúvida, quadruplicar o total pago por Champagnat para essa ampliação da casa. Em balancete financeiro de 7 de agosto de 1826⁹¹, Champagnat avaliará em 4000 fr. «o que tenho em Lavalla». E como ele comprou a casa por 1600 fr. em 1818...

CONCLUSÃO

Durante o ano de 1822, a área de influência da obra de Lavalla se estende, portanto, bruscamente mediante um estranho recrutador apoiado, sem dúvida, por uma rede relacional da qual ignoramos quase tudo. Essa irrupção de um grupo expressivo não está livre de ambiguidades nem de dissabores, mas Champagnat interpreta o evento como sinal de que sua obra é querida por Maria. E a ampliação de Lavalla anuncia a construção de l’Hermitage.

⁸⁸ Documento 106 (OFM/1, p. 316-317)

⁸⁹ Peças metálicas que serviam para reforçar uma obra em madeira. Provavelmente para as janelas.

⁹⁰ OFM, t. 1, doc. 105, p. 300.

⁹¹ OFM/1, doc. 136, p. 541.

III. DE LAVALLA A L'HERMITAGE: CRISE INICIAL E LENTA MUDANÇA MATERIAL



André Lanfrey
fms

1. O PRIMEIRO ANO EM L'HERMITAGE (1825-1826)

1.1. Problemas financeiros e crise de identidade

A mudança de Lavalla para l'Hermitage não é apenas troca de lugar, mas completa mutação de um ramo dos Irmãos, que Champagnat parece ter considerado até então como um esboço da Sociedade de Maria. Financiando, conjuntamente, a construção de l'Hermitage, Courveille e Champagnat pretendem constituir a Sociedade de Maria dentro do espírito do Formulário de 1816, com noviçado para Irmãos e casa missionária para os sacerdotes, tendo Courveille por diretor espiritual e Champagnat por administrador. Mas o Pe. Terrailon, o terceiro sacerdote, concebe a Sociedade segundo o modelo iniciado por J. C. Colin na diocese de Belley.¹ Já o arcebispado de Lião

quer uma congregação diocesana de Irmãos educadores, dirigida pelo Pe. Champagnat, coadjuvado por dois padres auxiliares. Por fim, os Irmãos não consideram a consagração de Fourvière como origem da Sociedade, em 1816, e sim a fundação de 1817, em Lavalla.

Com a casa construída e a comunidade trasladada para l'Hermitage, todas essas divergências rapidamente surgem à tona e provocam uma série de conflitos concernentes à natureza da Sociedade de Maria, misturados com uma situação financeira muito difícil. Os documentos de que dispomos possibilitam desvendar parcialmente as peripécias dessa onda de conflitos que culminaram com a consagração de Champagnat como fundador e superior daquilo que é mais do que um ramo da Sociedade de Maria, mas também um primeiro fracasso na constituição do ramo dos padres em l'Hermitage.

¹ Cf. OM 1, doc. 115? Carta do Pe. Terrailon a J. C. Colin, em 31 de outubro de 1824.

1.2. O aspecto financeiro do problema

Até 1824, a obra de Champagnat teve uma existência essencialmente local, e suas necessidades financeiras são relativamente pequenas. Vai ser bem diferente com a construção de l'Hermitage que vai movimentar considerável volume de capital. Como a confiança de Marcelino Champagnat na providência não está desvinculada da realidade, ele empreende essa obra dispondo de credores.

Por isso, em 13 de maio de 1824, Champagnat e Courveille compram, no local chamado Les Gaux, de cinco proprietários, um terreno com madeira, arbustos, rochedo e um pequeno prado, pelo preço oficial de 6.600 Francos, mas na realidade bem mais. O Irmão Avit fala de uns 10.000 a 12.000 Francos. Ele sinaliza (§ 78) que não se sabe quanto custou a casa “nem o total das doações recebidas, com exceção dos 8.000 francos doados pelo bispo Dom de Pins”, e acrescenta: “O Irmão João Batista achava que ela havia custado mais de 6.000 Francos”.

Uma carta de J. C. Colin, em 27 de novembro de 1824, evoca essa doação de Dom de Pins², mas pode-se duvidar de sua existência. Com efeito, em 13 de abril de 1824 seu conselho, tomando conhecimento do projeto de aquisição

do terreno de l'Hermitage por Champagnat, decide: “Nesta questão, deixá-lo-emos por conta”. (OM1/ doc. 98). Por outra, um fulano de Apinac se dispôs a doar aos Irmãos de Maria uma propriedade no valor de 800 F., e dois outros domínios de 8.000 F. cada um. Em 28 de julho, o conselho diocesano é do parecer de aceitar e de consultar Pe. Champagnat. O negócio não terá prosseguimento (OM1/ doc. 110)³, mas podem ter originado nas mentes os rumores relatados por J. C. Colin.

Com quem o Pe. Champagnat encontrou o dinheiro necessário para a construção de l'Hermitage? Primeiramente, com o Pe. Courveille, de quem parece ter obtido em torno de uns 5.000 F., visto que, em 5 de outubro de 1826 (OM1/doc.166), Champagnat deposita esse montante para ressarci-lo. Para o restante, ele se beneficiou de doações e de empréstimos locais, de que as contas nos dão uma ideia, e em particular o registro de inscrições (OFM, doc.109) num “relatório da situação financeira”, em 22 de fevereiro de 1826, que organiza uma lista das dívidas da casa, na época da convalescência de Champagnat. Infelizmente, esse documento é de difícil interpretação, pois, sobre uma mesma linha, ele relaciona dois personagens e dois totais diferentes, e não distingue claramente os que em prestam dos que fornecem.

² OM1, doc. 121: “Ele já havia feito vários adiantamentos e deu oito mil francos para uma casa; e isso dá o que falar em Lião”.

³ O doador teria tido em vista uma colônia agrícola, o que não correspondia com a meta de Champagnat. Apinac estando situada perto do lugar de recrutamento de Haute-Loire e sendo a terra natal de Pe. Courveille, percebe-se que a obra de Lavalla se identifica apenas vagamente com sua base; sua imagem é menos de ensino do que social e agrícola: em síntese, uma espécie de convento trapista.

Sr. Maréchal, em Lião		12.000	12.000
Sr. Bonard de Rive de Gier⁴		3.500	3.000
Sr. pároco de St. Pierre ⁵	Journoux ⁶	2.300	3.800
Monteiller de St. Chamond	Seleiro (arreios)	35	3.000
Sr. Faivre de Lyon	fatura	720	1.000
Empregado de M. Royer		1.000	1.000
Sr. Finas, escrivão em St. Ch.		200	1.600
Sr. pároco de Izieux		3.000	4.000
Sr. Lagier		1.100	600
Odras de Lavallas		160	900
Crapanne de Lavallas	médico	200	800
Sr. Journoux, vigar. St. Ch.	diretor ⁷	400	400
Sr. Tardy de St. Etienne	hospital		200
Sr. Grangior St. Eti.	lã	260	400
Funileiro St.		200	300
Blachon de St.		150	180
O ferrador	Minard	200	
em St. Etienne outra despesa			100
sapateiro de St. Ch.	Giller f. fabres	1.000	280
sapateiro de Lavallas	Guyot ⁸	700	200
pároco d'Empuys	Achard (?)	12.000	12.000
a viúva Bridou		700	1.000
Courbon	Chevalier	400	1.000
	caseiro	300	1.000
	Maria		3.550

Pensamos poder interpretar esses dados da seguinte maneira⁹:

Credores e prestadores pedido	Dinheiro emprestado	Dívidas por trabalhos e serviços	Reembolsado	Resto a pagar
Sr. Maréchal à Lyon	12000			12000
Sr. Bonard, de Rive-de-Gier	3500		500	3000
Sr. pároco de St. Pierre et M. Journoux	3800		1500	2300
Montellier de St Chamond	3000			
Um seleiro (selas)		35		
Sr. Faivre de Lyon (pagamento de uma fatura)		1000	280	720

⁴ É difícil interpretar o significado dos nomes riscados. Pode-se supor que tenham sido riscados, uma vez a conta quitada.

⁵ Dervieux.

⁶ Vigário em St. Chamond.

⁷ Pode ser o diretor do colégio de St. Chamond.

⁸ Livreiro.

⁹ Quando consta um só nome na lista, o total maior indicará a dívida máxima, e o outro, a dívida remanescente após o pagamento parcial. Quando constam dois nomes, a partilha é mais aleatória.

O empregado do Sr. Royer	1000			1000
Sr. Finas, escrivão		1600	1400	200
Sr. vigário de Izieux	4000		1000	3000
Sr. Lagier	1100		500	600
Odras (Audras) de Lavalla	900			
Médico		160		
Crapanne de Lavalla	800			
Diretor (do colégio?)		200		
Journoux, vigário de St. Ch.	400			
O hospital (de St. Chamond?)		400		
Tardy de St Etienne		200 (laine)		
Grangier de St Etienne		400	140	260
Um funileiro de St. Chamond		300	100	200
Blachon de St. Chamond		150		
Minard		180		
Um ferrador		200		
Giller et Fabre, St Etienne		100		
Sapateiro de St. Chamond		280		
Guyot (livreiro em Lyon)	1000			
Sapateiro de Lavalla		200		
Achard		700		
Vigário de Empuis (Ampuis)	12000			12000
Viuva Bridou	1000			
Chevalier		700		
Courbon	1000			
Um caseiro	400			
Maria	1000		700	300
?	3550			3550
Total	50450	6803	6120	39130

Sendo aceita nossa interpretação da distribuição das quantias expostas acima, o total de empréstimos e dívidas alcança aproximadamente um montante de 57.000 F, dos quais um pouco mais de 10% teriam sido reembolsados. Mas essas dívidas não têm todas a mesma urgência. Assim, os dois empréstimos de 12.000 F são de longo prazo. Portanto, seria preciso levar em conta que as dívidas e os em-

préstimos que mais preocupam, no final de fevereiro de 1826, alcançam a soma de $39.130 - 24.000 = 15.130$ F.

Os registros de contas e, em particular, o de gastos (OFM, doc. 120) permitem situar de modo melhor boa parte dos emprestadores e credores, e de acompanhar a situação dos pagamentos ulteriores que correspondem, em parte, aos dados acima expostos.

Credor	Outro?			Registro de despesas (pagamentos)
Sr. Maréchal em Lyon (procurador da Srta. de Divonne)		12.000	12.000	12/7/26: Entregues ao Sr. Maréchal de Lyon 240 F. 1/27: Ao Sr. Maréchal de Lyon 240 F. 22/11/27: 120 F. ao Sr. Maréchal
				2/6/28: Entregues ao Maréchal para o Sr. Séon 1000 F. 22/2/33: Pagamento de 6480 F.
Sr. Bonard de Rive de Gier		3500	3000	1/4/2: Ao Sr. Bonard de Rive-de-Gier 3000 F.
Sr. Vigário de St. Pierre (Dervieux)	Journoux (vigário)	2300	3800	Ver Vida Ch., p. 133, nota 18. Pe. Dervieux teria depositado 6000 F para indenizar os credores.
Monteiller de St. Chamond	seleiro	35	3000	3/5/26: Ao Monteiller, comerciante de ferro: 3400 9/1/28: Entregues a David, seleiro em St. Chamond 40 F.
Sr. Faivre de Lyon	fatura	720	1000	10/5/26: Entregue a Lion : 1500 F.
Empregado do Sr. Royer		1000	1000	20/5/28: Entregues ao empregado do Sr. Royer 1015 F.
Sr. Finas, escrivão em St. Ch.		200	1600	20/2/26: Entregues ao Pe. Champagnat para o notário Finaz 116 F. 3/5/26: Entregues ao Sr. Finas: 1000 F.
Sr. pároco d'Izieux		3000	4000	22/11/27: Entregues ao Sr. pároco de Izieux 45 F. 5/6/28: Entregues 1000 F. Set. 28: 1000 F.
Sr. Lagier		1100	600	5/5/26: Ao Sr. Lagier, comerciante: 1000 F 22/6/26: Ao Sr. Lagier: 1000 F; Maio 27: 600 F a Lagier caçula; 400 F. a Lagier primogênito 18/2/28: Entregues ao Sr. Lagier 1014 F.
Odras de Lavalla	médico	160	900	22/11/27: Entregues a Odras primogênito 1000 F. 9/1/28: Entregues ao Sr. Bernard, médico em St. Chamond 40 F.
Crapanne de Lavallas	diretor	200	800	17/9/26: Entregues a Crapanne de La Rivoire, por trigo 55 F. 17/1/27: A Crapanne de La Rivoire, 327 F.
Pe. Journoux, vigário St. Ch.	hospital	400	400	(OFM 110), 15 março de 1827: «recebidos do Pe. Journou, vigário, 1050».

Sr. Tardy de St. Etienne	lã		200	1/4/27: Ao Sr. Tardy decos 300 F.
Sr. Grangier St. Eti.		260	400	23/6/26: Sr. Grangier: 100 F. 29/4/27: Ao Sr. Grangier de St Etienne 200 F + 210 F.
Funileiro St.		200	300	19/12/27: Entregues a Bertolin, funileiro em St Chamond 213 F.
Blachon de St.82	Minard	150	180	14/3/26: Entregues a Sr. Blachond de St Chamond 123 F.
O ferrador		200		13/3/26 Pagos a Marcou serralheiro em St. Chamond 100 F. 5/5/26: 350 F. 1/27: Pagos a Marcou, ferrador em St. Chamond 232 F
Em St. Etienne outra despesa	Giller f. Fabres	100		26/7/2 : Entregues para pagar os irmãos Fabres: 20; e para o Sr. Gillet: 85 F.
Sapateiro de St. Ch.	Guyot	1000	280	8/9/26: pagos ao sapateiro 200 F. 3/12/26: pagos ao sapateiro Vincent de St. Chamond 104 F. Pagos ao sapateiro Dion de St. Chamond 191 20/10/27: Pagos ao Sr. Guyot 280 F.
Sapateiro de Lavallas	Achard (?)	700	200	A Jean Bacher, sapateiro em Lavalla: 200 F.
Vigário de Empuys		12000	12000	É uma renda constituída (OFM 3, doc. 657) reembolsável sem prazo delimitado.
A viúva Bridou	Chevalier	700	1000	24/3/27: Pagos a Courbon para sua irmã viúva Bridou 50 F. pelos juros dos 1000 F. com vencimento no corrente fevereiro.
Courbon	Doméstico	400	1000	18/12/26: Pagos a Courbon Lyonnel de St. Etienne 700 F. 1/4/27: 50+400 8/11/28: Pagos a Courbon du Bachat 1015
	Maria	300	1000	
			3550	

Entre os credores, constam vários sacerdotes: não só o Sr. Dervieux, mas o pároco de Izieux e o vigário Journoux. Há também negociantes, habitantes de Lavalla e mesmo empregados entre os emprestadores. Em síntese, Champagnat se beneficiou da ajuda de sua rede social e econômica para conseguir os recursos necessários para seu empreendimento, como todo mundo fazia então, dentro do universo econômico carente de rede bancária desenvolvida. De qualquer modo, o custo da casa parece ultrapassar os 20.000 F.

1.3. Champagnat e Patouillard

O Ir Avit e outros justificam a escolha de Gaux pela quietude do lugar; mas, na realidade, no mesmo ano, logo depois da aquisição de Champagnat-Courveille, em 3 de julho de 1824, Mateus Patouillard comprou, de Antonio Thiollère-Laroche, o terreno e as construções do outro lado do Gier, onde instala oficinas (Avit, 1839 § 468). Como lugar solitário, há outros melhores. O Instituto conseguirá comprar essa propriedade só em 1839, por 39.000 F, justamente para ter tranquilidade.

Qual teria sido o preço de compra, em 1824, para Patouillard? E Champagnat-Courveille também teriam tentado comprar? Talvez não dispunham do montante necessário para concorrer com Patouillard, e a compra de um estabelecimento industrial não

corresponderia ao projeto deles. É por falta de algo melhor que eles se instalaram defronte, beneficiando-se, contudo, das vantagens da água do Gier.¹⁰ O nome “hermitage” dado ao lugar não corresponde bem à realidade e revela certa contradição entre o ideal de distanciamento do mundo e o desejo de constituir um polo missionário junto das populações. Essa contradição entre a utopia e necessidade será um elemento da crise de identidade então vivida.

1.4. A construção de l’Hermitage

O trabalho urgente foi o corte do rochedo para ali construir a asa oriental da casa. O Ir. Avit indica claramente os empreiteiros: Roussier, mestre de obras de Lavalla, Benoît Matricon, marceneiro de Lavalla, e Robert, geseiro de St. Chamond. Ele faz notar que a cal sendo muito cara, a argamassa era feita de rochas em decomposição moídas. Mas as contas de l’Hermitage indicam compras de cal, produto aliás, não muito dispendioso.

Os livros de contas permitem seguir mais ou menos as outras compras feitas por Champagnat nessa ocasião, e as quantias depositadas a seus prestadores de serviços. Infelizmente, a principal fonte, o livro de despesas, começa apenas em 1826, e dá somente uma visão parcial que é preciso completar com fragmentos colhidos em outros documentos anteriores a 1826.

¹⁰ Mas sem o direito de estabelecer um canal.

Data	Fornecedor	Produtos e serviços	Preços
	Em OFM/1, doc. 105, p. 302...		
21/10/1824	J.M. Payre	madeira	600
17/2/1825	J.M. Payre	madeira	300
20/10/1824		15 caixotes de cal	15
22/10/1824		300 telhas	300
23/10/1824		300 telhas	300
?/2/1824	Tibau	Travessas (madeira de vigamento)	?
18/10/24		Carroça de tábuas	?
	Em OFM/1, doc. 106, p. 316...		
29/5/1825	Jacques (Couturier?)	900 tijolos; 600 telhas	
1825	Rembeau	1800 telhas; 2000 tijolos	?
	Em OFM/1, doc. 108, p. 320		
?/3/1825	Matricon Benoît	marceneiro	30
	Robert	geseiro	60
27/4/1825	Gerin	2 carroças de caibros	44
30/4/1825	Gerin	2 carroças de tábuas	64
30/5/1825	Gerin	somatória paga	1045
Julho-out. 1825	Matricon du Bessat	39 carroças de tábuas	1100
Fevereiro-out. 1825	Benoît Matricon		172
Abril-maio 1825	Benoît Matricon		60
Julho-agos. 1825	Etienne Roussier	Pedreiro (82 dias)	395
Nov. 1825-set.26		Chapas de vidro	97
Julho 25-			
Fevereiro'' 27	B. Matricon	435 dias	1136
31/7/1825	Jean Marcou	Ferragem	600
Total			6918

Sem contar os tijolos, as telhas e certo número de carroçadas de madeira cujo preço não é indicado, chega-se a um montante próximo de 7.000 F, e claramente as quantias depositadas para o geseiro Robert e ao pedreiro Etienne Roussier são subvalorizadas.

1.5. Registro de despesas

O registro das despesas, de certa forma, complementa as informações acima, dando uma visão dos pagamentos que parecem estar relacionados com a construção da casa.

É o ano dos grandes pagamentos devido aos rumores de falência que levaram os principais credores a se precipitarem. O montante aproximado de 10.000 F, somado aos 7.000 F dos anos 1824-1825, dariam uma boa ideia do custo da casa.

23/1/1826		Cal	314
4/2/1826	Matricon	marceneiro	20
6/2/1826	Neyrand	Ferro	140
9/2/1826	Matricon	marceneiro	33
23/2/1826	Matricon	marceneiro	60
23/2/1826		telheiro (tijolos)	107
14/3/1826	Neyrand	Vidro	195
17/2/1826	Monjou minor	pedreiro	100
28/3/1826	Monjou minor		50
8/4/1826	Monjou minor		50
22/4/1826	Antoine Robert	gesseiro	100
?/5/1826	Antoine Robert		600
3/5/1826	Finaz	notário	1000
3/5/1826	Montelier	comerciante de ferro	3400
5/5/1826	Lagier	comerciante	1000
10/5/1826	Lion (Lyon?)	um fornecedor de Lião?	1500
14/5/1826	Matricon		100
14/5/1826	Monjou minor		20
10/6/1826	Roussier		285
22/6/1826	Lagier		1000
26/6/1826	Matricon Benoît	marceneiro	60
8/7/1826	Roussier		50
Total			10184

Em síntese, o exame dos livros de contas nos indica um custo mínimo da casa de uns 17.000 F.

1.6. Término da obra pelos Irmãos

A comunidade deixa Lavalla em maio de 1825. Recordemos que ela se compõe de 20 Irmãos e 10 postulantes, enquanto 22 Irmãos estão nas comunidades apostólicas. O Ir. Avit não fala da presença de pensionistas com eles,

mas certamente deve ter havido. Nessa data, a capela, dominando a casa no lado sudeste, ainda não está acabada visto que uma capela provisória funciona no primeiro andar da ala leste durante três meses. A bênção da capela definitiva, pelo Pe. Dervieux, em 13 de agosto de 1825, marca o fim dos trabalhos pesados da casa até 1836. A presença do Pe. Dervieux é prova de que, na época, esse sacerdote, tão influente em St. Chamond, era amigo do Pe. Champagnat já de certo tempo.

Nessa época, os arredores da casa não estão arrumados. O Ir. Avit situa em 1824 (§ 52) a construção do muro de pedras sem argamassa, de algumas centenas de metros, para canalizar o Gier, bem como a erradicação das árvores, do matagal e pedras, seguidas do nivelamento do terreno adequado para constituir um espaço cultivável. Porém, esses trabalhos demorados e árduos adentraram pelos anos de 1825 a 1829.

É verdade que em 13 de dezembro de 1825, quando Champagnat e Courveille pedem emprestada a quantia de 12.000 F à Srta. Justine de Divonne, em Lião (OM1/doc. 142), hipotecando todos os seus bens, em particular l'Hermitage, essa propriedade é descrita assim: "grandes edificações, pátios, jardins, pomar, galinheiro, prados, terreno cultivável, arvoredos e um canal de água" (OM1/doc. 142). Mas o pagamento tendo sido efetuado só em 13 de dezembro de 1829, os Padres Courveille e Champagnat descrevem a situação na qual deveria estar a casa nessa data.

Esses trabalhos serão uma das causas de divergências entre o Pe. Courveille e o Pe. Champagnat: aquele, repreendendo a este por não formar bem os noviços, que foram massivamente empregados nessa arrumação, durante vários anos. Com efeito, o Ir Avit (1830, § 134) afirma: "Apesar do rigoroso inverno de 1830, o Padre Champagnat, Philippe, seu sobrinho, e vários Irmãos arrancaram as árvores, removeram as pedras e criaram o grande patamar bem como o caminho que a ele conduz, sobre a vertente

oeste do lado oriental". Se foi dado início ao trabalho de arrumação das encostas, é sinal de que a parte plana está concluída.

1.7. Um conflito de legitimidade em 1825

Os problemas financeiros e materiais serão apenas secundários, desde que houve a eleição de Champagnat como superior no outono de 1825, provavelmente em outubro. O relato desse feito importante, citado na *Vida* (Cap. 13, p. 129-130) mostra que essa escolha desconcerta não só a Courveille, mas também ao próprio Champagnat; e desencadeia uma crise entre os Irmãos antigos e Courveille, enquanto que Champagnat se sente incômodo entre os dois fogos.

Já evocamos na introdução o nó do problema: o Pe. Courveille, considerando-se o fundador escolhido por Maria, quer constituir a Sociedade de Maria a partir do Formulário de 1816, redigido sob sua inspiração. Para ele, o Pe. Champagnat é somente um precursor que, como João Batista em relação a Jesus, é destinado a exercer funções secundárias e a confiar-lhe os discípulos, o que parece ter anuência de Champagnat.

Não é propriamente uma crise de autoridade como é relatado na *Vida*, mas um debate sobre as origens da sociedade de l'Hermitage: em 1816 em St. Irénée e Fourvière, ou em 1817 em Lavalla? Pode-se entender facilmente o mal-estar de Champagnat, único que participou dos dois eventos fundado-

res, exigido entre seus confrades e seus discípulos. Entretanto, a oposição dos Irmãos ao Padre Courveille não parece afetar basicamente as relações Champagnat-Courveille, visto que em 13 de dezembro de 1825 eles conseguem um substancioso empréstimo de 12.000 F com a Srta. de Divonne, certamente com a garantia moral do arcebispado (OM1, doc. 142). E em fevereiro, eles atuarão ainda em conjunto para uma compra.

1.8. A doença de Champagnat e a ameaça de falência

As fontes maristas (*Vida*, Avit, Silvestre) descrevem as dificuldades oriundas da doença de Champagnat que tem início em 26 de dezembro de 1825, e não parece impedir o Pe. Courveille de levar a sério sua função de administrador, visto que, em 1º de janeiro de 1826, ele abre um registro de receitas e um registro de despesas. A doença de Champagnat se agrava su-

bitamente, uma vez que em 3 de janeiro, Courveille envia aos Irmãos, que estão nas escolas, uma circular solicitando orações para ele (OM1, doc. 147), sem no entanto, reconhecê-lo como superior, pois o denomina seu “filho bem-amado” e o “venerável padre diretor”. No dia 6 de janeiro, Champagnat dita seu testamento; ele está tão debilitado que nem pode assinar. Courveille aceita ser seu procurador geral, ao passo que o Pe. Terrailon recusou sê-lo.

As fontes maristas¹¹ coincidem, então, em declarar que a iminência de morte de Champagnat aflora entre o público, e que os credores chegam em massa, com ameaças de fazer vender os bens móveis e a casa. Diante das solicitações do Ir. Estanislaou, o Pe. Dervieux, pároco de Saint Pierre, teria entrado para pagar 6.000 F de dívidas. Se seguimos essa cronologia, teria acontecido em janeiro-fevereiro uma crise financeira; mas o registro de despesas dá bem outro argumento:

Mês/ano	Despesa total	Detalhes
Janeiro de 1826	2905 F.	Dos quais «ao Pe. Champagnat em sua doença: 200» e «para o Sr. Rigolos, médico em St Etienne: 35 »
Fevereiro	1744 F	Dos quais «dados ao Pe. Champagnat para pagar o médico ou a Sra. Lagier, ou para o Sr. Finaz: 600»; «dados ao Pe. Champagnat para Badard de Lavalla: 12 F»; «dados ao Pe. Champagnat para o Sr. Finat: 116»
Março	965	
Abril	200 ¹²	
Maio	9204	Dos quais «Sr. Finas, notário em St. Chamond: 1000»; «Sr. Montelier, negociante de ferro: 3400»; Sr. Lagier, comerciante: 1000; Lion (pessoa residente em Lyon?): 1500»; «Antoine Robert, gesseiro: 600».

¹¹ *Vida*, Avit, Silvestre.

¹² Esse total diminuto poderia também indicar um acompanhamento pouco cuidadoso da contabilidade.

De acordo com o registro, a doença do Pe. Champagnat teria ocasionado um excedente de gastos de mil francos, e parece melhor, a partir do mês de fevereiro. A grande crise financeira está no mês de maio. Podemos até delimitar seu momento culminante: entre os dias 3 e 10 de maio, a casa deve pagar 7.568 francos.

Por conseguinte, não é o receio da morte de Champagnat que desencadeou a crise financeira, mas outro evento ou um conjunto de outros acontecimentos, e, para inteirar-se disso, é preciso retomar a continuação do argumento exposto pelas fontes maristas.

1.9. A continuação do conflito Courveille-Irmãos

As fontes maristas portadoras da tradição dos Irmãos evocam o desânimo deles diante da perspectiva do falecimento de Champagnat e a severidade de Courveille que ameaça, pune e manda embora. A irritação parece chegar ao extremo quando Courveille declara publicamente que ele está com a intenção de retirar-se. O Ir. Estanislau, líder da oposição, encoraja os Irmãos, faz advertências ao Pe. Courveille, informa o Pe. Champagnat sobre a situação, e pede ajuda ao Pe. Dervieux para pa-

gar as dívidas. Por fim, o Pe. Champagnat se apresenta aos Irmãos reunidos para confirmar sua presença de superior, antes de passar sua convalescência com o Pe. Dervieux. Courveille suscita, então, uma inspeção diocesana severa que confirma suas afirmações concernentes à formação insuficiente dos Irmãos. Mas ele, devido a uma falta, deve retirar-se para Aiguebelle. Os acontecimentos descritos teriam acontecido entre 25 de dezembro de 1825 e fim de maio, data da retirada de Courveille.

O incômodo desse quadro é que o Ir. Jean-Baptiste, na *Vida*, empilhou diversos testemunhos e criou uma cronologia, em parte artificial, difícil de conciliar com aquela do registro das despesas e mesmo do testemunho de Champagnat.

1.10. Uma carta do Padre Champagnat com um tom bem diferente

Em 1833, quando se trata de afiliar sua obra à do Pe. Querbes, Champagnat evoca “o triste escândalo do Pe. Courveille” e “a deserção do Pe. Terraillon” em 1826¹³, sendo não menos severo com o Pe. Terraillon do que para com o Pe. Courveille:

¹³ OM 1, doc. 286. Na realidade, trata-se de um rascunho de carta.

“Durante uma doença grave e prolongada, estando eu afogado em dívidas, quero constituir o Pe. Terraillon meu herdeiro universal. O Pe. Terraillon recusa minha herança, dizendo que eu nada tenho, ao mesmo tempo que não para de bisbilhotar com o Padre Courveille, junto aos Irmãos: ‘Em breve, os credores virão expulsar vocês daqui. Quanto a nós, é só aceitar uma paróquia e abandoná-los’.

Por fim, Deus em sua infinita misericórdia, – ah! que digo? – talvez em sua justiça¹⁴, me devolve por fim a saúde. Tranquillizo meus filhos; digo-lhes que nada temam, que eu compartilharei de todos os seus dissabores, partilhando até o último pedaço de pão.

Foi nesta contingência que constatei que nem um nem outro tinha sentimentos de pai para com meus jovens. Por outro lado, não tenho nenhuma queixa contra o pároco de Notre-Dame¹⁵, cujo proceder em nossa casa foi sempre exemplar.

Com o afastamento do Padre C(ourveille) e a partida do Padre Terraillon, fiquei sozinho; porém, Maria não nos abandona. Aos poucos, vamos pagando as dívidas, outros coirmãos vêm tomar o lugar dos primeiros. Estou sozinho para pagar as custas da manutenção deles. Maria nos ajuda; isso nos basta”.

Champagnat verifica, portanto, que tem dois adversários e não está longe de designar a Terraillon como o principal. Com efeito, ele insinua que a trama empreendida visa a suscitar a saída dos Irmãos. Ele não evoca a ação dos credores, mas Courveille e Terraillon, que se servem dessa ameaça para desligar da sociedade os Irmãos antigos. Contudo, ele não nega a ameaça de falência nesse período, visto que é questão do último pedaço de pão.

O quadro que ele descreve se desenvolve, portanto, em quatro tempos:

1. Sua doença provocando a desconfiança do Pe. Terraillon para com ele.

2. Terraillon e Courveille visando a provocar a saída dos Irmãos que a eles se opõem.
3. A recuperação da saúde e sua ação para tranquilizar os Irmãos.
4. Sua solicitude como sacerdote e a volta a uma situação financeira mais favorável.

1.11. Um problema cronológico

Sabemos que o arcebispado nomeou o Pe. Terraillon para l'Hermitage no dia 25 de agosto de 1826¹⁶, e ele certamente está presente no momento em que os Irmãos elegem Champagnat. Chegado há pouco

¹⁴ Parece sugerir que a falta de Courveille é um castigo do céu.

¹⁵ É a função exercida por Terraillon em 1833.

¹⁶ Dom de Pins proibiu-lhe de ir com os irmãos Colin.

tempo, compreende-se que ele tenha ficado recuado. Em compensação, no início de janeiro, quando ele recusa ser procurador de Champagnat, ele externa claramente sua desconfiança face ao projeto Champagnat-Courveille.

Em 14 de fevereiro de 1826, Champagnat e Courveille compram do Sr. Bertholon dois terrenos por 1.000 F que eles pagam à vista¹⁷. Champagnat, nesse dia, vai até o Dr. Finaz, escrivão, o que significa que não está mais acamado. O pagamento da quantia mostra: que Courveille-Champagnat têm crédito; que o entendimento entre eles prossegue, e que não se trata de abandonar a obra. O que acontece entre o dia 14 de fevereiro e o final de maio, momento em que o Pe. Courveille deixa a casa, antes de enviar, da trapa de Aiguebelle, uma carta datada de 4 de junho? Quanto ao Pe. Terraillon, ele deixará l'Hermitage por volta da festa de Todos os Santos (1º de novembro) de 1826.

É relativamente fácil situar o entretvero entre Courveille-Terraillon e uma parte dos Irmãos liderados pelo Ir. Estanislaou, entre 6 de janeiro e o começo de fevereiro. Um testemunho da *Vida* indica que ele durou três semanas, e que os estabelecimentos nem foram informados (*Vida*, cap. 13, p.136). É, pois, uma crise grave, porém breve. Entretanto, ela fixa nos Ir-

mãos a ideia de que a casa corre o risco de falência.

De acordo com a *Vida*, o Pe. Champagnat teria então ido encontrar o Pe. Dervieux, e l'Hermitage teria passado por uma vistoria diocesana, depois que uma carta do Pe. Courveille denunciara a incapacidade do Pe. Champagnat. Nos arquivos do arcebispado não há traços dessa carta nem dessa inspeção. Em compensação, o conselho do arcebispado formaliza, no dia 5 de julho de 1826¹⁸, que:

“O Pe. Cattet deseja encarregar-se de um retiro para os professores do primário¹⁹ em l'Hermitage de St. Chamond”.

É possível que esse projeto tenha suscitado a visita do Sr. Cattet e tenha sido visto pelos Irmãos, particularmente os mais desconfiados, como uma inspeção. Em todo o caso, no dia 2 de agosto de 1826, o conselho do arcebispado constata que²⁰ “O estado deplorável dos bens temporais dos Irmãos de l'Hermitage dá uma explicação detalhada de sua situação muito carente”. Mas essas datas estão em contradição com a inspeção relatada na *Vida* que a situa antes da saída do Pe. Courveille, isto é, em abril ou maio.

As fontes maristas clássicas preconizam, portanto, uma cronologia curta, encerrada com a saída do Pe.

¹⁷ OFM, doc. 654.

¹⁸ OM1, doc. 155.

¹⁹ Portanto, não somente os Irmãos. Estamos numa época em que o clero domina a universidade.

²⁰ OM1, doc. 158

Courveille. Mas a crise financeira em maio e os documentos providos do arcebispado sugerem uma cronologia mais longa: sem dúvida, um encontro de Champagnat com Derieux mais tarde, em julho-agosto, e o governo da casa por Terraillon durante sua ausência, o que teria suscitado nova crise, sancionada por sua saída, na festa de Todos os Santos.

1.12. Balanço dos anos 1825 - 1826

Estamos inclinados a optar pela cronologia longa pelo fato de Champagnat ser bem claro num ponto: Terraillon representou um papel muito importante na crise que só findou na festa de Todos os Santos. Por outra, a tradição dos Irmãos apagou a ação do Pe. Terraillon por uma simples razão: no momento da redação da *Vida de Champagnat*, ele ainda vive e é padre marista. Ele falecerá em 1869²¹. Sua notícia biográfica acena para uma personalidade independente, mesmo dominadora, ciosa dos próprios interesses, que mereceria um estudo aprofundado. Em todo o caso, o Pe. Courveille não merece carregar sozinho uma *damnatio memoriae* da parte dos Irmãos.

Nessa questão, os Irmãos antigos exercem um papel decisivo porque parece que os padres recém-chegados quiseram recomeçar a obra: de

um lado, procurando afastar os Irmãos antigos, fiéis a Champagnat e à tradição de Lavalla; e de outro lado, tentando formar os noviços de acordo com a própria visão. A tradição dos Irmãos ressalta a resistência decidida do Ir Estanislau, mas ela revela também uma dissensão profunda em suas fileiras, marcada pela saída do Ir. João Maria Granjon e Ir. Etienne Rouméty e pela tentação do Ir. Luís de se orientar para o sacerdócio²². O próprio Pe. Terraillon parece ter ficado bastante atingido: o Ir. Avit escreve que antes de sua saída de l'Hermitage: "Após uma doença, ele caiu em profunda letargia" a tal ponto que foi considerado morto²³. Em sua carta, de Aiguebelle, o Pe. Courveille saberá bem definir a principal causa dessas doenças e saídas inesperadas: "a diferença de pareceres sobre o objetivo, a forma, as intenções e o espírito da verdadeira Sociedade de Maria."²⁴

Em síntese, a eleição de Champagnat se desenvolve em dois momentos: em outubro de 1825, os Irmãos o escolhem como superior, pegando de surpresa não somente a Courveille, mas a ele mesmo. Sua doença é causada em parte pelo dilema em que se encontra, mas bastante cedo, certamente antes de 14 de fevereiro, ele se firma novamente como superior, com grande alegria dos Irmãos antigos. Entretanto, uma fase bastante perturbada parece su-

²¹ OM4, p. 355-356, notícia biográfica.

²² *Vida*, cap. 14, p. 141-144.

²³ Anais do Instituto, ano 1826, § 57.

²⁴ OM1, DOC; 152? § 13.

ceder-se favorecida pelo estado de debilidade de Champagnat. Tem-se, então, a impressão de dois conflitos enredados: de um lado, entre os Irmãos antigos, e do outro, entre os três sacerdotes. Por outra, é Terraillon o protagonista do afastamento definitivo de Courveille. Na festa de Todos os Santos, em 1826, Champagnat encontra-se sozinho como sacerdote, por assim dizer eleito superior uma segunda vez por seus discípulos que pareceram, por um tempo, mais decididos que ele.

No que concerne às despesas financeiras, bem reais, parecem ter sido bastante instrumentalizadas por Courveille e Terraillon. Os pagamentos massivos de maio de 1826 não provêm do risco de morte de Champagnat, mas bem provavelmente dos ecos das divergências entre os chefes da obra. Aliás, numa carta endereçada a um vigário importante, em 1827²⁵, Champagnat relembra: “O malfadado caso do Pe. Courveille e a saída do Pe. Terraillon me colocam em situação equivocada, em relação aos comentários do público que normalmente fala sem conhecimento de causa”. Na mesma época, escrevendo ao Pe. Barou, Vigário geral, ele é ainda mais explícito:

“Como você sabe, estou sozinho, e isso dá o que pensar às pessoas, mesmo as que apoiam a obra e que a ajudam; o povo, que quase sempre fala sem conhecimento de causa, me responsabiliza pelo afastamento do Pe. Courveille e do Pe. Terraillon²⁶”.

²⁵ OM1, doc. 173, § 6.

²⁶ OM1, doc; 173, § 16.

²⁷ Carta ao Pe. Cattet, Vigário geral, OM1, doc. 185.

Se em 1827 Champagnat vê, sobretudo, os problemas que lhe advêm nesse ano terrível, em 1833, ele vai tirar consequências espirituais:

“Maria não nos abandona. Aos poucos, vamos pagando as dívidas; outros coirmãos vêm tomar o lugar dos primeiros.

Estou sozinho para pagar as custas da manutenção deles. Maria nos ajuda; isso nos basta”.

Entretanto, desde 1828, mesmo tendo já alcançado a estatura de um fundador aos olhos dos Irmãos, ele, em momento algum, pretende dar-lhes independência sobre o projeto primigênio:

“A Sociedade dos Irmãos não pode ser considerada como a obra de Maria, mas somente como um ramo posterior a essa mesma sociedade.”²⁷

Mesmo que os Irmãos tenham imposto a legitimidade da fundação de Lavalla, Champagnat não a vê como apagando o formulário e a consagração de 1816. O problema de 1825-1826, portanto, permanece: Como combinar praticamente a especificidade da obra dos Irmãos com o projeto primigênio? A Sociedade de Maria só sairá desse dilema bem depois da morte de Champagnat, por uma separação amigável entre o ramo dos padres e o dos Irmãos.

2. DA AUSTERIDADE A UM RELATIVO CONFORTO

2.1. A alimentação dos Irmãos em 1822-1840

A partir da *Vida*, sabemos que a vida em Lavalla era bem austera, e o Ir Avit (1822, § 34) relata que a alimentação habitual consistia em “caldos ralos e com azeite, pão de centeio, queijo, algum laticínio, legumes, às vezes um pouco de toucinho, e água”. Ele reconhece que, em 1832 (§ 198) “a alimentação dos Irmãos começava a melhorar... servia-se um pouco de carne no almoço...; com um pouco de vinho tingia-se de vermelho a boa água do Gier [...]. Os outros pratos eram de batatinhas, de cenouras, cozidas na sopa e depois retiradas com uma escumadeira e colocadas nas travessas com um pouco de sal”. Na mesma época, nas escolas, “um hectolitro de vinho foi suficiente para “embebedar” 3 Irmãos durante um ano inteiro”.

À luz dos registros de contas, de fácil consulta nas *Origines des Frères Maristes*, temos os meios para verificar e precisar essas afirmações. Pelo fato de, nesse artigo, utilizarmos várias unidades de pesos e medidas, lembramos que naquela época, a França vive de acordo com as antigas medidas, ainda muito utilizadas, e o sistema métrico que apenas começa a se impor. Assim, a unidade de capacidade para os grãos e as batatinhas é o *bichet* equivalente a 27 a 30 litros. Para os pesos, utiliza-se a *libra* valendo 421,90 gramas, e o *quintal* (dife-

rente do quintal métrico) valendo 100 libras, ou seja, 42,199 kg. Quanto ao dinheiro, a unidade oficial é o *franco*, mas as pessoas empregam frequentemente o *sou* (*vintém*), um franco valendo 20 vinténs.

Para se ter uma ideia dos salários, é preciso saber que um bom operário (pedreiro, marceneiro...) ganha aproximadamente 2 F por dia laboral, e, portanto, uns 600 F por ano. Mas é verdade que a maioria das pessoas cultivavam um terreno do qual retiravam grande parte da própria alimentação. Depois do século XVIII, a França não mais conhece a fome, mas tempos de penúria e de pão caro.

2.2. “Bled” (cereais) e centeio

O pão é então um dos alimentos básicos. É feito a partir do “bled”, palavra que na época designa os cereais em geral, e particularmente o centeio, que dá o pão de rala (cinzento), alimento comum em muitas regiões da França. O que na França é hoje chamado “blé” (trigo) era então chamado de “froment” (frumento, trigo), com o qual se produzia o pão branco, na época, raro e caro, mas que no século XIX, aos poucos se tornará o pão comum.

O centeio ou o trigo devem ser moídos num dos tantos moinhos, ao longo do vale do Gier, principalmente na parte baixa, no lugarejo de La Rive, na confluência do Gier com o Ban. A primeira menção de pagamento a um moleiro aparece nas

contas de outubro de 1823: “mais 70, pagos ao moleiro”²⁸. Vários documentos mostram que, em Lavalla, os próprios Irmãos amassam e assam o seu pão. Para isso, eles deviam ter uma amassadeira. Mas não sabemos se possuíam um forno. Em todo o caso, não era uma tarefa pequena o ter que fazer o pão, porém não havia outra escolha: o povoado de Lavalla parece não ter tido padeiro.

Para se obter o centeio, não há necessidade de ir muito longe, pois

Lavalla produz esse cereal em quantidade. Quase sempre, a unidade utilizada é o “bichet”. Um documento²⁹ indica, em fevereiro-março de 1824, várias compras de “bled” de alguns habitantes de Lavalla: Chovet, Rivat, Brunon... pelo valor de uns 200 F. O registro de inscrições³⁰ indica no dia 1º de maio de 1824: “Recebidas 10 ‘cartes’ de trigo a 3 F cada uma = 30³¹”. O livro das despesas,³² que começa em 1826, contém muitas referências a compras. Só em 1826:

7/1/1826	Trigo	950 F
2/3/26	Trigo comprado de Géraudet Antoine de Lavalla	102
14/3/26	Trigo e feno	70
3/5/26	Trigo comprado de Poéton (Poyeton) de Lavalla	155
14/9/26	Trigo comprado de Tardy de Soulages	157
17/9/26	Trigo comprado de Crapanne de la Rivoire	55
18/11/26	Trigo (200 bichets)	800
30/12/26	Trigo comprado do negociante de trigo	300
Total		2589 F

É o grande gasto anual da comunidade efetuado, sobretudo, em novembro-janeiro, no momento em que a malhação do trigo, que toma bastante tempo, já aconteceu e os agricultores vendem sua colheita. Os preços devem ser então mais baixos: 4 F por “bichet”, em novembro de 1826.

As compras são feitas junto a diversos habitantes dos vários lugarejos de Lavalla, e o registro indica um certo Gallet, do lugarejo de Péalussin, como fornecedor habitual. Entretanto, situada agora mais perto de St. Chamon e mais numerosa, a comunidade começa a fazer suas provisões de comerciantes de trigo capazes de ofe-

²⁸ Erro de interpretação em OFM/1, doc. 106, p. 317, que entende “menuisier” (marceneiro). De fato, a grafia “munier” reproduz a pronúncia, em patoá, de “meunier” (moleiro).

²⁹ OFM/1, doc. 106, p. 317.

³⁰ OFM/1, doc. 105, p. 301.

³¹ A “carte” parece ser equivalente ao “bichet”.

³² OFM/1, doc. 120.

recer o produto com mais regularidade e, pode ser, com melhores preços. Em todo caso, a partir de 1827 a mudança parece efetivada:

8/3/27	Gallet, 53 « bichets » de cereais e um porco.	200
1/4/27	Comerciante de cereais	534
Março 1827	Comerciante de cereais	500
Mai 1827	Comerciante de cereais	540
22/6/1827	Comerciante de cereais	300
Agosto 1827	Comerciante de cereais	180
12/9/27	Gallet de Pialoussin, de Lavalla	400
20/10/1827	Royer d'Izieux, cereais	?

Evidentemente, é preciso mandar moer esses grãos e o custo da moagem aparece frequentemente nas contas. Por exemplo, em 5 de maio de 1827, são pagos 26 F ao moleiro de Izieux, e em 3 de dezembro, 90F por 500 “bichets” a um moleiro não identificado. Uma compra de farinha em St. Chamond (115 F) aparece somente no dia 13 de outubro de 1832. Parece que, a partir desse momento, as compras de trigo se tornam mais raras, e que a farinha tenha sido fornecida por Courbon Lyonnet, atacadista de Saint Etienne.

As compras de “bled” comprovam, portanto, uma evolução nas provisões: a partir de 1827, há um desligamento parcial com o lugar de origem, e uma conexão com as grandes redes de distribuição.

2.3. O trigo

O Ir Avit³³ e a *Vida* relatam a arremetida recebida pelo Ir Diretor de Am-

puis que, por ocasião da visita do Pe. Champagnat em 1823, guardava grande provisão de pão branco, provavelmente doado pelos habitantes do lugar, porque está tão duro que é preciso rompê-lo com o martelo. O Ir Diretor se justifica afirmando que esse pão é mais nutritivo que o pão de centeio, e que se come menos. Mas o Fundador retruca que a maioria dos vigários comem pão de centeio e que o consumo de trigo não condiz com o espírito de pobreza.

Essa atitude rigorosa parece se apagar bastante depressa, pois em 2 de junho de 1825, no momento em que a comunidade de Lavalla mal acaba de se instalar em l'Hermitage, são comprados, do Gerin, de Bachat, 40 quintais de trigo por 11F cada um, portanto por 440 F³⁴. Em 3 de fevereiro de 1829 (Registro das despesas), compra-se trigo de Gallet, de Péalussin, e sobretudo em 11 de setembro de 1830, l'Hermitage compra, de Cho-

³³ Anais das Casas, Chavanay.

³⁴ OFM/1, doc. 108, p. 321.

vet, do lugarejo dos Chozeaux, 12 “bichets” e meio de trigo tremês³⁵ por 90F; o que indica um preço de 7,2 F por “bichet”, mais ou menos o dobro do preço do centeio. As contas pouco indicam depois a compra de trigo, talvez porque os comerciantes de farinha, entre outros, Courbon Lyonnet, atacadista, fornecem tanto a farinha de trigo quanto a de centeio.

Seja como for, percebe-se que os princípios de Champagnat em 1823 parecem ser aplicados com tolerância. Pode ser também que a compra, em junho de 1825, tenha sua justificativa nas fadigas provocadas pelos trabalhos de arrumação de l’Hermitage: uma recompensa e, ao mesmo tempo, um meio de sustentar as forças.

2.4. As “truffes” (batatinhas)

Nos dias de hoje, em francês a palavra “truffe” indica um cogumelo que cresce na terra e espalha perfume pelos prados. Não sendo cultivável, é produto muito caro. No tempo do Pe. Champagnat, esse termo patoá indicava as batatinhas cultivadas na região de Lavalla, a partir da metade do século XVIII. Os registros de contas utilizam, aliás, os dois termos “truffes” e “pommes de terre” (batatinhas), mas não empregam o termo “patates” (batatas), tão

familiar, hoje. Com o “bled” (cereal), no começo do século XIX, elas são a base da alimentação.

Paradoxalmente, os registros de contas pouco mencionam as “truffes” porque é um produto barato e quase não comercializado, tendo cada propriedade rural sua própria produção. Podemos ter certeza de que os próprios Irmãos, em Lavalla e a seguir em l’Hermitage, cultivam boa parte das batatinhas necessárias ao consumo próprio, e o restante poderia vir de doações ou de compras esporádicas.

Encontramos a primeira menção de uma compra de “truffes” (batatinhas) em novembro de 1826, de um tal Chappard, por apenas 25.50 F. Cita-se outra compra, em 1832, de um homem de Sardière por 23.50 F. Em 1830, Chovet, de Chazaux, entrega trinta “bichets” e, em 1832, Audras de Lavalla vende 50. Nesse ano, as batatinhas devem estar caras visto que Chovet as vende ainda por 25F, a 2.25 por “bichet”. Durante os anos 1837 a 1840, a casa compra entre 40 e 45 “bichets” por um preço de 1F por “bichet”. Um tal Perche parece ser o fornecedor preferencial da casa. L’Hermitage parece ter guardado forte ligação com Lavalla no que concerne à provisão de batatinhas, ao passo que, como vimos, foi diferente para a questão do trigo.

³⁵ Trigo de primavera que amadurece em três meses.

2.5. As compras do vinho

No dia 24 de abril de 1822, o inspetor Guillard, visitando a escola de Saint Sauver-en-Rue, declara: “Esses Irmãos vivem na maior frugalidade e nunca bebem vinho³⁶”. O caderno de inscrições³⁷, que parece dar as mais antigas informações financeiras sobre o Instituto, menciona, em 21 de janeiro de 1824: “Entregues a Prénat por um transporte de vinho: 8F”. Evidentemente, não é o preço do vinho, mas de seu transporte. O registro dos gastos, que começa em 1826, menciona, em setembro, o pagamento de taxas sobre o vinho e o preço de seu transporte: 15F. E em outubro, David, negociante de vinho, recebe um pagamento de 80F. Só em 1830 vamos encontrar compras de vinho, de um fulano Lagarde: 150F, em fevereiro, e 45F em julho. Constatamos ainda duas compras em 1832, de certo homem de Millery por 60F, e em dezembro 4 pipas (barris) de vinho compradas de David por 250F. Só a partir de 1837, são anotadas compras regulares: no valor de 352 F, nesse ano; 488 F, em 1838; 2.089F, em 1839³⁸, (principalmente o vinho, enviado de St. Paul-Trois-Châteaux). Por fim, 1450 F, em 1840.

As compras de vinho começaram, portanto, antes do referido em nossas fontes habituais, mas como as

contas não mencionam compras de 1827 a 1829, em 1831 e de 1834 a 1836, há algo nebuloso; essas interrupções podem originar-se em deficitária anotação na contabilidade, bem como de períodos economicamente mais frágeis, durante os quais se voltou à tradição. Por exemplo, a abstenção no ano de 1831 explicaria-se pelas consequências da revolução de 1830. Em suma, parece pertinente a escolha do ano 1832, como ano do início de consumo regular e bastante significativo.

2.6. Consumo da carne de porco

Cada propriedade rural de Lavalla cria, ao menos, um porco, abatido geralmente em dezembro-janeiro para se obter toucinho e carne, conservados cuidadosamente na salgadeira, bem como salsichas, salames e presuntos colocados para secar nos sótãos ou nas chaminés. Curiosamente, nenhum documento, de nosso conhecimento, menciona que, em Lavalla ou em l'Hermitage, a comunidade tenha criado porcos. Se o fato é facilmente compreensível para Lavalla, parece menos evidente para l'Hermitage.

Entretanto, pode-se pensar que os Irmãos recebiam, como donativo, carne de porco. Além disso, deve ter-se estabelecido desde os inícios

³⁶ OM1, doc. 75.

³⁷ Documento 106 (OFM/1, p. 317)

³⁸ Carta do Pe. Champagnat ao Ir. Francisco, em 7 de março de 1838 : “Você sabe que o Sr. Vieno deve supor, eu penso, que nós adquiramos uma centena de barris do vinho dele. É preciso que o Ir. Estanislau se entenda com o pessoal da ferrovia que os transportará a Perache (estação de Lyon)”. Documento assinalado pelo Ir. Henri Réocreux.

o costume de comprar porcos vivos, dos camponeses de Lavalla. O registro de inscrições³⁹, em janeiro de 1824, menciona a compra de um porco por 122 F. O livro das despesas, iniciado em 1826, está cheio dessas compras. Assim, em janeiro de 1826, a casa compra dois porcos por 221F, de Audras de Lavalla, e o novinho Bret, no mesmo mês, compra outro por 72 F⁴⁰.

Em janeiro de 1827, são comprados quatro porcos; um, do Sr. Fara, e outro, de Tibeau, ambos do lugarejo Fleurieux. O total sobe a 530 F. Como em 1828, o preço do quintal⁴¹ (100 libras) de porco é de 33F., isso significa a compra de 16 quintais, ou seja, 675 kg de porco vivo, em seguida abatido e preparado pelos Irmãos ou por uma pessoa prática no assunto. O suficiente para prover-se de toucinho, presunto, salame... para uma boa parte do ano. E as compras habituais de porco continuam a cada ano. Mas, é verdade que, nessa época, a carne de porco não é considerada nobre, e a compra de carne bovina é sinal de fartura.

2.7. A carne de açougue

O registro de inscrições⁴² indica a compra de uma vaca no dia 7 de janeiro de 1824, por 72F, e o doc. 106 (OFM/1 p.317), em 18 de janeiro de 1824, a compra de outra por 45F. Mas

é pouco provável que esses dois animais tenham sido para o abate. Sem dúvida, é preciso pensar que a comunidade se servia delas para ter o leite e, certamente, para a manteiga e queijo. Por outra, os livros de contas citam com frequência compras de feno para alimentar gado. Em todo o caso, em janeiro de 1826, o registro dos gastos assinala ainda a compra de duas vacas pelo módico preço de 27F e 28F⁴³. Pelo fato de em dois anos a comunidade ter providenciado quatro vacas, pode-se pensar que algumas possam ter servido para o consumo de carne. Mas parece que a carne bovina até 1830 era um prato raro.

Em todo o caso, é a partir de 1830 que a casa paga ao açougueiro Dervieux d'Izieux quantias consideráveis, sem ficarmos sabendo se se trata de carne de porco ou de gado. O registro assinala em novembro de 1831 o pagamento de 175F por "500 libras de carne". Apenas uma compra é assinalada em 1832: 185.50F. Em 1833, há três pagamentos, provavelmente em Dervieux: 86 F por 231 libras (0.37F cada libra); 164F por 438 libras, a 7,65 vinténs (sous) (0,375F) a libra, e ainda 184F que devem corresponder a 500 libras de carne. Portanto, mais ou menos num ano, a casa teria consumido aproximadamente 1.200 libras de carne, ou seja, um pouco mais de 500 kg.

³⁹ Doc. 109 (OFM/1 p. 317).

⁴⁰ Parece ser um modo de pagar a pensão.

⁴¹ Não se trata do quintal métrico (100 kg), mas do quintal tradicional que vale 42,2 kg.

⁴² OFM/1, doc. 105, p. 309.

⁴³ Poderiam ser talvez vitelas.

As contas comprovam bastante bem aquilo que nossas fontes afirmam: em 1831, as compras de carne bovina se tornam expressivas e, a partir de 1833, elas são consideráveis.

2.8. Outros alimentos

É evidente que os registros de contas não anotaram todas as compras de produtos alimentares, seja por esquecimento, seja porque, gradativamente, se recorre a atacadistas, e a casa paga o total das faturas cujo detalhamento nem sempre nelas consta.

Em todo o caso, nos registros, antes de 1837, não se trata de compra de frutas, exceto duas compras de cerejas em 1832. Pelo contrário, de 1837 a 1840, as compras de cerejas e de uva se tornam muito frequentes, na época da respectiva colheita: junho-julho para as cerejas, e setembro para as uvas. Os preços, então, são baixos: em junho de 1840, 140 libras (59 Kg) de cerejas custam 7F. Em setembro, dois quintais (85 kg) de uva custam 10F. Para os ovos, é um pouco como para as frutas: uma compra modesta aparece em 1826; as compras maiores e regulares começam no final de 1837. Os preços variam entre 0,40F e 0,80F a dúzia. Quanto aos laticínios, a manteiga consta com bastante regularidade nas contas desde 1826 e com valores importantes, mas o queijo só vai aparecer em 1837.

O sal é citado apenas quatro vezes nas contas, mas com quantias importantes, e isto a partir de 1826. Duas compras significativas, em janeiro, parecem ligadas ao abate e à salgadura de porcos. Da mesma forma que o sal, as compras do azeite são raramente anotadas. Entretanto, em 1827, consta a compra de 100 kg de azeite de oliva por 180 F. E só uma vez, em 1839, há compra de peixes.

2.9. A alimentação dos doentes

A introdução de novos alimentos está ligada ao cuidado dos doentes e a uma organização melhor da enfermaria. Dessa forma, a partir de 1837, multiplicam-se as compras de rapé, de pão, de café, de chocolate, de frutas, de ameixas passas, de mel, de açúcar, de queijo suíço, de água mineral. O cuidado pela cura dos enfermos e para preservar a saúde, provavelmente introduziu no Instituto o uso de alimentos proscritos há bom tempo. Por outra, o crescimento da comunidade, a baixa dos preços e o enriquecimento geral da sociedade tornam esses alimentos acessíveis nos ambientes modestos.

CONCLUSÃO

Em 1831, o prefeito de Saint Martin-en-Coailleux⁴⁴ declara que a manutenção de l'Hermitage está asse-

⁴⁴ OM1/ doc. 231, resposta do prefeito a um pedido de esclarecimentos do reitor da academia de Grenoble.

gurada “com a receita das pensões dos noviços, pelos frutos da área cultivada por eles mesmos, proporcionando-lhes, em grande parte, aquilo de que precisam para a vida frugal que levam, quase sem carne; e, por fim, pelo trabalho de alguns dos Irmãos que dedicam algumas horas do dia para a fabricação de tecidos e de panos”.

É preciso não atribuir um caráter muito absoluto a essa descrição que parece corresponder mais à situação de Lavalla e de l’Hermitage, antes de 1830⁴⁵. E mesmo as fontes de abastecimento já se diversificaram

na direção de Izieux, St. Chamond, St. Etienne, e mesmo além. No momento em que o prefeito escreve, a alimentação está um pouco melhor porque o Instituto tem mais meios financeiros. A partir de 1837, a comunidade está apta a fornecer uma comida “sadia, abundante, limpa e convenientemente preparada, mas comum e habitual⁴⁶”. Até mesmo, ela pode oferecer aos doentes uma alimentação cara, se consideramos favorecer a recuperação da saúde. Depois de 1830, a produção agrícola da casa, provavelmente fornece apenas um complemento importante.

⁴⁵ Nenhuma referência é feita em relação aos recursos provindos das escolas. A resposta do prefeito pode ter sido escrita de acordo com o Pe. Champagnat.

⁴⁶ Regras de Governo, 1ª parte, cap. X, artigo 1, 1854.

ANEXO**Memórias do Ir. Henri Réocreux e de sua mãe sobre a preparação do porco (2012)**

“Na zona rural, ao redor de St. Chamond, e em minha família, cada ano, matava-se um porco. Isso era feito no inverno, pois era necessário que fosse uma época de frio e seca. Meu irmão, morador na Bretanha, tentou até renunciar à secagem na sua região de adoção, por demais úmida. Era preciso reservar a data na agenda do “matador”; assim eram chamados os personagens habilitados em orientar a “matança” do porco. Dessa forma, eles faziam um giro de algumas semanas a dois meses, de acordo com a procura, frequentemente na casa de clientes habituais, onde eles chegavam com o material apropriado. Geralmente empregavam-se dois dias para a matança de um porco. No primeiro dia, realizava-se a matança propriamente dita. O animal firmemente amarrado num cabeçalho de carroça ou suspenso pelas patas traseiras, o matador cortava a carótida e recolhia o sangue para a confecção da morcela ou morcilha. Uma vez morto o porco, o pelo era queimado com fogo de palha; em seguida, a pele era raspada para eliminar os pelos do toucinho. O matador procedia, então, ao corte em pedaços, e a família tratava cada parte conforme a destinação das partes do porco. A carne, estendida, devia ficar num local frio e seco, durante toda a noite para favorecer a boa conservação. A morcela, com o sangue e os ingredientes acrescentados, primeiramente cebola e alho, era cozida no mesmo dia. As partes que não se conservavam eram objeto de partilha com os vizinhos, família e amigos. Quando criança, eu levava a “fricaude” (fricassê) aos vizinhos. Quando eles matavam o próprio porco, era a vez de eles nos enviarem a sua. A “fricaude” se compunha de morcela, de toucinho e do diafragma. Conforme o grau de proximidade com a família, ela era acrescida de outras partes mais nobres. Nós a comíamos preparada como guisado. Ainda me lembro de um antigo Irmão confidenciando que eles recebiam tanta “fricaude” que se viam obrigados a enterrá-la na horta, para não magoar as pessoas, recusando aceitá-la. É certo que eles eram apenas dois nessa escolinha do interior. No segundo dia, elaborava-se a carne, em particular para fazer as salsichas e os salames. Ela era picada com a gordura, depois era condimentada e triturada. Enquanto isso, os intestinos esvaziados eram lavados no córrego, primeiramente a parte externa; em seguida, depois de virá-los ao avesso, a parte interior. Assim, estavam prontos para serem atados pelas pontas e em condição para o preparo das salsichas e dos salames. O intestino grosso, enchido com a carne de salsicha, tornava-se grande e era chamado de “Jesus”; constituía um pedaço preferido. A parte do intestino que o precede, mais regular e retílinea, com um diâmetro maior do que os outros salames, chamava-se “Rosinha” (Rosette). Era também uma peça nobre, muitas vezes colocada em leilão, nas festas populares. Uma vez concluídos esses trabalhos, o matador podia receber o soldo de seu trabalho, despedir-se da família e seguir para outra. Terrinas e patês esterilizados incluíam algumas carnes de miúdos como o fígado.”

A gordura derretida e resfriada, a banha, era muito utilizada para cozinhar. Havia dois modos de conservar a carne durante o ano todo: a salmoura que consistia em mergulhar a carne num preparado muito salgado; a camada de toucinho e o presunto eram cobertos de sal grosso. O segundo modo era a secagem. Durante algumas semanas, o teto da cozinha sustentava hastes de madeira com salsichas, salames, presuntos. O fogo na lareira, além de secar, dava também um gosto agradável pela defumação. Em continuidade das ações de conservação, quando a pele estava suficientemente seca, empregavam-se dois métodos, de acordo com a tradição familiar: ou era suspenso num sótão ao ar frio e seco, ou era mergulhado num recipiente com cinzas de folhas secas (caídas de árvores não resinosas). Naquela época, a criação do porco entrava na economia de tipo familiar. Era o meio de valorizar, durante o ano, os diversos lixos da família, as batatinhas estragadas ou pequenas. Para seu alimento, cultivavam-se também algumas verduras como a couve, rábanos ou nabos. A alimentação era frequentemente cozinhada em caldeiras e transformada em beberagem. O porco para engorda vinha da criação da família ou de compra na vizinhança, a fim de que, durante o ano, pudesse ser engordado para abate”.

IV. LAVALLA E OS IRMÃOS MARISTAS DE 1825 AOS NOSSOS DIAS



Louis Vibert
fms

1. LA VALLA-EN-GIER HOJE

1.1. Ruralidade e urbanização do meio rural

La Valla-en-Gier é bem conhecida pelos Maristas: todos sabemos que é o lugar da fundação dos Irmãos, em 2

de janeiro de 1817. Os escritos dos maristas falam abundantemente desta aldeia onde viveu, de 1816 a 1824, um santo, que lhe deu uma reputação internacional. Mas onde está essa aldeia em nossos dias?

Depois da época do Pe. Champagnat, sua geografia física foi um pouco transformada pela construção de



La Valla-en-Gier hoje

três barragens, mas sua geografia humana mudou muito. Atualmente, em 2011, o município tem mais de 1.000 habitantes (2.583 em 1831) e ele se estende sobre 3.478 ha, em zona de montanhas médias do maciço do Pilat. Em 1831, Bessat separou-se de La Valla para tornar-se um município independente. Os municípios de St-Chamond, de St-Etienne, do Bessat, de Colombier, de Graix e de Doizieux o circundam. La Valla faz também parte dos 43 municípios da comunidade de municípios de “St-Etienne Métropole”.

As altitudes extremas do município são: 440m na barragem de Soulagés e 1.390m em Crêt de la Perdrix. A vila está assentada no flanco da montanha ao sudoeste de St. Chamond, entre os vales do Ban e do Gier. A altitude indicada pelo marco de nivelamento situado ao pé da igreja, à esquerda da entrada principal, é de 651m.

Os vales estreitos e profundos do Gier e do Ban drenam as águas dessas torrentes para duas barragens que abastecem a cidade de St. Chamond: a barragem Rive, sobre o Ban, foi inaugurada em 1869, e aquela do Soulagés, um pouco abaixo sobre o Gier, foi terminada em 1970. Uma terceira barragem construída no Piney, inaugurada em 1954, para re-

colher as águas do vale superior do Gier, foi esvaziada por medida de segurança¹. Mas seu muro permanece intacto, sempre muito visível.

Umhas sessenta aldeias² espalhadas nas encostas do Gier e do Ban se dividem no território. Sua distância em relação ao “burgo” varia de 300m a 10 km. Cinquenta e cinco delas são habitadas³, bem vivas, e conservam seu estilo ou se renovam nessa bela região do Pilat. Umhas se estendem sobre encostas suaves onde pastam vacas, carneiros e cabras; outras, ocultas em bosques ou escondidas atrás de cortinas de árvores, parecem estar no fim do mundo... Algumas abrigam residências principais ou secundárias; outras têm atividades agrícolas, industriais (ligadas à madeira), ou ainda turísticas (casas de campo, quartos para hóspedes), de restauração, de artesanato... 40% dos habitantes do município residem nas aldeias e 60% no “burgo”.

É nessa paisagem muito acidentada, no topo do município, que o Salto do Gier se impõe ao visitante: é uma cascata impressionante, acessível após uma subida entre entulhos de pedras, muito característicos no município, chamados «chirats».

La Valla está incluída no Parque Natural Regional do Pilat que reagrupa 47 municípios do Loire e do Ródano, sobre um território de 700

¹ Ela foi construída sobre o modelo da barragem de Malpasset, perto de Fréjus, que cedeu no dia 2 de dezembro de 1959, cinco anos após sua construção (423 mortos e desaparecidos).

² Por aldeia se deve compreender também que pode haver apenas uma casa em algumas delas.

³ Em 1697, o pároco de La Valla cita 43 aldeias, inclusive La Valla.

km², com uma densidade de 79,4 hab/km². Coberto de florestas, de trilhas balizadas e de pistas, ele é percorrido por numerosos turistas, caminhantes, ciclistas, praticantes do VTT⁴, esquiadores e curiosos atraídos por seu quadro natural, seus monumentos celtas, suas vias megalíticas, ou por suas possibilidades esportivas de verão e de inverno. O Parque é atravessado por 3 trilhas de longo percurso⁵, às quais se somam 9 itinerários para pedestres, de uns 30 quilômetros a 104 km para a mais longa, permitindo descobrir o maciço do Pilat sob diferentes aspectos. A trilha N° 10, de 32 km, leva o nome de Marcelino Champagnat. O seu ponto de partida é N. D. de l'Hermitage (400m) e a chegada é Marllhes (1.000m). Enfim, numerosas trilhas de alguns quilômetros para pedestres permitem percorrer distâncias mais modestas, partindo das principais aldeias do parque. Três dentre elas partem da vila de La Valla.

Ainda que estreitos e sinuosos, os caminhos permitem uma circulação

confortável. A vila de La Valla, sede do município, da igreja, da escola, de algumas casas comerciais, é o polo habitual da maioria dos "vallauds⁶". As vias de comunicação que se dirigem para o norte encontram a autoestrada Lyon-St.Etienne-Clermont-Ferrand. Para o sul, chega-se ao vale do Ródano pelo Bessat. Saint-Chamond (35.608h em 2009), está a um quarto de hora de carro, como também o Bessat (439h em 2009). Da estação do trem de St. Chamond, estamos a 40min de trem de Lião e a 10min de St. Etienne. Atualmente, La Valla, portanto, não é nenhum espaço isolado.

1.2. A população de La Valla

Já em 1697, o padre da paróquia de La Valla contou a população da sua paróquia e encontrou 865 habitantes⁷. Usando diferentes documentos (incluindo os do Insee⁸ para a situação atual) que identificam a população desde 1793, podemos construir o quadro abaixo.

1793	1831	1901	1975	1990	2008	2011
2146 h	2.583 h	1.800 h	581 h	745 h	912 h	+ de 1.000 h

⁴ Ciclismo para qualquer terreno.

⁵ Trilha que permite aos caminhantes percorrer grandes distâncias em território nacional ou mesmo europeu.

⁶ Vallauds, Vallaudes: habitantes de La Valla en Gier.

⁷ Ele anota: "outrora o número de habitantes era mais de um terço maior, quase a metade". E acrescenta: "a causa da diminuição veio dos preços elevados, da escassez de grãos, da diminuição do trabalho e das doenças populares".

⁸ Instituto Nacional de Estatísticas Sociais e Econômicas.

A população de La Valla passou de 2.583 habitantes em 1831 para 581 em 1975, conhecendo, portanto, uma gigantesca erosão de 2.002 habitantes em 144 anos. Ela é o exemplo típico de um êxodo rural que então atingiu toda a França e até boa parte da Europa em numerosos espaços. Depois de 1975, um lento aumento da

população se efetua: a década 1999-2008 indica 129 nascimentos para 44 óbitos. Pode-se calcular, no momento presente, em 460 o número de lares no município.

A classificação por idade, para 912 habitantes, nos dá, em 2008, o quadro abaixo:

0 -14 anos	15 - 59 anos	60 - 74 anos	75 - 89 anos	+ de 90 anos
194	556	105	54	3

Com 750 habitantes com menos de 60 anos, é uma população excepcionalmente jovem, pelo menos na Europa. A cidade vizinha de Saint-Chamond conheceu uma evolução inversa: no seu apogeu em 1982, sua população se elevou a 40.267 habitantes, mas, em 2009, só tinha 35.608, isto é, uma perda de mais de 4.600 habitantes em 27 anos.

Essa dupla reviravolta de tendência tem causas gerais: os centros urbanos se despovoam em proveito de um grande cinturão urbano onde os preços dos terrenos são menos elevados e o gênero de vida mais agradável. Mas Saint Chamond sofreu, a mais, a crise das indústrias metalúrgicas tradicionais: Creusot-Loire (siderurgia) se desmantelou em 1984, e Giat-Industrie (armamento) fechou em 2006. La Valla, em zona periurbana, se beneficiou, portanto, de uma profunda mudança do meio urbano e

da economia, ao passo que Saint Chamond foi duramente atingida.

La Valla conheceu, portanto, uma nova vitalidade, mas o aumento do número de seus habitantes tem limites: as dificuldades geográficas estão aí, como também as do Parque Natural Regional do Pilat⁹. Por outro lado, os “vallauds” desejam conservar a identidade de sua aldeia.

1.3. Loteamentos e imóveis

Os políticos locais e as prefeituras tomaram consciência de que a vila corria o risco de morrer se medidas não fossem tomadas para atrair novos residentes e jovens casais. Eles então apostaram no poder de atração da região no Parque do Pilat, dada a sua qualidade de vida ao abrigo dos grandes eixos de comunicação e da tranquilidade que ela oferece.

⁹ Cujos regulamentos limitam a taxa de urbanização.

O município lançou-se, então, na criação de loteamentos e na reabilitação de imóveis com toda a infraestrutura necessária, de acordo com o plano de urbanização atual. Em 1986, foi criado o loteamento dos Fougères com 27 residências e, em 2006, o das Terras de Leytrat, com 19 residências das quais 17 já estão prontas.

Antigos prédios foram reabilitados em moradias: é o caso da antiga escola pública (5 moradias); da Andéolaise (antiga casa paroquial), 5 moradias, e do antigo presbitério que oferecem quinze apartamentos com arrendamento, dos quais quatro são moradias de solidariedade. Edifícios particulares também propõem aluguel: o da Renascença e da antiga escola das Irmãs de São José oferecem doravante 9 alojamentos. Mesmo se esta lista não é exaustiva, ela permite compreender que é graças a uma política de acolhida que a população ultrapassa os mil habitantes no presente momento.

1.4. População ativa em 2008 por tipo de atividade¹⁰

O problema das zonas rurais periurbanas é que elas são formadas de “cidades-dormitório”, oferecendo poucas atividades locais. La Valla está nesse caso. Apenas 17,4% dos lugares de trabalho dos ativos estão si-

tuados na comunidade de residência; 82,6% estão fora do município de residência, dos quais 73,9% no Loire¹¹.

Por serem restritas, as atividades econômicas locais, não são, entretanto, desprezíveis. No município encontram-se:

- Duas explorações agrícolas em tempo pleno (um criador de vacas e outro de cabras) e umas vinte de dupla atividade, acumulando dois empregos, sendo um relacionado à agricultura e outro à criação de animais.
- Uma atividade industrial familiar: a fabricação da silvicultura (madeira lascada para aquecimento das casas no inverno).
- Ofícios relacionados à construção.
- Um ateliê de cerâmica.
- Restaurantes ou prestação de serviços alimentares para eventos, em La Valla, Planil, Jasserie, La Rive e Barbenche.
- Nestes dois últimos anos vimos o nascimento de uma pousada na aldeia Serchette e de quartos para hóspedes em Moulin du Bost.

Na cidade encontramos os serviços habituais: a prefeitura, a igreja, a escola N. S.^a das Vitórias¹², a única da cidade com mais de 100 alunos; uma agência dos Correios, o Café dos Correios com restaurante, uma padaria, um armazém, um salão de be-

¹⁰ INSEE (Instituto Nacional de Estatística e Economia), fichas atualizadas em junho de 2011.

¹¹ 7,3% num outro departamento da região de residência, e 1,4% numa outra região da França Metropolitana. De fato, La Valla está próxima dos departamentos Ardèche e Haute-Loire, e parte de seus habitantes é atraída pela cidade de Lião.

¹² Sediada numa parte do prédio dos Irmãos Maristas. Não há escola pública leiga em La Valla.

leza. O centro de Rocheclaine, sob a tutela das Irmãs da Santa Infância¹³, é um Instituto Terapêutico, Educativo e Pedagógico (ITEP). O conjunto dessas atividades garante uma centena de empregos.

Entre os 617 habitantes da faixa etária de 15 a 64 anos completos, La Valla conta:

- 70,3 % de ativos com emprego
- 2,4 % de desempregados
- 12,5 % de aposentados
- 7,3 % de estudantes
- 7,5 % de outros inativos

1.5. Projeto municipal

Em 2010, o orçamento do município atingiu os 622 000 euros em despesas de funcionamento e 412 000 em investimento. Seus recursos provêm: de uma extensa floresta cultivada e natural: 1.800 ha dos quais 300 ha de floresta municipal; dos impostos e taxas; da taxa profissional e da verba anual do Estado. Num futuro próximo, o município prevê melhorias na rede viária; conclusão do 5.º trecho da rede de saneamento das águas; a reabilitação das redes molhadas, isto é: a separação das águas pluviais das águas sujas; a reabilitação da rede de água potável; a canalização de água para certas aldeias a fim de torná-las mais atrativas. Quanto às redes secas, está prevista a conclusão da tubulação subterrânea das linhas elétricas e telefônicas. Enfim, prevê-se

também a reparação dos vitrais da igreja, a modernização da instalação elétrica e a perícia do seu telhado.

Assim é La Valla, no início do ano 2012. O acordo e a cooperação entre prefeitura e associações asseguraram a renovação do município e a fixação sobre seu solo de uma nova população.

1.6. A paróquia de Saint-Ennemond-en-Gier

Assim como o equilíbrio entre cidade-campo foi transtornado nos últimos decênios, a organização paroquial foi reestruturada. La Valla faz, portanto, parte da grande paróquia de St. Ennemond-en-Gier, centrada sobre Saint-Chamond e reagrupando nove campanários para uma população de pouco mais de 36.000 habitantes. A equipe de animação pastoral compreende três sacerdotes liberados, dos quais um colombiano e um libanês, e dois diáconos. Três outros sacerdotes auxiliam em certas ocasiões essa equipe. “Os campanários” criaram equipes para preparar a liturgia dominical e assegurar um revezamento com o centro da paróquia. Quatro campanários têm uma missa dominical cada semana, sábado à tarde ou no domingo, e os cinco outros, entre os quais La Valla, uma vez cada quinzena. Como na maioria das paróquias na França atualmente, numerosas outras res-

¹³ Fundadas em La Valla pelo pároco Bedoin, no século XIX.

ponsabilidades são delegadas aos «leigos»: grupos de formação bíblica, pastoral da saúde, funerais, preparação aos Sacramentos, catequese, catecumenato de adultos, capelarias escolares...

Quatro comunidades religiosas residem na paróquia: os Irmãos Maristas com três comunidades (Nossa Senhora de l'Hermitage, Fonsala, La Valla); as Irmãs de Getsêmani¹⁴; as Pequenas Irmãs da Santa Infância e as Franciscanas Missionárias de Maria. Em La Valla, a frequência às missas dominicais é assegurada pela fidelidade dos «anciãos» e, nas exéquias, por uma forte solidariedade municipal.

O que é feito da herança de Marcelino Champagnat nesse “novo mundo”? Eu tento dar uma resposta no artigo “La Valla e os Irmãos Maristas de 1825 aos nossos dias”.

2. A HISTÓRIA DOS IRMÃOS MARISTAS EM LA VALLA DE 1825 AOS NOSSOS DIAS

2.1. Emergência do lugar de memória e vicissitudes da obra educativa

O Pe. Champagnat deixa Lavalla em 1824 para construir a casa Nossa

Senhora de l'Hermitage. Em maio de 1825, a comunidade de Lavalla (20 Irmãos e 10 postulantes) se instala em l'Hermitage. Doravante, Lavalla é somente uma escola. Mas veremos que, pouco a pouco, ela vai se tornar bem mais que isso.

Para redigir este artigo eu me apoiei, até 1902, nos Anais dos Irmãos de então, intitulados: “Anais de Lavalla en Gier”. É um documento pouco conhecido. Eles têm a forma de um manuscrito, de 22,5cm de comprimento por 17,5cm de largura, contendo 204 páginas manuscritas. Uma cópia de computador foi digitalizada por mim em 2009, para torná-los acessíveis a maior número de pessoas, apesar de serem de uso interno. Eles foram iniciados nos últimos decênios do século XIX, lá por 1885, e cobrem um período que vai da Fundação do Instituto, em 2 de janeiro de 1817, até 5 de julho de 1902. Falam abundantemente dos Irmãos e de suas obras; este último termo é entendido ao mesmo tempo no seu sentido material e apostólico. Eles têm uma ligação muito forte com a notícia sobre Lavalla nos Anais das casas redigidos pelo Ir. Avit, em 13 de maio de 1885.

Os *Anais* guardaram o nome dos dois primeiros diretores: Irs. João Maria Granjon em 1818 e Jean-Baptiste Audras (Ir. Luís) nomeado em 1824¹⁵. E eles acrescentam:

¹⁴ Fundadas em Valfleury, lugar de peregrinação perto de Saint-Chamond.

¹⁵ Esta última data não é segura; outro documento o cita em Charlieu nessa época. A *Vida*, p. 88, afirma que ele substituiu o Ir. João Maria, em 1822, como mestre de noviços.

“A partir desta época até 1º de novembro de 1847, nada se sabe do que se passou nessa escola. Sabe-se somente que havia apenas dois Irmãos e que a escola só funcionava da festa de Todos os Santos até a Páscoa. Eles trabalhavam em outros lugares durante o verão”¹⁶.

Os *Anais* nomeiam os cinco Irmãos Diretores e os cinco Irmãos “em segundo lugar» que estavam em La Valla durante esse período que durou 23 anos. Os dois Irmãos desciam todas as quintas-feiras a l'Hermitage, onde passavam o dia e faziam sua modesta provisão para a semana¹⁷”. Quantos alunos havia nessa época? Uma estatística de 1833 indica que a escola de La Valla «está com 90 alunos muito dóceis e que a casa é demasiado pequena»¹⁸, para uma população de 2.583 habitantes em 1831.

Nos *Anais do Instituto*, o Ir. Avit lembra que, em 1º de maio de 1827, o Fundador vende o anexo construído em 1822 para o Pe. Bedoin, pároco de La Valla, e no dia 5 de fevereiro de 1829 o Sr. Couturier compra a casa Bonner, mediante a soma de 1.000 Francos¹⁹. Por isso, a partir de 1827, os Irmãos lecionam numa escola paroquial. Tal solução dispensa a Prefeitura de ter uma escola, indenizando talvez o pároco proprietário dos lu-

gares. Quanto aos Irmãos, eles lecionam numa parte do berço primitivo do Instituto, muito mal conservado.

2.2. Pobreza da casa

Parece que nunca houve contrato bem preciso entre a Prefeitura e o Instituto a respeito dessa escola que parece ter sido considerada como uma obra de caridade largamente a cargo do Instituto. É por isso que os *Anais* insistem seguidamente sobre a vida austera dos Irmãos:

“A mobília era pobre, o ordenado dos Irmãos mínimo e precário e seu alojamento de tal forma deteriorado que os Irmãos Victor e Pétrone, galhardamente resignados, colocaram diversos pequenos cataventos diante das rachaduras dos muros; esses novos brinquedos, quase sempre em movimento, os alegravam e os excitavam à paciência²⁰”.

2.3. Desavenças com a municipalidade

Em setembro 1848, o Instituto nomeou o Irmão Athanase titular da escola. Como ele não tivesse seu diploma, o Irmão Assistente utiliza aquele do Ir. Avit, então visitador, sem mesmo o prevenir²¹ e ele será oficial-

¹⁶ Annales, p. 49-50.

¹⁷ Imitando o Ir. Laurent como professor-catequista no Bessat, em 1819-20.

¹⁸ Doc. Bardyn na monografia de La Valla-en-Gier.

¹⁹ Annales de l'Institut, t. 1, 1829, § 93.

²⁰ *Anais*, p. 50.

²¹ Ver *Anais das casas*: O diploma era então considerado como uma formalidade administrativa; o nome do titular importava pouco. O Ir. Avit parece não se ter importado muito pelo fato de não ter sido informado.

mente Diretor, sem o saber, até 1856²². A partir de 1849, a Escola permanece aberta durante o verão, mas na bela estação há apenas uma turma por dia, das 10 horas até às 15 horas.

A escola está então “sob a mão” dos Superiores e particularmente do Ir. Francisco, natural de Maisonnettes, Superior-Geral. Consciente de sua deterioração, ele intervém junto à municipalidade, em outubro de 1853, para pedir ao prefeito, Sr. Mayéry,²³ reformas nos locais, e ampliação das dependências. Como a prefeitura demorasse em atender a esse pedido²⁴, o Ir. Francisco retém os Irmãos em l’Hermitage em 1853 e 1855 e 1857²⁵, para obter a satisfação e o pagamento dos salários. A prefeitura parece ter projetado a aquisição do prado Poyeton, para nele instalar uma “construção nova”,²⁶ como indica a resposta do prefeito ao Irmão Francisco, citada pelo Ir. Avit nos *Anais das casas*. De fato, ele se contentará com algumas reformas.

Quanto ao Ir. Athanase, ele desempenha certo papel na história geral do Instituto porque, no Capítulo de 1852, ele permitiu-se intrigas pronta-

mente reprimidas pelos superiores²⁷. Substituído em 1856 pelo Ir. Vincent, ele deixou o Instituto «e entrou num convento de religiosos italianos, em Provence».

2.4. O Irmão Vincent e a recompra do berço do Instituto

Os *Anais* descrevem, portanto, os grandes feitos de um diretor, um tanto fora da norma, cuja ação nos lembra quanto os Irmãos estão ainda fixados no meio local e tomam iniciativas surpreendentes aos nossos olhos. Vale a pena citar longamente os *Anais* sobre isso:

“De 1856 a 1866, a casa teve na sua direção o Irmão Vincent, que não pode ser proposto, para muitos, como o modelo dos diretores, mas que não deixou de ter, nos *Anais* do Estabelecimento, um papel considerável. Ativo, empreendedor, falante inesgotável, otimista a ponto de não duvidar de nada, tornou-se muito popular na região e nos arredores por suas maneiras delicadas e sua habilidade, verdadeira ou pretendida, como dentista, médico prático e até cirurgião... Pelo menos, podemos render-lhe o testemunho de que teve vivamente a peito a prosperidade do estabelecimento e que nele não trabalhou sem um certo sucesso²⁸.”

²² “Durante oito anos, ele foi citado como diretor dessa escola sem o saber e sem nela pôr os pés. Ele não a visitava porque estava sob a mão dos Superiores”.

²³ Pai do Irmão Marista de mesmo nome.

²⁴ O prefeito justifica a demora em atender às exigências dos Superiores: “a falta de fundos tem sido a única causa de nosso atraso”.

²⁵ Trata-se então de atrasos que a prefeitura tardava em pagar. Os Irmãos permaneceram em l’Hermitage nas férias de 1857. *Anais*, p. 58-59.

²⁶ *Anais*, p. 58.

²⁷ Sua carta é citada nos *Anais das casas*. Ver também Atas do Capítulo. Sobretudo, nos *Anais* do Instituto (T. 1 1852, § 52-64), o Ir. Avit dá sua própria versão sobre esse assunto.

²⁸ Boletim do Instituto dos Irmãos Maristas, janeiro de 1913.

“Seu primeiro cuidado foi reintegrar na posse do Instituto o pequeno imóvel que lhe serviu de berço e que o Padre Champagnat havia vendido ao Sr. Couturier, então nas mãos da família Cheney e das senhoritas Tissot²⁹. Graças às suas boas relações com algumas pessoas caritativas e abastadas da região, o Ir. Vincent conseguiu logo reunir a soma necessária e, com a autorização do Governo, a compra foi feita em dezembro de 1858, em nome da Associação Religiosa de ensino, dita dos Pequenos Irmãos de Maria, reconhecida sete anos antes, como estabelecimento de utilidade pública”.

“Com a ajuda do pecúlio que a sua habilidade e seus talentos lhe conseguiram, pensou em duplicar os edifícios para acrescentar um pensionato à sua escola³⁰. Adquiriu, em nome pessoal, no dia 16 de junho de 1859, não o prado Poyeton, mas um prado indiviso, o que lhe valeu contestações e um processo interminável com um dos proprietários do prado que não consentiu na venda. Finalmente, eles se entenderam e ambos venderam o prado em litígio ao Superior Ir. Luís Maria, em 16 de março de 1865”³¹.

Os *Anais das casas* do Ir. Avit esclarecem a continuação das façanhas do Ir. Vincent em Lavalla “que não agradava nem um pouco ao Pe. Bédoin, pároco, e a seu irmão, vigário” porque muito negligente sobre vários pontos, conforme os relatórios do visitador que constata em 1862: “a Regra sofre muito (assim como) meditação, culpa, silêncio, levantar, etc. [...] As contas estão mal [...] encontrei

meninos em duas turmas que ignoram os principais mistérios”. Já em 1860, o pároco e seu vigário obtiveram a transferência do Ir. Vincent, mas um pedido da prefeitura obrigou os Superiores a renomeá-lo e seu retorno foi um triunfo cujas despesas foram pagas pelo pároco e seu vigário. Uma nova tentativa fracassa ainda em 1864, após intervenção do município e da prefeitura.

Nós temos aí um belo exemplo de concorrência entre Irmão Diretor e pároco, bastante frequente antes de 1870, e da qual os *Anais das casas* do Ir. Avit nos dão numerosos exemplos. Ele mesmo, nos *Anais do Instituto*, se gaba “da chuva e do bom tempo” em Bougé-Chambalud em 1843-46³² e nos conta suas brigas com os párocos em outros lugares. Em Lavalla, o prestígio do Ir. Vincent repousa, portanto, sobre muitas ambiguidades: a população admira um homem empreendedor e capaz de socorrer em assuntos de medicina; o conselho municipal não se incomoda de vê-lo a fazer concorrência à autoridade do pároco e aprecia certamente que a escola não lhe custe quase nada.

Como não é possível retirar o Irmão Vincent de Lavalla, ele deixa a direção em 1866, mas permanece como “segundo” do Ir. Célien, novo diretor. Mas “ele estava seguida-

²⁹ Ver a cópia da Ata nos *Anais das Casas*: Província de l'Hermitage, La Valla.

³⁰ *Anais*, p. 63.

³¹ “Esse assunto forneceria matéria suficiente para um verdadeiro romance”. *Anais*, p. 65.

³² *Anais do Instituto*, t. 1, p. XXI.

mente fora da casa”³³ e é ainda devido à sua habilidade que o Instituto toma posse, em 8 de julho de 1871, da casa³⁴ que o Pe. Champagnat tinha

cedido ao pároco Bedoin. Após essa aquisição, o Ir. Vincent é chamado a Saint Genis Laval, onde morreu a 21 de abril de 1884.



O berço do Instituto e o pensionato do Ir. Vicent unidos pela Capela (1861-65)

2.5. Um pensionato pouco viável

O pensionato³⁵ construído em 1861 contém três salas, e dois andares superiores servem de dormitórios. O Ir. Visitador, por ocasião de sua passagem por Lavalla, em 5 de dezembro

de 1861, nota que as turmas têm uma centena de alunos, que a construção faz uma «bela figura», mas a mobília está em mau estado e é urgente aliviar a pobreza dos Irmãos. O relato de 1862 diz que o Ir. Vincent tem apenas um auxiliar e que o número de alunos é apenas de 80 no inverno e 35 no

³³ Anais das casas: La Valla, relatório do visitador em 1867.

³⁴ Essa casa parece então desocupada e em mau estado porque a escritura de venda (Anais das casas: La Valla) indica um preço oficial de 500 F e um preço real de 800.

³⁵ Trata-se antes de um abrigo semanal: os alunos entram segunda-feira com suas provisões e saem sábado.

verão. E acrescenta: “L’Hermitage sustenta os Irmãos³⁶. Eles só bebem água” e recomenda de acrescentar pelo menos um quarto de vinho. As tabelas abaixo permitem seguir a evo-

lução do estabelecimento, funcionando na construção do Ir. Vincent, quanto aos números de alunos e quanto aos Irmãos que os acompanham.³⁷

1833	1861	1862 ³⁸	1865	1866	1867 ³⁹
90	100	80 35	84	idem	114
2 Irmãos	2 Irmãos	2 Irmãos	2 Irmãos	3 Irmãos	2 ou 3 Irmãos

1868	1869	1879	1882	1880-1885 ⁴⁰
98 Ext. 7 Int.	99 Ext. 16 Int.	81 Ext. 36 Int. 23 C	110 Ext. 30 Int.	80 Ext. 45 Int. 20 C
105	115	140	140	135
2 Irmãos	2 Irmãos	8 Irmãos	6 Irmãos	?

Aberto em 1865, para receber no máximo 62 pensionistas, o pensionato não tem mais que uma dúzia⁴¹ em 1874. De 1866 a 1878, quatro diretores se sucedem e tentam encontrar novos pensionistas, sem chegar a isso plenamente. Constata-se, entretanto, que depois do Ir. Vincent, o estabelecimento conheceu acentuado aumento de externos.

Em 1872, a escola se torna municipal e a prefeitura paga 400 francos de aluguel pelos alunos da localidade, “mas os pensionistas não enchem

mais a casa”⁴². Em resumo, a escola vai vivendo, e a fundação do pensionato é um fracasso. Apesar de lugar de fundação de uma Congregação ensinante, Lavalla parece a reboque na corrente de escolarização massiva que se impõe então na França, depois de várias décadas.

O Irmão Vincent e a prefeitura de La Valla são apenas em parte responsáveis desta situação porque, após a descida da comunidade para l’Hermitage, a escola, considerada como um anexo da casa-mãe, pa-

³⁶ Quer dizer que a escola não é autossuficiente, e os Irmãos vivem pobremente.

³⁷ Ex = externos; In = internos; C: pensionistas semanais.

³⁸ 80 é o número de alunos no inverno, e 35 no verão.

³⁹ Sem precisão do número de externos e internos.

⁴⁰ Estes números são uma média. Passaram por La Valla uma dezena de Irmãos durante este período. Anais, p. 96.

⁴¹ Dois dos quais de Lião e os outros de Izieux, de Saint-Chamond e de Saint-Etienne.

⁴² Anais, p. 76.

rece ter sido um tanto marginalizada: poucos recursos próprios (daí o ativismo do Ir. Vincent), fraca frequência escolar e educadores pouco competentes. O pároco Bedoin e seu irmão parecem ter tentado remediar, sem sucesso, essa situação. Só mais tarde é que ocorre uma mudança qualitativa.

2.6. O Irmão Gentien

Ele chega a La Valla na primeira quinzena de junho de 1874, e com ele é uma nova geração de Irmãos que se impõe: menos popular, mas mais profissional e mais religiosa. Ele mandou imprimir um prospecto tendo como cabeçalho: “Pensionato do

Berço do Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria⁴³”; estabelece um preço fixo da pensão⁴⁴ e impõe um vestuário uniforme⁴⁵. Todas essas medidas dão “certo relevo ao pensionato” e, em quatro anos (1874-1878), o Ir. Gentien melhora consideravelmente o seu estado material: construção de muros, de um tanque, transformação de salas de aula, reboco do prédio do Ir. Vincent, reconstrução do prédio construído por M. Champagnat que queimou em 1872, criação do jardim. Parece ser o primeiro a se preocupar com a memória do Fundador, restaurando seu quarto deteriorado e nele colocando uma vitrine para os objetos que lhe pertenceram.



O berço do Instituto e o pensionato do Ir. Vicent unidos pela Capela (vers 1886)

⁴³ É, sem dúvida, esse prospecto que oficializa a expressão «berço do Instituto».

⁴⁴ Até então havia tantos preços diferentes quantos os alunos.

⁴⁵ “Boné com galões de prata e monograma de ouro.”

Os recursos que lhe permitem todas essas realizações parecem, no entanto, bem fracos. Eles se compõem: “1 – de um ordenado de 1.000 francos pagos pelo coletor⁴⁶; 2 – de um aluguel de 400 francos pagos pela prefeitura; 3 – do produto obtido dos pensionistas. Porém, Irmãos e alunos contribuem significativamente para a tarefa durante os recreios e passeios⁴⁷”. E os anais precisam:

“Todas as despesas, enormes para um pequeno pensionato, foram pagas com as economias da casa e pode-se dizer sem medo que a saúde do pessoal da casa nada sofreu; um só fato é disso prova evidente: Em quatro anos (de 1874 a 1878), não foi necessário chamar o médico de Saint-Chamond nenhuma vez, nem para os Mestres, nem para os pensionistas”. (Anais, p. 93).

Apesar de todos esses esforços, no fim de quatro anos os resultados são medíocres: uns trinta pensionistas “sem contar os da prefeitura que os pais alimentavam⁴⁸ e que, aliás, só vinham durante a baixa estação”. Mas a conjuntura política vai ainda complicar a situação.

2.7. A política de laicização

Depois de 1870, manifesta-se em toda a França uma corrente republicana, anticlerical e laica, que não poupa Lavalla. A prefeitura que tinha, até então, aproveitado da escola dos Irmãos sem precisar construir uma escola municipal, não poderá mais usufruir dessa situação favorável. Segundo os anais:

“Certos candidatos da lista mais ou menos anticlerical já procuravam responsabilizar o pensionato, que abriga também a escola municipal, pelos fracassos repetidos nas eleições municipais, e assinalavam aos seus amigos a transformação dele em escola laica como único trampolim que teria chance de fazê-los ganhar⁴⁹”.

Em 1879, o Inspetor fez pressão sobre a prefeitura para que a comunidade tivesse uma escola distinta do pensionato. Finalmente, em 1883, o externato é instalado na prefeitura⁵⁰ e o Irmão Arpin é nomeado titular. Ele deve ensinar sozinho umas 60 crianças, porque o inspetor recusou a presença de um adjunto⁵¹.

⁴⁶ La Valla sendo escola municipal, os Irmãos são professores públicos.

⁴⁷ Anais, p. 86.

⁴⁸ Os meninos eram chamados de “pensionistas semanais”. Cf. Nota 35.

⁴⁹ Boletim do Instituto, janeiro de 1913.

⁵⁰ A prefeitura.

⁵¹ O cronista interpreta assim as pirraças do inspetor: “Na sua última visita, sob o pretexto de que os resultados eram demasiado fracos, esse mesmo inspetor faz dar uma repreensão oficial e imerecida a esse Irmão devotado cuja tarefa era altamente penosa. Essa punição foi infligida sob a inspiração do mestre Thibaud que, furioso por ter sido excluído das eleições, queria chegar a laicizar a escola”.

2.8. Do pensionato ao juvenato

Quanto ao pensionato, reconhecido como escola livre, ele será dirigido pelo Irmão Sisoès, que chegou em 1878 e não consegue relançar uma obra colocada muito longe das redes de comunicação e das áreas urbanas. Em compensação, um lugar retirado pode ser favorável para um juvenato numa época em que o Instituto multiplica esse gênero de obras para manter um alto nível de recrutamento. Na sessão de 9 de abril de 1889, o Conselho Geral dos Irmãos Maristas acha que o juvenato de Saint Genis-Laval é numeroso demais e preconiza a formação de um juvenato separado para a nova província de l'Hermitage. Voltará muitas vezes sobre essa questão e, em 2 de julho de 1891, sonha ainda com “um juvenato a ser estabelecido na Província de l'Hermitage”. Com efeito, desde abril de 1889, uma quinzena de juvenistas vai de St. Genis-Laval para La Valla, coabita com os pensionistas em condições sobre as quais não se tem informações. Seu número se eleva rapidamente a uma trintena. Decidiu-se então suprimir o pensionato, em agosto de 1892.

Mas este fechamento não se efetuou sem conflito porque os alunos das aldeias – os pensionistas semanais – que se alojavam junto aos Ir-

mãos não tinham mais lugar de acolhida. O clero da paróquia, o prefeito e sua câmara, protestam e um abaixo-assinado de muitos pais de família reclama contra esse fechamento.

“Os Superiores persistiram em sua decisão; mas para não melindrar demais a população de Lavalla e ser-lhe útil, eles mandaram construir um prolongamento do prédio⁵² para nele colocar duas turmas e um dormitório acima para os alunos de aldeias distantes. O arquiteto foi o Irmão Théodore e o empreiteiro o Sr. Rivory. Tudo estava pronto para o início das aulas em 1892”⁵³.

A prefeitura, portanto, saiu-se bem: os Irmãos lhe constroem uma escola e continuarão a fornecer-lhe professores. Nessa época, com a laicização do ensino público, essa escola será “livre”.

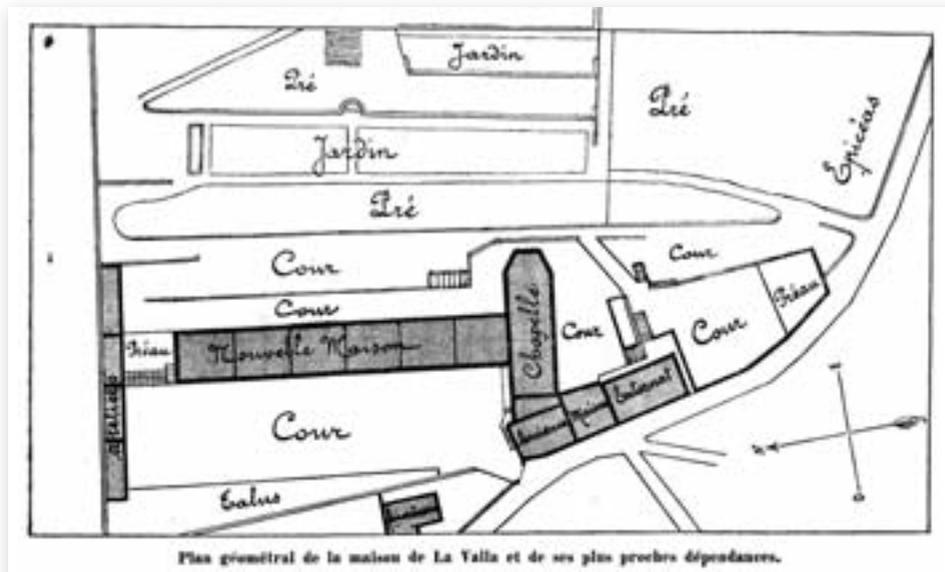
Administrativamente, o juvenato é sempre um pensionato podendo receber até 62 pensionistas. Mas, como durante o ano de 1892-1893 o número de juvenistas subiu a 85, foi necessário pensar na construção de um novo prédio, depois daquele do Ir. Vincent. O Ir. Sisoès vai ser o segundo grande construtor de Lavalla: em 1892-93, ele dirige a construção da escola, do juvenato e a ampliação da capela⁵⁴.

“O Sr. Collet foi o Arquiteto (do juvenato) e o Sr. Rivory o empreiteiro. Durante essa importante construção, via-se todos os dias o Irmão Sisoès, de cabeça careca e descoberta, no meio do canteiro de obras, trabalhando numa ou noutra coisa e

⁵² É nesse prédio que reside hoje a comunidade dos Irmãos.

⁵³ Anais de La Valla, p. 98-99.

⁵⁴ Uma primeira construção foi feita em 1886.



Bulletin de l'institut (1913)

vigiando para que o plano da obra fosse executado convenientemente⁵⁵.

Essa construção prolonga aquela do Ir. Vincent para constituir o Juve-

nato. Segundo o cronista, juvenato e antigo pensionato podiam receber 160 a 180 meninos⁵⁶. De fato, o número de juvenistas não parece ter ultrapassado a cifra de 160.

Quadro do número de juvenistas segundo os Anais⁵⁷

1889	1891	1892	1900	1901	1902
15	30	85	154	164	159

2.9. Os capelães

Os Anais nos dão o nome dos quatro primeiros capelães. O cronista pôde escrever a propósito de um de-

les: "O Sr. Capelão é muito dedicado, sempre pronto quando os Irmãos ou juvenistas reclamam o socorro de seu ministério. Sabe concordar".⁵⁸ Eles se instalam primeiro em um ou dois quar-

⁵⁵ Anais, p. 105.

⁵⁶ Com efeito, o juvenato e o antigo pensionato foram autorizados pelo Conselho Departamental de Instrução Pública para 144 pensionistas e 8 acompanhantes adultos.

⁵⁷ Esses nomes diferem um pouco daqueles publicados pelo autor do artigo do Boletim do Instituto, de janeiro de 1913.

⁵⁸ Anais, p. 139.

tos colocados à sua disposição pelos Irmãos. Depois, a pedido de um deles, aluga-se uma casa para acomodá-los. «Enfim, comprou-se, em 24 de julho de 1898, a casa 'Chapard', adquirida por Farabet Jean-Baptiste (Irmão Sisoès). A casa foi destruída e no seu lugar foi construída a casa dos capelães.⁵⁹ Foi utilizada a partir de junho de 1899».

2.10. O recrutamento

Parece ter repousado largamente sobre o entendimento entre o Ir. Sisoès e os párocos das terras fecundas em vocações, convidados a encaminhar para ele meninos e adolescentes aptos a serem Irmãos:

“Em 1897, no mês de março, o Irmão Sisoès viajou para Haute Loire para o recrutamento do Juvenato. Sua viagem durou três semanas; durante esse tempo, ele visitou 38 municípios. Não trouxe nenhum juvenista, porém contentou-se em visitar o Sr. cura de cada paróquia. Sua viagem de nenhum modo foi infrutífera⁶⁰».

Um quadro um pouco mais tardio que insiste sobre a importância das escolas na política de recrutamento mostra que, se uma porcentagem notável de juvenistas vem de junto dos Irmãos Maristas, mais de 70% nunca os frequentaram anteriormente. O recrutamento parece, portanto, realizar-se prioritariamente pelo acordo entre famílias, párocos e recrutador.

Anos e número de Juvenistas.	Escolas dos Irmãos Maristas	Irmãos das Escolas Cristãs	Irmãos do Sagr. Coração ⁶¹	Escolas de Religiosas	Outras escolas ou Instit. ⁶²
1900 (154 Juv.)	46	36	?	7	65
1901 (164 Juv.)	55	27	8	21	53
1902 (159 Juv.)	36	27	17	13	66
Total 477	137	90	25	41	184
%	28,72%	18,86%	5,24%	8,59%	38,57%

Quanto aos lugares de origem: em 1900-1902, 55,43% vêm do Haute-Loire; 22,87%, do Loire; 10,91 de Ardèche, quer dizer, dos territórios ocupados pela Província de l'Hermitage.

Os Irmãos recebem novos juvenistas todo o ano, assim como os devolvem às suas famílias, por uma ou outra razão. Certa seleção é feita, como aparece no documento seguinte.⁶³

⁵⁹ Anais, p. 106-107.

⁶⁰ Anais, p. 116-117.

⁶¹ Essa estatística não faz diferença entre os Irmãos das Escolas Cristãs e do Sagrado Coração.

⁶² Quais são essas outras escolas? Nenhum detalhe. E o que quer dizer «Instit.»? A palavra é imprecisa.

⁶³ Anais, p.135.

Juvenistas presentes em junho de 1899:	150
em junho de 1900:	154
Juvenistas devolvidos às suas famílias, de junho de 1899 a junho de 1900:	31
Reenviados à família por causa de doença:	1
Retirados por seus pais:	1
Total:	33

2.11. Falecimento do Ir. Sisoès

Até 1898, o Ir. Sisoès dirige o juvenato com um grande devotamento. O cronista reserva duas páginas cheias à sua doença, sua morte e seus funerais que parecem se inspirar no relato da morte de Marcelino Champagnat. Chamado a fazer seu Segundo Noviciado, “essa vida sedentária foi fatal para sua saúde”⁶⁴. Acometido de uma inchação de peito⁶⁵, recebeu os últimos Sacramentos⁶⁶ em 3 de outubro de 1898. Às 8h30min (da tarde), reuniu sua comunidade, fez sua despedida e suas últimas recomendações. “Nem ele pôde reter suas lágrimas. Ele amava muito seus Irmãos! Ele era tanto amado⁶⁷”. E pediu aos Irmãos para transmitirem seu adeus aos juvenistas. “Num outro momento ele exprimiu sua satisfação em deixar os juvenistas nas mãos do Ir. Marie-Abraham. ‘É você, disse ele ao abraçá-lo, que é o Diretor do Juvenato, e

eu estou bem contente’⁶⁸”. Ele morreu no dia seguinte, pela manhã, às 4h10min, “hora em que dava o sinal para a comunidade levantar-se, durante 20 anos⁶⁹”.

“Seu corpo foi exposto no quarto do Venerável, e um grande número de pessoas de Lavalla veio rezar ao pé de seu esquife. A missa de funerais teve lugar na paróquia de Lavalla, quinta-feira, 6 de outubro. Após a missa, seu corpo foi levado a l’Hermitage onde desejava ser sepultado”.

“A comunidade de l’Hermitage e todo o Juvenato de Lavalla precediam o carro fúnebre [...] depois vinham o clero da paróquia, o Sr. Capelão e dois antigos capelães (Pe. Magat e Pe. Basset) e por fim um grande número de pessoas de Lavalla e arredores [...] Entrando no cemitério de l’Hermitage, vê-se, à esquerda, uma modesta cruz que indica onde repousa seu corpo⁷⁰”.

Ele bem mereceu tal homenagem. E a prosperidade da obra vai forte com o novo Irmão Diretor: o juvenato tem 6 turmas, e o pessoal é numeroso:

⁶⁴ Anais, p. 120.

⁶⁵ Anais, p. 121. «inchação de peito»: congestão pulmonar, pneumonia.

⁶⁶ “Últimos Sacramentos”, hoje são chamados de “Unção dos enfermos”.

⁶⁷ Anais, p. 121.

⁶⁸ Ir. Marie-Abraham será diretor do juvenato de outubro de 1898 até setembro de 1901, depois Mestre de Noviços em l’Hermitage. Anais, p. 126 e 192.

⁶⁹ Anais, p. 124.

⁷⁰ Anais, p. 125. Essa cruz não existe mais, mas seu nome figura sobre a lista dos defuntos afixada no cemitério de l’Hermitage.

Anos	1898-1899	1899-1900	Setembro 1901
Pessoal de Direção ⁷¹	3	3	3
Professores	7	7	7
Vigilantes	2	2	2
Externato ⁷²	3	3	2
Pessoal de serviço	6	6	4
Total de pessoal	21 Irmãos	21 Irmãos	18 Irmãos

2.12. Casa de formação e lugar de peregrinação

Deixemos um pouco a cronologia para ater-nos à realidade quase cotidiana de uma comunidade que já tem aspectos bem conventuais e que, além disso, começa a tomar aparência de um lugar de peregrinação.

As contribuições dos juvenistas são apenas modestas, o juvenato é pobre:

“Visa-se a uma grande economia; evitam-se os vazamentos. Procura-se obter dos juvenistas o máximo possível como pensão; vigiam-se as compras, os fornecedores, as provisões; cuida-se para que nada se deteriore, nem se estrague. A roupa dos Irmãos, sobretudo, é de grande precariedade. Há muito tempo, as finanças não permitem fazer compras

deste gênero. No entanto, não se pode ir mais longe: precisaríamos de um auxílio de quinhentos ou seiscentos francos⁷³”.

Ainda, “Para alimentar os juvenistas, vesti-los e lhes fornecer o material didático, o Irmão Diretor recebe da Casa Mãe 25 francos por mês e por cabeça⁷⁴”.

Há também os benfeitores ou benfeitoras da obra dos juvenatos. Em 23 de abril de 1902, o cronista escreveu: “Missa cantada em l’Hermitage em honra das Damas Patronas do Juvenato”. Em 20 de julho de 1901: “Todo o 1º campo⁷⁵ foi a l’Hermitage para ser apresentado à Reverendíssima Mãe Candide, Superiora da Obra das crianças tuberculosas de Ormeson. O cumprimento tocou-a singularmente, sobretudo a parte em que se lhe prometeu vocações religiosas para a sua obra. Ela adotou 20 juvenistas encarregando-se de sustentá-los⁷⁶”.

⁷¹ Por pessoal de direção deve-se entender os Irmãos Diretor, sub-diretor, Ecônomo. O pessoal de serviço é constituído pelos Irmãos cozinheiro, auxiliar de cozinheiro, alfaiate, sapateiro. Alguns Irmãos acumulavam às vezes duas funções: professor e organista, professor e sacristão, por exemplo.

⁷² O externato deve ser considerado à parte; os Irmãos que lhe são atribuídos não intervêm no juvenato. Mas eles fazem parte da comunidade dos Irmãos.

⁷³ Anais, p. 139-140.

⁷⁴ Anais, p. 104.

⁷⁵ Em La Valla, os juvenistas estavam divididos em dois grupos chamados «campos». Cada campo tinha à frente um Irmão Vigilante.

⁷⁶ Anais, p. 187.

Os Irmãos vivendo quase em autossuficiência, quatro profissões manuais são representadas na comunidade: cozinheiro, alfaiate, sapateiro e jardineiros.

“O primeiro jardim foi feito em 1895 e os cinco outros, com os muros de sustentação, foram feitos em 1898”⁷⁷. O galinheiro foi construído em 1895. Uma construção no fundo do quintal ao oeste, destinada a ser um chiqueiro e uma estrebaria de vacas, mesmo que tenha sido terminada, nunca foi usada para isso⁷⁸. Retira-se da terra tudo o que é possível para alimentação e faz-se economia em tudo. Em julho-agosto é a colheita das azeleiras (mirtilo, arando), e no outono a colheita das castanhas. Nas plantas da propriedade, criadas em 1900, figuram pomares de cerejeiras e castanheiras⁷⁹. Por ocasião das festas, o cardápio é modestamente melhorado, como se pode ver naquele de 25 de dezembro de 1899: “No réveillon: sopa, salsichão, arroz, duas sobremesas, vinho branco. De manhã: chocolate. No almoço: três pratos, duas sobremesas”.

2.13. A piedade

Ela ocupa um grande lugar no regulamento. As festas mariais são de honra. ‘Tudo a Jesus por Maria’ é a divisa do juvenato escolhida pelos Ir-

mãos em 1897⁸⁰. Os exercícios de piedade são múltiplos: a oração, a missa cotidiana⁸¹, os sacramentos,⁸² o terço, o ofício, a adoração ou a visita ao Santíssimo Sacramento, as novenas, as vias-sacras, retiros, mês de Maria, de São José, do Sagrado Coração, adoração perpétua... marcam os dias e os meses, segundo o calendário religioso do dia e os costumes estabelecidos.

2.14. Os estudos

Os estudos profanos têm seu lugar assegurado. Tem-se a impressão que o juvenato segue mais ou menos o programa de uma escola primária superior. Os exames trimestrais que podem durar três a quatro dias têm certa solenidade e são presididos pelo Irmão Provincial⁸³ ou o Irmão Vice-Provincial, acompanhado às vezes pelo Irmão Visitador. Para os exames orais, Irmãos de Izieux, de Valbenoite, de l’Hermitage, vêm em reforço⁸⁴. Também se passa por exames de agricultura, organizados pelos sindicatos agrícolas do sudeste⁸⁵. Mas não se trata do certificado de estudos, nem do brevê, exames oficiais.

⁷⁷ Anais, p. 112.

⁷⁸ Anais, p. 112.

⁷⁹ Atualmente, sobram apenas 4 castanheiras ainda produtivas e algumas cerejeiras selvagens, perdidas no meio de especiarias e de sicômoros. Ao longo do caminho de Luzernod, alinhavam-se álamos, que já desapareceram.

⁸⁰ Anais, p. 117.

⁸¹ “Os juvenistas recebem, em média, três vezes por semana, a Santa Comunhão. Não se segue a ordem de banco para ir à Sagrada Mesa.” Anais, p. 138.

⁸² Primeira Comunhão, Confirmação, Confissão.

⁸³ Isso ainda não é um estatuto canônico. Trata-se antes do diretor da casa provincial.

⁸⁴ 8 de agosto de 1900. Anais, p. 164.

⁸⁵ Sindicatos católicos organizam a formação agrícola.

2.15. As férias

Não há férias em família. A data de 16 de agosto marca a abertura oficial das férias dos juvenistas que

se traduzem por um horário diário um pouco mais leve. Eis, abaixo, a título de exemplo, o horário de 16 de agosto de 1900, repetido em 1901:

16 agosto	Abertura das férias ⁸⁶		
4h1/2	Levantar dos Irmãos	1h	Terço (segundas, quartas, sextas), depois passeio
5h1/4	Levantar dos juvenistas	1h40	Terço (terça, quinta, sábado), depois aula
5h35	Oração. Meditação	3h	Saída 1/2 hora
6h	Santa Missa. Estudo	3h1/2	Aula
7h10	Café. Recreio	4h5	Visita ao SSmo. Sacramento (terça, quinta, sábado)
8h1/2	Leitura	4h1/4	Merenda. Recreio
8h3/4	Aula	5h1/4	Vésperas e Completas. Leitura, estudo
9h3/4	Saída de meia hora	6h40	Oração. Jantar. Recreio. Dormir
10h1/4	Aula		
11h	Aula de canto		
11h1/2	Visita ao SS ^{mo} . Sacramento. Almoço. Recreio		

Essas «férias» permitem também aos Irmãos de fazer seu retiro anual. Os cursos recomeçam no início de outubro⁸⁷.

mês de julho uma jornada de descanso no Pilat, de onde os juvenistas trazem uma dúzia de sacos de arnica que em seguida são enviados a St-Genis-Laval⁸⁸.

2.16. Descanso

Existem cortes nesse quadro muito rigoroso: ordinariamente no

Um Superior de passagem por Lavalla concede, de vez em quando, um dia de descanso⁸⁹.

⁸⁶ A hora é a hora solar.

⁸⁷ De 1889 a 1891, os juvenistas passam suas férias em Saint-Genest-Malifaux e, em 1892, em Saint-Genis Terrenoire, para deixar lugar, em La Valla, aos Irmãos que fazem seus "Grandes Exercícios" recentemente instituídos.

⁸⁸ Aconteceu que as coisas terminaram menos bem. Certa vez, um deles trouxe um buquê de acônito (planta venenosa) e o ofereceu ao vice-diretor que empalideceu de medo. "Ele se apressou em saber quais haviam provado dele. Correram à farmácia. Todos ficaram mais ou menos indispostos; mas ninguém morreu. Fez-se uma novena em ação de graças". Anais, p. 113.

⁸⁹ 13 novembro de 1901, feriado em Tarentaise. Anais, p. 192.

Os *Anais* citam também os passeios de uma tarde, jogos para os momentos de recreação, sessões recreativas: teatro, elocuições (monólogos), cantos, “sessões de projeção e de fonografia⁹⁰”.

Em junho de 1900, “os juvenistas estrearam os jogos de croquets⁹¹”.

2.17. Peregrinações

Talvez seja por volta de 1890 que, no espírito dos Irmãos, Lavalla se torna mais concretamente o “berço” do Instituto. Eles vêm se recomendar à oração do Fundador no quarto que ele ocupou de 1818 a 1824. Os *Anais* assinalam algumas passagens:

Março 1891	Sete Irmãos que partem para a China.
Outubro 1899	Outros para a China e Turquia.
21 nov. 1899	Um Irmão da Argélia vem agradecer ao Venerável a cura que obteve por sua intercessão.
Dezembro 1899	Oito Irmãos para o Canadá e América do Sul.
9-25 fevereiro 1900	O Diretor de Izieux e o Diretor de Copenhague, que fazem seu Segundo Noviciado em Sainte-Marie, vêm a Lavalla para se restabelecer.
8 maio 1900	O Irmão Diretor de Die faz uma peregrinação a Lavalla.
25 junho 1900	Dois antigos juvenistas para o Canadá, acompanhados por dois Canadenses que retornam ⁹² .
17 agosto 1900	Irmãos de Bourbonnais vêm para os Grandes Exercícios em Côte St-André.
18 agosto 1900	Irmãos do Norte vão aos Grandes Exercícios em Bourg-de-Péage.
Agosto 1900	Dois jovens Irmãos para o Canadá.
5 março 1901	Dois jovens Irmãos, antigos juvenistas, que se dispõem a ir para a China.
25 junho 1901	Três Irmãos para o México e um para o Canadá.

2.18. Relações frequentes entre Lavalla e l’Hermitage

Os Cronistas assinalam 25 visitas de Irmãos de l’Hermitage. Noviços,

juvenistas ou escolásticos sobem a Lavalla, uma tarde ou mais raramente um dia inteiro⁹³. Eles vêm com um objetivo preciso: visitar o Presépio no tempo de Natal, ou para «ver o mês de Maria» em 29 de maio de 1900, ou

⁹⁰ *Anais*, p. 148. O fonógrafo de Édison data de dezembro de 1877. O juvenato se ajusta bem ao seu tempo.

⁹¹ *Anais*, p. 161. (Um tipo de bocha que se jogava sobre a grama e que deu origem ao bilhar – nota do tradutor)

⁹² “Os juvenistas são incentivados a partir para as missões, ao ver essa partida, a fim de conquistar as almas para Jesus Cristo e de se preservar do serviço militar”. *Anais*, p. 160.

⁹³ Dia 23 de julho de 1899, os noviços permanecem o dia todo em Lavalla e aí almoçam.

simplesmente para passear e rever seus antigos mestres e companheiros. Cada ano, pela festa de São Francisco, os escolásticos almoçam aí; ou ainda, como no dia 5 de outubro de 1901, eles terminam aí suas férias e festejam os 47 formandos que receberam o Diploma Elementar e o Diploma Superior. Quando, em 17 de abril de 1902, 26 novos Irmãos e os juvenistas que recentemente desceram a l'Hermitage repassam por Lavalla, o cronista não pode deixar de acrescentar: "Merendar: salame, chocolate, biscoitos".

Quanto aos juvenistas de Lavalla, os *Anais* registram sua presença em l'Hermitage em certas ocasiões: para a reunião das senhoras Patronas; para as tomadas de hábito; para uma peregrinação a l'Hermitage junto ao túmulo do Venerável, a fim de colocar as resoluções do retiro sob a sua proteção, como em 7 de outubro de 1899. São também convidados pelos Irmãos de Izieux, onde passam uma tarde de festa: "Sessão de fonografia (vitrola). Merendar com os Irmãos: mesas, toalhas, salame etc. etc. vinho branco; nada faltava para gravar na lembrança de todos esse dia de feriado e de festa⁹⁴; terça de Páscoa, em abril de 1899⁹⁵."

Em 21 de setembro de 1901, 41 juvenistas de l'Hermitage vêm se reunir aos de Lavalla: "O caro Irmão Assistente e o caro Irmão Visitador estão presentes na recepção". Isso parece uma mudança importante nas disposições formativas da Província.

2.19. O Canto

Existe no Juvenato outra atividade, o canto, essencialmente baseado na liturgia, então o canto gregoriano. Um organista, o Ir. Joseph-Conrad, em 1899, é nomeado na lista de envio dos Irmãos. Como o cronista escreve em 1900: "O juvenato possui hoje sete harmônios⁹⁶", deve haver aí cursos práticos para os que desejam aprender a tocar esse instrumento. Os juvenistas vão cantar fora. Já, em 1896, nos dias 2, 3 e 4 de novembro, eles garantem os cantos na paróquia de Lavalla e em l'Hermitage, no momento do Tríduo em honra do Venerável Padre Champagnat⁹⁷. No dia 7 de dezembro de 1896, são ainda os juvenistas de Lavalla que vão à Igreja de Valbenoîte, com os Noviços e os Escolásticos de l'Hermitage, para o segundo dia do Tríduo. Eles cantam a missa das Senhoras Patronas quando elas se reúnem anualmente no fim de abril ou início de maio, em Saint-

⁹⁴ *Anais*, p. 129.

⁹⁵ Senhoras patronas: *Anais*, p. 113; tomada de hábito, p. 149-195; Izieux, p. 129.

⁹⁶ *Anais*, p. 116.

⁹⁷ «Essas festas foram esplêndidas... Durante esses três dias, o quarto do Venerável não se esvaíava nunca... A afluência foi tão grande que durante esses três dias a igreja se tornava pequena, seja para os exercícios da manhã, seja para os da tarde: todos queriam assistir a essas imponentes cerimônias.» *Anais*, p. 113-114.

Etienne ou em l'Hermitage. Os *Anais* relatam cinco desses encontros. Aquele de 1º de maio de 1900 indica que havia então 80 cantores no Juvenato.

Eles cantam também na paróquia, por ocasião de certas festas⁹⁸. Inversamente, o clero da paróquia e outros convidados vêm realçar, com sua presença, a festa patronal do juvenato, em 21 de novembro, Apresentação de Maria no Templo. Para as grandes festas, há um costume intitulado "Grande Solenidade", que serve de referência para a liturgia do dia, como a festa do Sagrado Coração, no dia 22 de junho de 1900. Encontramos também a expressão "Missa com música", que devia dar ainda maior amplitude à cerimônia⁹⁹.

2.20. Trabalhos manuais e abastecimento de água

Vimos que os trabalhos manuais fazem parte da tradição. O alicerce é feito evidentemente pelas empresas ou por pedreiros, mas os Irmãos e os juvenistas se fazem de serventes para ajudar os pedreiros. O abastecimento de água exigiu trabalhos particularmente importantes.

Onde estava a fonte ou o poço em que os primeiros Irmãos se abaste-

ciam? Nós o ignoramos. Os *Anais* só mencionam a água depois de 1879. O Irmão Sisoès fez então construir um reservatório de 9m³ "na parte superior do prado a fim de levar a água para as diversas partes da casa por meio de canos de chumbo¹⁰⁰". No momento da ampliação da casa em 1893, foi construído outro, de 12m³, na proximidade do primeiro com o qual ele se comunica. Em 1895, ano de seca, "durante dois meses foram obrigados a buscar água com um tonel, além da barragem; tirava-se a água do riacho como se podia, e quando o tonel estava cheio era o conduzido por caminhos horríveis'. Com 600 francos que lhe concedeu o Irmão Superior, o Irmão Sisoès fez construir, em 1896, um terceiro reservatório de 140m³. Apesar de os Irmãos e Juvenistas terem trabalhado no aterramento, a despesa subiu para 1.800 francos, o que obrigou o Ir. Sisoès a pedir uma suplementação à Caixa Geral, que ainda foi insuficiente: "ele teve que se desdobrar para pagar o resto¹⁰¹".

2.21. Um pré-noviciado

O Juvenato tem então um papel primordial na expansão do Instituto. Os superiores maiores estão, portanto, de olho nessa obra ao mesmo tempo custosa e indispensável. Os

⁹⁸ Na festa do Rosário, 7 de outubro de 1900; nas vésperas do Corpo de Deus, 17 junho de 1900; nas missas das Missões, 16 de setembro de 1900.

⁹⁹ Missa cantada e 5 acólitos (coroinhas), para a festa de Pentecostes (3 de junho de 1900).

¹⁰⁰ "Mal informado, o Reverendo Irmão Superior o repreendeu vivamente. Tendo ouvido suas explicações, aprovou a despesa". *Anais*, p. 107.

¹⁰¹ *Anais*, p. 108.

Anais relatam em 9 de novembro de 1899: “Visita do Reverendo Irmão Superior-Geral a Lavalla. Ele vinha acompanhado pelo caro Irmão Assistente e pelo caro Irmão Procurador provincial. Chegaram às 11 horas e partiram à 1h30min. Visitaram as salas de aula, e, após o almoço, a propriedade para ver os trabalhos que haviam sido executados¹⁰²”. Em outra ocasião, o cronista é mais lacônico para evocar uma visita, como

em 13 de setembro de 1900: “o Irmão Assistente fez uma curta aparição”. Mas, na maior parte do tempo, suas visitas dão lugar a uma festa. “Foram recebidos os caros Irmãos Assistentes Procope e Stratonique. Recepção às 10h45min. Canto de recepção. Cumprimento e canto profano. Festa no refeitório¹⁰³”. O quadro abaixo mostra que o Juvenato preenche então perfeitamente sua finalidade.

2.22. Entradas no Noviciado

1899 17 abril	1899 4 agosto	1899 2 dez.	1899 23 abril	1900 2 outubro	1901 20 abril	1901 25 set.	1902 10 abril	TOTAL
24	25	12	25	40	29	57	31	243

Essa passagem ao Noviciado é impregnada de solenidade. Ela é feita num ambiente festivo que começa pela “proclamação dos eleitos¹⁰⁴”... missa, almoço festivo. Ordinariamente, antes de partir, os futuros noviços se dirigem ao quarto do Venerável e, indo para l’Hermitage, passam por Nossa Senhora da Piedade¹⁰⁵.

2.23. O final (provisório) do Juvenato, em 1903

Em 1º de julho de 1901, a lei Waldeck-Rousseau institui, na França, um

regime legal para todas as associações, exceto para as associações religiosas que devem ser autorizadas. Como o governo recusou todas as autorizações, no dia 3 de abril de 1903¹⁰⁶, o prefeito de Lião notificou ao Caro Irmão Teofânio que, em data de 1º de abril, o Ministro do Interior rejeitou o pedido de autorização para o Instituto, feito à Câmara dos Deputados. (C XIII, 488 - X, 303-307 - cf. 1º de julho e 19 de setembro de 1901). O comissário de polícia, em nome do Governo, veio comunicar a ordem de evacuar a casa de Lavalla antes do final de julho, [41-42]. Os últimos juve-

¹⁰² *Anais*, p. 143-144.

¹⁰³ 6 de fevereiro de 1900 - *Anais*, p. 147.

¹⁰⁴ *Anais*, p. 153, a 23 de abril de 1900.

¹⁰⁵ “Partida, passando por Nossa Senhora da Piedade, em recordação do Venerável”. *Anais*, p. 153.

¹⁰⁶ Ver Cronologia marista, p. 111 e 115.



Le Juvénat de La Valla en 1903.

Bulletin de l'institut (1913)

nistas partem a 31 de julho de 1903, para San Mauro, perto de Turim¹⁰⁷.

Apesar da espoliação dos locais, em 1903, o externato continua num prédio comprado pelo Sr. Ginot, perto da igreja paroquial, que se torna escola paroquial. Depois das expulsões, os prédios dos Irmãos, em Lavalla, são leiloados em outubro de 1906. O Pe. Aubrun, cura da paróquia de La-

valla, os adquire para fazer deles um lugar de vilegiatura denominado "l'Hôtel St-Andéol".

2.24. Reabertura do Juvénat¹⁰⁸

Está ligada aos acontecimentos da Grande Guerra: o governo francês parou provisoriamente de perseguir as congregações e, em

¹⁰⁷ La Valla guarda um «testemunho» material dessa expulsão. É um medalhão oval, em madeira preta, de 19cm de comprimento por 16cm de largura. Na parte oval interna, cercada de uma fina borda metálica dourada de 12cm de comprimento por 9cm de largura, mais ou menos, é uma tira retangular branca bem conservada, de 12cm. Ela traz a inscrição: "Lacre colocado sobre a porta da capela do Juvénat de La Valla pelo comissário de polícia de Saint-Chamond, em julho de 1903".

¹⁰⁸ Nós possuímos ainda três outros cadernos de Anais que cobrem o período de 1920 a 1969; o segundo de 1920 a 1934; o terceiro de 1935 a 1961; o quarto de 1962 a 1969. Para distingui-los do primeiro que cobria o período desde a Fundação do Instituto até 1903, eu empregarei o N.º de ordem desses cadernos: 2 Anais ou 3 Anais... nas anotações ao pé das páginas. As referências empregadas neste artigo são as datas indicadas que permitem se referir aos acontecimentos que trazem.



Vue panoramique du village de La Valla en son état actuel.

Bulletin de l'institut (1913)

outubro de 1917, a derrota italiana de Caporetto contrariou o envio de juvenistas para uma Itália há um tempo ameaçada de invasão e de revolução. Os *Anais de l'Hermitage* indicam, pois, a presença de um juvenato em 1917-1918¹⁰⁹, dirigido por três Irmãos secularizados, residentes contratados em Nossa Senhora de l'Hermitage: Sr. Martin, Sr. Merle e Sr. Thomas¹¹⁰, que procuram um lugar para “recomeçar a obra interrompida há 14 anos¹¹¹”. Esse juvenato provisório parece ter durado três anos.

No outono de 1919, os Irmãos souberam que a mobília do Hôtel St-Andéol estava à venda. Após negociações, por vezes árduas, em 6 de março de 1920, o Pe. Aubrun, antigo pároco de Laval-la, vende o Hôtel St-Andéol ao Sr. De Boissieu, representante da Associação Imobiliária do Gier, encarregado dos interesses dos Irmãos Maristas. Como o hotel havia feito muitas modificações nos prédios e arredores, era preciso renová-lo. A partir de 30 de março de 1920, toda uma turma sobe de l'Hermitage a Lavalla para empreender os primeiros trabalhos de limpeza.

¹⁰⁹ Retiro dos juvenistas de 18-21 de julho de 1918. *Anais de l'Hermitage* de 1918.

¹¹⁰ Devido à secularização, os Irmãos se nomeiam pelo seu nome civil.

¹¹¹ 2 *Anais*, p. 3.

Após 15 meses de trabalho, num vai e vem incessante entre l'Hermitage e Lavalla, o Juvenato poderá reabrir suas portas. Na ocasião da visita a Lavalla do Irmão Stratonique, Superior-Geral, e do Irmão Provincial, em 13 de outubro de 1920, decidiu-se dar ao pensionato o nome de Nossa Senhora das Vitórias, cuja estátua¹¹², trazida em 12 de fevereiro de 1921, é inaugurada na terça, em 30 março, na presença da "comunidade, da elite dos juvenistas e alguns estudantes"¹¹³.

Mas é apenas no dia 4 de agosto de 1921 que 46 juvenistas de l'Hermitage sobem a Lavalla e reocupam as dependências, após 18 anos de ausência¹¹⁴. Os Irs. Thomas, Diretor,

e Martin, responsáveis do grupo, "vão apresentar os cumprimentos da nova comunidade" ao clero e às Irmãs da Santa Infância; e em 7 de agosto de 1921¹¹⁵, o Sr. Pároco, de sobrepeliz e estola, benze a casa e, depois, todos os quartos». O cronista acrescenta: "parece que era bem necessário"¹¹⁶.

2.25.2.º caderno de Anais. O Juvenato de 1921 a 1934

Esse caderno não apresenta, como fazia o primeiro, estatísticas claras e precisas. No entanto, ao percorrê-lo, encontramos estas quantidades de juvenistas:

1921	1921	1927	1929	1930	1932	1933	1934
6 agosto	5 novembr.	6 agosto	2 outubro	19 fever.	27 agosto	7 novembr.	27 dezemb.
46	50	29	40	56	44	55	70

O cronista conclui esse último número de 70 com esta exclamação: "Foi alcançado, portanto, o famoso número! A gente vai, por isso, como foi anunciado, alegrar-se com uma pequena festa". De fato, essa cifra não será jamais ultrapassada porque, numa França de campanhas sangradas pela guerra e atingidas

pela diminuição da natalidade, o recrutamento tornou-se mais difícil.

Entretanto, é sempre do «recrutador» que depende o número de juvenistas. Ele visita os párocos, vai às famílias cristãs, nas escolas dos Irmãos¹¹⁷, e se faz o intermediário com a Instituição. Uma homenagem é

¹¹² Acima do altar-mor da capela de La Valla, existe uma estátua de Nossa Senhora das Vitórias; mas será aquela que o Sr. Grasset entregou em 12 de fevereiro de 1921?

¹¹³ 2 Anais, 30 março de 1920. "Eles cantam uma vibrante Salve Regina entoada pelo Ir. Imbert".

¹¹⁴ 2 Anais, p. 11, em 4 agosto de 1921.

¹¹⁵ 13h, em nossa notação atual.

¹¹⁶ 2 Anais, p. 11, em 7 agosto de 1921. Ele deixa transparecer que os clientes do hotel nem sempre tinham um comportamento exemplar.

¹¹⁷ Entre os juvenistas, mais da metade provém das escolas dos Irmãos.

feita, no 4.º caderno dos Anais, em 21 de setembro de 1964, ao Irmão Recrutador de então, o Ir. Colombat, “que incansavelmente, durante mais de trinta anos, se ocupou da procura de vocações e que cede seu lugar ao auxiliar, o Ir. Claudius Goutagny, para se retirar a Valbenoîte¹¹⁸”.

2.26. O 3.º caderno de Anais. O Juvenato de 1935 a 1961

Se o número de juvenistas agora é reduzido, sua idade parece ser mais elevada que antes de 1903 e seu engajamento mais exigente. O livro das visitas¹¹⁹ de 1935 declara: “Convém admitir ao Juvenato apenas os meninos que têm um real desejo de entrar no Instituto”. É por isso que a admissão dos juvenistas é acompanhada deste pedido:

“Nós, abaixo-assinados, declaramos que hoje, 20 de setembro de 1936, fomos, a nosso pedido, admitidos por nossos Superiores como Juvenistas do Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria, e que, a este título, nós nos consagramos solenemente à Santíssima Virgem Maria, na capela de Nossa Senhora de l’Hermitage, em presença do caro Irmão François de Borgia, Assistente-Geral”.

Seguem os nomes dos 32 abaixo-assinados em 20 de setembro de 1936. O verso do documento apresenta o mesmo pedido em 16 de setembro de 1938, seguido de 27 assinaturas. O nível de estudo parece realmente acentuado: em 29 janeiro de 1935, o Ir. Assistente anuncia a criação de um juvenato superior em l’Hermitage, o juvenato São José, onde serão admitidos os juvenistas providos de “seu certificado superior¹²⁰” e que não atingiram a idade de 15 anos e meio, necessária para passar ao postulado.

Número de juvenistas no período de 1935 a 1961					
17 set. 35	7 set. 1936	1º out. 1942	3 out. 1943	9 set. 1944	29 set. 1945
41	33	51	43	30	35
1º out 1946	Set. 1948	4 set. 1951 ¹²¹	Set. 1952	15 set. 1953	16 set. 1954
30	50		65	53	37 ¹²²
4 set. 1955 ¹²³	25 set. 1956	2 out. 1957	26 set. 1958	21 set. 1959	15 set. 1960
55	65 ¹²⁴	53	58	55	

Em setembro de 1961, eles eram 63.

¹¹⁸ 4 Anais, em 21 de setembro de 1964.

¹¹⁹ Esse livro contém as observações dos Superiores sobre a vida das Comunidades.

¹²⁰ O juvenato parece funcionar como uma escola primária superior.

¹²¹ 3 Anais, em 4 de setembro de 1951: “entradas além das previsões”. Nenhum número citado.

¹²² 3 Anais, em 16 de setembro de 1954: “o recrutamento deu pouco resultado”.

¹²³ 3 Anais, em 4 de setembro de 1955: “Este ano, devido ao pequeno número de juvenistas, a 5ª série será em La Valla”. Nenhum número é citado.

¹²⁴ 3 Anais, em 2 de outubro de 1957: “65, dos quais 13 externos”.

2.27. O Juvenato se torna interprovincial

Os Anais nada relatam sobre os anos 1938-42, mas, por causa do fraco recrutamento e das dificuldades da guerra, o juvenato começa a se tornar interprovincial. Entre 1939 e 1941, há juvenistas que vêm de Mazères¹²⁵ e, em setembro de 1945, al-

guns de Aubenas. Outros serão enviados de Lacabane e de Varennes. Um Juvenato Superior é aberto em Saint-Paul-Trois-Châteaux, em setembro de 1947, sob a direção do Irmão Paul Candide, juntando os juvenistas de Aubenas, Saint-Paul-Trois-Châteaux, do Sudoeste e de Lavalla. Mas a experiência não durará.

4.º caderno de Anais. Os juvenistas de 1962 a 1968

	17/09 1962	20/09 1963	21/09 1964	22/09 1965	19/09 1966	18/09 1967	22/09/ 1968
Juvenistas	63	63	53	39	56	52	23
Turmas	3	3	3	?	3	3	2
Irmãos	7	9	8	6	7	8	4
Externato		2	2	Fechado			

As estatísticas mostram uma grande estabilidade de efetivos em Lavalla até 1967 e uma súbita queda em 1968. As causas são conhecidas: as transformações da sociedade, que vão acabar em maio de 1968, o Concílio Vaticano II... A 21 de junho de 1969, é o fechamento oficial do Juvenato de Nossa Senhora de l'Hermitage. Os 14 alunos restantes continuarão seus estudos em Ste-Marie de Saint-Chamond¹²⁶ e residirão no 'Alojamento de l'Hermitage'¹²⁷. A obra das vocações continua sob outra forma que se revelará rapidamente pouco satisfatória. Em resumo, o ju-

venato de 1921 a 1969 foi, sobretudo, a continuação de uma obra cujo grande momento de sucesso foram os anos 1876-1903. Os efetivos estáveis do juvenato até 1967 escondem, de fato, uma erosão progressiva da eficácia vocacional dos juvenatos, sobretudo após 1945.

2.28. A reestruturação do ensino na França... e em Lavalla

Os vinte anos do pós-guerra foram os de um "babyboom" depois de um crescimento econômico muito forte.

¹²⁵ Juvenato situado a 3 km de Pau (Pyrénées-Atlantiques).

¹²⁶ Colégio dos Padres Maristas.

¹²⁷ É a época da criação, em todas as Províncias da França, de lares vocacionais, cuja vida será, em geral, muito breve.

Desse fato, o sistema escolar está em plena reestruturação: é o momento em que, quase por toda a parte, criam-se escolas de meninos e meninas; surgem os colégios.

Como já descrevemos, o externato recebendo os meninos da paróquia continuou num edifício comprado pelo Sr. Ginot, perto da igreja paroquial. O Sr. Mathevet, um leigo, o havia dirigido até seu falecimento, em 6 de maio de 1930. Após um curto interím de vários diretores, o Sr. Fournel, leigo, sucedeu-lhe de 1932 a 1957. Os Irmãos Raymond, depois Démartin, revezam-se até 1965, data da criação da escola mista das Irmãs de São José, na rua de Luzernod¹²⁸.

Tendo o juvenato fechado suas portas em 1969, a escola primária mista se estabelece em seus locais, e o Ir. Marcel Arnaud, nomeado diretor, abre um pensionato. Em setembro de 1969, a escola conta 76 alunos dentre os quais 27 pensionistas¹²⁹. O pensionato tornando-se misto, o número de alunos, repartidos em 6 turmas, subirá para 160, em 1978¹³⁰. Mas sua situação em zona demasiado distante prejudica seu recrutamento, e o seu número cai para 88 alunos em 1997, sendo 38 internos¹³¹. Não tendo mais que 24 pensionistas – 18 meninos e 6

meninas – no ano de 2000, o pensionato fecha suas portas.

A direção do externato é, em seguida, assegurada pelos leigos, sob tutela marista, de 2001 a 2009. Em 2003-2004, o prédio construído pelo Ir. Sisoés é totalmente renovado, sobre seus 3 níveis. Em 2009, é o Ensino Católico de Loire que assegura a tutela do estabelecimento. Atualmente, é uma escola primária, a única da vila, apenas para externos e com meia pensão. Em 2011-2012, ela tem 134 alunos, incluído um pequeno setor para crianças de menos de dois anos. O corpo de professores conta com cinco educadoras, duas delas com meio turno, de ajudantes maternais e de pessoas que disponibilizam suas competências para pedidos pontuais. A população jovem que se estabeleceu em Lavalla nos últimos anos favoreceu um aumento de efetivos.

2.29. A Comunidade dos Irmãos

Ela ocupa a casa do externato, construída em 1892 e renovada em 1997-98. É composta de quatro Irmãos cuja missão é acolher os visitantes: em torno de 5.000 pessoas, por ano, realizam a peregrinação dos lugares maristas.

¹²⁸ Pessoas, hoje de Lavalla, passaram por essa escola.

¹²⁹ 4 Anais, 8 de setembro de 1969.

¹³⁰ Documento Bardyn: "La Valla en Gier, Monografia de uma vila".

¹³¹ Anais da comunidade dos Irmãos, em 1997.

2.30. Nossa Senhora da Piedade

Essa pequena capela, com capacidade para 80 pessoas, que pertence ao município, é cara aos Irmãos Maristas. Renovada em 2003-2004, sob a iniciativa da Associação dos 3 V (Vallauds, Valorisons Lavalla!), ela foi inaugurada em 5 de junho de 2004. As passagens dos grupos que vêm visitar os lugares maristas lhe dão certa vitalidade. Cada ano, o coral municipal de Lavalla se apresenta. A prefeitura expressou, no dia de sua renovação, o desejo de que este lugar possa receber manifestações artísticas: concertos, exposições¹³²...

2.31. A casa do Irmão Francisco em Maisonnettes

Acrescentamos que, em Lavalla, o Ir. Francisco é objeto da piedade popular. Sua casa familiar é mantida pelo Instituto. Cada ano, na quarta-feira santa, tem lugar, na parte da tarde, a celebração Eucarística do dia, na cozinha da casa. A sala acolheu, nessa quarta-feira santa, 4 de abril de 2012, 80 pessoas.

2.32. O futuro dos prédios

Uma terça parte dos espaços está desocupada. O prédio do Ir. Vincent está vazio ou serve de depósito; a casa histórica contém o quarto do Pe.

Champagnat, muito visitado, e três peças servem à administração da "Présence Mariste", a revista dos Irmãos Maristas da França. O restante está em ritmo de espera. A capela é silenciosa. A comissão dos lugares maristas examina diversos projetos de renovação. Pensa-se também em instalar aí a antiga biblioteca de l'Hermitage, como também os arquivos das Províncias da França.

Concluir este percurso, depois da Fundação do Instituto até nossos dias, é lembrar o enorme investimento material, financeiro e humano que foi necessário para edificar e manter em funcionamento os cinco prédios que constituem o conjunto da propriedade. Mesmo se hoje esses locais parecem um espaço um tanto grande para conter o berço do Instituto, eles nos lembram que numerosas vocações missionárias aí eclodiram, tocadas pela Boa-Nova a ser levada a outros povos. Ainda muitos Irmãos, saídos desse Juvenato, poderiam recontar seu percurso por esse lugar e dizer tudo quanto receberam. Pode-se dizer o mesmo dos Leigos que lá chegaram na sua infância e que voltam em peregrinação a Lavalla, não sem emoção, ao recordar o bom ambiente que lá reinava. Mas, o mais importante é toda a força simbólica desse lugar, chamado desde o século XIX o berço do Instituto. Ele não tem, certamente, o prestígio de l'Hermitage, «grande relicário do Pe. Champagnat», mas é sua fonte.

¹³² A estátua de Nossa Senhora da Piedade, datada do XVI século, outrora no santuário, está atualmente guardada num lugar seguro.

ANEXO

CARTA DO IRMÃO GENTIEN, DE IZIEUX (LOIRE)

Testemunhos sobre Marcelino Champagnat.

(Investigação diocesana transcrita pelo Ir. Carazo, Roma, 1991, t. 2, p. 20)

Meu Reverendo Irmão Superior:

Eis algumas das minhas lembranças e impressões concernentes ao Pe. Champagnat durante minha estada em Lavalla.

Primeiramente sua piedade. Ele deixou traços dela até sobre as paredes de seu quarto, este modesto quarto que tem apenas 6m de comprimento, 4m de largura e 2,50m de altura. Oh! Se as paredes falassem! diz-se algumas vezes. – Pois bem! As paredes e até o assoalho deste quarto sempre me disseram: O Padre Champagnat estava cheio do espírito de piedade e do espírito de pobreza. Permitam-me reproduzir as frases religiosas que ele tinha escrito em letras grandes sobre as paredes de seu quarto, e que eu pedi ao Irmão Cécilien para retocá-las (porque elas tinham desaparecido em parte).

- Bendita seja a puríssima e imaculada Conceição da Bem-aventurada Maria, Mãe de Deus.*
- A Deus somente toda a glória.*
- Louvado seja o Santíssimo Sacramento do altar.*
- Do vosso fogo celeste, abrasai todo o meu coração.*
- Jesus, todo meu amor; Jesus, toda minha felicidade. (Nota)*

Seu quarto e, sobretudo, o parquê (sim, é bem um parquê, uma espécie de mosaico) nos falam de seu amor pela pobreza. Esse mosaico composto de tábuas largas, mal rejuntadas, de alguns tijolos e, num outro canto, de diversas pedras grandes e chatas da região e polidas ou talhadas, sobretudo pelos pregos do calçado, tudo isso poderia ter sido facilmente substituído por um bom assoalho e a baixo custo. Ao bom Padre não faltava o bom gosto e o amor ao belo e à ordem; a prova disso é o cuidado que ele pôs na construção da enfermaria de l'Hermitage e, sobretudo, na Capela, mas ele amava ainda mais a pobreza. Esse quarto, tão pobre, era para ele, e é por isso que ele o quis, que ele o amava nesse estado.

Quando eu tive a autorização de reparar a parte queimada do antigo prédio construído pelo Pe. Champagnat e seus Irmãos, os pedreiros notaram a solidez dessas paredes sem cal e eles demoliram apenas a terça parte, e o Sr. Pont, mestre de obra, disse-me que poderíamos construir sem medo sobre essas velhas paredes. Isso me prova que se o Padre Champagnat era cioso pela economia, no entanto fazia bem feito aquilo que fazia.

Antes dessa reforma, um bom ancião de Lavalla, passando por lá no domingo para ir aos ofícios, depunha sempre sua bengala na casa queimada, manifestando a quem o quisesse escutar o desgosto de ver abandonada uma casa construída por aquele de quem havia conservado uma recordação tão religiosa.

Objetos que pertenceram ao bom Padre... veneração dos Irmãos vindos do Norte e do Sul: O pequeno pensionato de Lavalla possui o chapéu do Pe. Champagnat, seu cinto e alguns outros objetos que ele usou. Tudo isso se encontra num armário, disseram-me, feito pelo próprio Padre. Quando os Irmãos do Norte e do Sul vêm a l'Hermitage, todos, como vós sabeis, querem ver o berço do Instituto e sobem a Lavalla. Eu me dei conta que, por piedosos furtos, o chapéu do Padre se arredondava, diminuía, seu cinto se encurtava, e por pouco que isso durasse, tudo em breve desapareceria. Então fiz colocar todos esses objetos numa vitrina com chave e posta no quarto do Padre. Eu me recordo ter causado um grande prazer ao nosso querido Ir. John, que partia para visitar os nossos Irmãos da Oceania, dando-lhe um pedacinho do cinto do Pe. Champagnat. Essa solicitude dos Irmãos sempre me edificou e mostrou-me claramente a profunda convicção desses bons coirmãos de que o Pe. Champagnat era um santo do Paraíso.

Encontrei um dia um coirmão da casa com um machado na mão para fazer em pedaços uma velha mesa com gavetas que, realmente, só servia para o fogo. Informado, eu soube que se tratava da primeira mesa dos Irmãos, feita pelo Padre Champagnat. Mandei colocá-la no quarto dele, e é raro se, por ocasião das visitas, os Irmãos do Sul e do Norte, não façam alguma incisão para levar um pedacinho como relíquia¹³³.

Eu sou, meu reverendo Irmão Superior, vosso humilde e obediente servo,

*Irmão Gentien.
Izieux, 24 de março de 1886.*

¹³³ Parece-me ter sido uma mesa utilizada pelas crianças pensionistas semanais que permaneciam na casa durante o inverno: daí ter gavetas para suas provisões, e ter pés curtos, não permitindo que um adulto se sentasse à mesa. Os pensionistas semanais foram admitidos lá por 1822. É possível que a mesa seja daquela época.

O RETRATO DE CHAMPAGNAT, DE RAVERY, EM N.SRA. DE L'HERMITAGE



Jean Roche
fms

O número 29 de *Cadernos Maristas*, focado quase exclusivamente sobre os retratos de Marcelino Champagnat, é bem interessante. Com muita competência, o Ir. André Lanfrey nos fala dos retratos realizados por Ravery. Por ele me ter envolvido nessa questão, e atendendo, aliás, a uma sugestão dele, devo dar algumas explicações.

A origem dos três retratos pintados por Ravery

Aquele que se conserva em Roma (**R**) é o retrato que Ravery, em 20 de fevereiro de 1841, entregou ao Ir. Francisco que o encomendara ao pintor no dia 6 de junho de 1840. É considerado como o retrato oficial.



Comparação de três retratos

Outro retrato está em St-Genis (**SG**), feito para o Ir. Benoît. Conhecemos sua história por meio de uma circular do Ir. Luís Maria, de 31 de maio de

1870. O Ir Benoît, com grande reconhecimento a Marcelino Champagnat por sua vocação, pediu a Ravery uma cópia do retrato já feito.

E aquele de l'Hermitage? (H)

Irmão João Borne, ecônomo da casa de N.D. de l'Hermitage, e grande artífice dos trabalhos realizados por ocasião da Beatificação, mostrou-me esse retrato. Ele esclareceu que o quadro vinha do atelier de Ravery. Quando esse atelier foi fechado, o quadro foi entregue à casa, seja pelo próprio Ravery – ele morreu em 1868 – seja por seus herdeiros.

Esse quadro ficava num sótão, no quarto andar, ao lado do Gier. Foi mostrado a Gérard Crépin, autor do historial e dos afrescos da sala da comunidade. Imediatamente ele entendeu a importância histórica de tal documento e o revalorizou, colocando-o no quarto-oratório de Marcelino Champagnat.

Esses três retratos representam Marcelino Champagnat, porém com diferentes detalhes. Observemos alguns:



Cabeça do retrato de Roma

A cabeça arredondada é realçada por leve auréola. Admiremos a finura da cabeleira. As pálpebras são rígidas sobre os olhos apagados. A orelha está sumariamente desenhada. Sobre a frente, nenhuma cicatriz.

Observemos as dobras angulosas do rabat, de ambos os lados, na altura do pescoço.



A cabeça do retrato de Saint-Genis

A cabeça conserva seu aspecto cadavérico. Mas ela é realçada pelas cores mais claras que a envolvem. Ela é também mais expressiva, com sua tez mais colorida, sua frente mais larga, os olhos mais abertos, a orelha melhor desenhada. A frente é mais realista com suas cicatrizes, uma das quais sobre o olho esquerdo.

O rabat possui apenas uma dobra do lado esquerdo.



A cabeça do retrato de ND de l'Hermitage

A aura que envolve a cabeça mal se percebe no original. Não dá para ver em uma foto ou com pouca iluminação. A cabeça é mais alongada. O contorno dos olhos está bastante indefinido; o direito, quase apagado. A orelha, apenas esboçada. Percebem-se as cicatrizes nas arcadas das sobrancelhas. As mexas de cabelos não têm o acabamento de **R** ou de **SG**.

Como no quadro anterior, o rabat não está dobrando senão do lado esquerdo.

Examinemos a cruz que Marcelino tem na mão:



A cruz do retrato de Roma

Apenas uma observação: o corpo do Cristo é bem pequeno sobre uma cruz comprida.



A cruz do retrato de Saint-Genis

A cruz é uma cópia daquela que era entregue aos Irmãos por ocasião da profissão perpétua. Ela conservou o cordão. Mas onde se prende?

Notemos, no alto da cruz, a plaquinha de inscrição que não aparece nas duas outras cruzes. O corpo do Cristo está bem dimensionado. Certamente Ravery pintou a partir de uma cruz que possuía.



A cruz do retrato de ND de l'Hermitage

O contorno da cruz é menos definido. O corpo do Cristo é desproporcionalmente comprido.

Vejamos agora os ornamentos sacerdotais.



Detalhe do retrato de Roma

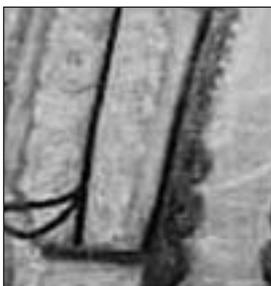
Podemos admirar a renda da sobrepeliz e aquela da estola. Elas mostram toda a habilidade do pintor.

Notemos a distância entre o final da renda e o galão transversal: uma unidade e meia do bordado.



Detalhe do retrato de Saint-Genis

A renda da sobrepeliz é menos regular, e aquela da estola está sumariamente desenhada. Notemos ainda a distância entre o final de renda e o galão transversal: um pouco mais de duas unidades.



Detalhe do retrato de ND de l'Hermitage

Neste, a pintura é menos nítida. É preciso fazer certo esforço para perceber a renda que cobre a estola. Notemos, ali também, a distância entre o final de renda e o galão transversal: um pouco mais de duas unidades.



A mão merece uma atenção especial

A mão de H está bem desenhada, um pouco fechada. Ela é idêntica à de SG, à direita. Ela é retomada em R, porém mais aberta. O punho está rodeado de renda.

A cruz e a mão parecem não combinar muito bem. Elas não estão no mesmo eixo, e, aparentemente, nem na mesma perspectiva.

Pode-se concluir que essa mão é uma criação de Ravery.

Algumas conclusões

1. Os três retratos, com pequenas diferenças, têm muitos traços comuns: isso justifica a atribuição de H a Ravery.
2. Esse último é anterior aos dois outros. Com efeito, ele é mais tosco, mais imperfeito em seu acabamento. Pretender o contrário seria afirmar que Ravery o teria pintado durante uma fase de decadência de seu talento. Não é o caso aqui; pois não pintou ele, com maestria, o retrato do Ir Francisco em 1860, assinado por ele, quando os outros não o foram? Além do mais, a cabeça no retrato de l'Hermitage não se destaca

de seu contorno. É uma falta inadmissível para um retrato. Portanto, não se pode pretender que tenha sido o Ir Francisco que o encomendou.

3. Não se pode deixar de admitir que Ravery dele se serviu como esboço para pintar o retrato de R e, alguns anos mais tarde, o de Saint-Genis.

Como Ravery procedeu

Das observações precedentes, pode-se compreender a atuação de Ravery.

Chamado a l'Hermitage para pintar o retrato de Marcelino Champagnat que tinha falecido naquela ma-

nhã, Ravery não chegou com uma tela de 50X60 cm, montada sobre um cavalete. O espaço do quarto, as visitas constantes não o possibilitavam. Ele dever ter tido um breve momento para se concentrar e desenhar sobre papel alguns traços do rosto de Marcelino.

O trabalho de Ravery é difícil. O retrato não é sua especialidade. Além do mais, é preciso tornar vivente o rosto morto de Champagnat, rapidamente contemplado. Nessas condições, era necessário um esboço.

Ele vai se empenhar em pintar a cabeça tão fielmente quanto possível. No que concerne às vestimentas, o pintor deve ter pedido emprestadas, numa paróquia, a estola e a sobrepeliz ornadas de finas rendas. Tê-las-ia ele pedido em l'Hermitage? Pode-se duvidar, visto serem peças de muito valor.

Uma vez concluído o esboço, o pintor dá início ao retrato. Ele endireita a cabeça, suprime as cicatrizes e cuida da cabeleira. Depois, com os paramentos que pediu emprestado, ele veste Marcelino. Ser-lhe-á necessário muito tempo para pintar minuciosamente as rendas.

Mais de oito meses depois, em 28 de fevereiro de 1841, o retrato é entregue ao Ir. Francisco.

O Ir. André Lanfrey fala da decepção dos Irmãos quando viram o retrato (CM 29, p. 12). Para os que conheceram Marcelino, esse rosto está ainda muito marcado pelo sofrimento e a morte. Esses paramentos muito finos não convêm a Marcelino, hu-

milde e trabalhador, ainda que nos recordem sua condição de sacerdote.

Ravery fez pelo melhor, e nós lhe somos devedores por nos ter dado um retrato de Marcelino – o único antes de sua sepultura – do qual mais de um pintor se serviu posteriormente.

CONCLUSÃO

Penso que aquilo que acabamos de ver justifica a realidade de um esboço pintado por Ravery previamente ao retrato oficial. Esboço que lhe serviu para realizar o retrato encomendado pelo Ir. Francisco. Ele o teria conservado em seu atelier para eventuais necessidades. A ocasião aparece com o pedido do Ir. Benoît. Longe das exigências de um retrato oficial, seu retrato será mais simples, menos acadêmico, com uma cabeça mais natural. Então se compreende porque o Ir. Luis Maria o acha “*mais parecido*”.

Conhece-se a sequência do “esboço”: doado a l'Hermitage por ocasião do fechamento do atelier de Ravery. Não parece que tenha recebido uma acolhida mais solícita do que a do retrato oficial. Não encontramos menção alguma na lista das relíquias (lembranças) conservadas nos dois quartos da casa de ND de l'Hermitage (*Notre-Dame de l'Hermitage, durante seu primeiro século 1825 – 1925, p. 101-106*). Este documento deve ter ficado no sótão. A chegada de Gérard Crépin lhe deu nova vida.

PS Esta história do retrato de Marcelino Champagnat nos recorda outra mais recente. Longeon é o autor de duas estátuas de Marcelino Champagnat, aquela que está sobre a capela do Rosey, em Marlies, e outra localizada na entrada da casa de Lavalla.

Para fazer uma, o escultor elaborou primeiramente um modelo em gesso, tamanho natural. Esses modelos ficaram no seu atelier, em Saint-Etienne, até o ano de 2011. Então, ele propôs aos Irmãos de adquiri-los, uma vez que seriam destinados ao descarte.

Depois de recuperação e cobertura de uma camada de resina, o modelo de Lavalla foi colocado na igreja de Pélussin, que, desse modo, ficou com uma estátua de Marcelino.

O modelo que serviu para a estátua de Rosey, depois de 56 anos, chegou à casa de Saint-Paul-Trois-Châteaux, aguardando, após a devida restauração, receber os visitantes na sala de entrada.

Finito di stampare in Marzo 2013
presso la CSC Grafica - Guidonia (ROMA)
www.cscgrafica.it



